Odilon Nunes

PESQUISAS PARA A HISTÓRIA DO PIAUÍ

3

Coleção Grandes Textos

FUNDAPI
Fundação de Apoio Cultural do Piauí

Digitalizado com CamScanner

ODILON NUNES

Se existiu (ou existe) entre nós algum intelectual digno de toda reverência, trata-se, indiscutivelmente, do historiador Odilon Nunes. Mestre Odilon, como se tornaria conhecido, reunia em si alguns dos atributos que caracterizam os verdadeiros sábios: inteligência fulgurante, integridade intelectual, paciência, tenacidade e, acima de tudo, a humildade e o desprendimento para compartilhar o que sabia. Sua profícua existência divide-se em dois momentos: no primeiro, foi professor e semeador de escolas nos sertões do Piauí e em outros estados do país. A partir de 1930, dedicou-se à pesquisa histórica e legou às gerações futuras uma obra de importância inquestionável. Ao recebê-lo, na Academia Piauiense de Letras, o também historiador Joaquim Chaves afirmou: "Construístes-nos, com a vossa História, um edifício sólido, bem traçado, alicerçado na rocha viva de uma documentação escolhida e de uma crítica inteligente e sensata. Apareçam-nos, agora, aqueles que irão adorná-lo com obras de arte, para deleite e gáudio dos espíritos mais requintados. Ninguém poderá, porém, de hoje em diante, prescindir de vossa obra, em se tratando de História do Piauí". A leva de novos historiadores piauienses confirmaria a veracidade da afirmação de Chaves.

Em junho de 1931, o mestre escola Odilon Nunes, preocupado com a inexistência de compêndios de história do Piauí que pudessem ser utilizados em sala de aula pelos professores piauienses, editou, por sua conta e risco, O Piauhy na História, texto de caráter eminentemente didático. Modesto, adverte: "Falece-me a capacidade para produzir intelectualmente algo de grande que desperte a admiração e os elogios dos homens cultos de minha terra. Anima-me, entretanto, o grande amor que voto à instrução primária do Piauí, o desejo ardente de contribuir para seu progresso e, sobretudo, a vocação que impõe

Digitalizado com CamScanner

Odilon Nunes

PESQUISAS PARA A HISTÓRIA DO PIAUÍ

Volume III

A BALAIADA

Início da luta no Maranhão e Piauí

Manuel Clementino

Antônio Mendes

A luta em Curimatá e Egito

Em Frecheiras, no Ceará e Maranhão

No Gurguéia e na Bahia

A exaustão. O Visconde da Parnaíba

Reflexos no Parlamento. Queda política do Visconde

Digitalizado com CamScanner

Coleção Grandes Textos

editores
R. N. Monteiro de Santana
José Reis Pereira

supervisão
Cineas Santos

capa
Antônio Amaral

diagramação e revisão
Rosa Pereira

digitação
Diego Germano Nepomuceno

Impressão
Halley S.A. Gráfica e Editora

ficha catalográfica

N972p Nunes, Odilon.
Pesquisa para a história do Piauí: a Balaiada. Início da luta no Maranhão e Piauí... / Odilon Nunes. – Teresina: FUNDAPI; Fund. Mons. Chaves, 2007.
224p (Coleção Grandes Textos, v. III)

1. Piauí – História. 2. Independência – História - Piauí. I. Título

CDD 981.22

Índice para Catálogo Sistemático

1. Piauí - História 981.22
2. Independência - História - Piauí 981.323.17

Digitalizado com CamScanner

SUMÁRIO

1 Início da luta no Maranhão e Piauí 19

2 Manuel Clementino 43

3 Estanhado. O comando de Antônio Mendes 65

4 Curimatá e Egito 93

5 A luta em Frecheiras e no Ceará 118

6 Nos vales do Gurguéia e do Urucuí 140

7 A exaustão. O Barão da Parnaíba e o fastígio de seu poder 172

8 Reflexos no Parlamento. Ostracismo do Visconde da Parnaíba 202

Digitalizado com CamScanner

Esclarecimento inicial

Pesquisas para a História do Piauí tem o propósito de contribuir para o enriquecimento da historiografia do Piauí, não apenas sob o ponto de vista quantitativo, porque também amplia as fronteiras de nossa história, trazendo à luz do conhecimento acervo de fatos ainda ignorados pelos historiadores, e vividos por nossos antepassados. Acima de tudo aspira a fixar a **brasilidade** do piauiense nas tradições provindas desse passado histórico e na **vivência** de nossa gente tão simples e generosa que, através de três séculos, com denodo e engenho, acompanha a evolução nacional, abraçando e perfeitamente interpretando todos os ideais que surgiram no seio da nacionalidade.[1]

Pesquisas para a História do Piauí ainda não é a história de nossa terra. Como já o dissemos no prefácio do primeiro volume, é mais um roteiro que intenta ser minudencioso, no que possível for, assentando balizas não somente no campo da bibliografia impressa mas sobretudo em fontes de arquivos, documentos manuscritos de origem oficial, também particular, em grande parte desconhecidos. Como balizas, são simples referências, superficiais, como sínteses de documentos, pois fica muito a realizar pelos porvindouros, minuciosas, entretanto, como roteiro de nossa história. Seu objetivo é despertar a atenção para a formação histórica e social do Piauí, mostrar as possibilidades de nossa terra e apresentar elementos a explorar e a esmiuçar, conforme o interesse e as tendências do analista. É pois um convite a todos os que se dedicam à cultura, aos que dirigem os destinos do Estado, à elite intelectual, à mocidade estudiosa, especialmente aos universitários piauienses, para que lancem suas vistas para o nosso passado, a fim de que possam melhor dignificar o presente. Veremos, então, prodígios de proezas vividas pelos nossos avoengos, proezas que vão do heroísmo à probidade, da probidade à generosidade.

---

[1] NUNES, Odilon. **O Piauí na História**. 3. ed., p. 109 a 110.

Digitalizado com CamScanner

Estudando o Piauí, sua terra, sua gente, sem a penetração que é indispensável a estudos dessa ordem, tem-se a impressão de que somos arrastados a uma conclusão pessimista, tais são os fatores constitutivos de nossa formação social, provindos do elemento humano deficitário, sob múltiplos aspectos, disseminado numa área quase sempre estéril, de flora por vezes agressiva à própria fauna. E como a corroborar na distorção do campo histórico, sobrevém nossa situação de unidade federativa nenos desenvolvida da Federação brasileira. Perquirindo, entretanto, nosso passado, com a devida meticulosidade, chegaremos a uma conclusão otimista. fica logo patenteado que tivemos períodos de prosperidade a testemunhar que predominaram em nossa formação social fatores positivos. Quais as fontes dos fatores positivos? Bem sabemos que em parte têm sua origem em fontes biológicas, telúricas e até mesmo paisagísticas.

Mas bem sabemos que há também fatores de origem psicológica, e que estes são os preponderantes da História, e que estes podem ser, e devem ser conhecidos e também criados e dirigidos para a formação do clima propício à exaltação da terra piauiense. Assim, nossa **brasilidade** será robustecida pelas tradições hauridas na própria terra em que nascemos e que esperamos em pouco integrar no progresso e na prosperidade do Brasil.

Nosso passado tem conexão e também similitudes com o bandeirismo. Conquistaram a hinterlândia piauiense, numa faina intrépida, vaqueiros e bandeirantes, dos quais descendemos. Estudar a conquista dos vales de nossos rios, a vida robsônica dos povoadores primitivos, a pertinácia destes na labuta quotidiana, a fixação dos primeiros currais, sua defesa contra o índio indômito, sua preservação das intempéries duma natureza hostil, sua expansão do Tocantins ao Acaraú, dos Pastos Bons às praias maranhenses, a condução de seus produtos de Belém do Pará às Minas Gerais e até mesmo à beira-mar de Portugal, depois, a co-participação nas lutas da independência, em que nossos antepassados firmaram a unidade da grande nação brasileira em memoráveis feitos de heroísmo, em que revelaram prodígios de valor militar a par de cavalheirismo inexcedível, é sentir palpitar o arroubo viril de gerações de bravos lutadores.

Como vemos, não há motivos para conclusões pessimistas. A história apresenta-nos uma sucessão de fatos que demonstram

Digitalizado com CamScanner

as grandes capacidades do piauiense. Sua vida tem lances dramáticos, emocionantes e memoráveis. O homem assoma no cenário nacional com objetivos definidos que alcança a golpes de audácia e tenacidade dirigidos com firmeza e inteligência. Não é o autômato de conjunturas adversas.

Se caímos num colapso, as perspectivas já são otimistas. Gozamos de um clima de florescimento que nos estimula a ter confiança no futuro. Nossa deficiência resultava de um complexo conhecido: educação, técnica, deficitário e dispendioso sistema de vias comunicatórias e, sobretudo, baixa densidade demográfica, pois população sempre foi e é o caldo da civilização e do progresso.

Anulemos o complexo, pois já o conhecemos. Procuremos encadear o presente ao passado que ostenta proezas e façanhas de nossa gente capaz de grandes feitos. Criemos nossa filosofia política nascida de nossas tradições que esperam e devem ser cultuadas com respeito e exaltação, como berço de nossa **brasilidade**. Deixemo-nos empolgar por uma causa: a glorificação e o engrandecimento da terra piauiense. Isso não é renúncia à verdade, nem fuga à universalização da História. Isso sempre foi, e ainda o é, também, base e finalidade da História.

Digitalizado com CamScanner

Introdução

Em fins de 1838, tem início a Balaiada no Maranhão, insurreição que dentro em pouco atinge o Piauí, e até mesmo o Ceará e a Bahia. Promoveram-na os camponeses (termo aqui sempre usado em sentido clássico), especialmente os homens de cor que nada tinham. Votavam profundo rancor ao proprietário rico, ou àquele a quem era confiada a cousa pública.

Seus compartes foram apelidados de **Balaios**, em virtude do nome de um de seus chefes, e combatidos com igual rancor. Uns chamavam-nos de "cáfilas de danados lobos", outros, de "monstros dos mais enormes delitos", porque praticavam, diziam os antagonistas, atos de banditismo: incêndios, assassinatos e roubos. E os **Balaios** correspondiam-lhes com os mesmos impropérios.

Dis Kropotkine que a maior parte dos historiadores contemporâneos da Revolução Francesa chamava de "bandidos" os insurretos que se reuniam em Pontoise, Passy, Saint-Germain.[1]

Esses historiadores deveriam ser bem filhos das autoridades reacionárias de então. Os reacionários sempre assim trataram em todos os tempos e por toda parte os que propugnaram pela liberdade e justiça social.

Em nossos dias, também assim continuam apelidados os **Balaios** por grande número de historiadores brasileiros. Esses guerrilheiros anônimos teriam passado, entretanto, à história, como heróis que derramaram generoso sangue a favor de idéias liberais e humanitárias, se não houvessem experimentado o demérito da derrota. Se houvessem sido redimidos pela vitória, já seriam, como seus irmãos dos subúrbios de Paris, campeadores que se insurgiram contra a tirania.

Foram, entretanto, cruamente esmagados aqueles camponeses que passaram à posteridade como bandidos, ladrões, assassinos, com veleidades que, hoje, diríamos também de comunistas.

Pudemos, todavia, descobrir na "Casa Anísio Brito", na seção do Arquivo, rico acervo de documentos, quase todos originais, que muita luz lançaria na tumultuária vida daqueles alucinados rurícolas, e muito nos elucidaria a respeito da truculência com que se bateram

Digitalizado com CamScanner

as hostes de escaramuçadores que, por incompreensão recíproca tanto infelicitaram nossa terra, por período de mais de dois anos.

Propusemo-nos, então, a estudar essa página de nossa história. Eram mais de quatro mil peças, emanadas de rebeldes e legalistas, bem como de elementos neutrais, umas, legítimos autógrafos, outras, cópias contemporâneas da rebelião: correspondências, proclamações, ordens do dia.

Era opulento manancial, quase todo inexplorado. Conduziu-nos, então, o propósito de abandonar, no possível, a erudição originada na bibliografa impressa, e coordenar nosso trabalho com erudição baseada naquelas fontes primitivas, em grande parte desconhecidas dos pesquisadores, ainda ocultas na poeira dos arquivos. Pretendíamos fazer investigação meticulosa, porque, como diz Guillermo Bauer, "sondar a verdade e só a verdade constitui a finalidade que o historiador há de pôr diante de sua vista".[2]

Éramos da corrente de Calógeras, e víamos nos **Balaios** "uma malta de desordeiros, criminosos fora da lei, réus de prisão, ladrões de gado e de cavalos."[3]

Apesar da opinião que tínhamos a respeito daquela época, no manuseio e concatenação daquelas peças escritas há mais de século, vimos logo em nosso juízo flagrante injustiça.

Tivemos, então, que ingressar no terreno da análise dos documentos e, em procura do que preceitua Guilhermo Bauer, interpretá-los, fazer sua síntese, "sentir e pensar a grandeza e humildade das personagens", pois, em verdade, como diz José Honório Rodrigues, "a objetividade histórica não consiste em contemplar a vida dos povos sem pestanejar, de coração frio". "A história é também juízo, e tanto um como outro, pela sua significação e pelo seu valor, são sempre e sempre inseparáveis da verdade."[4]

Parece-nos que lemos todos os documentos referentes àquele período; não é, entretanto, duvidoso que hajam escapado algumas peças esparsas ou nos maços pertencentes a outras datas. Novas pesquisas poderão retificar mesmo muitas passagens deste trabalho. "Nosso Arquivo incorre nas mesmas falhas apontadas pelos historiadores e eruditos, com referência a outros estabelecimentos congêneres. Não temos ainda catálogos dos manuscritos, nem o inventário que há mais de século solicitava Renan como condição para que não fossem "entravadas e incompletas" as pesquisas históricas.

Digitalizado com CamScanner

Em nossos dias, ainda ensina José Honório Rodrigues, que a mais urgente tarefa da pesquisa histórica é a publicação de inventários, catálogos, listas e elencos dos manuscritos de arquivos. (J. Honório. Op. cit. I. p. 357).

E na "Casa Anísio Brito" há falta desses elementos indispensáveis aos historiadores."[5] (A)

Contudo, fizemos o que pudemos. Separamo-nos de eméritos historiadores. Trabalhamos animados pelo desejo de restabelecer a verdade histórica. Cremos que, em parte, conseguimos o que desejáramos e, ainda mais, reivindicar, no possível, um julgamento, menos injusto, dos camponeses que se sublevaram contra o regime naquele período caótico de nossa vida.

Se não atingimos no todo o que pleiteamos, conforta-nos a certeza de que vencemos uma etapa no esforço de reabilitação de nossos antepassados, e tivemos ainda oportunidade de apresentar uma página inédita de nossa história, importante pela sua significação, como subsídio para o conhecimento do Brasil. É a Balaiada uma das revoltas que formam a grande cadeia de pronunciamentos que conduziu o Brasil a sua Independência e tornou claras as diretivas que traçariam rumos à nossa formação política e social.

Cremos que "o direito de co-participação na história é igual para todos os fatos históricos; conservar uns como mais importantes e afastar outros como menos importantes, seria fazer uma escolha subjetiva, variável ao sabor da fantasia individual; a história não deve sacrificar nenhum fato". Mais do que a opinião dos eruditos a que se refere Seignobos, anima-nos a estudar essa fase de nossa vida sua real importância como elemento indispensável para a interpretação de nossa história, que apresenta, na Balaiada, as características mais notáveis do movimento revolucionário que, por mais de século, se processou no seio da Nação Brasileira e que teve, como ponto culminante, nossa independência política. (Langlois e Seignobos. Op. cit. p. 184).

Há deficiência de material, de pessoal técnico ou mesmo de afeiçoados à organização cultural, para dar-lhe orientação profícua, dentro de suas finalidades. Torna-se imperiosa a microfilmagem dos documentos de que dispõe a Casa e que se provoque, então, a troca de microfilmes com instituições congêneres para o enriquecimento de seu Arquivo.[6]

Digitalizado com CamScanner

A "Casa Anísio Brito" oculta precioso arquivo, um dos mais ricos do Norte do Brasil. Cumpre ao Estado dar-lhe os recursos técnicos e orçamentários para que prossiga em seu objetivo, pois já é repositório fundamental de nossa cultura, e deverá ser monumento vivo de nossas tradições.

Notas

[1] P. Kropotkine. **A Grande Revolução**. 1935, p. 31.

[2] BAUER, Guilherme. **Introducción al Estudio de ia História**. 1944, p. 17, 18.

[3] CALÓGERAS, Pandiá. **Formação Histórica Brasileira**. 1938, p. 165.

[4] RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. Vol. II. 1957, p. 643, 646.

[5] LANGLOIS, Ch. V. e SEIGNOBOS, Ch. **Introdução aos Estudos Históricos**. 1946, p. 23. NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Vol. I. p. 9, 10.

(A) O conceito que formulamos a respeito da "Casa Anísio Brito" bem longe está de encerrar crítica malévola aos que foram seus diretores, aos quais tributamos sincera simpatia, e mui especialmente a Anísio Brito cuja memória cultuamos com respeito e afeto. Fizeram o que puderam para preservar e enriquecer o acervo de documentos que lhes foi confiado. Somos disto testemunha.

Cousa alguma fizeram, entretanto, para divulgar esses documentos, ou predispô-los para a pesquisa histórica. Anísio Brito, conhecedor do assunto e cônscio dos deveres de homem público, ainda tentou editar um boletim. Sua iniciativa foi frustrada.

[6] RODRIGUES, José Honório. **A Pesquisa Histórica no Brasil**. 1952, p. 220 a 224 e ainda 148, 164, 189. (Vide também Mensagem do Governador Matias Olímpio de Melo à Câmara Legislativa, em 1º de junho de 1928).

Digitalizado com CamScanner

A LUTA

(A Martins Napoleão e Artur Passos)

Digitalizado com CamScanner

1

Início da luta

O Piauí viveu tranqüilo desde as lutas da Independência à Balaiada. Pouco mais de quinze anos. Na história de um povo, é curto o período de paz. Pôde, entretanto, com o labor de sua gente eventualmente ordeira, e a opulência de suas pastagens nativas ainda não repletas de criatórios, e ainda não dilapidadas pelo fogo, reconstituir a riqueza de seus rebanhos dissipados na guerra de Fidié.

Com a rebelião no Maranhão, prenuncia-se, entretanto, novo rompimento em sua estrutura econômica e social.

O Barão da Parnaíba (Manuel de Sousa Martins), Presidente do Piauí, envaidecia-se da situação privilegiada de que gozara a Província e, junto ao Ministro da Justiça, pleiteando recursos para jugular a Balaiada, dizia em trecho de um seu ofício: "[...] nesta Província que por me haver visto nascer, exige de mim duplicados desvelos e esforços em seu benefício, já como seu primeiro administrador, e já como seu filho, eu posso ufanar-me de que pelo espaço de alguns lustros hei feito manter sua paz interna [...]"

Repetidas vezes referiu-se a essa situação excepcional do Piauí. Aludiam a ela constantemente seus colaboradores. A adesão à Confederação do Equador foi atitude de mero oportunismo de espírito aventureiro. Essa veleidade não conturbou, entretanto, a vida do piauiense. Durante o período que decorre até a Balaiada, foi o Piauí apenas perturbado pela expedição ao Ceará, contra

Digitalizado com CamScanner

Pinto Madeira, que não teve graves conseqüências. A incursão de Damasceno, provinda do Maranhão, por sua vez, apenas repercutiu ligeiramente na região ribeirinha ameaçada. A ação do cabecilha passou quase despercebida.

Mas o recrutamento, terrível arma ao arbítrio do despotismo de então, por todo o Brasil, desde o tempo colonial, trazia continuamente o desassossego ao seio das famílias camponesas. Era verdadeira "convulsão periódica", no dizer de Caio Prado Júnior, e tornou-se, "durante a fase colonial da história brasileira, como depois ainda no Império, o maior espantalho da população." E continua: "[...] os agentes recrutados saíam à cata das vítimas; não havia hora ou lugar que lhes fosse defeso, e entravam pela casa adentro, forçando portas e janelas, até pelas escolas e aulas para arrancar delas os estudantes."[1]

Koster, que visitou o Nordeste na segunda década do século passado, também diz: "É nessa ocasião que a tirania tem seu esplendor, que o capricho e o arbítrio se aliam, e que a mais injusta parcialidade prevalece e se executa a mais intolerável opressão. O fato é que todo o país se arma, uns contra os outros, e todos os meios de surpreender cada um são usados pelo vizinho. É uma das mais impolíticas disposições praticadas pelo Governo, sem que perceba seus efeitos perniciosos e, como no caso vertente, as péssimas qualidades do espírito se expandem livremente, instigadas por aqueles a quem cabia sua correção. Vingança, violência, fraude, quebra de confiança, são estimuladas e, em lugar de sua supressão, recebem encorajamento."[2]

Lobo Sousa, escolhido especialmente para reprimir as agitações da Cabanada, não trepida em tentar eliminar, pelo recrutamento, do cenário político do Pará, Eduardo Nogueira Angelim, que já se distinguira nos movimentos anteriores, e que maior ascendência tomaria desde então. (Prado. **Evolução.** 139).

Nessa mesma ocasião, Camargo, como Presidente do Maranhão, segundo a **Crônica Maranhense**, por motivos políticos. recruta pessoas de relevo social, das fileiras oposicionistas.[3]

Se assim era por toda parte, não poderia o Barão eximir-se dessa culpa. Ele e José Martiniano de Alencar, Presidente do Ceará,

Digitalizado com CamScanner

conjugam esforços para abater, com essa arma terrível, o prestígio dos Mourão que se estendia do Ceará ao Piauí, em torno da Serra Grande. (Casa Anísio Brito, Arq. Livro 163. Doc. de 25-5-1836).

Se com esse instrumento, os chefes das oligarquias dominantes feriam os líderes políticos que lhes resistiam, mais profundamente golpeavam os humílimos rurícolas.

Desde a Abdicação, o recrutamento no Piauí tornara-se contínuo e mais intenso nos últimos anos que precederam à Balaiada. As lutas desencadeadas nas Regências eram um sorvedouro de vidas.

No Piauí, como por toda parte, a classe mais visada era a que constituía a arraia-miúda, a relé inerme, incapaz de reação: o **caboclo**, o **mulato** e o **cabra** (esse último, o resultado do cruzamento do negro com o **mulato**, conforme o dicionário da época). Era poupado o branco. Na primeira relação de recrutas que, ao acaso, se nos apresenta à mão, em 81 cadastrados há apenas 8 brancos. Todo o resto é composto de mestiços: (Idem, idem. Liv. 163. Doc. 8-5-1840).

Essa prática perniciosa, sem auscultar interesses de ordem social, atingia preferencialmente as famílias pobres. Provocou reação na massa de camponeses que formavam ainda uma população rarefeita. Só assim pôde haver unidade nessa gente nucleada em nódulos esparsos, quase sem nenhuma articulação. Só assim pôde concretizar-se o espírito de rebeldia contra as autoridades governamentais que imprimiu unidade a esses beócios que nada sabiam de política. Dentro em pouco estariam vinculados pelo interesse comum de derribar uma oligarquia que, no Piauí, há mais de século, representava o regime que, dia a dia, mais o tiranizava.

Como conseqüência dos vexamos por que passava a população, reinava por toda parte um descontentamento insopitável. Contradições de ordem econômica também se manifestavam, estimulando o deflagrar da luta: a terra era confiada a poucos, àqueles que representavam o regime político e que viviam a explorar a miséria dos rurícolas piauienses, de cujo seio saíam contínuas levas de recrutas para o **matadouro** do Sul. Em Parnaíba (Piauí), quando começa a Balaiada, estes declaravam que preferiam ficar

Digitalizado com CamScanner

com os rebeldes, onde ao menos tinham o que comer. É o primeiro registro oficial de descontentamento naquela fase de nossa história. (Idem, idem. Liv. 185. Doc. 4-4-1839 e 7-5-1839).

O camponês, na sua maioria, já se achava profundamente vinculado à terra que o escravizara e que não lhe pertencia, mas donde brotaram e continuavam a brotar os rebentos de sua progênie. Mais que o pavor da fome, fazia-o pensar daquela forma, seu intenso amor ao torrão natal. Se prestava serviços à legalidade, envidava esforços para ser nas circunvizinhanças do lar. Desterrá-lo pelo recrutamento ou prendê-lo à disciplina dos quartéis seria o mais doloroso golpe que poderia experimentar. Quando nos primórdios da campanha, assim eram punidos os simpatizantes dos rebeldes. Mais tarde, esse castigo era mais temido pelos desertores que as chibatadas que lhes aplicavam quando recapturados.

Foi poderosa arma de intimidação usada por Manuel de Sousa Martins e seus liderados. E isso por toda parte.

O Barão havia estabelecido no Piauí uma oligarquia baseada em sua numerosa família. Procurou ainda firmá-la no latifúndio do fazendeiro onde sua parentela tinha ascendência. Ficava-lhe, pois, bem assentado o título de "Príncipe dos pastores" que lhe foi dado por Handelmann.

Mas oligarquia é exclusivismo, e a que estudamos continha apenas o elemento ponderável da economia piauiense, a qual emanava quase integralmente dos latifundiários afazendados. Convenhamos ainda em que latifúndio tem algo de tirania.

Esse clima político e social mais irritante se tornava em virtude de revelar o Barão incapacidade para atenuar os males do momento, especialmente a péssima condição em que vivia a plebe. Mas para efetuar milagres dessa ordem, longe de suas atribuições e capacidades, qual o de sustar as conseqüências de determinismos históricos e geográficos que se processavam através de séculos, tornar-se-iam necessários taumaturgos e estes nem sempre estão presentes na história que por vezes segue seu curso natural.

Ainda na oligarquia em que era chefe Manuel de Sousa Martins, nem sempre havia lugar para o mérito. Nela penetravam,

Digitalizado com CamScanner

com regalias, seus parentes, seus afilhados, ou os que sabiam rasgar brechas pela subserviência.

Dessa forma, o mesmo ambiente do antigo regime colonial, que tanto descontentamento suscitou pelo Brasil inteiro, continuava a despertar o espírito de repulsa contra as autoridades governamentais.

O campônio piauiense, com a ampliação das fronteiras econômicas da região, perdera seu prestígio como clientela dos potentados. Perdera a sombra bonançosa dos tempos dos currais primitivos, especialmente na zona de influência jesuítica, quando não eram ainda acentuadas as competições individuais. Já não vivia a época do couro, pos não havia fartura nos currais. Passou a usar a embira e talos de palmeiras e taquaras como matéria-prima para suas manufaturas. Os produtos derivados da pecuária, como peles, couros, crinas, sebo, queijos passaram a ser vendidos, e os fazendeiros tornaram-se cauíras, e indiferentes a seus sofrimentos.

Se outrora fora jungido à terra, como vaqueiro ou guerreiro, sua escravidão era ao menos suavizada pela natureza do trabalho que exigia movimento e **self government**, e pela fartura que reinava nos criatórios do século XVIII. Havia, então, relativa independência econômica, a proporcionar-lhe vida fácil, em que era suprido em suas necessidades materiais e psicológicas, tão mínimas, mercê da simplicidade do meio social.

Na administração do Barão, já era notório seu desajustamento. Refreava, entretanto, o ressentimento que em pouco se manifestaria em plenitude com a nova ordem que ia aparecendo.

Sua docilidade era um hiato em sua vida; só eventualmente se tornara ordeiro. Continuava o mesmo dos primórdios do povoamento: o mesmo ambiente geográfico, a mesma estrutura social, esquecido de Deus, e também esquecido pelos poderes governamentais que apenas conhecia em virtude do recrutamento. Tinha a tolher-lhe as manifestações espontâneas de seus instintos turbulentos exercitados através de séculos, a onipresente autoridade dos oligarcas fazendeiros a serviço de um líder vigilante e enérgico.

Duma escala social superior, os que desejavam compartilhar as posições de mando, sentindo-se preteridos em suas aspirações, por sua vez, nutriam os mesmos dissabores.

A lei que criou o cargo de prefeito, foi rude golpe dado nas conquistas políticas das populações rurais. Até então, conforme o

Digitalizado com CamScanner

Código do Processo, cada distrito municipal tinha seu juiz de paz, autoridade policial, escolhido pelos eleitores e chefes locais que sempre sufragavam para aquela função seus próprios correligionários.

Agora, com a reforma que se executa, como conseqüência **do Ato Adicional**, foram cerceadas as prerrogativas dessa autoridade. Suas funções mais importantes passaram a ser atribuições do prefeito, preposto daqueles que representam a oligarquia, e nomeado pelo Presidente da Província, e, por vezes, pessoa estranha ao meio.

Essa medida provocou desgostos que, partindo de baixo para cima, atingiram dentro em pouco todas as classes. Do seio dos descontentes surgiram os filisteus da revolta, como veremos em pouco. São eles inspetores de quarteirão, juízes de paz, oficiais da guarda-nacional, forasteiros ambiciosos que buscavam oportunidade para brilhar, até mesmo, fazendeiros que se divorciavam dos oligarcas, animados talvez do espírito liberal da época, ou melhor, democrático, que fora exercitado com a experiência do **Código do Processo.**

Desse estado psicológico para a luta armada, distava apenas o aparecimento de um pretexto.

Começava o ano de 1839 sob maus presságios. O inverno estava sendo demasiadamente intenso e, quando assim, quase sempre prejudicial à agricultura e criação. As lavouras ribeirinhas foram tragadas pela voragem dos enxurros. jamais atingira o Parnaíba, segundo o testemunho dos coevos, a mais elevado nível. Não foram pequenos os prejuízos causados à próspera vila do Poti (Piauí). (Idem, idem. L. 160 Doc. 12/4/1839).

Já corria célere a notícia de que nos últimos dias do ano precedente, no Maranhão, alguns vaqueiros se rebelaram contra o recrutamento.

Entrementes chegam informações de que Raimundo Gomes, que encabeçara a rebelião, transpusera o Parnaíba. Penetrou o desassossego no Piauí, trazido por esse condutor de gado, cuja família era de Campo Maior (Piauí), onde tinha ele ainda relações pessoais.

Digitalizado com CamScanner

Passando na vila de Manga (Maranhão) a conduzir gado, Raimundo Gomes viu interrompida sua marcha, com a prisão de vários tangerinos, seus auxiliares, os quais seriam destinados ao serviço militar, fora da Província. Pediu às autoridades locais que libertassem sua gente, pois a prisão da mesma estava causando sérios prejuízos ao patrão, dono da boiada. Não foi atendido. Então anunciou que no dia imediato viria à sede municipal, para libertar aqueles que foram recrutados abusivamente.

De fato, no dia seguinte, em plena luz do sol, à frente de uns dez homens, penetrou em Manga, defendida por 42 guardas-nacionais que debandaram aos primeiros tiros. Após a libertação dos presos, lançou seu protesto contra os prefeitos e subprefeitos, e manifestou-se favorável ao restabelecimento das prerrogativas dos juízes de paz. (AMARAL. **Apontamertos.** Vol. I. p. 3.)[4]

Essa exigência era uma reivindicação espontânea que Raimundo Gomes provavelmente expressara com veemência. Era uma reivindicação mui rudimentar em política. As baixas camadas sociais sentiam sua necessidade, porque sentiam de perto as conseqüências daquela mudança de autoridade policial.

Era prefeito de Parnaíba (Piauí) José Francisco de Miranda Osório, um dos heróis da guerra de Fidié. No povoado Enjeitado, do município de Tutóia (Maranhão), não mui distante de Manga, era encarregado do recrutamento Isidoro Carvalho. Com os primeiros dias de 1839, escrevia este ao Prefeito de Parnaíba, pedindo que conservasse, na cadeia da vila, 7 camponeses apreendidos, que enviava, pois temia que fossem os mesmos libertados violentamente, como já fizera, há pouco, **um tal Raimundo Gomes**.

Atendeu Miranda Osório à solicitação. Mal chegou de Enjeitado a escolta que conduzia os presos, soube que a casa de Isidoro Carvalho fora atacada por João Cardoso que libertara quatro homens recentemente recrutados. As autoridades parnaibanas recebiam também informações de que os sublevados se preparavam para assaltar a vila piauiense.

Enquanto isso, com 180 homens, marchou o chefe rebelde, de Miritiba (Maranhão) para Tutóia, onde entrou sem resistência. Daí, rumou para Mariquita, a quatro léguas de Parnaíba, e juntou-se a João Cardoso. Estavam esclarecidos os audaciosos propósitos daqueles rurícolas indisciplinados.

Digitalizado com CamScanner

Reúne Miranda Osório a guarda-nacional, prepara a força policial e apresta um troço de cavalarianos. Está pronto para a luta.

O vaqueiro rebelado transpõe o Parnaíba, na fazenda Várgea, e pisa em território piauiense. Vai-lhe ao encontro o Prefeito de Parnaíba com 120 praças de 1ª linha, guardas-nacionais e toda a força montada que pôde equipar.

Parece que Raimundo Gomes temeu o embate. Provavelmente foi informado das condições dos legalistas, e sua tropa não poderia estar eficientemente armada para enfrentá-los. Foi ocupar Barra do Longá (Piauí).

Chega Miranda Osório a Várgea e sabe que os insurretos haviam abandonado um pouco antes o local e saíram uns a cavalo e, a maior parte dos combatentes, numa barca que encontraram no porto. Dá curto repouso a seus soldados e, às 6 horas da manhã do dia imediato, 31 de janeiro de 1839, depois de 5 horas de marcha forçada, vai surpreender o inimigo em Barra do Longá. Faz o ataque ao primeiro grupo que alcança, supondo ser o grosso dos adversários que estava, entretanto, acampado numa ilha próxima, a ilha do Meio, donde o chefe rebelde viu os que ficaram em terra firme, fugir ao primeiro recontro.

Raimundo Gomes é atacado em seguida. Procura resistir, mas os seus debandam desordenadamente e, na precipitação da fuga, morrem dois afogados. Retorna ao Maranhão desembarcando em São Paulo, e toma a estrada de Angico. Perdeu toda a bagagem, 20 cavalos, 21 armas, 6 mortos e 18 presos.

Miranda Osório, quando noticia a ocorrência ao Barão, informa: "esse tal Raimundo Gomes é um **cabra** negro, que nem ao menos sabe ler, e é este o herói que tem abalado uma não pequena parte da Província do Maranhão." Melhor teria dito **mal sabe ler**, pois talvez não fosse, de todo, analfabeto. Sem instrução regular (não encontramos notícia de que tenha tido, de fato, secretário), redigia, entretanto, suas cartas e ofícios, que eram escritos com letra esparramada, em que se via algo de indecisão. E admirável que tenha sido de todos o mais persistente, aquele que provocou a luta e o último a render-se. (Casa Anísio Brito. Arquivo. L. 152. Doc. 6/2/1839. L. 153. Doc. 22/4/1839 e 30/4/1839).

Digitalizado com CamScanner

Oficia o Barão a Bernardo Pereira de Vasconcelos, Ministro da Justiça, narrando os acontecimentos. Diz, então, que "os piauienses não serão contagiados e permanecerão firmes e obedientes às leis, à Constituição e ao monarca". (Idem, idem L. 153. Doc. 22/4/1839).

Quantos, como o Barão, se deixem ludibriar pelo poder. A vaidade, por vezes, obscurece-lhes o senso crítico. Não podem sentir o desassossego, ou melhor, a animadversão que, agitando o sentimento popular, pouco a pouco, sorrateiramente vai solapar a estrutura do Estado.

Poucos dias depois oficia de novo a Vasconcelos, noticiando o aparecimento "doutro escaramuçador de nome Balaio". E acrescenta que, sendo de seu rigoroso dever defender a Província que lhe foi confiada, "e repelir os insultos desses insolentes facciosos", se viu "em circunstâncias de guarnecer os pontos de Parnaíba e Campo Maior", bem como na contingência de comprar 60 granadeiras. (Idem, idem. L. 153. Doc. 30/4/1839).

Na mesma data, participa tudo a Miguel Calmon, Ministro da Fazenda, e comunica que suspendeu a remessa de 54:520$616 (cinqüenta e quatro contos e quinhentos e vinte mil e seiscentos e dezesseis réis) dos cofres gerais, a fim de poder enfrentar a luta, pois seria também imprudência enviar dinheiro ao Maranhão, "através de estradas infestadas por bandidos". (Idem, idem, L. 159. Doc. 30/4/1839).

Nessa época, Calmon e Vasconcelos já não eram ministros, pois desde 19 de abril caíra o Ministério das Capacidades, a que pertenciam.

Aquelas medidas eram simples precauções que se tomavam, e parece mais destinadas a auxiliar o Maranhão e impedir que os rebeldes entrassem no Piauí. Tanto assim que Miranda Osório continuava a remeter recrutas para Tutóia. (Idem, idem. L. 158. Doc 4/3/1839).

Raimundo Gomes, depois que tomou a estrada de Angico, quando derrotado em Barra do Longá, pouco se demorou nas matas adjacentes. Acompanhado apenas de uns três satélites, regressou ao Piauí, e foi em direitura a Campo Maior, através do município de Piracuruca (Piauí).

Digitalizado com CamScanner

O prefeito dessa vila foi repreendido pelo Barão por causa de sua "indolência e pusilanimidade", ao deixar o cabecilha à vontade transitar por aquelas vizinhanças. A autoridade censurada procura inocentar-se, informando que a passagem do incursionista foi feita de modo imprevisto e que as chuvas torrenciais impediram vigilância.

O improvisado caudilho mantém em Campo Maior entendimentos com Lívio Lopes Castelo Branco que, em pouco, assumiria posição de destaque no movimento. Em seguida, à frente de 50 homens, volta ao Maranhão, atravessando o Parnaíba em Boqueirão. Promete vingar-se da derrota que lhe infligiram os parnaibanos, quando esteve em Barra do Longá. Miranda Osório alvitra providências de modo que "sejamos respeitados e que possamos fazer sentir àqueles aventureiros que impunemente se não perturba a ordem nesta Província". (Idem, idem, L. 195. Doc. 27/3/1839).

Já havia, entretanto, resolvido suspender em seu município o recrutamento, para evitar "desgostos" manifestados por vaqueiros e lavradores. (Idem, idem, L. 195. Doc. 4-4-1839).

Raimundo Gomes já se ia projetando no conceito do camponês como herói popular. Os índios da Serra Grande, desobedecendo ao Presidente do Ceará, quando convocados para combater os rebeldes, chama-lo-iam de "nosso irmão". (Idem, idem, L. 196. Doc. 4/7/1839).

Na segunda quinzena de abril, ecoou dolorosamente no norte do Piauí, e foi repercutindo de povoado a povoado, em rumo de Oeiras (Capital do Piauí) a notícia do desastre de Pedro Alexandrino, a quem fora confiada a expedição legalista do Maranhão. Foi violento golpe vibrado na legalidade. As tropas governamentais da Província vizinha, enxotadas pelos rebeldes, foram encurraladas em Angico, e seus comandantes tombam sob as armas assassinas. Ficam os **balaios** senhores de Brejo, Iguará, Tutóia, vilas maranhenses. É morto o primeiro português sob a alegação de ser **cabano.**

As famílias e autoridades de Brejo abandonam a vila e são acolhidas no Piauí. Severino Alves de Carvalho, seu prefeito, busca

Digitalizado com CamScanner

Parnaíba, e Pedro Paulo de Morais Rego, comandante das forças, ocupa Beiru (Piauí) donde escreve ao Barão, dizendo que, no Maranhão, "em ponto pequeno são praticados os horrores do Pará" (Idem, L. 196. Doc. 3/3/1839).

Miranda Osório, ao ver chegar a Parnaíba as principais famílias de Brejo, entre as quais 14 oficiais da guarda-nacional, sentiu o deflagrar da tempestade. Lamenta a perda das armas que com dificuldade obtivera e enviara para o Maranhão. Já deveriam estar em poder dos rebeldes. Nessa emergência, apelou para os distritos de seu município, Frecheiras e Buriti dos Lopes, convocando os capazes para defesa das instituições. Oficiou ao Barão, pondo-o a par dos acontecimentos e dizendo que teme a revolta passe ao Piauí, "atento o estado de insubordinação em que se acha a nossa população, principalmente a do **sertão** que, por forma alguma, se querem chegar ao serviço e obediência quando chamados". Em Buriti, foram avisados perto de 200. E o "tenente encarregado da reunião diz que encontrou repugnância geral do povo". Proclamavam muitos que preferiam ficar com os revoltosos. Mais trabalho daria Frecheiras, como veremos oportunamente. (Idem, idem. L. 159. 7/5/1839).

Ou porque não estivesse bem informado a respeito dessas ocorrências do norte da Província, ou porque tivesse exagerada confiança em seu prestígio, continuava o Barão a preparar um contingente de 100 homens que deveria levar à Bahia 150 recrutas que iriam servir no Sul do País. Pela escolta e número de escoltados, verifica-se que estes eram verdadeiros prisioneiros prestes a rebelarem-se. Partiriam para o Sul, constrangidos pela força armada que os conduzia.

Em meado de maio, oficiava às autoridades baianas de Juazeiro e fazenda Tapera, a fim de prepararem mantimentos para essa comitiva de 250 homens. Ao Presidente da Bahia informa que ficaria aprestando nova gente para o serviço militar. (Idem, idem. L. 163. Docs. 11/5 e 14/5/1839).

Enquanto isso, mais grave se nos apresentava o aspecto da luta na região conflagrada, e suas conseqüências projetavam-se no Piauí, animando o espírito de rebeldia.

De Parnaíba, Severino Alves de Carvalho informa ao Barão, referindo-se a seu município e a Itapecuru-Mirim (Maranhão), que "aquelas duas comarcas estão geralmente rebeladas e rara será a

Digitalizado com CamScanner

pessoa que não pertença a eles", isto é, que não seja partidária dos rebeldes. (Idem, idem. L. 185 Doc. 7/5/1839).

Nessa mesma época, o subprefeito de Piracuruca, de conta própria, como já fizera Miranda Osório, suspendeu o recrutamento, pois "ultimamente", dizia ele, estavam aparecendo "indivíduos armados e arrogantes". E mesmo, continuava em seu ofício ao Presidente da Província, "parte dos povos sempre inobedientes, parece que com esses acontecimentos têm adquirido maior gás" [...] mais insolência. (Idem, idem. L. 186. Doc. 10/5/1839).

Era de angústia a situação do Governo-Geral, quer sob o aspecto militar, quer financeiro. Empreendeu a Regência o saneamento das finanças e o restabelecimento das fontes de produção do País. Pouco a pouco, e apesar das lutas contínuas, ia debelando a situação caótica em que ficara a Nação com a política do Primeiro Império. Pouco, porém, poderia auxiliar o Piauí, do qual esperava concurso, como até então, para pacificação do Brasil.

Chegava ordem da Corte, que punha à disposição da Província apenas a insignificante verba de 800$000 (oitocentos mil réis) para o ano de 1839, e destinada à instrução da guarda-nacional. Prevenia ainda que era impossível ser aumentada a consignação orçamentária e recomendava parcimônia em todas as despesas. (Idem, idem, L. 158. Doc. 25/4/1839).

Logo em seguida, chegou nova ordem que determinava fosse remetido todo o saldo existente e não se retivesse, debaixo de pretexto algum, qualquer quantia. (Idem, idem. L. 158. Doc. 10/5/1839).

Desde então, continuamente recebia Oeiras da Província vizinha solicitações de socorros, e vinham também notícias aterradoras, já mesmo referentes ao Piauí. Como Parnaíba, dentro em pouco, foi Piracuruca obrigada a convocar novamente, por intermédio de seus distritos, os capazes para garantir a defesa da Província, pois era iminente a conflagração geral. O subprefeito abandonou a vila que ficou com uma guarnição de 20 homens, e, à frente de 43 segue para Beiru onde deveria deixá-los de atalaia, contra os indisciplinados do Maranhão. Ao chegar em Batalha (Piauí) só lhe restavam 7. Até mesmo os da vila em pouco desertariam. (Idem. idem. L. 186 Doc. 18/5/1839).

Digitalizado com CamScanner

A aversão existente em Piracuruca, contra os prepostos do Governo, manifesta-se ainda num incidente ocorrido no distrito de Matões, atual Pedro II. Em reunião, defrontam-se com as autoridades cerca de 40 homens que conduziam facas, cacetes, terçadas e 4 ou 5 armas de fogo. Fala em nome dos convocados para o serviço militar, o Inspetor de Quarteirão Agostinho de Sousa Barros, que capitaneava aqueles 40 homens e que manifesta o propósito de desobediência. O juiz de Paz autoriza sua prisão. Quatro inspetores de quarteirão presentes solidarizam-se com o colega, deixando de cumprir a ordem superior. (Idem, idem. L. 186. Doc. 21/5/1839).

Concomitantemente, o Inspetor de Quarteirão Joaquim Pereira Leão, aliado a Sebastião de Sousa Ramos, nas matas próximas a Beiru, alicia gente para o desrespeito aos poderes constituídos. Francisco Xavier Moreira de Carvalho, comandante das forças piauienses, naquela região, ao noticiar esse fato ao Barão, informa ainda que grupos de rebeldes percorrem os municípios de Parnaíba, Piracuruca e Campo Maior. "Em suma, termina ele seu ofício, direi a V. Exa. a plebe está rebelada, pois os que não se acham com o inimigo estão nas matas e não há remédio obedecerem às autoridades legais". (Idem, idem. L. 186. Doc. 2/6/1839).

Miranda Osório, vigilante defensor da ordem, aproveita a passagem por Amarração (Luís Correia, atual cidade piauiense), então vila do Ceará, do Presidente daquela Província, para convidá-lo a visitar Parnaíba. É aceito o convite. Estudam medidas de cooperação a respeito da segurança da lei, pois (delata o documento oficial) **a canalha do Ceará tem entendimentos com a canalha do Maranhão e a desta Província.**

Como conseqüência daquele encontro, do Ceará chegam 80 praças para auxiliar o Piauí. É criada também a Brigada dos Bravos Legalistas de Parnaíba, da qual é comandante o Prefeito dessa vila, que nessa mesma qualidade tem ascendência até Beiru. (Idem, idem. L. 185. Doc. 4/6/1839).

Mas as tropas legais também já revelam insubordinação e o espírito de indisciplina campeia por toda parte.

Digitalizado com CamScanner

Em Piracuruca, os representantes do Governo revelam inépcia em face da anarquia, que desafia a capacidade dos homens públicos.

Miranda Osório resolve visitar essa vila e Campo Maior, com o objetivo de estimular o ânimo de seus correligionários e levantar o moral dos responsáveis pelo regime. Aos primeiros dias de junho, logo após o encontro com o Presidente do Ceará, à testa de 100 praças, segue diretamente para Beiru, em cujas proximidades, como vimos, um inspetor de quarteirão tornou-se o instrumento do dissídio e, pouco a pouco, ia firmando seu prestígio. O chefe parnaibano enfrenta e desbarata logo 300 rebeldes que estavam sob o comando dos dois cabecilhas que aí se levantaram e aos quais se tinham reunido Pedrugulho, e Suçuarana, que é morto nesse combate. (Idem, idem. L. 186. Doc. 13/7/1839).

Ressalta Anísio Brito a influência, nessa região, de Antônio José Lima Pedregulho, que teve a veleidade de entrar em Piracuruca, como emissário dos sublevados, "para conseguir da população as simpatias para o movimento subversivo". Dessa vila teve de evadir-se, a fim de não ser preso, pois "foi repelido pelas autoridades locais e pessoas gradas".

Esteve Miranda Osório em Beiru, onde restabeleceu a ordem, retomou o porto e autorizou Pedro Paulo e Francisco Xavier a ocuparem Marruás (atual cidade de Porto), Melancias, Estreito (atual cidade de Luzilândia) e outros, todos, então povoados piauienses fronteiros aos municípios de Brejo e São Bernardo. Eram portos fluviais do Parnaíba, porque eram as passagens das principais estradas que ligavam as duas províncias limítrofes. Queria dessa forma obstar a que os rebeldes do Maranhão mantivessem vinculações com os do Piauí. Depois segue para Campo Maior, em cujas matas bate e dispersa 120 **balaios**, acaudilhados por Carlos Antônio e João da Mata Castelo Branco. O primeiro morre em combate.

Em seguida, dirige-se Miranda Osório a Piracuruca. Aí convoca o povo, e, com exortações, anima todos para a luta. Concita-os a tomar a defesa das instituições legais.

Era ele exemplo vivo de varonilidade. Medira-se com Fidié em Jenipapo, no município de Campo Maior, quando na guerra da Independência. Tinha a conviccão do dever cumprido, e poderia, com seu entusiasmo sincero, estimular energias adormecidas. Viu

Digitalizado com CamScanner

duplicarem-se, num momento, as forças a serviço da legalidade, quase triplicarem-se.

O prefeito e subprefeito confessam sua ignorância em assuntos de guerra. Opinam que venha uma pessoa estranha para dirigir a ação militar contra os rebeldes. Daí, a nomeação de Roberto Vieira Passos, para comandante das forças de Piracuruca.

Oficia Miranda Osório ao Barão, narrando o curso de sua expedição e seus principais feitos. Termina assim: "Posso dizer a V. Exa. que só por efeito da Divina Providência podemos estar hoje gozando deste tal e qual sossego em nossa Província, pois que, quem como eu tem observado a maneira por que os povos estão votados ao endemoninhado sistema da malvadeza, admira, e sem dúvida alguma considera sossego ao mesmo desassossego em que estamos". (Casa Anísio Brito. Arquivo. L. 186. Doc. 13/7/1839).

O Barão já havia, então, compreendido que não poderia afirmar, de modo tão categórico, que os piauienses não seriam contagiados pelo espírito da rebelião e que ficariam fiéis e obedientes às leis, à Constituição e ao monarca. Caxias já estava em poder dos **balaios**, e ele, noticiando a queda do mais importante centro comercial do interior do Maranhão, dizia ao Ministro da Justiça: "[...] e é para admirar a afluência espantosa de gente que se lhes reúnem, principalmente fascinadas pelas vitórias momentâneas que têm conseguido, devendo supor-se por isso que há muito se prepararam e se dispuseram os povos para a revolução presente". (Idem, idem, L. 153. Doc. 13/7/1839).

A população doutros municípios do interior, senão de todos os povoados, já havia demonstrado seu descontentamento. Pastos Bons, Passagem Franca (Maranhão) já estavam em poder dos sublevados e assim, S. Gonçalo, Jerumenha (Piauí) e até mesmo Oeiras achavam-se ameaçadas. Suspendeu a remessa dos 150 recrutas que deveriam seguir para a Bahia, e deu parte ao Ministro da Guerra da medida tomada. (Idem, idem. L. 139. Doc. 5/7/1839).

Miranda Osório, quando ainda em Campo Maior, recebeu chamado urgente de Parnaíba, onde as coisas não iam bem. Ficara como seu substituto naquela vila um legítimo representante da oligarquia, o Subprefeito Domingos Dias da Silva.

Digitalizado com CamScanner

Informado este de que os rebeldes maranhenses já dispunham de canoas e faziam assaltos a Várgea, Barra do Longá, Buriti dos Lopes, incumbiu Júlio Clímaco de Sousa de batê-los e aprisionar suas embarcações.

Segue Júlio Clímaco com 85 homens e duas barcaças, uma armada e outra de conserva. Pula em terra, em Tucuns da Mariquita, donde fogem os inimigos, deixando munições e mantimentos. Prossegue em rumo da ilha do Pau-d'Água, na ponta da Mariquita. Nada encontra. Continua, então, até defronte de Várgea. Há ligeiro choque e tudo indica que os balaios se reúnem em S. Paulo. Busca-os aí, e, procurando ocupar Morro da Vicência, fere-se então uma escaramuça em que tem dois mortos e onze feridos, entre estes o Capitão Queirós. Seus antagonistas concentram-se e pretendem, por terra, pelo território maranhense, acompanhar as embarcações, levando-as sob o fogo da fuzilaria. Compreende Júlio Clímaco que deve regressar a Parnaíba. (Idem, idem. L. 185. Docs. 7/7, 9/7, 7/7 e 10/7/1839. L. 186. Doc. 7/7, 9/7, 13/7/1839).

Na luta, há por vezes alternativas. Parece foi esse o primeiro revés duma série de vicissitudes que viriam em seguida. Poucos dias depois regressa Miranda Osório de sua viagem triunfal, tão profícua aos interesses públicos.

Em Estêvão, na Ilha Grande (delta do Parnaíba), atacam os rebeldes, de surpresa, uma pequena força que, afora armas, perde 7 praças, entre mortos e presos. Logo em seguida, Pedregulho é desalojado, quase sem perdas pessoais, duma posição que provavelmente pouco lhe interessava. Mas têm os legalistas 2 mortos e 14 feridos, e entre estes estava o Ten. Vítor Renée. (Idem, idem. L. 185. Docs. 4/7, 21/7 e 7/8/1839).

Maior consternação experimentaria Parnaíba com a notícia de que Frecheiras, importante distrito do município, acabava de aderir à rebelião. Foram chefes do movimento oficiais da guarda-nacional, da polícia provincial, do extinto Regimento de Cavalaria, fazendeiros e proprietários. Miranda Osório envia logo a esse povoado o Cap. Inácio Ferreira de Araújo, para entendimento. Tudo faria a fim de apaziguar os ânimos exaltados.

Digitalizado com CamScanner

Ao mesmo tempo, dirige aos "povos de Frecheiras" a proclamação em que começa admirando-se "do delírio" que os conduziu a "empunhar as armas contra a ordem pública". Lamenta que, chamados tantas vezes pelas autoridades a participar "na defesa da causa da lei e da justiça", tenham preferido abraçar a insurreição. Insinua-se que os rebeldes maranhenses não são seus amigos como presumem os munícipes desse distrito. E continua: "Se esses sedutores amassem o vosso bem-estar e prezassem a vossa liberdade, dar-vos-iam, em vez de armas para matardes os vossos irmãos, o útil arado para loteardes a terra; em vez de vos animarem para a desordem, da qual vos há de vir a punição e conseqüentemente a privação da vossa liberdade civil, dar-vos-iam saudáveis conselhos, chamar-vos-iam à paz, dir-vos-iam que só respeitando a Lei e ao Governo legítimo podeis ser felizes."

E termina, como quase sempre faziam os oligarcas do Piauí, lisonjeiramente apelando para o espírito ordeiro de nossa gente: "A vossa Província é admirada e invejada como a fonte da paz, e os piauienses em geral como respeitadores da lei, do Direito das Gentes e da propriedade alheia. Não mancheis pois esta glória. Deponde as armas que ainda é tempo, vinde unir-vos às fileiras da legalidade, que sereis perdoados. Eia, não tardeis, ouvide a voz do vosso Prefeito, que mais duma vez tem dado provas do interesse que toma pela vossa sorte, expondo até a própria vida para salvar as vossas". (Idem, idem. L. 185. Doc. 4/8/1839).

Miranda Osório alegava seus recentes feitos de Campo Maior, Beiru e Barra do Longá, em que infligira derrotas aos inimigos da lei.

Ao aproximar-se do povoado, oficia Inácio aos principais chefes, informando-os de sua incumbência, e solicitando uma audiência que poderia ser na fazenda Capiberibe, ou mesmo nos quartéis dos chefes rebelados. (Idem, idem. L. 185. Doc 1/8/1839).

Respondem estes imediatamente e dizem que, se entrar em Frecheiras, "jamais a tropa o deixaria sair com vida". Lançam seus protestos contra a autoridade do Prefeito, cujas atribuições dizem que ignoram e afirmam ainda que é ele o representante da tirania que repelem.

Firmam esse documento os Alferes Antônio de Almeida Portugal, a guarda-nacional da Parnaíba, José Ferreira de Veras, do Corpo de Polícia da vila da Parnaíba, Luís Barroso de Veras,

Digitalizado com CamScanner

do extinto Regimento de Cavalaria da Parnaíba e Domingos Ferreira de Veras, guarda-nacional. (Idem, idem. L. 185. Doc. 2/8/1839).

Inácio limita-se então a endereçar-lhes mais uma proclamação concitando-os a um entendimento. Em seguida, regressa a Parnaíba.

Todos envidaram esforços para a manutenção da ordem. O Juiz de Direito dessa vila, Dr. Francisco Xavier Cerqueira, que mais tarde ocuparia a Presidência da Província por mais duma vez, também faz proclamação dirigida a seus "amados patrícios, laboriosos frecheirenses." Vai direito à tecla a que todos se apegam: "Que delírio é o vosso, armando-vos contra o santuário das leis, e ofuscando assim a glória do nome piauiense, que no meio de tantas vacilações políticas tem sabido sustentar a paz como filha do céu e primeiro bem que pode o homem gozar sobre a terra".

Termina, incitando todos a unirem-se a seus irmãos parnaibanos, na defesa da ordem legal. (Idem, idem, L. 185. Doc. 4/8/1839).

Inesperadamente chegam notícias de que os chefes rebeldes haviam debandado, a conselho dos Mourão de quem eram parentes. Como havia pactuado Miranda Osório, com as autoridades de Piracuruca, fazer um ataque aos sediciosos, mandou imediatamente dois emissários para sondar a situação real de Frecheiras e obstou que a força daquela vila, se fossem verdadeiras as notícias, tomasse iniciativas inconvenientes por ignorar a última ocorrência. Novamente foi escolhido o Cap. Inácio, que segue em companhia de seu colaborador. Mal chegam a seu destino são presos.

Haviam abandonado o movimento apenas Antônio de Almeida Portugal e os Veras, que tinham patentes de oficiais. Mas outros chefes surgiram das baixas camadas sociais, donde, em verdade, partira a insurreição.

No dia seguinte, é retirado da prisão o Cap. Inácio que padece "morte tormentosa". Enquanto isso, o companheiro que ficara para ter a mesma sorte, milagrosamente escapa, e percorre 14 léguas em 5 horas, chegando enfim a Parnaíba. (Idem, idem. L. 185 Doc. 30/8/1839. L. 186 Doc. 25/8/1839).

Digitalizado com CamScanner

Os rebeldes, de posse de documentos encontrados em poder dos prisioneiros, têm conhecimento do ataque que deveriam sofrer. Preparam a toda pressa uma força para surpreender a expedição de Piracuruca.

Dessa vila, saíram 60 praças, sob o comando do Cap. Onofre José de Melo. Partiram no dia 15 de agosto, pois o assalto, em combinação com os parnaibanos, deveria ser a 17. Na data prefixada, antes de alcançar o povoado rebelado, são inopinadamente cercados no lugar Mocambo e, depois de 2 a 3 horas de fogo, já ficando noite, conseguem romper o sítio. Perdem toda a bagagem e têm alguns feridos.

Miranda Osório prepara-se para castigar esses audaciosos camponeses. Entrega o comando da tropa punitiva ao Maj. Joaquim Ribeiro da Silva, que viera do Ceará, trazendo socorros ao Piauí. Sua vanguarda encontra-se, a duas léguas de Frecheiras, com um piquete de inimigos. Há escaramuças e fogem os rebeldes, deixando um morto. No dia imediato, entra na povoação, sem resistência. Em face do assassinato do Cap. Inácio, profundo ódio domina as forças legalistas, que prendem e matam quatro indivíduos que levianamente apontam como espiões.

Os sediciosos, cientificados da vinda da expedição de Parnaíba, debandaram, buscando alguns suas famílias já refugiadas no Ceará. Segue-lhes na pista o Maj. Joaquim Ribeiro. Alcança retardatários. Há mortes e prisões de vários. Vai até S. Domingos, até território cearense, donde regressa ao Piauí. (Idem, idem. L. 185. Doc. 30/8/1839 e L. 186. Doc. 25/8/1839).

Mal chega a Parnaíba, já reiniciavam os sublevados suas atividades em torno de Frecheiras, atacando preferencialmente as fazendas dos que auxiliaram os governistas. Seria essa a tática que quase sempre adotariam desde então: fugiriam ao combate, na incerteza da vitória, para, quando oportuno, cair, de modo imprevisto, sobre o inimigo, esmagá-lo sem piedade.

Por sua vez, continua a agir Pedregulho nas matas do Pinto e Chapadinha, onde, desde os primeiros dias da luta, vinha mantendo seu domínio, apesar de já batido algumas vezes. Há criminações contra Pedro Paulo, a quem injustamente acusam porque não exerce pressão nem vigilância sobre o cabecilha. Sem soldados, sem armas, sem munições, sem dinheiro, que poderia fazer contra esses renitentes camponeses? Não nos esqueçamos. Viera da guerra de

Digitalizado com CamScanner

Fidié. Seu heroísmo mais uma vez seria testemunhado, no Sul do Brasil, quando ao lado de Luís Alves de Lima, em 1842, bater-se-ia em defesa da ordem.

Conforme vimos, em Matões, cinco inspetores de quarteirão desobedeceram formalmente ao Juiz de Paz. Foi adotada, no momento, uma política de tolerância: protelaram-se medidas punitivas, porque não havia força para impô-las.

Agora, a povoação está ocupada por um destacamento de 20 praças, sob o comando do Ten. Vicente Pereira dos Santos, que vai reiniciar as notificações. Há novamente alvoroto geral. Comunicam aos chefes de Piracuruca os sintomas de desassossego. Mas dessa vez os prepostos do Governo não querem sacrificar o princípio de autoridade.

Ordenam que o destacamento permaneça no distrito e que sejam feitas novas intimações. (Idem, idem. L. 186. Doc. 4/9/1839).

Imediatamente pedem auxílio a diferentes pontos. Enviam socorros Miranda Osório, Pedro Paulo e até Antônio Mendes, que já se encontra em torno da vila de Poti, metido num torniquete infernal, à espera de Manuel Clementino que, por sua vez, estava em movimento em rumo da fronteira do Maranhão.

Em Matões não se faz esperar a repulsa. Às 5 horas da manhã do dia 8 de setembro, 56 homens armados acometeram as 20 praças destacadas ali. Dentro em pouco, dominavam a situação. O Ten. Vicente foi morto, e ficaram feridos 6 de seus comandados, bem como o Juiz de Paz. Apoderam-se os sediciosos das armas e munições e aprestam-se para o assalto a Piracuruca. (Idem, idem. L. 195. Doc. 10/9/1839. L. 186. Doc. 17/9 e 26/9/1839).

Piracuruca já estava pronta para receber o embate, tanto assim que foi ao encontro dos camponeses indisciplinados. Já todos sabiam do infausto desenlace da expedição de Manuel Clementino, cuja trajetória vinha despertando entusiasmo por toda parte. Contudo, a vila não se deixou abater: Roberto Vieira Passos, Joaquim Ribeiro da Silva, José da Costa Portela e tantos outros, trazendo-lhe soldados, munições, animam a combatividade de sua gente.

Anísio Brito, narrando esse pedaço da história de sua terra natal, diz que "quase toda a população da vila ficou em armas,

Digitalizado com CamScanner

reunida sempre pelo constante toque de rebate dos sinos da matriz de N. S. do Carmo, cujo vigário José Monteiro de Sá Palácio, ao lado do povo, e de armas em mãos, concitou-o à maior união de vistas na defesa da terra contra os bandoleiros. Outras pessoas gradas se encarregaram também da defesa da vila, sendo justo destacar o Juiz Municipal, Cap. Onofre José de Melo, que há muito abandonara as funções de seu cargo para pegar em armas". (Anísio Brito. Op. cit. IV. p. 157 e 158).

O Maj. Joaquim Ribeiro da Silva, da Cavalaria de Sobral, assume o comando da expedição que vai ao encontro dos rebeldes.

Aos 56 que atacaram as forças do Ten. Vicente, em Matões, reúnem-se logo gente da Serra Grande, de Sobral e muitos das vizinhanças. Eram rurícolas boçais e quase todos, como sempre, verdadeiros fanáticos, quando se deixam empolgar por uma idéia. Assim, são recalcitrantes e audaciosos. São temíveis e temerários. Assim iremos encontrá-los nesses dois anos de lutas que se prenunciam.

Pedro da Costa Bezerra dizia-se **Comandante das Forças da Religião Católica de Jesus Cristo**, enquanto Pedro Celestino era mais modesto, avocando a si o comando das forças da Serra Grande e Sobral.

Já se elevam a mais de 200. Quando em marcha para Piracuruca, são informados de que essa vila já recebera socorros e já havia expedido um contingente para barrar-lhes os passos. Então, entrincheiram-se em Bebedor, 8 léguas distante da sede municipal. São eles que agora aguardam o assalto.

Do dia 19 para o dia 20, são sitiados. Dirige-lhes o Comandante governista uma "fala" (assim apelidou seu ultimato, tão mal redigido quanto a resposta de seus antagonistas), que deve ter sido entregue às primeiras horas do dia 20. Não sabemos se essa "fala" que vimos é o documento original ou apenas uma cópia viciada. Iremos ver tópicos dessa interessante peça manuscrita.

Diz o Comandante governista que não é seu intento "ver derramar o sangue de seus patrícios, o que bem perto em poucas horas tem de assuceder". Continua informando que, "pelas seis horas da manhã", os "pôs debaixo de **círculo**, com 450 praças armadas, entre estas 200 de 1ª linha do Ceará e Pernambuco, 100 do Maranhão, da Guarda-Nacional, e 150 da vila da Parnaíba e Piracuruca. O mesmo Comandante vos tem de mostrar os

Digitalizado com CamScanner

exemplos da Bahia, Panela do Miranda (certamente, alusão à rebelião dos índios do rio Jacuipe), Ceará e Pará, e se vos entregarem as armas, desde já serão recebidos nas forças da legalidade onde terei a honra de vos comandar, e tratar com aquela dignidade de que são merecedor, e isto lhe afirmo debaixo da palavra de honra". (Casa Anísio Brito. Arquivo. Liv. 185. Doc. 20/9/1839).

Pouco depois foi traído esse propósito de humanidade, foi também esquecida a palavra de honra.

Parece que Joaquim Ribeiro exagerou, por estratagema, o volume de suas tropas.

Respondem logo os chefes insubmissos. Firmam o documento Pedro da Costa Bezerra e Pedro Celestino. Dizem que preferem morrer no campo da honra a entregar-se. Terão "grande gosto de encruzar as armas" com os que "os querem aterrar".

E então tem início a luta. O tiroteio se alonga por 12 horas. Ao anoitecer, há interrupção. No dia seguinte, 21 de setembro, são obrigados a render-se, pois já não têm munição alguma. São 205 os conduzidos a Piracuruca, onde são entregues às autoridades, amarrados pelo pescoço, assim diz a peça oficial. Poucos morrem em combate. Apenas dois e não quinze, como está na informação do Comandante que traíra sua palavra de generosidade. Tiveram os legalistas apenas 2 feridos.

Quando, porém, em Bebedor, começam a agrupar os derrotados e a juntar um a outro, lançam estes seu protesto e insurgem-se novamente. Daí, tombam 13 que têm morte imediata. Acharam os legalistas que o incidente veio mesmo a propósito, para que pudessem assassinar os dois cabecilhas amotinadores.

Vieira Passos, que havia chegado a Piracuruca nas vésperas da partida da expedição para Bebedor, delata que os chefes insurgidos (segundo o linguajar da época), foram **estuporados**, isto é, foram friamente mortos, e que fizeram boa viagem por causa do fumo da pólvora. Esse pérfido ironista regressaria a Parnaíba, donde, nomeado comandante da vila de Piracuruca, voltaria para este ambiente, de cujos enredos tanto gostava. (Idem, idem. L. 186. Docs. 27/9 e 23/11/1839. L. 185. Doc. 13/10/1839 e L. 164. Doc. 21/10/1839).

O subprefeito dessa vila, Albino Borges Leal, comunica a Antônio de Sousa Mendes, nesse momento já acantonado em

Digitalizado com CamScanner

Estanhado, atual cidade de União (Piauí), o resultado do encontro de Bebedor. Acrescenta que está aparelhando os troncos com que deverão marchar... marchar os prisioneiros, numa longa e penosa caminhada, em direitura a Parnaíba, donde seriam (quase sempre assim faziam os governistas) embarcados para o Maranhão e daí seguiriam para o Sul do País, onde iriam defender a ordem legal.

Era o mais terrível castigo que se poderia aplicar ao piauiense: desterrá-lo. (Idem, idem. L. 195. Doc. 21/9/1839. L. 186. Doc. 26/9/1839. L. 163. Doc. 27/9/1839. L. 185. Doc. 1/10/1839).

A sangueira dos tempos regenciais firmava raízes em terras piauienses. Em pouco, essa gente eventualmente ordeira, mais uma vez no torvelinho dos entrechoques armados, deixaria patenteada sua grande capacidade de resistência, já demonstrada na guerra de Fidié, em que magistralmente correu parelhas a bravura dos contendores.

Iremos ainda encontrar, em nossa história, Dâmaso Pinto da Veiga, outrora "forte e audacioso inimigo da Independência"; Roberto Vieira Passos, Aleixo Vieira de Sá, Cipriano Vieira de Sá, fiéis à Metrópole até a capitulação de Caxias; José Francisco de Miranda Osório, João Rebelo Cardoso, dois heróis que se revelaram nos campos do Jenipapo, batalhando pela emancipação política do Brasil; Manuel Clementino de Sousa Martins, Antônio de Sousa Mendes, que se bateram contra as forças lusitanas no morro das Tabocas; Domingos Antônio Piauilino, como Clementino, intimorato guerreiro de três campanhas, que seguiria, em seu destino, o camarada das refregas anteriores, tombando gloriosamente em terras maranhenses, a defender as instituições; José Martins de Sousa, Tomé Mendes Vieira e tantos outros que vinham de 1823, entre os quais estava o guerrilheiro anônimo que constituía a massa humana em cujo seio se processava a Revolução Brasileira.

Digitalizado com CamScanner

Notas

[1] JÚNIOR, Caio Prado. **Evolução Política do Brasil**. 1947, p. 138, 139.
[2] KOSTER, Henry. **Viagem ao Nordeste**. 1942, p. 388 e 389.
[3] AMARAL, J. R. do. **Apontamentos para a História da Revolução da Balaiada**. 1839, I vol. 27 segs.
[4] OTÁVIO, Rodrigo. **A Balaiada**. p. 15 e 16.

Digitalizado com CamScanner

2

Manuel Clementino

Com os primeiros dias de maio de 1839, começou a chegar a Oeiras ofícios de autoridades do Maranhão, que solicitam auxílios para jugular a rebelião que, dia a dia, se alastra por toda a região do interior, atingindo até mesmo o litoral. Entre os ofícios encontra-se o do Prefeito de Caxias e, em seguida, o do Presidente da Província. Não estava o Piauí em condições de cooperar imediatamente, pois se lhe deparava dificílima situação financeira e militar. Não dispunha de forças organizadas, armas, munições: apenas, 361 praças sem nenhum apetrecho bélico e ainda esparsas em sua extensa hinterlândia, sem vias de comunicação.

Embora ainda estivesse o Barão confiante na paz de que tanto se envaidecia de gozar o Piauí, a prudência aconselhava que se tomassem, antes de tudo, medidas de precaução, a fim de evitar que os rebeldes transpusessem o Parnaíba, como já fizera, há pouco, Raimundo Gomes. Essas prevenções deveriam ter início pelo estabelecimento de postos militares nas principais passagens do rio confinante das duas províncias. Isso já fora feito na guerra da independência. Mas para afixação desses postos e o patrulhamento dessa longa fronteira de mais de 800 quilômetros, que acompanhava a zona conflagrada do Maranhão, a qual, partindo dos tremedais do litoral, vinha até os campos do alto sertão, em Pastos Bons, tornava-se preciso aumentar o efetivo da polícia provincial, convocar a guarda-nacional, incrementar o recrutamento

Digitalizado com CamScanner

e sobretudo dispor do elemento básico para a solução de todos os problemas públicos: dinheiro. E as finanças eram precárias por toda parte.

O armamento existente para uso das tropas, conforme ofício dirigido ao Ministro da Justiça, era quase imprestável, e constava de 722 granadeiras, 218 clavinotes, 387 espadas e 394 pistolas, e, em sua maioria, vinha das campanhas anteriores. (Casa Anísio Brito. Arquivo. Província. L. 153. Doc. 30/4/1839).

Antônio Mendes, referindo-se a esse material bélico, dizia que depois de horas de combate, eram necessários dias de trabalho para consertá-lo. Precisava-se, no mínimo, de 4000 armas de fogo, pois só a guarda-nacional teoricamente se elevava a 2730 praças. (Idem, idem. L. 195. Doc. 12/10/1839 e L. 153. Doc. 5/7/1839).

O mais difícil era reunir essa gente refratária à disciplina dos quartéis. Se convocada, não comparecia. Só o apelo ao recrutamento agrupá-la-ia, e o recrutamento foi a causa imediata da insurreição.

A fim de preparar o espírito do piauiense, publicou o Barão a proclamação em que diz que "um bando de facciosos, delirando e divergindo dos verdadeiros princípios de patriotismo e boa ordem, tem assolado os centros da Província vizinha do Maranhão, cometendo a ferro e fogo assassinatos e roubos, sob frívolos pretextos", negando-se ainda, "de uma maneira insolente, à obediência à Constituição e autoridades, legítimas, desprezando todos os ditames da Religião, e mesmo os da Natureza". Agora, "tentam agredir-nos e barulhar a doce e invejada paz de que felizmente temos gozado no meio mesmo das convulsões políticas, que têm aparecido nas diferentes Províncias do Império".

Termina, apelando para o espírito ordeiro de nossa gente, para seu amor às instituições imperiais: "Sim, Piauienses, reuni-vos em força respeitável para debelardes esses detestáveis monstros de uma anarquia civil; não vos deixeis manchar com o indigno ferrete da cobardia e pusilanimidade. Sempre o Piauí teve a honra de dar o exemplo de um valor a toda prova, de uma prudência ajustada e de uma firme adesão à Constituição e ao Monarca, que nos regem".[1]

O piauiense, em verdade, amava o torrão natal que começara a trabalhar. Se isso atenuava seus impulsos de turbulência, estes apenas dormitavam em face da condição de miserabilidade a que se vira reduzido.

Digitalizado com CamScanner

Um dia, os impulsos de rebeldia se fariam sentir. E os sintomas dessa manifestação já eram notórios.

A 26 de maio, no mesmo dia em que o Barão recebeu o ofício do Presidente do Maranhão, que pedia auxílio, seguiu o Cap. Antônio de Sousa Mendes, à frente de 70 homens, de Oeiras para Campo Maior, onde começaria a organizar a Coluna do Norte e onde já havia umas 60 praças, afora a guarda-nacional. Dali continuaria para o Estanhado (atual cidade de União), e ocuparia as posições que mais conviessem à defesa do Piauí e ao socorro do Maranhão.

Lívio, em Campo Maior, já aliciava gente para marchar sobre Caxias. Havia assentado isso com Raimundo Gomes, quando este estivera com ele, após a derrota de Barra do Longá: agiriam de comum acordo. O Prefeito de Caxias denuncia-o, mas já era tarde. Lívio estava alerta. À testa de 600 camponeses, junta-se aos rebeldes que sitiavam aquela cidade que esperava auxílios de Antônio Mendes. (Casa Anísio Brito. Arquivo. Província. L. 187. Doc. 13/6/1839. L. 163. Doc. 21/5/1839 e 27/5/1839).

Pastos Bons e Passagem Franca (Maranhão) caem em poder dos sediciosos. No mês de junho, também começaram a chegar a Oeiras notícias das primeiras manifestações de rebeldia de autoridades piauienses: a princípio, o movimento feito pelos inspetores de quarteirão e, em seguida, a conivência de juízes de paz.

Oficiais da polícia, da guarda-nacional, também insurgem-se. E ainda há sintomas de indisciplina no seio da população, por toda parte, no norte da Província. Foi esse assunto objeto de estudo no capítulo anterior.

Em vésperas de S. João, levando reforços a Antônio Mendes, partiram de Oeiras o Aj. Vitor de Barros e Silva e o Alf. Miguel Luís Gonzaga. Mal abandonaram a Capital, receberam novas ordens, a fim de que se reunissem ao Alf. Antônio Vieira Torres, de S. José dos Matões (Maranhão). Este, narrando as vitórias que alcançou em Atoleiro e Olaria (Maranhão), pedia socorros para salvar Caxias. Já era tarde, porém. Caxias, o maior empório dos sertões do Norte,

Digitalizado com CamScanner

cairia poucos dias depois, na noite de 30 de junho. (Idem, idem. L. 184. Doc. 18/6/1839. L. 163. Doc. 25/6/1839).

Em seguida, a tropa de Vieira é desbaratada pelos rebeldes e se incorpora ele às forças piauienses.

O Barão, ao responder ofícios de João Manuel de Queirós, de Pastos Bons, e do Ten. Cel. Militão Bandeira de Barros, Comandante do Batalhão de Chapada, ambos ao Maranhão, concita-os a prestarem concurso no restabelecimento da tranqüilidade pública.

É duma sincera e amistosa franqueza de que se reveste, quando se dirige a Militão, rancoroso inimigo de Diogo Lopes, apelando para seus sentimentos cívicos: "Julgo também conveniente que V. Sa., pondo de parte alguma indisposição particular, que verdadeiramente não sei se tem, que haja para com o Maj. Ladislau Pereira de Miranda, e com o Cap. Diogo Lopes de Araújo Sales, se combine com estes a fim de engrossar a força e segurar com melhor acerto o plano de atacar e debelar o inimigo, pois quando se trata de salvar a Pátria, se deve ter em vista o sagrado dever de empunhar por ela as armas, e esquecer-se a desafeição e ressentimentos particulares.

"Sou franco com V. Sa. e é por isso que lhe falo com a voz da sinceridade inseparável da amizade.

"V. Sa. fará realçar o seu merecimento, se tomando a peito a liberdade da Causa Legal opressa por esses Monstros sedentos de sangue e de dinheiro, pela qual tanto se interessam os verdadeiros cidadãos e amantes da ordem – cooperar com os que acham no campo da honra e da batalha, fazendo esforços e sacrifícios para que se obtenha feliz êxito da Vifória." (Idem, idem. L. 163. Doc. 29/6/1839).

Falando a Queirós, diz, com a mesma elevação de sentimentos: "A apatia e a neutralidade não convêm por forma alguma em crises tais, portanto, V. Sa., tendo de se decidir e declarar por parte de um dos partidos, cumpre que o faça a favor da causa da legalidade, da ordem e do sistema atual, em cuja frente estão os honrados e fiéis cidadãos. Fará V. Sa. um grande serviço à Pátria e esta em reconhecimento lhe será grata." (Idem, idem. L. 163. Doc. 29/6/1839).

Não era essa advertência senão uma das prescrições da legislação de Sólon. O legislador grego não fez, entretanto, insinuações a favor de quem deveria pronunciar-se o cidadão.[2]

Digitalizado com CamScanner

Envia o Barão mensagem à Assembléia, em que narra os fatos mais importantes do movimento, e expõe a conjuntura em que se encontra a Província que não dispõe dos recursos indispensáveis que o momento exige: "Examinei logo o estado dos cofres; fui ver pessoalmente os armazéns públicos e a casa da pólvora, e achei-me sem dinheiro, sem armas e sem munições, e só com o fraco contingente do pequeno corpo de tropa regular da polícia, que monta a 361 praças, postadas a maior parte nos diferentes municípios em destacamentos, segundo o espírito de sua criação.

"Os rebeldes se engrossam, crescem espantosamente, continuam afoitos em suas escaramuças, e a sedição se apresenta ao partido da boa ordem e tranqüilidade com uma face aterradora. Chegam as partes oficiais umas sobre outra; representam os municípios contíguos às fronteiras do Maranhão o estado de perigo em que se acha a segurança pública, instam todos, e ao mesmo tempo por providência: a mesma província do Maranhão pelo seu Presidente requisita-me auxílio da força armada, quando já o Prefeito de Caxias o havia feito com a maior urgência: e em tão apertada colisão, Senhores, é triste a sorte de um Presidente, que se vê sem meios para ocorrer a um mal iminente."

E termina assim sua exposição: "Convoquei ultimamente todas as pessoas capazes de pegar em armas para a defesa da Província, ordenando que cada um trouxesse sua arma, ainda que clavina fosse, resultando de todas essas medidas preventivas o achar-se até o momento presente homens prontos a salvar o Piauí, e eu acompanhá-los em sua frente [...]" (COSTA. Op. cit. p. 263).

Nessa emergência, se oferece Manuel Clementino de Sousa Martins para seguir em defesa do regime.

Clementino, afilhado, sobrinho e genro do Barão, já havia conquistado relevo na história militar da Província, na guerra da Independência e na revolta de Pinto Madeira. Em Bodocó (Pernambuco), fizera correr os restauradores. Em Caxias, contribuíra para a capitulação de Fidié, e salvara, no recontro de Bonfim, dum desbarato completo, as forças de Alecrim. Sua bravura ia até a temeridade; sua honestidade não admitia transigência. Espírito

Digitalizado com CamScanner

comunicativo, personalidade dominadora, sua atitude provocou movimento de exaltação que, partindo da mocidade, atingiu toda a família oeirense. Fazendeiros, agricultores, artífices imediatamente atenderam ao reclamo do campeador da ordem legal. Formou-se um luzido estado-maior, em que se viam amigos e parentes seus e pessoas das famílias mais representativas da Província. Defendiam a oligarquia que dominava o Piauí, desde a Independência, ou melhor, desde a conquista: a oligarquia dos pastores.

A 17 de julho, partia Clementino, ao longo do vale do Canindé, com 300 praças, a fim de comandar as forças, de Campo Maior para o Sul. Já dispunha ele de cerca de 800 guerrilheiros espalhados em vários destacamentos. Posteriormente assumiria o comando geral. (Casa Anísio Brito. Idem. L. 163. Doc. 20/7/1839).

No dia 19, comunica ao Barão que estabeleceu o primeiro ponto de correio na fazenda Alegre. E, em face do desalento que ainda entibiava certos espíritos apáticos, diz que não era homem para intimidar-se com as primeiras notícias. Mas já enviava também relação de desertores, e estes, às vezes, fugiram, conduzindo as armas. Providencia a ligação com diferentes postos militares da Província e faz recomendações a respeito de emissários ao Rio (Capital do Império), Inhamuns (Ceará) e Pilão Arcado (Bahia), em busca de auxílio. Pede suprimento de remédios, gado e o conserto do armamento que ficou em Oeiras, bem como para "prontificar e fabricar toda a pólvora que puder, mandando para isso arranjar salitre em Jaicós, no Peixe e na Graciosa". (Idem, idem. L. 195. Doc. 19/7/1839).

A matéria-prima a que se refere, seria extraída do solo piauiense. O Ten.-Cel. Leonardo Ferreira Marques, de Carnaubeiras (Maranhão), participava a Miranda Osório: "O Sebastião atravessou nas Melancias para unir-se com alguns rebeldes que há nessa Província, a fim de tirarem salitre nas fraldas da Serra Grande". D. Ana Dias Ferreira, em carta dirigida a seu esposo, também informa que os insurretos de Manga seguiram para Aldeia a fim de extrair salitre. Todo chefe de **balaios** tinha seu fabricante de pólvora. Parece-nos que entre esses estava Manuel Resplandi, o fundidor de Barras (Piauí), cujo nome aparece no sino da igreja matriz de S. Gonçalo, da cidade de Batalha. (Idem, idem. L. 195. Doc. 7/3/1840. L. 192. Doc. 3/6/1840 e Doc. avulso de 8/5/1840).

Digitalizado com CamScanner

A existência de azotato de potassa no solo piauiense, de fácil aproveitamento, possibilitou a proteção do desfecho da luta. E ainda, para a delonga de seu desenlace contribuíram também a riqueza da terra, sobretudo em gado, e sua flora e fauna ainda pródigas de alimentos. Concorreram ainda essas circunstâncias para fixar o movimento na região a que ficou circunscrito: a zona pastoril, de campinas e **chapadas**, ou melhor, a zonas dos **sertões**, a dos **agrestes** ou dos **gerais**. Não teriam os farrapos resistido dez anos de **entreveros** se não fora a pecuária, e ainda mais, se não tivessem fronteiras [...]

O segundo ponto de correio foi Gameleira. Daí, Clementino pede fazenda encarnada que seria usada pelos combatentes como sinal característico de seus comandados. Tropas irregulares, soldados de emergência, recrutados por ambas as facções entre os camponeses, continuavam com a indumentária destes: camisa e calças. Havia, pois, a necessidade do distintivo na hora da refrega.

Ao chegar em S. Gonçalo (atual cidade de Regeneração), pouco se demorou, pois à meia-noite do mesmo dia, soube que em S. Francisco (atual cidade de Amarante), a quatro léguas, na embocadura do Canindé estavam os rebeldes. Parte imediatamente para o encontro com o inimigo. Ali tinha estado, numa passagem rápida, o Ten. Balbino José Cardoso, a serviço dos sublevados; espalhava notícias aterradoras desfavoráveis ao Governo, e notificava gente para guarnecer o povoado de Manga, próximo da foz do Gurguéia e das **barrancas** do Paraíba, com um destacamento, do qual seria comandante.

Era necessário destruir esse núcleo de adversários que ficaria na retaguarda e seria ameaça a Jerumenha (Piauí), e portanto, a Oeiras. Para isso, Clementino mandou piquetes de cavalaria por ambas as margens do Parnaíba sob o comando de José Maurício da Costa Pestana que acompanhou o que seguiu pelo território do Maranhão e do qual faziam parte o Ten. Antônio de Sousa Martins e o Alf. José Francisco Fontes. Logo ao sair, em Cachoeira, na banda ocidental do rio confinante, efetuou prisões de elementos que agiam em franca propaganda, a favor da rebelião, e distribuíam notificações para o serviço militar. O piquete que marchou pelo território piauiense foi conduzido pelo Alf. Inácio Marcelo de Sousa.

Vão direito a Manga, onde encontram Balbino, acompanhado de cinco aliciados. Diz Clementino que suas forças sofreram fogo

Digitalizado com CamScanner

"desse pugilo de malvados" e têm logo fora de combate um sargento que é ferido gravemente. Mas também, aos primeiros tiros, daquele pugilo de bravos adversários, dois caem mortos, dois se acham feridos e entre esses o próprio comandante. Os legalistas ateiam fogo à casa que os abrigava e em pouco já não há nenhuma resistência.

Estabeleceram depois os postos militares de Manga e Bom Jardim, atual cidade de Floriano (Piauí), que foram provisoriamente confiados ao Tenente-Coronel Tomé Mendes Vieira, que comandaria também o presídio de Conceição, onde teria sua residência e onde ficariam os que necessitassem de curativos. Regressam enfim rio abaixo, conduzindo as canoas e barcos espalhados pelos diferentes portos do Parnaíba, no trajeto que percorriam. Os prisioneiros foram enviados para Oeiras.

Clementino prepara então os barcos que seriam artilhados e que se prestariam ainda para o transporte de bagagens, tropa e cavalaria, quando preciso. Mantém entendimentos com os chefes rebeldes, procurando vencê-los pela palavra, como já fizera o Barão (Idem, idem. L. Doc. 28/7/1839. L. 187. Doc. 29/7/1839).

Há indecisão se deve ou não entrar em território maranhense, em busca dos **balaios**. Todavia se inclina a invadir a província vizinha, tanto assim que, de S. Francisco, diz que descerá até S. Antônio ou mesmo até a vila de Poti (Piauí), e que "está convencido se não acossar os inimigos, nada consegue", conservando-se aquém do rio.

Enquanto isso, nessa vila, há tiroteios cujas conseqüências são mínimas, pois se batem os contendores, em campos opostos, que têm de permeio o majestoso Parnaíba. (Idem, idem. L.195. Doc. 30/7/1839).

Todo o Piauí está sacudido pelo espírito da rebelião. Já nessa época, tinha havido movimento de indisciplina noutros municípios.

A proclamação do Presidente da Província é criticada em Valença (Piauí) porque é falsa em seus conceitos, insinuam os que simpatizam com os **balaios**. O Ten. Raimundo Antônio Cunha fraterniza-se com os que se levantam contra o regime, nessa vila, e concita o povo à insurreição. É preso e enviado para Oeiras. Logo

Digitalizado com CamScanner

depois, Gonçalo Francisco de Sousa desobedece ao Prefeito João José Nogueira, e tem a mesma sorte. Mais tarde ainda o vemos a fazer provocações na bacia do Berlengas. (Idem, idem. L. 152. Doc. 23/5/1839. L. 188. Doc. 5/8 e 2/11/1839).

Marvão (Piauí) também está alarmada. Não comparecem os convocados. E seu prefeito, Maj. Francisco Irineu Gomes Correia, diz ao Barão: "Uma doutrina subversiva se acha derramada entre os povos e por isso considero muito tristes nossas circunstâncias". Informa que os próprios oficiais se esquivam ao serviço militar. "Hoje, continua ele, rompo a marcha com essa mesma gente [...]" Eram aterrorizadores os boatos que corriam naquele município. E Irineu termina melancolicamente seu ofício: "Sinto que quanto tenho exposto sirva de contristar o coração de V. Exa., porém sei que a sua costumada prudência a tudo acudirá e que possamos ainda triunfar". (Idem, idem. L. 195. Doc. 22/6/1839).

As mesmas dificuldades experimenta Jerumenha, donde o Prefeito, Maj. Antônio Pereira da Silva, noticia o assassinato do Juiz de Paz, a falta de entendimentos entre as autoridades e de cooperação no seio das famílias mais importantes, quando se lhes solicita alguma coisa. "E os piores são os guardas-nacionais, cidadãos de maior confidência". Também surgem ameaças aos legalistas mais notáveis. Diz ainda que só pequeno número do rio Itaueira tem comparecido, faltando-me, confessa ele, as expressões para expor a V. Exa. o que me consta da parte de um povo tão rebelde", e "muito me envergonho de não me poder desempenhar para com V. Exa. respeito ao que me cumpre". (Idem, idem. L. 188. Doc. 6/8/1839).

E, em torno de José Pereira da Silva Mascarenhas corriam boatos alarmantes. Rico fazendeiro domiciliado a duas léguas da foz do Uruçuí, em Buritizal, território do Piauí, estava ele em cumpilcidade com os rebeldes do Maranhão. Assim, Jerumenha está, pela mesma forma que Marvão, tomada de pânico, pois o inimigo já se encontra dentro de suas fronteiras. Efetivamente já espiavam os **balaios**, a poucas léguas, a vila que abriria caminho para a Capital. (Idem, idem. L. 188. Doc. 17/7 e 18/7/ 1839).

Solicita Pedro Paulo a Antônio Mendes que não lhe envie gente de Poti e Campo Maior, porque já está desmoralizada e com pendor para a rebelião. De Barras, também informam ser tudo suspeito, com exceção de meia dúzia. Nessa mesma época,

Digitalizado com CamScanner

espalham-se notícias do levante de Frecheiras, ocorrência que já estudamos no capítulo anterior.

Antônio Mendes, então, pronuncia-se contrário à passagem de tropas piauienses para território maranhense e a Clementino justifica sua opinião, dizendo haver insuficiência de forças. Informa ainda que os povos dessa região estão "envenenados". Pede que siga para aí, onde há perigo, e termina: "Veja V. Sa. que os insurgentes forcejam vir aos municípios de Campo Maior e Poti, onde contam os seus parceiros que não são poucos". (Idem. L. 184. Doc. 5/8/1839 e L. 195. Doc. 5/8/1839).

Que restava do Piauí em estado de tranqüilidade? Apenas Oeiras, pois as vilas de Jaicós, S. Gonçalo, Príncipe Imperial (hoje cidade de Cratéus, do Ceará) e Parnaguá, especialmente esta última, já estavam também em efervescência.

Mas Clamentino era um temerário. De S. Francisco (atual Amarante), desceu para Descanso, e daí para Queimadas atual cidade de Palmeirais (Piauí), donde manifesta desejo de entrar em S. José dos Matões (Maranhão), e, com o apoio dos Carneiro, salvar Caxias. (Idem, idem. L. 195. Doc. 3/8/1839).

E quando recebe notícias de que na margem esquerda do Parnaíba, nas alturas de Veados, município de Jerumenha, continuavam a agir os adversários que já revelavam intenções de penetrar em território piauiense. Atrás haviam ficado, afora os rebeldes de Pastos Bons e Mascarenhas, muitas pessoas suspeitas, entre as quais estavam José de Sousa Queirós, Delfino Lopes de Sousa, José Nunes e até diziam mesmo, embora sem fundamento, Ernesto José Batista e seu irmão Francisco. Todos eles, elementos de prestígio, uns no Maranhão, outros no Piauí. Alguns mexeriqueiros rumorejavam que todos estavam dispostos a empunhar armas contra a legalidade.

Em Queimadas, a bordo da barca "Legalidade", reúne-se um conselho de oficiais para pronunciar-se a respeito da conveniência de entrar ou não em território maranhense, a começar pelo ataque a José de Sousa Queirós, de quem diziam já estava aliciando gente. Assinam a ata do conselho de oficiais, que teve como secretário João Antônio Vaz Portela, os Caps. Cipriano Vieira

Digitalizado com CamScanner

de Sá, Francisco Raimundo dos Santos e Raimundo Martins de Sousa; Comandante dos Voluntários José Maurício da Costa Pestana; Tens. Tomaz José Pereira e Antônio de Sousa Martins. Foi deliberado que se invadisse o Maranhão.

Clementino oficiou ao Barão, anunciando que iria ocupar Pastos Bons e depois voltaria para S. José dos Matões. A Antônio Mendes, já falando como Comandante em Chefe, disse que não aprovou seu parecer, e autorizou então que deixasse 100 praças em Poti, sob o comando do Ten. José Borges Leal e, com o resto de sua tropa, seguisse para S. Antônio, onde deveria ficar com o Ajud. Vítor de Barros e Silva. (Idem, idem. L. 195. Doc. 5/8/ 1839).

Para surpreender Queirós, em Bananeiras (Maranhão), foi designado o Cap. Raimundo Martins de Sousa, que partiu imediatamente para desincumbir-se de sua missão. Achou Bananeiras deserta de homens. Nas casas, encontrou apenas mulheres e crianças. Aqueles haviam acompanhado Queirós cujos propósitos estavam em harmonia com a tendência de sua gente: insurgir-se contra o regime legal. Daí, continua Raimundo Martins de Sousa em suas pesquisas, em busca ainda de Delfino Lopes de Sousa. (Idem, idem. L. 195. Doc. 8/8/1839).

Chama-o Clementino ao grosso das forças que já ocupavam Limoeiro em território maranhense, e manda fazer uma batida, pelo Ten. Antônio de Sousa Martins, em Cai na Lama, onde diziam que estava Queirós. Em face dessa pressão, este e outros cabecilhas suspeitos entram em entendimentos, aleivosamente, com Clementino, e acabam prestando, por certo período, serviços à legalidade. (Idem, idem. L. 195. Doc. 9/8/1839).

Chegam a Limoeiro notícias da perda total do destacamento de Veados (Piauí), comandado pelo Cap. Aleixo Vieira de Sá e Ten. Gonçalo Manuel de Freitas, que caiu em poder dos rebeldes, com todo o armamento, sem disparar um tiro. A mesma força que se apoderou de Veados, ameaçava o povoado Manga. Assim se achava a descoberto Jerumenha e até mesmo Oeiras, capital da Província.

Seguiu a toda pressa o chefe das tropas piauienses, em rumo de Manga, defendida pelo Cap. Raimundo Pereira da Silva. Esse posto militar, por sua vez, já estava também em poder dos adversários, e a pequena guarnição que o protegia, conseguiu salvar-se juntando-se a Clementino, de cuja aproximação fogem os **balaios**. Restauram-se os presídios militares expugnados, e o

Digitalizado com CamScanner

comandante das forças do Piauí, já de Veados, anuncia seu regresso ao Maranhão, em busca dos inimigos que eram capitaneados por Francisco Gomes Ferreira e João Alves de Carvalho, concunhado de Mascarenhas.

Já estava a seu lado, ombro a ombro com os governistas, José de Sousa Queirós. Em pouco, em busca de seus primitivos comparsas, novamente desertaria esse caudilho. (Idem, idem. L. 195. Docs. 11/8 e 14/8/1839).

O desastre de Veados abateu o ânimo de muitos e provocou a indignação de outros. Precedeu-lhe um pouco a notícia da queda de Caxias. E já corriam rumores de que Lívio abandonara essa cidade para invadir o Piauí.

O Comandante de Jerumenha, informado de que um grupo de 160 rebeldes defrontava, na margem oposta do Parnaíba, com a povoação de Veados, do Piauí, defendida apenas por pouco mais de 20 praças, despachara imediatamente o Ten. Gonçalo Manuel de Freitas, com 24 homens de reforço, para operar de acordo com o Cap. Aleixo, que já estava naquele posto.

Freitas, logo ao chegar, viu a impossibilidade dum ataque de êxito ao inimigo e entrou em contato com o chefe dos **balaios**. Este chegou a exibir documentações que comprovavam que não trazia ordem para invadir o território piauiense. Havia recíproca má-fé entre as partes. O cabecilha sedicioso exigiu do comandante legalista que apresentasse as instruções que tinha. Este procura obter com urgência, documentos, conforme a necessidade que se lhe deparava, sem tomar as precauções militares que exigia a conjuntura.

Os adversários, que dispunham de canoas, ao sossego da noite, transpõem-se para a margem direita do Parnaíba e, sem que sejam pressentidos, estabelecem o sítio dos governistas.

É dado o alarme às 5 horas da manhã. Freitas procura ainda animar os seus; porém o pânico domina os soldados bisonhos, enquanto seus antagonistas vão ocupando o acampamento e apoderando-se das armas. Em seguida, os chefes piauienses e seus subordinados são embarcados e conduzidos, como prisioneiros, para o território maranhense. Os oficiais conseguiram mais tarde

Digitalizado com CamScanner

sua liberdade e há controvérsia em torno dos recursos de que se utilizaram para esse fim.

Um mês depois, está Freitas prestando serviços à legalidade e faz insinuações a respeito de atitudes desairosas daqueles que outrora veicularam notícias referentes a sua atuação em Veados, de modo irrefletido, talvez inescrupuloso. (Idem, idem. L. 188. Docs. 3/8, 5/8, 9/8, 10/8, 10/8, 10/8 e 10/8/1939. L. 195. Doc. 11/8/1839 e L. 188. Doc. 26(9/1839).

Clementino segue imediatamente para Suçuapara onde concentra sua força, a fim de marchar contra Pastos Bons. Os insurgentes dessa vila desagregam-se. Os homens de cor desconfiam dos brancos que não lhes dão armas, e ainda presumem, estão em conivência com os legalistas. Em face dessa suspeita, os mestiços, que constituíam a massa insurrecional, abandonam Pastos Bons e se dirigem para Mirador, onde se preparam a fim de enfrentar o comandante piauiense. Este faz a limpeza em torno de seu acampamento, surpreendendo grupos de adversários e efetuando prisões, entre as quais a dum cabecilha.

Queixa-se então: "Muito difícil me tem sido chamar à ordem os povos desta Província, alguns por serem verdadeiros amantes do partido **balaiense**, e outros pelo estado de coação em que se acham por ainda não julgarem suficientes as nossas forças ora em ação, todavia algumas pessoas se nos têm reunido e entre elas muitas das de mais consideração deste município". (Idem, idem. 195. Doc. 18/8/1839).

Em seguida, ruma para Pastos Bons, donde fogem precipitadamente os remanescentes dos rebeldes sem tempo de arrebanhar o gado que lhes servia para abastecimento. Entre os prisioneiros com que entrou na vila, vinha o chefe da escolta que assassinara Manuel Holanda, um dos primeiros chacinados pelos rebeldes. A viúva da vítima apresentou-se ao comandante dos legalistas a pedir vingança, em companhia da viúva de Estêvão José Neiva de Sousa, português que também fora trucidado pelos **balaios**.

O povo, em exclamação geral, diz o documento, estava solidário com a solicitação daquelas senhoras, cujos esposos iniquamente haviam sido sacrificados. Com o testemunho da

Digitalizado com CamScanner

população da vila, ávida de represália, mandou Clementino que se conduzisse o capitão da patrulha assassina para defronte da casa de residência do Juiz de Direito. Autorizou então que se lhe aplicassem 150 pranchadas.

Confia o policiamento das redondezas a Egídio da Costa Alvarenga que, à frente de um troço de cavalarianos, efetua várias prisões. Antes de abandonar Pastos Bons, Clementino organiza uma guarnição de 56 praças que ficaria sob o comando de Vicente José de Sousa Dourado e de Antônio Carneiro da Silva e Oliveira, juiz de direito. Essa força deveria ser aumentada, para melhor garantir a paz naquele município.

Rumou, então, para Mirador, onde estavam os verdadeiros rebeldes, os homens de cor, na maioria camponeses, e muitos, filhos desse povoado, donde tinha partido, nessa região do alto **sertão**, o primeiro grito da rebeldia. Fora do povoado, 200 combatentes mal armados se aprestam para atacar de frente os aguerridos legalistas, muito mais numerosos. Há o choque, e são derrotados pelo chefe piauiense. Vinte e tantos foram postos fora de combate. Destes, 12 mortos.

Mirador estava deserta. Diz então Clementino: "Não encontrando na povoação pessoa alguma das que nela residem por se acharem ausentadas com a nossa chegada, havendo antes disso feito embarcar pelo rio abaixo fazendas e outros objetos segundo me constou, ordenei que se incendiasse toda a povoação por ser o abrigo e foco dos malvados, reservando somente mui poucas casas por pertencerem a pessoas reconhecidas amantes da boa ordem". (Idem. idem. L. 195. Doc. 22/8/ 1839. L. 184. Doc. 25/8/1839).

A 24, entrou em Passagem Franca, onde foi recebido, segundo informa, "afavelmente". Aí fixou outra guarnição que teria a mesma finalidade que as anteriores e que ficou sob o comando de Manuel Gomes de Morais Cotrim. Estava S. José dos Matões em poder dos **balaios**. Vai-lhes ao encontro Clementino, e eles fogem. Perseguidos, um tomba morto e três rendem-se como prisioneiros. (Idem, idem. L. 195. Doc. 29/8/1839).

Lívio, em verdade, ameaçava o Piauí. Numerosa malta de **balaios** acaudilhava, e sobre estes já não tinha ascendência. Mesmo

Digitalizado com CamScanner

desgostoso com a orientação seguida pelos rebeldes em Caxias, estava disposto a abandonar a rebelião. Não havia ainda manifestado suas intenções. Antes procurava ocultá-las e intimidar Clementino, a quem dirige carta de S. Miguel (Maranhão). Já se encontrava à frente de mais de mil guerrilheiros, na maioria camponeses que vinham, por toda parte, impondo a orientação que deveria tomar a luta: resistência às autoridades.

Vejamos uma ocorrência que vem patentear essa verdade: Queirós, quando se apresentou a Clementino, recebeu deste autorização para reunir gente a fim de defender a ordem pública. Consegue, dentro em pouco, 80 combatentes que acorrem a seu chamamento. Cientificados do fim para que foram convocados, anunciam que a isso não se prestariam. Estariam dispostos a bater-se contra a legalidade. E Queirós bandeia-se novamente para os **balaios**. Em pouco são 300 e levam o terror a toda parte. (Idem, idem. L. 195. Docs. 29/8 e 30/8/1839).

Lívio, na carta que dirige a Clementino, deixa imprevidentemente transparecer propósitos de fuga. **Concita-o** a um entendimento e diz: "A revolução **bem-te-vi** já não é uma facção, como supõe V. Sa., tem hoje tomado um tom político: o Governo desta Província (Maranhão) assim o entendeu e se acha conosco em negociações de paz; V. Sa. ao conhecimento disto, como nesta ocasião lhe faço ver, dando minha palavra de honra, deve esbarrar sua marcha e eu remeter-lhe-ia disso documentos autênticos, se V. Sa. pudesse afiançar-me a volta deles de que necessariamente preciso para minha defesa".

Se vitoriosos, os princípios por que se batia Lívio seriam legítimos. Queria apenas sustar a marcha triunfal de Clementino, para desvencilhar-se de seus petulantes comandados, que já não lhe obedeciam, e mais facilmente evadir-se. Refere-se à deputação enviada a S. Luís para assentar os fundamentos da paz com o governo provincial. E continua: "E protesto em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II, não consentir que V. Sa. rompa nossas fileiras, sem que esse tratado se decida a vista disso, se V. Sa. tentar vir faz correr com todo o excesso o sangue brasileiro porque os legítimos **bem-te-vis** defensores da lei, do Monarca e de tudo quanto é sagrado, esquecem a morte quando defendem seu direito e a liberdade: eu pelo menos sacrifico-me ao todo em defesa de objetos tão caros e se medirmos nossas forças presentes, a vitória se torna duvidosa". (Idem, idem. L. 195. Doc. 27/8/1839).

Digitalizado com CamScanner

Clementino não dá ouvidos a essas intimidações. Prossegue em suas operações, pois bem compreende o que Lívio queria. Tudo faria para não deixar escapar esse terrível agitador. Inflete sua rota para a beira do Parnaíba, em rumo de S. Antônio, donde deveria marchar para o norte, a fim de obstar a entrada do caudilho em território do Piauí. (Idem, idem L. 195. Doc. 31/8/1839).

Dentro em pouco, era espalhada às mãos cheias, como informa Pereira da Costa, a proclamação dirigida de Caxias aos piauienses, em que os rebeldes diziam que pegavam em armas "para pôr em vigor a nossa lei fundamental" e como repulsa às "repetidas infrações da Constituição, já no recrutamento, já no Tribunal do Júri, nas eleições e deportações".

Lamenta que o Barão se tenha deixado seduzir pelos emigrados maranhenses e tenha consentido que "uma fera, indigno do nome de brasileiro", fosse àquela Província e lá "cometesse incêndios de povoações, roubos, assassinatos, que fazem horror proferi-los, e vós o sabeis".

Desde então, não mais se cansariam de criminar Clementino. Anunciam que virão ao Piauí não como inimigos devastadores, mas como libertadores: "Vamos vos tirar de um jugo, que de há muito sofreis com pesar". Depois de outras considerações, concitam todos a empunhar armas a favor da insurreição: "Nós fazemos justiça ao vosso valor, e nós o conhecemos quando unidos trabalhamos em favor da Independência. Empregai, pois, piauienses, essa coragem de que tantas vezes falamos, e fomos testemunhas, em benefício de vossos irmãos e amigos do Maranhão, e contra os tiranos de vossa província, e de outros que nos quiserem escravizar". (COSTA, Op. cit. p. 246 e 247).

Oeiras deixou-se tomar de apreensões em face da aproximação do caudilho improvisado. E não era para menos, pois Jerumenha também anunciara que Mascarenhas tinha recebido ordens para preparar-se a fim de assumir a presidência da Província. (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 188. Doc. 5/8/1839).

Em Queimadas chegam vários fugitivos de Caxias, trazendo ainda notícias aterrorizadoras. Cotrim e Dourado, os que Clementino deixara com forças no Maranhão, intimidados por

Digitalizado com CamScanner

Queirós, clamavam por socorro e, não muito tardaria, ambos procurariam refúgio no Piauí. Há escaramuças contínuas, em dias consecutivos, em torno de S. Antônio (passagem do Parnaíba), que finalmente cai em poder dos rebeldes, abrindo uma brecha para invasão da bacia oriental do rio confinante.

Clementino já era, porém, o espantalho dos insurgentes. Como vimos, procura-os em S. Antônio que evacuam a sua chegada. Daí, trata de serenar o espírito do Barão: "Não tenha V. Exa. receio que mais duma vez tenho asseverado que enquanto não julgar a salvo a nossa província, não persigo o inimigo que se afasta das margens do Parnaíba". E logo adiante: "No receie V. Exa. essa pequena horda que se forma em minha retaguarda (no Limoeiro) porque deixei força do nosso partido em Pastos Bons e Passagem Franca e além disso consta-me que o Piauilino passou na Manga e vem batendo-os". (Idem, idem. L. 195. Docs. 8/8, 31/8 e 3/9/1839).

Parece havia mesmo tensão nervosa em Oeiras. Tanto assim que, no dia imediato, ainda diz: "Torno a repetir: não receie V. Exa. porque a cambada com que nos batemos não resiste ao nosso impulso, dois piauienses bastam para 20 **bem-te-vis**. Mas informa também: "[...] pretendem invadir o Piauí e fazem cabrestos dos couros das reses que comem só para trazerem um cavalo daí [...] (Idem, idem. L. 195. Doc. 4/9/1839).

Desloca-se Clementino para a Barra do Pombas, tentando aproximar-se de Lívio que foge em rumo do norte, marginando o Parnaíba. O Ten. Borges acompanha o cabecilha pela margem oposta, com 80 praças a fim de estorvar-lhe a passagem para território piauiense. Clamentino ainda não abandonara a Província vizinha. Diz, se bater Lívio até Estanhado, daria um salto a Caxias, já abandonada pelos rebeldes atemorizados, que se furtam a seu encontro, e lá deixaria forças como já o fizera em outros pontos do Maranhão. Seguiria então até a vila de Parnaíba e dali para onde se encontrassem os subvertores da ordem. (Idem, idem. L. 195. Doc. 6/9/1839).

Estes vinham procurando invadir o Piauí, desde S. Antônio, donde foram corridos pelos legalistas. Chega Borges a Matapasto e informa que piquetes de Lívio passaram por Melancias (Piauí), no dia anterior, descendo o rio a toda pressa. Aí houve forte mosquetaria com o destacamento que defendia o porto, e o tenente piauiense diz que marchará até "fazer cara com o inimigo" a fim de derrotá-lo.

Digitalizado com CamScanner

Efetivamente vai no encalço dos adversários, que já estavam em território piauiense, estimulados pelo desejo de estabelecer uma cabeça-de-ponte na margem oriental do Parnaíba. Chega a Melancias, há pouco ocupada pelos **balaios**, que desceram para Riachão, evitando o encontro a todo custo. Às 4 horas da manhã do dia imediato, levanta acampamento, já ouvindo fuzilaria de mosquetes para o norte e, logo em seguida, "sol já fora, vê as praias daquém-rio cobertas de inimigos". Aceita a luta, numa tentativa de salvar o presídio de Riachão que reforçara na manhã anterior. Mas a guarnição que defendia essa passagem já se havia rendido. Dentro em pouco é constrangido a voltar a Melancias. Anuncia a Clementino que os contrários já se haviam apoderado também de Riacho dos Cavalos (atual Davi Caldas), no Piauí e termina: "A mais pequena demora de V. Sa. será prejudicial". (Idem, idem, L. 195. Doc. 8/9/1839).

Clementino, em face dos receios manifestados em Oeiras, já abandonara a terra maranhense, e, com toda a sua força, estava no Pontal do Poti, do lado de Campo Maior, isto é, na margem direita do Poti, defronte da vila do mesmo nome. Daí, toma uma série de providências entre as quais está a que autoriza o comandante de Campo Maior a abandonar a vila, fazendo sua evacuação, se vir que Lívio quer atacá-la e se não tiver recursos para defendê-la. (Idem, idem. L. 195. Doc. 8/9/1839).

Marcha, então, para Melancias, donde chama as barcas que estavam a seu serviço. Pretendia fazer voltar ao Maranhão 500 soldados de sua gente a fim de poder seguir Lívio ao longo do Parnaíba, pelas terras fronteiras.

Estanhado caiu em poder dos rebeldes e Pedro Costa, que o defendia, consegue unir-se a Clementino. Os postos militares, situados da foz do Poti a este último presídio, dos quais uns, expugnados pelos **balaios**, prestaram, entretanto, o grande serviço de impedir a passagem imediata de mais de mil combatentes inimigos que ainda puderam ser acompanhados pelo grosso dos legalistas. (Idem, idem. 195. Doc. 9/9/1839).

Corriam rumores de que Lívio já estava com seus guerrilheiros no Piauí, e já havia comentários em torno do desastre de Matões

Digitalizado com CamScanner

em que foi sacrificado o Ten. Vicente à sanha dos camponeses sublevados. Chegam as barcas a Melancias e Clementino resolve, naquele momento não transferir para o Maranhão nenhum soldado. Apresta-as, entretanto, para a cooperação em combate e vai ao encontro de Lívio em S. Rita, onde, segundo dizem, os partidários deste já ocupavam as duas margens do rio. (Idem, idem. L. 195. Docs. 9/9, 10/9, 10/9 e 12/9/1839).

Os governistas iam deparando, por toda parte, com vestígios de sepulturas frescas, a atestarem que eram verídicas as notícias de que tinha havido sacrifícios de vidas, onde se bateram as tropas contendoras.

Alcança Clementino o povoado Bom Jesus, donde expulsa os adversários, havendo feridos de ambos os lados. Baixa para S. Rita, onde penetra, dispersando os escaramuçadores que se lhe antepunham. Estes fogem e regressam ao porto fronteiro, no Maranhão, onde estava o grosso de seus camaradas ao primeiro contato com os governistas, deixando bagagem, munições, víveres e até mesmo a caixa do comando.

Entram as barcas em ação e são repelidas, canhoneadas e submetidas a castigo de forte mosquetaria, provinda das trincheiras maranhenses. Sustentam o fogo dos antagonistas, que vai até o anoitecer. Não tinham os rebeldes artilheiros, motivo por que perderam seus canhonaços.

Ainda em território piauiense, remanescentes de audaciosos **balaios**, conseguem surpreender a retaguarda de Clementino, causando danos. Depois regressam todos para a banda ocidental.

Desde o dia anterior, tem havido perda, de lado a lado. Correm insistentes boatos a respeito da fuga de Lívio. Cerca de 2.500 guerreiros defrontam-se em campos fronteiros, separados pelo caudaloso Parnaíba. Clementino aguarda a noite para transpô-lo e enviar uma expedição a Estanhado. Já havia, nesse momento, lançado sua proclamação em que concede perdão àqueles que se apresentarem dentro de oito dias: "[...] não vos fieis, proclama ele, não vos fieis nesse Lívio que foi roubar uma província vizinha". Diz que o Maranhão já tem cinco mil baionetas imperiais e que vêm socorros do Ceará, Pernambuco. "O vosso indigno chefe, continua ele, não se anima a resistir-me, foge sempre diante de mim: largai, pois, esse cobarde e vinde gritar comigo: Viva a Religião Católica! Viva a Constituição!".

Digitalizado com CamScanner

Efetivamente fugiu Lívio pelo sertão do Piauí, seguido apenas de seis satélites. Atravessou o rio em Estanhado, persuadindo suas tropas de que ia passar em revista seus piquetes da margem oposta. Queria desvencilhar-se daqueles vis camponeses indisciplinados e audaciosos. Aqueles que o vinham acompanhando, abandonados dessa forma, imediatamente são capitaneados por outros cabecilhas que já se aprestam para enfrentar o chefe legalista. Este expediu, por sua vez, vários destacamentos em perseguição ao fugitivo, com ordem de prendê-lo ou matá-lo.

Mas Lívio evadiu-se duma vez, apesar de ter seguido em seu encalço uma equipe de oficiais, como o Cap. Raimundo Martins de Sousa, Maj. Irineu Gomes Correia, Ten. Antônio de Sousa Martins e Alf. José Francisco Fontes. Mais tarde, vai dar expansão a seu espírito irrequieto em outras plagas. (Idem, idem. L. 163. Doc. 27/9/1839. L. 195. Docs. 6/9, 6/9, 7/9, 8/9, 9/9, 12/9 e 13/9/1839).

O Cap. Francisco Raimundo dos Santos, auxiliado pelo Ajud. Borges e outros oficiais, transportara-se do Piauí ao Maranhão com cerca de 400 soldados. Uma cavalgata de 8 rebeldes inadvertidamente entra em seu acampamento, baralhando-se com as suas praças. Compreendido o equívoco, era tarde para a fuga. Apenas um, espetacularmente, pôde evadir-se sob o alarido da soldadesca alvorotada. Noticiando o fato, diz Clementino que, entre os prisioneiros feitos, havia dois oficiais cujas patentes foram logo "confirmadas" por 150 pranchadas (a ex-pressão é dele). Os documentos também nos esclarecem que uma dessas vítimas foi um Sr. Cap. Trovão, provável nome de guerra do incauto comandante.

Ruivo, Milhomem e outros cabecilhas da insurreição rondam nas circunvizinhanças. O Cap. Cipriano vai juntar-se ao Cap. Francisco Raimundo. Clementino, no dia imediato, ao amanhecer, transporia também o rio para pessoalmente dirigir as operações. (Idem, idem. L. 195. Doc. 13/9/1839).

Os sediciosos não aceitam a luta. Refluem para as matas maranhenses, deixando nas trincheiras oito mortos. Foram apreendidos 22 barris de pólvora, 850 cartuchos, mil e tantas balas, 2 arrobas de chumbo, 2 peças de artilharia, 6 a 7 arrobas de estanho, afora duas e meia caixas de munições e alguns caixões de fazenda. Parece que os rebeldes começaram a abandonar suas

Digitalizado com CamScanner

posições desde o dia anterior, ao transporem o Parnaíba as primeiras tropas legalistas. (Idem, idem. L. 195. Doc. 14/9/1839).

Convergem uns para Morro Agudo, onde estava Balaio, 5 léguas distantes, outros para as matas da Conceição, a pouco mais de duas léguas. Aí vai buscá-los o impávido Clementino, logo ao pisar o solo da província lindeira. Demos a palavra a Esmaragdo de Freitas.

"Desta feita a brigada de Manuel Clementino defrontava antagonistas à altura de sua valentia. Aturando horas e horas, a escaramuça de demônios trigueiros teve lances sublimáveis. O comandante legalista antecipou arrancadas de Andrade Neves, acabando de revelar um tipo inédito de providencial condutor de **capurreiros**, que o seu contato transfigurava.

"Em plena soalheira setembrina o pó da chapada e o fumo da pólvora crepusculizaram o ar. E, através daquele lusco-fusco postiço, o comandante e os oficiais da milícia do governo do Piauí, como esta e seu contra-rancho, obraram prodígios de destemor!

"Afinal, ao cair da tarde, a vitória pendeu para a legalidade, com a debandada dos rebeldes que corriam do campo da luta abandonando mortos e feridos.

"Foi nessa conjuntura que a atenção dos combatentes triunfantes se voltou para o vulto do chefe que se desmontara – e na estupefação, que um pressentimento constante não dirimira, viram muitos deles o corpanzil do homem bem apessoado, que os guiara até ali, baquear, como uma árvore de grande porte, atingida por um raio de magia [...]"[3]

Voltemos agora à documentação de nossos arquivos. Deixemos falar a peça oficial, escrita de S. Rita, por Antônio Mendes, em 14 de setembro, poucas horas depois do combate: "[...] nossa coluna avançou com aquela intrepidez que costuma, e o Major, precipitando-se impetuosamente na vanguarda contra o inimigo, recebeu uma bala acima do umbigo, da qual sucumbiu dentro de meia hora, dando em suas últimas expressões tanta prova de valor como mostrava nos ataques: estendido no chão e com palavras arrancadas da morte, gritava: avancem camaradas, que por morrer um homem, não se abandona a causa: só vos peço que sejais constantes e vingai-me a morte".

"Logo que conheceu que estava ferido mortalmente, chamou o Ten.-Cel. João Rebelo Cardoso e lhe entregou o comando e

Digitalizado com CamScanner

pouco depois morreu. Expirado ele, o Cap. João Batista e o voluntário Leôncio José da Morais o conduziram para este porto onde me acho doente e esta noite seguirá o corpo para a capela de Estanhado". (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 195. Doc. 14/9/1830).

Ficaram os legalistas senhores do campo, em Baixão, na "espessa e feraz mata" da Conceição, onde tiveram dez baixas e "o vácuo que nos deixou o nosso chorado Major". Tiveram os rebeldes 39 baixas entre mortos e feridos. (Idem, idem. L. 195. Doc. 1/10/1839).

Foi sentida a perda de Clementino por toda parte. Da Bahia, do Ceará, do Maranhão chegavam manifestações de pesar pelo desaparecimento do chefe que era olhado pelo denodo que o estimulava, como esperança da restauração da ordem pública. Em todos os recantos das províncias conflagradas, afirmava-se que ele se tornara o temor dos **balaios**, que outrora fugiam a sua aproximação e que agora, após sua morte, segundo o linguajar da época, "criaram maior gás", isto é, eram animados de mais audácia.

Informa João Paulo que se dizia que "o Império havia perdido, nas armas, talvez o melhor de todos, e que o Piauí perdeu o melhor dos homens". (Idem, idem. L. 195. Doc. 25/9/1839).

Em verdade, há exagero nesse conceito que, todavia, encerra algo de verdade. Clementino era incontestavelmente um bravo. Teria sido sem mácula, se houvesse sabido ser generoso. Se assim também houvesse sido, dele diríamos, com referência ao Piauí, o que a simplicidade do Prefeito de Caxias proclamou para o Brasil inteiro.

✓

Notas

[1] COSTA, Pereira da. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí**. 1909, p. 245.

[2] Plutarco. Sólon. 1939, § 25. p. 45.

Digitalizado com CamScanner

3

Estanhado: o comando de Antônio Mendes

A morte de Clementino consternou a popuLação oeirense. E ainda, como conseqüência, o desânimo abateu a tropa que retrocedeu a S. Rita, onde um conselho de oficiais elegeu Antônio de Sousa Mendes comandante em chefe. (Casa Anísio Brito, Arq. Pro. L. 195. Doc. 15/9/1839.

Não tinha o eleito os predicados necessários ao homem que a conjuntura reclamava. Contudo era o mais capaz. Como cidadão, dispunha de belas qualidades. Era incontestavelmente trabalhador e leal. Mas ao militar são imprescindíveis ainda outros atributos. E se tiver qualidades negativas, como a morosidade de ação, jamais poderá ter a capacidade de improvisação indispensável ao êxito da tática. Antônio Mendes era, por vezes, tímido. Sua timidez provavelmente tinha origem no senso de responsabilidade, em seu profundo amor próprio.

Diz Morais Cid que ele "é bravo, subordinado, inteligente, prudente e fiel; é ativo, mas tem pouco desembaraço. Seus serviços durante a luta contra os rebeldes do Maranhão foram de muita consideração, e preencheu dignamente suas comissões". (Idem, idem. L. 189v Doc. 5/5/1841).

Mendes, em virtude do "pouco desembaraço" a que se refere Morais Cid, havia sido anteriormente ferido pela perfídia, ou numa tentativa para amenizar a atitude de seus acusadores, pelo desespero em que se debatiam os legalistas de Caxias. Após a queda dessa

Digitalizado com CamScanner

cidade, dizem estes que Mendes, a quem repetidas vezes pediram auxílio militar e de quem pouco receberam, era conivente com Lívio na ação subversiva.

Não era duvidoso que Lívio propalasse essa cumplicidade, "por maquiavelismo", atribuía o Cap. Cipriano Vieira de Sá, comandante, então, em Queimadas. A circulação do boato não encontrou canais propícios à divulgação, porque era inatacável a honorabilidade do chefe piauiense. (Idem, idem. L. 195. Doc. 8/8/1839).

Dessa vez, substituindo Clementino que fora de inconteste valor militar, iria ser alvo de censuras partidas já do próprio Barão que o criminava, por causa da falta de assistência aos pontos sob sua guarda, bem como, em virtude do saque que o Presidente julga ação vergonhosa e, em verdade, feito pelas tropas legais, em S. Rita, e já sob seu comando. (Idem, idem. L. 164. Docs. 2/10, 7/10 e 11/10/1839).

Agora é Pedro Paulo que também se dirige a ele para causticar-lhe a dubiedade de ação, afirmando que não pode deixar de dizer que ele "descansa muito sobre o que promete". João Paulo também é impiedoso, quando oficia ao Presidente da Província para denunciar a "frouxidão" do Comandante em Chefe, e a este diretamente faz alusão a respeito de sua conivência com os rebeldes. Mendes rebate as torpezas com energia. Dessa vez, o próprio Presidente toma a defesa do sobrinho que procuravam infamar. (Idem, idem. L. 195. Docs. 25/9, 30/9 e 22/10/1839 L. 163. Doc. 18/10/1839).

Contudo fora o escolhido pela oficialidade, a fim de comandar as forças governistas, e num momento difícil em que o desânimo amolentava muitos e uma dolorosa expectativa atormentava todos. Foi eleito pela maioria absoluta dum conselho de oficiais de que participaram os Majs. João Rebelo Cardoso, Sabino Dias Carneiro, Caps. Francisco Raimundo dos Santos, Cipriano Vieira de Sá, João Batista de Sousa Mendes, Tens. José Ferreira de Carvalho, Frederico Guilherme Buttner, Alexandre de Sousa Barbosa, Tomás José Pereira, João Vieira Torres, Antônio José da Cunha, Manuel Fagundes de Sousa, Raimundo José Leal, Alfs. Vítor de Barros e Silva, Pedro da Costa Rabelo, Miguel Luís Gonzaga, Felipe Néris Viana, Tomás Vieira de Sá, Francisco José da Silva Conrado, José Luís de Queirós, Leocádio da Costa Nunes, Domiciano Alves de Carvalho, Ajud. José Maria de Melo e os Coms. José Maurício da Costa Pestana,

Digitalizado com CamScanner

João Paulo Dias Carneiro Júnior e Bartolomeu Nicolau Mazza, este, encarregado das barcas em operações militares. Em seguida, foi Mendes confirmado no comando geral das forças.

Assumindo as funções, dispõe-se logo a atacar os sediciosos, e comunica ao Barão, seis dias após o desfecho de Baixão, que no dia imediato iria castigar o inimigo em Morro Agudo. (Idem, idem. L. 195. Docs. 15/9 e 20/9/1839).

Periclitava a causa legal. Era essa a opinião geral. Os **balaios** exerciam pressão por toda parte. São eles que comandam a campanha.

Dourado atravessou o Parnaíba, em Almas, e, em seguida, seu companheiro de comando, deixando ambos Pastos Bons desamparada. Acompanha-os, em busca do Piauí, Cotrim, que, ruma para Queimadas, desertando de seu posto em Passagem Franca. Com Dourado e seus companheiros, vieram para Jerumenha e outros pontos da Província dezenas de famílias maranhenses. O pior de tudo é que os rebeldes lhes pisam os rastros e o pânico invade toda a região. Abandona o povo a vila piauiense ameaçada. A coisa não ia bem no vale do Gurguéia. (Idem, idem. L. 195. Doc. 23/9/1839). L. 184. Doc. 27/9/1839).

O povoado Manga caiu novamente em poder dos **balaios**. Foi recuperado o presídio, numa refrega em que há perdas de lado a lado, e em que sai ferido o Cap. Martinho Alves da Rocha, que havia regressado um pouco antes de Buritizal, propriedade de Mascarenhas, onde fora espionar as atividades do indigitado conspirador. (Idem, idem. L. 195. Doc. 13/9/1839).

O Barão, não ocultando suas apreensões, diz a Manuel Felizardo de Sousa Melo, Presidente do Maranhão, que de nenhum proveito foi a digressão de Clementino por Pastos Bons, Mirador, Passagem Franca e S. José. Em verdade, de nenhun proveito, porque as forças expedicionárias de S. Luís não chegaram ao teatro das operações. E narrando as últimas ocorrências, lamenta: "Nestes apuros, e conhecendo quanto tem vingado nos ignorantes habitantes destes vastos **sertões** o maldito espírito da discórdia, tenho dado as últimas providências para pôr em armas os habitantes que ainda restam fiéis ao Governo". (Idem, idem. L. 163. Doc. 27/9/1839).

Digitalizado com CamScanner

Nem mesmo a vitória de Bebedor foi bastante para desanuviar o presságio da borrasca iminente. Ao noticiar ao Ministro da Justiça esse sucesso dos legalistas, ainda querendo incutir otimismo, denuncia, entretanto, seus receios, quando afirma, com referência ao Piauí: "nem por isso devemos contar com seu completo sossego interno". (Idem, idem. L. 153. Doc. 25/10/1839).

Certamente; pois nessa época recebia Oeiras notícias de que, em Parnaguá e em Príncipe Imperial (Piauí) poucos atediam ao chamamento para o serviço militar. Era patente o descontentamento geral. Já vimos que, nos outros municípios, inclusive agora S. Gonçalo, que, com a fuga de Cotrim, ficou a descoberto, a situação era caótica, pois não havia organização em parte alguma para sofrear o dissídio manifestado pela plebe que francamente simpatizava com os rebeldes maranhenses.

O Barão, atordoado com a inquietude contagiante de seus comprovincianos, apela para a persuasão, como recurso mais aconselhável, a fim de convenientemente protelar a ação que deveria esmagar de modo decisivo aqueles que tiveram a veleidade de levantar-se contra a ordem legal. Instrui o encarregado do recrutamento em Príncipe Imperial, dizendodo-lhe que "deverá esmerar-se para fazer continuar a paz entre os povos cuja defesa lhe foi confiada, fazendo-lhes ver pelos possíveis meios que nenhum fruto devem esperar de tais comoções e que só respeitando as leis e as autoridades poderão ser felizes". (Idemn, idem. L. 164. Doc. 27/9/14839).

Mais explícito foi para Parnaguá. Aí já procura juntar à persuasão a energia. Respondendo ao ofício de Francisco Cavalcante de Gouveia, subprefeito dessa vila, que participa o espírito de indisciplina da população, indica as necessárias providências a tomar, e procura intimidar, determinando que cumpre "empregar todos os meios brandos e instrutivos para com os mais ignorantes e de boa fé a fim de fazê-los entrar na órbita de seus deveres, fazendo-lhes conhecer que só debaixo da proteção das leis e do atual sistema de Governo poderão obter a felicidade a que todos aspiram, afirmano-lhes mais que nem sempre durará a atual rebelião e que breve deverá cair sobre suas insubordinadas cabeças o rigor da justiça, fazendo prender os que simpatizarem com a rebeldia ou tomando-os a rol para em tempo oportuno serem punidos". (Idem, idem. L. 164. Doc. 24/9/1839)

Digitalizado com CamScanner

O Maj. José Martins de Sousa havia abandonado Parnaguá, donde era prefeito, com os últimos dias de agosto. O depoimento de Gardner leva-nos a crer que sua saída daquela região teve origem no temor que despertava a indisciplina do povo já propenso à subversão. Logo que recebeu ordem para a convocação dos capazes de prestar serviço militar, passou o exercício de sua função ao subprefeito, seu substituto legal. Este hesita em aceitar a incumbência, alegando que "os seus créditos mal dão para suas despesas cotidianas, e se como cidadão sempre foi exato em pagar os seus direitos à Nação já pode, entretanto, fazer acrescidas despesas voluntárias com a mesma". (Idem, idem. L. 188. Doc. 22/8/1839).

A função não era apenas onerosa sob o aspecto econômico, no momento era de difícil execução e sobretudo perigosa. Apesar da relutância manifestada, Gouveia ficou como responsável pelos destinos do município e José Martins desceu para Oeiras.

Em tempos normais, a coisa já era assim. Com referência às Câmaras Municipais, no ano anterior, em sua mensagem à Câmara Legislativa Provincial, informava o Barão: "Seus membros, pela maior parte moradores fora da Capital e das vilas, destituídas de conhecimentos, só procuram escusar-se dos cargos em que foram investidos pela eleição respectiva, alegando quantas moléstias pode sugerir-lhes sua imaginação prevenida, e se não são atendidos, até mudam de residência para diferentes municípios; dificultosamente comparecem nas sessões e quando essas se realizam não satisfazem os seus deveres". (Idem, idem. L. 8. Doc. 1/7/1839).

O interesse dessa gente era a gadaria e essa repletava os campos, bem longe das sedes municipais. Nenhum interesse tinham os fazendeiros pelas prerrogativas dum senado municipal.

Gardner, por causa da revolução não pôde prosseguir viagem em busca do Maranhão como era seu propósito. Infletiu o curso de sua peregrinação em rumo de Parnaguá, perlongando as margens do Gurguéia. Topou com José Martins que vinha em sentido contrário, em Raposa, atual Redenção, 10 léguas ao sul da atual cidade de Bom Jesus. Este lhe informa que no distrito havia 1700 homens capazes de pegar em armas, porém, depois de muitos esforços, conseguiu reunir apenas 22, pois o povo dessa região, acrescenta com despeito, é pior do que selvagem. Tenciona levar

Digitalizado com CamScanner

para Oeiras sua família, mulher e filhos, porque teme que se manifestem desordens, como as do Maranhão.[1]

Desceu José Martins para Tranqueira, sua principal fazenda, donde escreveu ao Barão, seu tio, comunicando que a 16 de agosto fez partir, sob o comando de Raimundo Luís Marreiros de Sá Albuquerque, uma tropa de 22 homens que agrupou com os maiores sacrifícios. Chegando Marreiros a Cajazeiras, soube que havia caído Jerumenha em poder dos rebeldes e voltou, então, pois começaram a desertar seus soldados e, dentro em pouco, eram apenas 12. Aquele boato, que nada tinha de verídico, incitou ainda mais o espírito de insubordinação. O Prefeito de Parnaguá continua a relatar as tendências do povo para a rebelião e diz que os propagandistas, com o fim de atrair prosélitos, incutem na opinião pública que a luta se dirige especialmente contra os maçons. A mesma idéia é recurso de propaganda no Baixo Gurguéia, e por toda parte. Morais Cid também se refere à influência da maçonaria, no parecer que deu no processo de Antônio da Silva Coutinho, um dos que, em torno de Estanhado, manifestava simpatia pelos **balaios**. (Casa Anísio Brito. Arq. Prov. L. 188. Docs. 7/9 e 3/10/1839).

De Tranqueira, segue José Martins para Jerumenha, onde entra com os primeiros refugiados de Pastos Bons e logo após o encontro de Manga, em que foi ferido Martinho Alves da Rocha e a que já nos referimos. Nessa época, em Baixão, morre heroicamente Clementino. Desde então, José Martins é a figura de maior relevo nas lutas do vale do Gurguéia e chega a penetrar em território maranhense, fronteiro àquela região, e inflige pesadas perdas ao inimigo. Daí sai mais tarde para esmagar cruamente os sediciosos de Parnaguá, e alcança a bacia do S. Francisco, na Bahia, em perseguição dos fugitivos.

Em Oeiras e também no acampamento de Estanhado, onde estava o Comandante em Chefe, angustiosas preocupações torturavam o espírito dos que eram responsáveis pela tranqüilidade do Piauí. Mendes protelou o ataque a Morro Agudo e, dentro em pouco, esse projeto já deixava de ser assunto de cogitações. Deliberou mesmo não derivar força alguma para além das margens

Digitalizado com CamScanner

do Parnaíba, em território maranhense, e sua resolução foi aprovada. Em verdade, seria temeridade penetrar no Maranhão, quando o Governo daquela Província cousa alguma fazia no sentido de reprimir o levante no alto sertão. Todo o esforço de Clementino foi anulado pela inépcia de Manuel Felizardo que se limitava a agir em torno da capital. (Idem, idem. L. 164. Doc. 2/10/1839).

Lança Mendes suas vistas para elementos duvidosos que agem em liberdade no Piauí. Solicita insistentemente ao Barão que seja preso Mascarenhas, cujas atividades no vale do Gurguéia são suspeitas, senão mesmo perniciosas. Dessa vez usa de linguajar em que se vêem resquícios de crítica: "Convença-se V. Exa. que a existência de Mascarenhas, no Uruçuí, é um dos maiores males que sofre nossa Província, talvez em pouco tempo se torne bem funesto".

Em Campo Maior, Francisco Gil Castelo Branco, que vinha resmungando censuras contra a política dominante, começava a falar alto. Assim ia criando uma opinião pública favorável a suas idéias. Mendes manda efetuar várias prisões, e, deixando-se tomar de sobressalto, informa para Oeiras que, "apesar da moléstia e velhice de Francisco Gil", também havia dado "ordens de ser ele remetido a essa capital, porque além de sua influência contra o Governo, é insolente. (Idem, idem. L. 195. Docs. 22/9 e 26/9/1839).

Os presos dessa vila interpõem recurso junto ao Barão, que dá liberdade a uns, e a outros, como menagem, a sede municipal. Entre os que foram soltos, estava Joaquim da Costa Araújo, encarcerado por solicitação de Clementino, como suspeito de conivência com Raimundo Gomes que se hospedara com ele, após o combate de Barra do Longá, quando mantivera entendimentos com Lívio. Julga Mendes a informação sem fundamento e opina que se torne sem efeito a punição aplicada. Encontramos, entretanto, com data posterior à libertação de Araújo, correspondência dos rebeldes com ele. Francisco Gil não consegue libertar-se. Fica, entretanto, em Campo Maior, sob custódia, por causa de sua conduta política, conforme diz a portaria presidencial. (Idem, idem. L. 164. Docs. 7/10 e 21/10/1839. L. 192. Doc. 2/4/1840).

O Barão protraiu o quanto pôde a ação contra Mascarenhas. Mandou espioná-lo em vez de mandar prendê-lo. Este, pressentindo o perigo que o ameaçava, fugiu para a Bahia, subindo pelo vale do Gurguéia e por onde passava ia acendendo o facho da rebelião.

Digitalizado com CamScanner

Cai em poder dos legalistas José Alves de Holanda, segundo Mendes, tão influente quanto Lívio, e o Alf. Antônio da Silva Coutinho, este, fazendeiro residente nas cercanias de Estanhado. É espaldeirado Holanda que não resiste à crueldade do castigo. (Idem, idem. L. 195. Doc. 25/9/1839).

Surge em Queimadas um senhor Tatajuba a propalar que a insurreição jamais seria dominada. O rábula é detido e o Barão, ao receber a comunicação, manda que se lhe apliquem "tantas chibatadas quantas possa suportar" e no caso de escapar, que seja conservado em cárcere até segunda ordem. Consegue fugir o expedito Tatajuba antes do terribilíssimo flagelo, a que certamente não resistiria. Evade-se, para cair como falsário (assim se deduz duma relação nominal de presos), nas malhas da polícia, em Poti, donde vai enviado a Oeiras. Contudo, na Capital, vai apenas conduzido à prisão. Tudo nos faz crer que tenha sido esse irrequieto e talvez cínico Tatajuba o promotor da fuga em massa dos encarcerados da cadela pública de Oeiras com os últimos dias de 1839, quando vários foram, então, espingardeados, e muitos conseguiram libertar-se. (Idem, idem. L. 164. Docs. 15/12, 28/12/1839. L. 184. Doc. 20/11/1839).

Mendes apreende correspondência em que se verifica que João da Mata e Lívio, já este, foragido, mantinham entendimentos com pessoas domiciliadas no Longá, preparando o ambiente para a rebelião. (Idem, idem. L. 195. Docs. 28/9, 30/9 e 18/12/1839).

Enquanto isso, procuram os rebeldes expulsar do interior do Maranhão as poucas tropas que ainda representam a legalidade, e já "forcejam", usando a expressão do Comandante em Chefe, para penetrar, não somente nos municípios de Poti e Campo Maior, como também em todo o Piauí, nos municípios lindeiros da região conflagrada do Maranhão que se estendia desde o delta do Parnaíba à "Ilha do Balsas" (região dos campos, de Pastos Bons ao Tocantins), num percurso de mais de 800 quilômetros.

Mendes, não fora atacá-los em Morro Agudo, como projetara; agora viriam, poucos dias após o desastre de Baixão, provocar-lhe as forças acantonadas em S. Rita, duas léguas apenas distante de seu quartel de Comandante em Chefe. Ocupava, então, as duas margens do Parnaíba, em Estanhado. Daí, pelo Maranhão, saiu à frente de 350 homens, para desinfestar de inimigos as circunvizinhanças fronteiras àquele posto militar. Ao defrontar com

Digitalizado com CamScanner

a lagoa da Inhuma, os **balaios**, em guerrilhas, embargam-lhe os passos. Os choques são rápidos, bruscos, impetuosos. Dentro em pouco, é, porém, franqueada a passagem, quase sem perdas. Apenas dois feridos. Logo depois manteria contato, pelo Parnaíba, com seu destacamento de S. Rita, em território piauiense.

Mal acampa, já avistando seus comandados de além rio, foram investidas as duas companhias que deixara na retaguarda, e ao primeiro embate, estes não resistem. Cedem terreno, perdendo parte da bagagem e conduzindo vários feridos. Estavam iniciadas as escaramuças que se alongariam por 4 horas, até o anoitecer. A fúria dos rebeldes é agora reprimida pela mosquetaria dos legalistas. Dentro em pouco, seria também arrefecida por canhonaços inócuos, porque mal dirigidos. Às 6 e meia da tarde, os sediciosos refluem às matas. Apenas dois cadáveres foram deixados, talvez pelo imprevisto do recuo.

Toma Mendes as precauções necessárias e improvisa trincheiras. Dispõe sua força para o combate a fim de evitar surpresa no decorrer da noite. Vê alvorecer sem nenhuma ocorrência importante. Reúne, então, um conselho de oficiais para decidir se deveriam acometer o inimigo, ou regressar a Estanhado pela margem oposta. Por unanimidade decidem voltar ao Piauí.

Os rebeldes, porém, já não aguardavam iniciativa dos governistas; também deliberavam. Às dez horas da manhã, atacam o piquete que ficara de atalaia e dentro em pouco estendem a ação às próprias trincheiras. Os legalistas, bem amparados, enfrentam com vantagem o adversário. Por longas horas, atroou mais uma vez a mosquetaria pelas **barrancas** do rio. O destacamento de S. Rita entrou em atividade. Com artilharia, da margem oriental, alvejava as posições contrárias no Maranhão. Movimenta-se para atravessar o Parnaíba, obedecendo às ordens do Comandante em Chefe. Pressentem os **balaios** a finalidade da manobra.

Já era tarde. Aproximava-se a noite. Antes de serem envolvidos pelas forças que se preparavam para transpor o rio, infiltram-se nas matas adjacentes. No dia imediato, Mendes, com toda sua tropa, estava bivacado em S. Rita e, em seguida, rumava para seu acampamento de Estanhado, onde já era péssimo o estado sanitário. (Idem, idem. L. 195. Docs. 30/9, 1/10/1839).

Digitalizado com CamScanner

Mal chega, já noticia Mendes que os inimigos novamente se aproximam. Dessa vez, era rio abaixo, em rumo de S. Mamede, cinco léguas distante. Partiu ao encontro com 200 soldados, ainda pela margem esquerda do Parnaíba. A uma légua, na barra do Corrente, entrincheirados, aceitam os rebeldes a luta, e suas posições são expugnadas pelo bravo militar. Um pouco mais ao sul, ainda procuram antepor-se-lhe e infligir derrota. Mais uma vez recuam e espalham-se pelas matas próximas. Ocupam os legalistas S. Luís, completamente abandonado e aí pernoitam. Na manhã seguinte, continuam sua marcha para S. Mamede, donde retornam ao Piauí e, em seguida, ao quartel de Estanhado.

Daí reitera Mendes, em diferentes ofícios, dirigidos ao Barão, seu ponto de vista já manifestado, no tempo de Clementino, com referência à invasão do Maranhão, por tropas piauienses: "Não farei mais do que possível, nem tão pouco perderei de vista a segurança de nossos pontos em primeiro lugar". Sob esse aspecto, era dúbia a política do Barão: sucediam-se portarias em ordens e contra-ordens e jamais formou diretivas seguras, à falta da cooperação maranhense. (Idem, idem. L. 195. Docs. 16/10, 24/10/1839. L. 184. Doc. 19/10/1839).

S. Francisco e Queimadas achavam-se também ameaçados. Autoriza o Barão que se evacuem os dois postos militares e, se preciso, até mesmo a próxima vila de S. Gonçalo (Regeneração).

Trabalha, então, para concentrar forças em Oeiras, também visada pelos inimigos, que procuravam invadir Jerumenha. Ordena que sejam arrecadadas quaisquer armas de particulares e que cada fazenda tenha cavalos e vaqueiros à disposição do correto militar. (Idem, idem. L. 164. Docs. 24/9, 25/9, 4/10 e 5/10/1839).

Caxias, que havia sido abandonada pelos rebeldes com a aproximação de Clementino, agora se tornara cobiçada novamente. João Paulo e José Dias Carneiro batem-se como bravos em defesa da cidade. Em suas cercanias Antônio e João Vieira Tôrres castigam o quanto podem os sediciosos. A sorte nem sempre lhes é propícia. Como os Dias Carneiro, são obrigados a refugiar-se no Piauí. (Idem, idem; L. 184. Doc. 5/10/1639).

Digitalizado com CamScanner

Caiu Caxias outra vez em poder dos insurretos que dentro em pouco são senhores de toda a margem esquerda do Parnaíba e vão fazer pressão, como já dissemos, para entrar no Piauí, ao longo desse rio, numa extensa fronteira de mais de 800 quilômetros.

Vitor Barros e Silva, que Mendes enviara com socorro aos maranhenses que lutavam em torno de Caxias, bate-se em Cruzeiro (Maranhão), com um troço inimigo que deixa em campo 11 mortos. As forças piauienses tiveram vários feridos, entre os quais o próprio Comandante, que regressou, então, a S. Antônio, onde, em seguida, chega o Comandante em Chefe para uma rápida inspeção.

Poucos dias depois, os **balaios** aí estão a desafiar aquele oficial. (Idem, idem. L. 184. Docs. 6/11, 18/11/1839. L. 164. Doc. 9/11/1839).

Para defesa de S. Francisco, foi nomeado Francisco da Silva Sobral que assumiu as funções apenas com cinco comandados, e, numa decisão temerária, atravessou o Parnaíba a fim de fazer um reconhecimento. Os rebeldes atacaram-no de modo imprevisto e foi morto, e também seus companheiros. Transferem-se, então, os sediciosos para o Piauí, onde cometem distúrbios, incendiando casas.

Mais tarde, foi comandante, desse presídio, Cândido Lopes de Sousa, genro de Tomé Mendes Vieira.

José Egídio da Costa Alvarenga recebeu incumbências de organizar uma expedição punitiva. Já tudo estava pronto, em S. Francisco, para a marcha, quando se rebelam os soldados e é inutilizado todo seu esforço. A indisciplina já atinge os próprios legalistas, e anunciava o Barão ao Prefeito de S. Gonçalo que os amotinadores receberiam castigo exemplar. (Idem, idem. L. 164. Docs. 28/10, 29/10, 1/11, 27/11/1839).

De Conceição, diz Tomé Mendes que os soldados, ao saber que os adversários se avizinham, desertam, levando armas, munições e, o pior de tudo, também notícias que eram logo transmitidas ao inimigo. E, como de toda parte, também insinua a necessidade "de rigorosos castigos, tanto nos desertores como nos que se têm negado ao chamado da defesa da Pátria".

Em seguida, seu posto foi arremetido por mais de duzentos assaltantes. Os defensores eram apenas quarenta e cinco. Mas

Digitalizado com CamScanner

dentro em pouco fizeram correr os atacantes que deixaram em campo três mortos e, a nado, atravessaram o rio "em desesperação", como dizia aquele bravo comandante. Têm os legalistas 7 feridos e dois mortos, entre estes, o primogênito de Tomé Mendes. Ao comunicar a perda do filho, que morre no cumprimento do dever, é admirável no seu estoicismo. Não deixa transparecer sentimento de dor. Mais tarde reclama que a notícia do recontro seja dada no **Telégrafo**, jornal que se publicava em Oeiras. (Idem, idem. L. 189. Doc. 25/2/1640. L. 187. Docs. 24/11 e 1/12/1839).

Egídio, após o fracasso da expedição a que nos referimos, junta-se a Piauilino, em S. Francisco e, pelo Maranhão, seguem os dois para Queimadas. Ao chegar em Porcos, fere-se rápido embate com os rebeldes que são desbaratados. Três quilômetros além, fazem estes nova investida contra as fileiras dos governistas, e são novamente rechaçados. Nas duas escaramuças, deixam 12 mortos. Têm os legalistas 9 feridos. Conclui-se que não se faziam prisioneiros. Os feridos inimigos eram mortos pelos senhores do campo. Se havia presos eram os que se apresentavam horas depois da luta, prontos a se acolher à sombra dos estandartes vitoriosos, quando já era passado o furor da refrega. (Idem, idem. L. 184. Doc. 17/12/1839).

Já dizia Tácito que "nas guerras civis não se fazem prisioneiros."[2]

No baixo Parnaíba, desde o desastre de Pedro Alexandrino, em Angico, a que já nos referimos, os rebeldes eram senhores de toda a margem esquerda do rio.

Valério Alves de Sousa e outros que, como este, no momento em que a rebelião domina toda a região, haviam aderido aos **balaios**, coagidos pela falta de garantias individuais, agora, na vila de S. Bernardo, num golpe de audácia, animados pela esperança de socorros do Piaui, fazem, a 14 de outubro, a restauração da ordem legal. Ocorre o mesmo, poucos dias depois, em Tutóia, graças a ação de João Nogueira Barata.

Pedro Paulo, comandante das forças de Brejo, refugiado em Beiru, recebe então reforços de Piracuruca e Campo Maior. Ele e Francisco Xavier de Carvalho Moreira, desde muito agiam naquelas

Digitalizado com CamScanner

redondezas, por Sapucaia, Repartição, ora rondando as **barrancas** do rio, para impedir a passagem dos insurretos, ora patrulhando as matas das cercanias, para reprimir as atividades de Pedregulho e seus companheiros.

Em Repartição, pisou território maranhense e, à frente dum troço de piauienses, parte em socorro de Alves de Sousa. Foi grande seu entusiasmo ao defrontar com 750 homens em forma, prontos a cooperar na repressão do movimento insurrecional. (Casa Anísio Brito. Arq. Proc. L. 195. Doc. 22/10/1839. L.185. Doc. 25/10/1839).

Os rebeldes, surpreendidos com a atitude de Valério, movimentam-se em torno e projetam um ataque a suas tropas. Nas imediatas formaturas das forças deste chefe, suas fileiras iam encurtando. Tivera ele o domínio dentro da vila. Mas já no município, na zona rural, bem próxmo, o prestígio era dos sublevados. Isso era por toda parte. Veremos logo mais em Tutóia, a mesma cousa. Areia, subúrbio de Brejo, foi por vezes temível reduto dos **balaios**.

A exaltação de Pedro Paulo cede lugar ao desânimo, talvez mesmo ao desespero, pois chega a censurar e mesmo a praguejar os que o fizeram deixar-se enganar. Entraram em forma apenas 200 e dois dias após seu ingresso na vila. Desiludido e sob a pressão dos adversários, regressa ao Piauí, a Sapucaia, quase fronteira a S. Bernardo, e ocupa as duas margens do Parnaíba. Daí mantém contato diário com as circuvizinhanças, até mésmo Brejo.

Agora intensificava suas atividades. Mandara atacar os sediciosos das matas de Laje e Pinto (Piauí) e preparava-se para empreender uma limpeza rio abaixo, até S. Quitéria, e rio acima, até Boqueirão. (Idem, idem. L. 195. Doc. 28/10/1839l.

Periga a situação legalista em Repartição. Acorre imediatamente. É quando chega socorro, enviado por Mendes, de 150 soldados, sob o comando do Ten. Tomás José Pereira. Sucedem-se as escaramuças nessa região do território maranhense, atingindo até mesmo Brejo.

A expedição que seguiu marginando o rio, pelo Maranhão, em rumo do Norte, foi até Arrodeio e voltou, fazendo a limpeza em todo o trajeto, infligindo derrotas ao inimigos que chegam a perder 30, entre mortos e feridos.

Já a que rumou para o Sul, perlustrando também a margem do rio, foi até Nazaré, onde houve choques com os rebeldes e, à

Digitalizado com CamScanner

falta de munições, retomou ao Piauí, havenda baixas de lado a lado. Uma digressão a Brejo, custou-lhe 12 baixas, e pouco soube com referência às perdas dos antagonistas. (Idem, idem. L.195. Doc. 8/11/1839. L. 185. Doc. 30/11/1839).

Recebe, nessa ocasião, primeira quinzena de desembro, informações oficiais de José Tomás Henriques, comandante de uma coluna que marcha de s. Luís para Brejo. Entra em entendimento com ele para a junção com suas forças e o esmagamento completo dos **balaios** naquele setor. José Tomás bate então os sublevados em Chapadinha que, em parte, ficou reduzida a cinzas.

Em seguida, Pedro Paulo, à frente de 420 combatentes, ataca pela segunda vez, no curto espaço de cinco dias, Areia, que os adversários haviam convertido em acampamento, naquele município, quase no subúrbio da sede municipal, como já informamos. Depois de três horas de tiroteio, apodera-se do povoado em cujas trincheiras encontrou nove mortos dos insurretos que fogem, conduzindo mais do quarenta feridos. Tiveram os legalistas 19 baixas.

Pedro Paulo, como fizera José Tomás em Chapadinha, ateia fogo nas casas do povoado, alegando ser em represália a incêndios feitos na vila próxima, onde se recolhe enfim. Dentro em pouco surgem os inimigos que procuram sitiá-lo. São ainda repelidos. Quando participa a Mendes a vitória que alançou, elogia o Ten. Tomás José Pereira e seus soldados. Participam também deste combate, as forças de José Dias Carneiro (Idem, idem. L. 195 Doc. 12/12/1839).

Enquanto isso, os governistas de Tutóla, depois da restauração, buscam amparo no interior do município. Vêem, entretanto, levantarem-se contra eles camponeses por toda parte. Em face disso, resolvem mandar uma expedição a Carnaubeira, que tomam. Para aí convergem grupos de rebeldes vindos de Enjeitado, Magu, S. Pedro, Tapera, Mariquita, e põem logo em sítio o povoado. Barata manda emissários, em canoa, a Parnaíba, a solicitar auxílio. Miranda Osório envia imediatamente o socorro necessário, e fica aprestando mais recursos, inclusive uma canhoneira, que deveria ir em ajuda de Barata.

Em dias consecutivos, há escaramuças em torno de Carnaubeiras, donde são repelidos os sublevados, que têm 23 mortos e muitos feridos. (Idem, idem. L. 195. Doc. 6/11/1839).

Digitalizado com CamScanner

A expedição que Miranda Osório mandou posteriormente, seguiu, reprimindo sempre os inimigos, incendiando seus acampamentos, desde a beira do rio até S. Agostinho, e pelo centro até Aldeia ou Araiós. Seus adversários têm 15 baixas. Em todos esses choques são mínimas as perdas dos legalistas. É que os **balaios**, no momento, não dispunham de munição bastante. (Idem, idem. L. 185. Docs. 20/11, 5/12/1839. L. 187. Doc. 30/11/1839. L. 195. Doc. 4/12/1839).

Contudo, dentro em pouco, à falta de cooperação da capital maranhense e do contato com as forças de José Tomás, os rebeldes são novamente senhores das sedes municipais que foram restauradas efemeramente. Novo êxodo em rumo do Piauí, uns para Sapucaia, outros para Parnaíba. Muitas famílias de Tutóia buscaram abrigo nas ilhas próximas daquela vila.

Ocorrem dois fatos que estudaremos em pouco e que desviam do Maranhão a atenção das autoridades do Piauí: o sítio de Estanhado e a revolta das forças de Parnaíba. Apesar disso, é nessa vila que, um pouco mais tarde, Miranda Osório e Manuel Antônio da Silva assentam as bases dos Imperiais Voluntários de Tutóia, batalhão provisório que seguiria para aquele município onde firmaria o domínio da legalidade.

Em S. Luís censuram Miranda Osório porque para ali enviava os presos quase sempre nus. E o chefe piauiense, justificando a impossibilidade que havia de vesti-los convenientemente, mostra a inópia dos combatentes, e ironiza: "É lástima que esta cáfila, tendo somente dado-se ao roubo, estão tais como se fossem os roubados". (Idem, idem. L.185 Doc. 5/12/1839).

Ao Barão, queixa-se do Presidente do Maranhão porque não dispensou a assistência necessária às vilas maranhenses restauradas. Logo que foi feita a restauração, enviou a S. Luís uma lancha para levar notícias e solicitar que fossem mandados recursos bastantes para a manutenção da conquista realizada.

Não tendo chegado nenhum auxílio, escreve ao Barão e diz, referindo-se a Manuel Felizardo: "Ele fará o que quiser, certo que é

Digitalizado com CamScanner

a última vez que me dou ao trabalho de dirigir-me a ele a este respeito". (Idem, idem. L. 195. Doc. 6/11/1839).

O Barão, desde muito, já não manifestava simples ressentimentos em face da inércia dessa autoridade; do queixume passaria às censuras. A começo, junto aos comandantes piauienses e, mais tarde, aos maranhenses, aos presidentes das províncias vizinhas, aos ministros de Estado. Para toda parte denuncia a inépcia do Presidente do Maranhão. Não trepida em insinuar a conivência deste com os rebeldes. Nisso, não estava só. Muitos pensavam como ele, embora injustamente. João Francisco Lisboa teve que defender-se das mesmas acusações.

Quando Caxias cai pela segunda vez em poder dos **balaios**, o Presidente da Província do Piauí baixa portaria que autoriza Antônio Mendes a ir "em socorro dos pontos infestados, pois que não é possível esperar-se mais pelas morosas forças do Maranhão, quando os infelizes caxienses e outros sofrem os últimos arrancos de semelhante cáfila". (Idem, idem. L. 164. Doc. 18/10/1839).

Daí, a co-participação de Vitor na luta, em torno de Caxias, especialmente em Cruzeiro, a que já nos referimos em linhas atrás. Mendes, porém, não estava para isso e continuava a dizer que jamais perderia de vista nossa segurança em primeiro lugar.

Em verdade, o Piauí não podia invadir o Maranhão, num movimento de grande envergadura. Tinha que ser como vinha sendo: pequenas incursões que teriam sempre como base à margem do Parnaíba.

O Barão, logo depois da segunda queda de Caxias, leva seus ressentimentos a Manuel Felizardo. (Idem, idem. L. 163. Doc. 19/10/1839).

Nesse mesmo dia, queixa-se do Maranhão ao Presidente do Ceará e logo em seguida ao da Bahia. (Idem, idem. L. 163. Docs. 19/10 e 31/10/1839).

Ao juiz de Direito de Sento Sé diz, pouco depois, narrando as ocorrências da insurreição: "São essas as nossas circunstâncias bem tristes na verdade para um povo que se levantou para apagar a chama na casa daquele que parece dormir ao som das armas." (Idem, idem. L. 163. Doc. 4/11/1839).

E novamente ao Presidente do Ceará, a 12 de novembro: "já não sei que juízo faça do Exmo. Sr. Felizardo, de quem desde 26 de julho nenhuma notícia tenho, nem das tropas do Maranhão." E

Digitalizado com CamScanner

prosseguia: "O povo desta e da rebelada província por uníssone voz clama que o Presidente do Maranhão é conivente, e eu já não o posso desculpar ao menos pela sua falta de correspondência comigo". (Idem, idem. L. 163. Dcc; 12/11/1839.

Dentro em pouco receberia de Manuel Felizardo ofício em que informava que em meado de junho, 700 homens tiveram ordem de salvar Caxias; mas, com a notícia de que os rebeldes iam atacar S. Luís, foram chamados com urgência para proteger a Capital. Vejamos um tópico do ofício que ele dirigiu ao Barão e que foi recebido com os primeiros dias de dezembro: "O terror que então se espalhou crescia a ponto de se tornar quase impossível a defesa, e necessariamente a população imensa que aqui há se sublevaria e talvez que então a rebelião se tornasse indomável. O regresso da brigada se tornou então de urgentíssima necessidade e com ela batemos no dia 9 de agosto os facciosos de Icatu, e sucessivamente os que descendo de Caxias invadiram as circunvizinhanças de Iguará." (Idem, idem. L. 187. Doc. 29/19/1839).

Opânico foi, em verdade, tamanho, que Felizardo, segundo nos informa Amaral, chegou a mandar desmontar e encravar a artilharia das fortalezas de S. Antônio da Barra e Baluarte, no temor de que os **balaios** se utilizassem desses fortes para bombardear S. Luís (AMARAL. **Apontamentos**. Vol. I. p. 42 e 44).

Responde o Barão a Felizardo e fala nos boatos de conivência. E, em seguida, retorna ao Presidente da Bahia: "já não posso contar com as Forças Expedicionárias da Capital do Maranhão, porque ou quem dirige não tem o mesmo empenho que eu em suplantar a anarquia ou (o que me custa acreditar, mas que se tem divulgado) coniventes com os salteadores deixam-lhes a liberdade de assaltar toda a Província, e ociosos dormem nas margens do Itapecuru-Mirim." (Casa Anísio Brito, Arq. Pro. L. 163. Doc. 11/12/1839).

E no mesmo dia, ao próprio Ministro da Justiça, refere-se à falta do dinheiro, munições e também à "indolência das forças do Maranhão", "aquarteladas a 6 para 7 meses nas margens do Itapecuru-Mirim". (Idem, idem. L. 163 . Doc. 11/12/1839)

Em tudo isso, vê-se o senso de responsabilidade a dominar o Barão, mas também aflora em seu espírito o propósito de ganhar prestígio com a desídia do Presidente do Maranhão.

Como vimos, foram as tropas piauienses que infligiram a primeira derrota aos rebeldes.

Digitalizado com CamScanner

Após a vitória alcançada em Barra do Longá, repetidas vezes oficiara o Barão a Felizardo, informara-o do que vinha fazendo para jugulação do movimento, e oferecera o concurso do Piauí, cuja ação tornar-se-ia notória desde os primeiros dias da luta. Mantivera essa correspondência com assiduidade, desde então, embora sem a reciprocidade que pedia.

Não era somente a ministros e presidentes de província que fazia aquelas acusações contra o Presidente da Província conflagrada. A este também se dirige no mesmo tom de censura, com a mesma franqueza com que o denunciava às outras autoridades.

Em ofício de 31 de agosto de 1839, depois de relatar o esforço que fizera Antônio Mendes para comunicar-se com o Maj. Falcão, que marchava, à frente de uma coluna, para Caxias, e regressara de Camaubal a S. Luís, lamenta a falta de entendimentos entre os comandantes militares das duas províncias e diz que julga de inteira necessidade que seja comunicada com a possível brevidade a direção que tem sido dada às forças do Maranhão, para seu governo, e saber dirigir-se nas providências que deve dar "a fim de pôr-se termo à revolução sem cujo êxito não pode o Piauí largar as armas".

"V. Exa., portanto, dar-me-á quanto antes as suas ordens, certo de que sem um plano concertado de marcharem a um mesmo tempo tropas daí e daqui para combinadamente acossar-se o inimigo por uma e outra parte, será tardonho o seu acabamento pois o inverno já próximo a principiar apresenta dificuldades de toda consideração". (Idem, idem, L. 163. Doc. 31/8/1839).

A 27 de setembro, volta a manifestar seu pesar pela falta de conjugação de esforços para salvar Caxias e esmagar em tempo oportuno a rebelião. "Os rebeldes atacados pelas armas do Maranhão e Piauí quando se entretinham com o roubo daquela infeliz cidade, não teriam tempo de se disseminarem pelos vastos **sertões** dessa, e audaciosos tentarem invadir esta Província: mas isto é hoje irremediável".

"Enfim, sem que V. Exa. expeça consideráveis forças, que estabeleçam fixos destacamentos em Caxias, Pastos Bons e Brejo, além da que deve perseguir os espalhados grupos, bem tarde teremos de ver restabelecida a paz [...]"

"Releva dizer a V. Exa. que de envolta com as contínuas falsidades que diariamente invadem esta Capital e Província, como

Digitalizado com CamScanner

já acima disse, apareceram inúmeras cópias de uma carta escrita por João Francisco Lisboa, dessa cidade a alguém de Caxias (pelo que se diz a José Joaquim da Silveira) a qual de algum modo dá calor aos rebeldes por convidá-los quase em nome de V. Exa. a estabelecerem negociações de paz, quando deveram ter sido batidos com vigor [...]

"V. Exa. pois deve ter já conhecido que mão oculta insufla tais desordeiros (mais tarde diria isso Domingos Magalhães em seu depoimento), e sob seus mais descobertos colaboradores, terá feito cair a espada da justiça como é de se esperar de seu zelo pelo bem público". (Idem, idem. L. 163. Doc. 27/9/1839).

Em ofício de 19 de outubro, fala inipiedosamente a Felizardo. Depois de referir-se à segunda queda de Caxias em poder dos rebeldes, diz:

"Esta notícia que me veio das fronteiras, confirmou o que eu já previa. Não esperar por este sucesso quando se conhece a malvadez deste Chefe, o estado em que se acham as forças desta Província cansadas de lutar sem fruto, porque tem-no feito só, e um terço delas sofrendo terríveis moléstias, e a quase nulidade das tropas dessa Província, é não ver mais do que o que se acha sob os olhos".

"As únicas notícias que tenho das tropas dessa Capital, e que no dia 3 de setembro, proclamava seu Chefe, de Itapecuru-Mirim, em vez de atacar tão bárbaros ladrões que não lêem proclamações, nem delas se importam se lhes não trazem dinheiro".

"Rogo, pois a V. Exa. digne-se fazer marchar com a celeridade possível as referidas tropas, e estabelecer os destacamentos nos pontos que lembrei, porque doutra arte teremos de ver prolongar-se uma revolta que há tanto tempo pudera estar extinta".

"Bem quisera que esta Província pudesse armar e pôr em campo as necessárias praças para guarnecer um litoral de mais de 200 léguas e tê-las de sobresselente para atacar o inimigo em qualquer posição porque já o teria feito e talvez livrado aos infelizes maranhenses de tantas neqüícias, porém não tendo esta fortuna, resignei-me às circunstâncias e tratei de guarnecer as fronteiras, depois de haver as nossas baionetas divagado por aqueles sertões, enquanto esperavam pelas dessa Capital, para a um só tempo acometer os embrenhados facciosos.

"Não obstante, porém, ontem ordenei ao Comandante da Coluna do Norte que seguisse sobre o inimigo com as praças que

Digitalizado com CamScanner

pudessem suportar a marcha, que talvez não cheguem a 400, visto não haver chegado o Ten.-Cel. Fraiicisco Sérgio, e clamarem os opressos por algum auxílio, sacrificando deste modo os soldados desta Província à fúria de inumeráveis facciosos." (Idem, idem. L. 163. Doc. 19/10/1839).

Em ofício de dezembro, lamenta ainda o retardamento nas correspondências, refere-se também à conivência com os rebeldes ou nímia frouxidão" como causa da demora da "tão suspirada chegada das Forças Legais na Cidade de Caxias."

"Julgo tão importante a presença de destacamentos fortes nos três pontos dessa Província de que tenho falado a V. Exa., que quando por circunstâncias seja impossível a V. Exa. postá-los com brevidade, apesar da pequenez de nossas forças, obrigo-me a fazer guarnecer um deles, e para isso só aguardo as determinações de V. Exa." (Idem, idem. L. 163. Doc. 5/12/1839)

Repisa ainda a falta de correspondência: "[...] e reitero o pedido que a V. Exa. fiz de ordenar aos Comandantes de suas Forças que correspondam-se com os das minhas, porque doutra sorte (como até agora tem sido), muito embaraçados serão nossos movimentos". (Idem, idem. L. 163. Doc. 5/12/1839).

Incontestavelmente eram falsos os boatos de conivência. A "nímia frouxidão" talvez fosse exagero. O que não se pode negar, entretanto, é a excessiva precaução com que marchavam os legalistas de S. Luís, enquanto essa Capital, sem motivo justo, atordoava-se com o pânico.

Vimos a trajetória irresistível de Manuel Clementino, a cuja aproximação fugiam os rebeldes. Se outro tanto houvessem feito Falcão, Sérgio, Emiliano, José Tomás, Favila, chefes de forças maranhenses, encontrariam por toda parte valiosos elementos de apoio. Os Dias Carneiro, os Vieira Torres, os Alves de Sousa, os Barata, os Diogo Lopes, os Morais Rego, desamparados pelo Governo, bateram-se como heróis, em defesa da ordem.

Sentinelas vigilantes como estes bravos estariam presentes a toda hora e em qualquer lugar aonde chegassem os representantes da legalidade.

Digitalizado com CamScanner

Apesar de militar, Felizardo tinha mais pendor para a vida sedentária de gabinete que para a vida movimentada de campanha. Preferia a emoção dos enredos políticos à do fragor das batalhas. Foi presidente de várias províncias, deputado, senador, ministro repetidas vezes, finalmente conselheiro de Estado. Veio da presidência do Ceará para a do Maranhão. A maioridade surpreendeu-o na de Alagoas. Apesar de pertencer à oligarquia Saquarema de que foi instrumento, escapou à vassourada de Antônio Carlos, em virtude de suas relações pessoais com Aureliano, figura pinacular do cenário político do momento. Sua administração em Alagoas, que o fez deputado ao lado de Sinimbu, Vieira Perdigão, Tavares Bastos, recebeu deste tremendas acusações, porque patrocinou ele as violências e fraudes eleitorais que o levaram à Assembléia Geral.

Como Presidente de Pernambuco, no curto espaço de 36 dias, quando era pequeno o corpo de funcionários, assinou mais de 300 demissões.

Em fins de 1848, foi o escolhido para senador, duma lista tríplice em que figuraram Montezuma e Paulino de Sousa, respectivamente futuros viscondes de Jequitinhonha e de Uruguai. Co-participou de vários ministérios e foi enfim nomeado para o Conselho de Estado.

Quando Ministro da Agricultura, em 1861, faz-lhe Otôni na Câmara dos Deputados terríveis censuras de que se não pôde defender. Logo em seguida, quando Ministro de Guerra, Otôni ainda na Câmara, volta à carga, em face da questão do Mucuri, e moteja, causticando-lhe a sensibilidade, deblaterando que foi ele "o homem que a si próprio se despachou general, sem ter jurado bandeira, nem pertencer ao Exército por qualquer título". Como Tavares Bastos, denuncia também na imprensa os estigmas do político que se não libertou dos interesses partidários, quanto mais dos interesses pessoais. "O homem que, há vinte anos, ri cinicamente em respostas às mais graves acusações que pesam sobre sua cabeça, e que se repetem em todas as administrações, nas quais o país tem tido a desgraça de ver S. Exa.".

Acomodatício, sabia adaptar-se convenientemente a quaisquer circunstâncias. Acomodatício, porque, egoísta: era tolerante como no Maranhão, inclemente como em Pernambuco, conforme os augúrios de seus interesses momentâneos. Tinha

Digitalizado com CamScanner

qualidades negativas como estadista. Mas tinha as necessárias para vencer os embates políticos. Não chegou a libertar-se de suas paixões pessoais a fim de trabalhar para a colmeia a que pertencia, quanto mais para trabalhar como legítimo homem de Estado que a tudo superpõe os interesses da nação."

No mesmo ofício em que o Barão faz referência à "indolência das forças maranhenses", solicita ao Ministro da Justiça os recursos para debelar a insurreição e fala nas circunstâncias especiais da luta nessa região do país. Diz que a guerra com os camponeses não é de **sistema** e se desenrola com características próprias. Procura, com argumentos, mostrar que a situação do Piauí exige uma atenção inteiramente especial: "Bem conheço que a Província do Rio Grande absorve em si a maior parte dos recursos de que pôde dispor o Governo; mas além de que a guerra naquela Província parece ter tomado um aspecto mais lisonjeiro à causa da ordem, é ela uma guerra de sistema, e não assim a com que lutamos por ser feita por bárbaros salteadores e assassinos que muita simpatia encontram nos inumeráveis proletários que povoam o Brasil, e que a não serem prontamente batidos, ameaçam a existência das outras províncias, visto não haver mais nas fileiras dos rebeldes senão homens de cor que consagram eterno ódio aos brancos." (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 153. Doc. 11/12/1839).

A lamuriar, dizia também Antônio Mendes ao Barão, em ofício que nos serve de base para estudar o momento crítico de sua posição em Estanhado, que os **balaios** não aceitavam a luta, fugiam para, de tocaia, aparecer de novo e melhor ferir: "É tal o sistema de guerra desses ladrões, que nunca as nossas forças puderam vê-los e eram recebidas com fogo em todas as picadas de dentro das matas [...], e sendo perseguidos fogem desesperadamente [...] e logo depois voltam a seus postos". E confessa num desespero. "Eu não tenho forças para tpmar as estradas: bato-os, porém eles voltam. E quem me assevera que nestes termos eles não me reduzirão ao apuro". (Idem, idem. L. 153. Doc. 11/12/1838. L. Doc. 15/12/1839).

Isso faz lembrar os ingleses na África do Sul. Os bôeres escondiam-se, não aceitavam a luta com os soldados de Lord Kitchiner, para de surpresa, quase sem perdas, cair sobre eles, dizimá-los à vontade. "Mas como tratar com um inimigo que se recusa a bater-se segundo os métodos reconhecidos pelas campanhas civilizadas?[...]" E Lord Roseberry, de quem dizia Rui

Digitalizado com CamScanner

que, quando fora ministro, o radicalismo inglês sentia-se dignificado pela honra de contá-lo no ministério que o representava, por causa de sua cultura de tanta reputação quanto a de John Morley e William Harcourt, companheiros de govemo, comentando a frágil defesa, informava "que palavras iguais foram ditas pelos velhos generais austríacos sobre o jovem Napoleão, quando este os batia na Itália". Aqueles generais absolviam-se de seus desastres, com essa confissão: "Sem dúvida alguma, ele ganhou a batalha, mas foi contra as regras de guerra".[4]

Informara ainda Antônio Mendes que "toda a plebe e um grande número de proprietários, sem nenhum princípio de conhecimento", "nos atraiçoa". E suplica, xingando, numa clamorosa injustiça: "Requisite V. Exa. forças do Ceará, Bahia, Pajeú de Flores, que são menores as despesas de sua vinda, estada e volta do que os males que sofremos de brutos encanecidos no roubo, no estrago, no assassínio e mais que tudo, na desonra: isto convém evitar a todo custo". E finalmente, desalentado: "Já me repugna falar nas tropas do Maranhão". (Casa Anísio Brito. Arq. Prov. L. 195. Doc. 15/12/1839).

Quão enganado estava Mendes com os soldados vindos de outras províncias. Ele ainda não sabia, mas Parnaíba já havia sido emocionada pelo motim promovido pela força cearense que logo ao chegar ao Piauí, acompanhou Miranda Osório na inspeção a Beiru, Campo Maior e Piracuruca. Já nessa ocasião, o Prefeito de Pamaíba noticiava que suas praças eram insubordinadas e manifestavam o "espírito de aderência" aos rebeldes. (Idem, idem. L. 185. Doc. 6/6/1839).

Todavia, com a sua cooperação, nessa incursão de cerca de dois meses, alcançou as vitórias de Beiru e das matas de Campo Maior. Em seguida, já sob o comando de Joaquim Ribeiro, auxiliam a liberar Frecheiras e a esmagar, em Bebedor, os amotinados de Pedro Celestino e Pedro da Costa Bezerra. Sempre indisciplinadas e "inclinadas ao alheio", conforme o testemunho de Miranda Osório, quando co-participaram da expedição ao Maranhão, seguiram para Mariquita embriagadas, **coberta de impropérios**. "Essa expedição, diz o depoente, que não deixarei de chamar –

Digitalizado com CamScanner

Vergonhosa – foi mais votada ao roubo que à perseguição do inimigo".

Já em Parnaíba corriam boatos de que premeditavam uma sublevação, porque não estavam sendo pagas as etapas, com pontualidade. Não mui tardou, capitaneadas por dois sargentos, rebelaram-se. Seus propósitos eram forçar o pagamento das etapas, ou unidas a cerca de oitenta presos que libertariam, saquear a vila.

Miranda Osório ainda faz apelo à persuasão. São debalde suas tentativas. Mas tiveram a virtude de protelar a ação dos sediciosos e permitir que se organizasse a defesa. Não é duvidoso que fosse esse o principal objetivo dos entendimentos. Convoca o chefe legalista as forças de mar. O Ten. Aníbal Boldts desembarca, à frente de seus marinheiros. Apresentam-se todos para a luta. Colocam os governistas peças de artilharia em pontos estratégicos. Estão dispostos a bombardear o quartel ocupado pelos amotinados. Criam estes na vitória. Tanto assim que são eles que têm iniciativa no ataque. Em menos de uma hora são, entretanto, dominados. Houve perdas de lado a lado. Mas estava salvo o princípio de autoridade. (Idem, idem, L. 185. Docs. 14/12 e 15/12/1839).

O Barão, ao saber da quartelada e de seu desfecho, autoriza que sejam enviadas para o Ceará as praças que se rebelaram. Mas Miranda Osório, àquelas horas, já havia aplicado 200 pranchadas em cada uma e enviou-as para o Maranhão, onde poderiam continuar a servir à causa legalista ou ser embarcadas para o Sul, a fim de lutar contra os farroupilhas. (Idem, idem. L. 164. Docs. 30/12/1839, L. 185. Dou. 16/12/1839).

Embora esses fatos não tenham tido graves conseqüências, vieram, todavia, enfraquecer momentaneamente a capacidade de luta das forças legalistas nessa região. E maior depressão experimentariam estas, quando Mendes se deixa sitiar em Estanhado, onde tinha seu quartel de Comandante-em-Chefe da Coluna do Norte.

Célere espalha-se a notícia, levando o pânico até mesmo às longínquas margens do Mocha, onde Oeiras já vivia momentos de extenuante emoção. As medidas tomadas pelo Barão bem traduzem as apreensões que o dominavam: expediu ordens em todos os rumos para que fossem enviados urgentes socorros.

Digitalizado com CamScanner

Poucos obedeceram. Contingências geográficas invalidariam o auxílio autorizado e, mesmo, conveniências militares aconselhavam que não fossem executadas as portarias presidenciais. Sem meios de locomoção para deslocar com presteza as tropas em operações, melhor seria esperar que Estanhado fosse acudido por Campo Maior e Poti, como efetivamente aconteceu. Seria também erro abandonar aos rebeldes toda a margem do Parnaíba na região do sul, para salvar a coluna do Norte, cujo perigo não fora bem definido pelas notícias chegadas.

Um pouco antes, já havia informado Antônio Mendes, logo após regressar de S. Antônio, aonde fora em inspeção, que os sublevados atravessaram o rio nas proximidades de seu acampamento, e pegavam gado para abastecimento do Maranhão. Não os surpreende "porque as próprias mulheres e crianças, únicas pessoas que por ali existem, são seus mais prontos telégrafos".

E ainda era péssimo o estado sanitário das tropas. As feridas, os distúrbios gástricos, a sezão de que era vítima o próprio comandante, causavam mais danos que os guerrilheiros adversários. Estavam acamados mais de 200 combatentes, e, entre esses, vários oficiais. Com o inverno, que já havia começado, as cousas pioraram. E também já havia os sabotadores. Nessa ocasião, foram presos dois soldados, um porque enviava notícias aos **balaios**, e outro porque aproveitava o momento dos combates para inutilizar munições, atirando a esmo. Esses fatos foram registrados alhures e repetidas vezes (Idem, idem, L. 195. Doc. 30/11/1839).

Vinha Mendes também se queixando dos **longaristas** (assim apelidava ele os moradores da bacia do rio Longá). Diz que todos são **bem-te-vis** e, se soldados de suas fileiras, diariamente desertam. As deserções enfraqueciam a força, sobretudo sob o aspecto moral. E ainda, os desertores quase sempre fugiam, levando armas e munições. Não confiava senão nos oeirenses. Desde a fuga de Lívio, de vez em quando, apareciam rebeldes maranhenses em território do Piauí, nas proximidades do seu acampamento, ora na beira do rio.

Agora, em começo de dezembro, mostram-se, com mais freqüência, nas matas do Prata, que marginam, em parte, a estrada de Campo Maior. Assim, foram enviadas 40 praças, a fim de proceder a um reconhecimento. Volta atrás o piquete, depois de cerrado tiroteio em que ficam mortos e feridos, de lado a lado.

Digitalizado com CamScanner

Apresta o comandante nova expedição mais volumosa e mais bem aparelhada. Em menos de quatro dias, há seis choques em que os **balaios**, rápidos, fugazes, desfecham seus ataques bruscos, aturdidores. Embrenhados, agem, como demônios. Ferem e fogem, pelo intricado das veredas insidiosas.

Entrementes, foi enviado outro contingente para atacá-los, ainda na estrada de Campo Maior, entre Soledade e Tabuleiro, três léguas distante. Em pouco, os legalistas são obrigados a regressar, trazendo mortos e feridos, entre esses, o Alf. Miguel Luís Gonzaga e os Tens. Frederico Guilherme Buttner e Lucindo Rodrigues Coelho. (Idem, idem. L. Doc. 15/12/1839).

As cousas iam ficando feias. As estradas estavam tapadas por esses sertanejos audaciosos e ignorantes que teimavam em resistir aos poderes constituídos, sem saber, entretanto, dizer o que queriam. Mas o sítio já estava feito. Os atalhos já estavam ocupados por negociadores ardilosos. E já faltavam mantimentos em Estanhado, onde a fome agourentamente começava a rondar.

Conseguiu Antônio Mendes, não sabemos como, manter ligações com o Poti para levar a efeito um ataque conjugado contra os rebeldes em Unha-de-Gato, e abrir uma brecha por onde pudessem entrar o gado e os cereais necessários à manutenção do acampamento. Para essa missão, foi escalado o Ten. Antônio de Sousa Martins que, nos dias anteriores, enfrentara os adversários.

Na manhã de 22, tem novo contato com os inimigos. Fere-se o combate e Martins sabe que luta só, porque não se faz sentir a cooperação de Poti. Apesar dessa falta, consegue atravessar o trecho de matas e vem bivacar em São Pedro, conduzindo onze feridos. Aí se encontra com as forças de Poti, e com o Alf. Silvestre José S. Castelo Branco, comandante de Campo Maior, que vinha em seu socorro trazendo ainda gado e cereais. Os três contingentes seguiram juntos para Estanhado e sustentaram ainda dois fogos com os sublevados que os atacaram de guerrilhas, nas passagens em que o matagal era espesso, tentando interceptar-lhes a marcha. Dentro em pouco, Estanhado tem o que comer. Apelidaram cerco esse episódio.

Antônio Mendes tomou, então, a resolução de ocupar militarmente São Pedro, localizado na saída da mata, para facilitar o acesso a seu acampamento. Dia de Natal, regressa Silvestre a Campo Maior, e com ele vem forte destacamento sob o comando

Digitalizado com CamScanner

do Ten-Cel João Rebelo Cardoso que se fixa naquele povoado. Estava, pois quebrado o sítio. (Idem, idem. L.195. Doc. 22/12/1839. L. 195 E. Doc. 3/1/1840).

Mas os rebeldes, escondidos nas matas, espiavam as estradas, para, em momentos oportunos, desfechar seus golpes de **tocaia** a que eram afeitos. Duas forças retardatárias ainda marchavam em auxílio de Mendes: a enviada por Pedro Paulo e a conduzida por Roberto Vieira Passos, comandante de Piracuruca. Este alcançou Boa Vista na tarde de três de janeiro. Aí pernoitou. Pela madrugada do dia imediato, foi atacado pelos **balaios** e o fogo prolongou-se pelo dia adentro. Coincide chegar nesse povoado a tropa de Pedro Paulo, sob o comando do Ten. Vítor Renée. Entra imediatamente em ação em defesa da legalidade. Em seguida, vêm socorros de S. Pedro, já ocupada por contingente de Estanhado, como vimos.

Os insurgentes, batidos por todos os lados, são rechaçados e refugiam-se nas matas, deixando em campo 14 mortos. Os legalistas perderam um soldado e têm mais de vinte feridos. (Idem, idem. L. 195 E. Doc. 7/1/1840).

Em Boa Vista ficou um destacamento de 30 praças, sob o comando de José da Costa Portela, que viera de Piracurura, com Vieira Passos.

Morais Cid, que passaria a ser o Comandante em chefe das Forças Piauienses, alcançou a zona conflagrada. A 5 de janeiro, baixa uma ordem-do-dia, em que elogia os que se distinguiram em Boa Vista, e entre esses estavam o Ten.-Cel. João Rebelo Cardoso, Cap. Portela, Ten. Renée. (Idem, idem. L. 195 C. Doc. 9/1/1840).

As mais tristes páginas de nossa história começam a ser escritas com o desenrolar dos fatos em Curimatá e Egito, pontos indispensáveis aos **balaios**, especialmente para o suprimento de gado às tropas que operavam no Maranhão. É o que estudaremos no capítulo seguinte.

Digitalizado com CamScanner

Notas

[1] GARDNER. **Viagem ao Brasil**. p. 238.

[2] TÁCITO. **Histórias**. Vol. II. 1937, p. 133.

[3] CHAVES, Paulo Pinheiro. **Teófilo Otôni**. 1. ed. p. 224, 246 a 250 e 321. SOUSA, José Antônio Soares de. **A Vida do Visconde do Uruguai**. 1944, p. 109. NABUCO, Joaquim. **Um Estadista do Império**. Vol. I. 1936., p. 57. COSTA, Craveiro. **O Visconde de Sinimbu**. 1937. Cap. IV.

[4] BARBOSA, Rui. **Cartas do Inglaterra**. 1929, p. 173. MAUROIS, André. **Eduardo VII**. p. 105,106.

Digitalizado com CamScanner

4

Curimatá e Egito

Com a queda de Caxias e Pastos Bons, que ficaram em poder dos rebeldes, compreendeu o Barão que o movimento insurrecional tomava caráter bastante sério. Já nesse momento, como vimos, estava convulsionado o norte do Piauí. Grupos armados percorriam os municípios de Parnaíba, Piracuruca e Campo Maior, concitando a plebe descontente a levantar-se contra o regime legal. Chegavam a Oeiras notícias oficiais que informavam seis mil **balaios** dominavam a margem esquerda do Parnaíba e que, de Tutóia a Pastos Bons, era autoridade o trabuco do camponês rebelado.

É quando comunica o Barão ao Ministro da Justiça que a revolta "vai tomando um aspecto sério e digno de consideração", e ainda que "é para admirar a influência espantosa de gentes que se lhe reúnem, principalmente fascinadas pelas vitórias momentâneas que têm conseguido, devendo supor-se por isso que há muito se preparavam e se dispuseram os povos para a revolução presente." (Casa Anisío Brito. Arq. Pro. Liv. 153. Doc. 13/7/1839).

Em verdade, desde muito, o governo irritava os povos com a poítica perniciosa do recrutamento. Assim, foi ele que precipitou o grande movimento subversivo que abalou a maior área do Brasil e estendeu-se pelo maior número de províncias, quando nas Regências. E ainda, o que apresentou maior mobilização de homens que entraram em cruentos choques armados. Nem mesmo a Farroupilha. E recuando ainda, nem mesmo a Confederação do

Digitalizado com CamScanner

Equador. Movimentação igual de tropas, só mesmo nas guerras da Independência.

Ao Ministro da Guerra comunicou também que, em face das ocorrências acima relatadas, deixaria de mandar os 150 recrutas, cuja remessa anunciara anteriormente. (Idem, idem. L. 139. Doc. 5/7/1839).

Passara, então, a solicitar auxílio ao Ceará, Bahia, Pernambuco, à Corte, pois já pressentia que não podia contar com a integral cooperação da gente piauiense. Por toda parte, eram claras as manifestações de descontentamento, já descambando alhures para a rebelião.

Era falha a organização militar da Província. Como conseqüência desta falta, surge a conveniência de solicitar a remessa de oficiais de linha para organizar as forças piauienses. Quando Clementino heroicamente tomba em Baixão, lá eram mantidos entendimentos para a vinda de militares profissionais. Em meado de outubro, envia o Barão a Sento Sé cavalgaduras que deveriam conduzir a Oeiras o Major José Feliciano de Morais Cid. (Idem, idem. L. 163. Doc. 18/10/1839).

Não sabemos ao certo quando chegou Morais Cid a Oeiras. Sabemos, entretanto, que aí estava ele com os primeiros dias de dezembro, pois há um ofício de três do referido mês, datado dessa cidade, em que solicita recursos para a luta: dinheiro, barca a vapor e artilhada para o serviço do rio Parnaíba. (Idem, idem. L. 53. Doc. 11/12/1839).

A 15, é nomeado comandante-em-chefe das forças piauienses, assume as funções a 18 e, nesse mesmo dia, vai dormir em Tabuleiro Grande onde, às 11 horas da noite, recebe a notícia de que a Coluna do Norte, confiada ao Maj. Antônio de Sousa Mendes, se achava sitiada em Estanhado. (Idem, idem. L.185. Doc. 18/12/1839).

Na mesma data de sua nomeação, foram ainda designados, para médico, o Dr. Rodrigo José Maurício Júnior; para capelão, o Rev. José Joaquim Ferreira de Melo; para pagador, Francisco José Batista, com graduação de alferes. As tropas que o acompanhavam, constituiam duas companhias avulsas: primeira e segunda,

Digitalizado com CamScanner

respectivamente, sob o comando do Alf. Inácio Meireles de Sousa e de Higino Rodrigues Coelho, recebendo este, nessa ocasião, a mesma graduação que a de seu companheiro. Como ajudante-de-campo, o Alf. Joaquim José de Carvalho. (Idem, idem. L. 195 B. Doc. 19/12/1633).

No dia imediato ao de sua partida, tinha em seu acampamento volante pouco mais de 200 praças e destas, 160 desarmadas. Em proclamação, anuncia, então, a esses bisonhos matutos, a convicção de que alcançaria a vitória.

De Bananeira, autoriza o Comandante de S. Antônio a socorrer Antônio Mendes e a este comunica as determinações expedidas. Em Vereda da Onça, toma medidas de caráter tático e disciplinar. Passa pelo sítio do Pé do Morro. Na fazenda Tapera, nomeia secretário Augusto Frederico de Oliveira Franklin. Em Jatobá, cria a terceira companhia, cujo comando confia ao Ten. Eugênio Rodrigues de Macedo. Dia de ano bom, está na fazenda do Cercado e baixa ordem sobre organização e administração das forças. Passa pela Capela dos Humildes (atual cidade de Alto Longá), dois dias após. Chega enfim a Campo Maior, donde solta sua segunda proclamação, a 5 de janeiro, a que lá nos referimos. (Idem, idem. L. 194, Docs. 21/12, 24/12, 31/12/1839 e 3/1/1840. L. 195B. Docs.19/2 e 21/12/1839. L.184. Doc. 23/12/1839. L. 185. Doc. 19/12/1839).

Estava, pois, no teatro das operações militares. Dentro em pouco, pôr-se-ia em contato com as matas de Curimatá e Egito e também com aqueles que seriam seus principais colaboradores nas lutas que se desenrolariam nesse cenário, já convulsionado desde os primeiros dias de dezembro. Vai a Estanhado, onde encontrou 208 doentes que foram, em seguida, trasladados para Livramento (atual cidade de José de Freitas), onde assenta imediatamente seu quartel. A transferência do hospital teve sua origem num parecer médico, curiosa peça oficial calcada na concepção científica que vigorou até a Idade Moderna, conforme as teorias hipocrática e bíblica dos "miasmas" e "ar pestilencial". Idem, idem. L. 195 C. Doc. 19/1/1840).

Como dissemos, regressa a Livramento, onde fixa seu acampamento. Depois de providenciar o necessário para as novas instalações, vai inspecionar Poti.

Volta de novo a Livramento, donde diz ao Barão: "O estado das forças atualmente é deplorável pelas enfermidades que as

Digitalizado com CamScanner

debilitam cada vez mais". Informa ainda que é obrigado a fazer todo o serviço de secretaria, porque estão doentes os que sabem ler e escrever. Já promete nessa ocasião atacar Curimatá e Egito, logo que estejam concluídos os preparativos. (Idem, idem. L. 195E. Docs. 21/1/1840 e 10/2/1840).

Se era péssima a situação sanitária de seus soldados, não menos desanimadora era a condição destes quanto a equipamento. Depois de narrar ao Presidente da Província a nudez em que viviam seus comandados, diz que "muitos estão em circunstâncias de não poderem apresentar-se e mesmo de preservar-se do rigor do tempo". O Barão envia, então, algumas camisas e ceroulas. Agradece Cid a remessa dessas peças de roupa "para vestuário da tropa que muito satisfeita fica, quando se lhe ministra esse meio de preservar-se da intempérie, forrando-se igualmente à vergonha de se apresentarem nus" (Idem, idem. L. 195C. Doc. 27/1/1840).

Fazem os mesmos queixumes os comandantes do sul da Província. Eram efetivamente desoladoras as condições materiais das forças piauienses que ainda nenhum dinheiro vinham recebendo dos cofres públicos.

O Barão, assediado com pedidos, assim pinta a calamitosa situação a Francisço de Sousa Martins, seu sobrinho, que é Presidente do Ceará e a quem se queixa do Governo Central que pouco auxílio tem prestado ao Piauí: "Terríveis epidemias à falta dos indispensáveis socorros, a nudez, a miséria, enfim tudo se conspirou contra os bravos piauienses, metamorfoseando-se em hospitais os aquartelamentos destes guerreiros, que só uma experimentada constância e obediência os têm com algumas exceções contido". E continua: "Direi, para admiração de V. Exa., que já não tenho de que faça uma bala: o chumbo do rapé tem sido aproveitado". (Idem, idem. L. 163. Doc. 27/ 2/1840).

Ao Ministro da Guerra, ao Ministro da justiça, leva seus clamores. Nessa correspondência deplora a falta de assistência. Afirma que é necessário que haja cooperação militar e essa não vem, e se vem, é como a do Ceará, mais para perturbar o sossego público. Deixa transparecer sua ponta de despeito e diz que para o Maranhão se tem mandado ajuda de toda espécie.

Digitalizado com CamScanner

Ao Ministro da Justiça leva seus ressentimentos, de formas tais que mais parecem censuras: "[...] mas Exo. Sr., o Piauí, que também é uma província do Brasil, tem igual direito à proteção do Governo Imperial [...]" Lamenta a dificuldade de acesso ao Piauí e, com amargura e ao mesmo tempo vaidade: "[...] e se até hoje tenho mantido a guerra, preciso tem sido servir-me de toda qualidade de metal para balas, e subscrições voluntárias para ocorrer às mais necessárias despesas, recursos que não podem ser duradouros, quanto mais eternos". E apelando para a esperança: "[...] e convencido que o atual Governo do Brasil não descansa no seu bem-estar, confio que a par das sábias medidas será esta Província salva do perigo, que lhe está iminente". (Idem, idem, 153. Doc. 2/3/1840).

Ao Ministro da Guerra, com referência à inópia de seus comprovincianos, é mais explícito: "[...] uma epidemia, mais cruel ainda que o inimigo, tem tirado de minhas fileiras a maior parte de seus combatentes, e de tal sorte estão os referidos pontos empestados que dias há em que caem 50 e mais soldados [...]" "[...] e posso assegurar a V. Exa. que de mais de dois mil combatentes que pus em campo, ainda que nem todos bem armados, hoje não tenho mil capazes de continuar por um mês mais a sustentar a luta! É esta a força que tenho para guarnecer uma fronteira maior de 200 léguas, e bater a rebeldia ufana em dois municípios da Província distantes um do outro perto de 600 milhas". Referia-se a Parnaguá e Parnaíba. Em tudo isso, há propositadamente um pouco de exagero, pois bem sabemos que só em torno de Curimatá espreitam mais de mil guerrilheiros legalistas.

E continua em suas lamúrias a que a Corte injustamente não atende, mais preocupada com o Rio Grande do Sul e, confiante talvez na ação de Luís Alves de Lima, que já havia substituído Felizardo na presidência do Maranhão: "Tenho hoje nesta Capital apenas catorze mil cartuchos, e dentro em poucos dias um só não terei, porque cotidianamente recebo requisições de quase todos os pontos. Ninguém talvez acreditasse, se não acontecesse numa Capital, que no chumbo do rapé, de pequenos vasos de chumbo e de toda qualidade de metal de fácil fundição, me hei servido para balas, havendo mandado já desmanchar alambiques novos comprados a crédito, pois que é assim que obtenho os necessários gêneros para a guerra; e mandei abrir uma subscrição

Digitalizado com CamScanner

voluntária na Província para o pagamento do soldo da tropa, único vencimento que recebe, pela falta de dinheiro". (Idem, idem. L. 139. Doc. 2/3/1840).

Responde o Ministro da Guerra em ofício em que emite conceitos que eram elogios ao arguto político piauiense. Mas coisa alguma manda; nem mesmo promessa. Exculpa o Governo que não pode oferecer assistência eficiente por causa das "circunstâncias do País, que obrigam a repartir por muitos pontos os meios de defesa, tendo também contribuído a segurança que o Governo tem, de que os recursos próprios de sua inteligência, zelo e energia", habilitem-no "para que com auxílios menos poderosos, possa sustentar a ordem na Província". E, termina, dizendo: "[...] confio que a força moral que a V. Exa. não faleceu, fará que novos meios de defesa corram à Província". (Idem, idem. L. Doc. solto. 10/4/1840).

Há muito que, vindos de S. Luís, Francisco Sérgio de Oliveira e José Tomás Henriques tentavam abrir caminho respectivamente para Caxias e Brejo, já por vezes evacuadas pelos **balaios**, sob a pressão das armas piauienses. Dessas vitórias, poucas vantagens remanesciam, pois os rebldes continuavam senhores de toda a margem ocidental do Parnaíba, do litoral à "Ilha do Balsa", como apelidavam; então, a região dos campos e matas ao sul de Pastos Bons. Clementino e José Martins já haviam escorraçado, por duas vezes, os inimigos, nessa última vila. Mirador, Passagem Franca, S. José dos Matões foram também restauradas. Caxias foi evacuada ao aproximar-se Clementino. Brejo caíra em poder de Pedro Paulo. Outras vitórias foram efemeramente alcançadas: S. Bernardo, Tutóia. Mas as explicações maranhenses não apareciam.

O Piauí, sem dinheiro e reserva de materiais bélicos, abandonado à sua própria sorte, viu-se então na contingência de guardar suas fronteiras ameaçadas, e preparar-se pare reprimir o espírito subversivo que já se manifestava de norte a sul da Província.

Contudo, a 24 de janeiro, Caxias é restituída à ordem legal, com a chegada de Francisco Sérgio de Oliveira.

Digitalizado com CamScanner

A 12 de fevereiro, o Barão recebeu as ordens ministeriais, que determinam que "a tropa das diversas províncias que se acha empregada na pacificação do Maranhão fique inteiramente sujeita, e somente receba ordens do Presidente e Comandante das Armas nomeado para a dita Província do Maranhão", Cel. Luís Alves de Lima. (Idem, idem. L. 139. Dcc. 12/2/1840).

Corriam rumores de que o invicto soldado já havia assumido suas funções, em S. Luís, e diziam ainda que trouxera poderosos recursos para jugular a rebelião. A posse ocorrera efetivamente a 7 de fevereiro, catorze dias após a queda de Caxias em poder dos legalistas.

A ascendência de Luís Alves de Lima era apenas teórica. Na prática não poderia fazer sentir-se, senão numa raia bastante estreita. As forças em operações nas províncias que foram atingidas pela insurreição, quase sempre tinham autonomia de comando. Ligadas por vias de comunicações constantemente interceptadas pelos rebeldes, só eventualmente conjugavam esforços em torno dum objetivo estratégico. Lembremo-nos de que, um pouco antes, o Barão lamentou a ausência de correspondência de S. Luís porque as estradas encontravam-se sob o domínio dos inimigos.

Oficia ele imediatamente ao novo Presidente do Maranhão. Não se refere às ordens ministeriais que já havia recebido desde muito, e traça o quadro angustiante em que são focalizados os sofrimentos dos combatentes e a impossibilidade de atenuar o Governo Provincial os males do momento. A lamúria é para consternar. Reitera o que já havia dito, isto é, que as "epidemias" assolavam os acampamentos, "metamorfoseando destarte em hospitais os arraiais militares". Armou mais de dois mil e já não tem mil capazes. Não há munições. Precisa de oficiais de primeira linha, cirurgião, botica, dinheiro, tudo enfim. (Idem, idem. L. 163. Doc. 7/3/1840).

O depoimento de Morais Cid e suas requisições ao Barão têm, como conseqüência, novos depoimentos e requisições deste a outras autoridades. Pouco, porém, obtêm para anular as deficiências de equipamento dos soldados legalistas. A inópia das forças piauienses e a inércia das maranhenses aconselhavam a

Digitalizado com CamScanner

manutenção da política adotada pelo Piauí, que apresentava como objetivo primordial a defesa desta Província.

Quando regressa Morais Cid da vila de Poti, onde se encontrara com o subprefeito de Codó, e quando passa a fornecer gado à cidade de Caxias, surgem novas dificuldades de caráter bélico. Começavam os rebeldes a exercer pressão nos destacamentos de Antônio Mendes. (Idem, idem. L. 195. Doc.10/2/1840).

João da Mata replica as proclamações do Comandante em Chefe, dirigindo-lhe ofício em que externa os propósitos de luta e propugna pelos interesses dos párias políticos da época. Nesse longo documento, mal redigido, vê-se uma reivindicação de ordem social. Diz que os sublevados empunham armas para defender-se do cativeiro a que os querem sujeitar "os absolutistas". Fala em nome dum grupo étnico que sempre viveu, pela sua condição cultural, em posição subalterna. Vejamos esse tópico: "já se foi o tempo em que os **cabras e caboclo**s viviam com as vistas tapadas, porém hoje estão todos com as vistas claras."

Pretendem mesmo castigar os **cabanos** que, para eles, eram os que se batiam a favor da legalidade, viviam das opressões sociais. Só deporão as armas, quando estes forem presos, apurados os crimes que têm perpetrado, não só contra o imperador e a Constituição, como também contra a própria religião. Faz pena ser perdida a proclamação a que se refere como anexa a esse ofício. Pelo menos não podemos identificá-la. (Idem. idem. L. 195. Doc. 22/1/1840).

Há uma, expedida a uns 50 dias após o ofício que aludimos acima, e publicada por Pereira da Costa. Conhecemos seu original, ou talvez cópia contemporânea. Vemos aí o mesmo espírito, a mesma reivindicação. Começa, saudando "todos os brasileiros pobres", e, em seguida, chama-os de irmãos e diz que chegou o momento de mostrarem estes sua firmeza e amor à Pátria. Acrescenta que lutam os **balaios** contra os malvados **cabanos** que os querem pôr em cativeiro. "Venham, meus irmãos, não sejam ingratos aos patrícios e irmãos pobres". Talvez seja essa a mesma proclamação a que se refere o ofício de João da Mata. O problema da data talvez esteja num lapso de cópia. (COSTA. **Cronologia Histórica do Estado do Piauí**. 1909, p. 269 e 270).

Já vimos e veremos ainda outros cabecilhas a dizer que se batem pelo restabelecimento das prerrogativas dos juízes de paz e

Digitalizado com CamScanner

pela revogação da lei dos prefeitos. Raimundo Gomes, quando inicia a luta, opina pela adoção dessas medidas, interpretando os anseios das populações dos distritos municipais.

Logo após essa correspondência de João da Mata, os rebeldes fazem pressão sobre os legalistas.

Valério José de Oliveira, cabecilha insurreto, atravessa o Parnaíba na altura de S. Lourenço e sitia Bananal, abaixo cinco léguas de Castelhano. Inicia o ataque, como se fora para demonstrar apenas seu poder militar, pois logo suspende a fim de parlamentar, conforme diz o Cap. Antônio José da Silva e Sousa, comandante do posto.

Adverte-o Valério de que deve render-se, pois estava cercado por forças muito mais numerosas; mas o cap. Silva e Sousa repele a insinuação, e prossegue o combate. Depois de quatro horas de fogo, os **balaios** retiram-se do campo. (Casa Anísio Brito. Arq. Proc. L. 189. Doc. 28/1/1840. L. 195E. Doc. 28/1/1840. L. 195C. Doc. 1/2/1840).

João da Mata anuncia, então, a Tempestade que vai investir o presídio de Boa Vista, vigilante olho a perscrutar Curimatá e Egito, e depois acometeria também Estanhado, por onde deveria começar suas arremetidas. Em seguida, seus combatentes saem das matas, como em obediência aos prognósticos do caudilho rebelado. O comandante do ponto ameaçado toma as precauções que julga necessárias. Manda um piquete patrulhar as vizinhanças de seu acampamento, especialmente estradas de Curimatá. É assaltado o piquete. Ouvindo o tiroteio, envia novo socorro. São os legalistas desbaratados. (Idem, idem. L. 195C. Doc. 13/2 e 16/2/1840).

Enquanto isso, informa Mendes que, em Muçum, próximo a Santiago, na estrada que vai de Estanhado a Egito, foram vistos Ruivo, Ladislau, Branquinho, Adão Pinto que constituem o reduto da Conceição. Consta ainda que aí estão Antonio da Costa Campos, João Nunes e Florêncio, todos sob o comando de João da Mata. Preparam-se para o anunciado ataque a Boa Vista. (Idem, idem. L. 195C. Doc. 19/2/1840).

Já não havia dúvida alguma; os rebeldes concentravam-se em Curimatá e Egito, pois essas posições eram-lhe mesmo indispensáveis para o prosseguimento da luta. Terreno coberto de matas, tinha água em abundância e, em torno, muitas fazendas de

Digitalizado com CamScanner

gado. A insurreição não poderia continuar, se não houvesse carne para o combatente. Há vários documentos que comprovam era essa a principal finalidade dessa ocupação. Daí atravessavam boiadas para o Maranhão. João da Mata, quando se preparava para os assaltos aos postos governistas, comunica a Tempestade que agia além do Parnaíba, que não tem podido mandar gado, o que faria oportunamente. Julgava-se, entretanto, senhor da zona em que operava, pois acreditava que Teempestade poderia enviar vaqueiros para a pega das reses. (Idem, idem. L. 195C. Doc. 9/2/1840).

Para qualquer das facções, era de vital importância domínio daquelas matas, de fácil defesa. Acontecia ainda que, nas fileiras dos **balaios**, havia elementos de prestígio dessa região. E ainda havia a conivência de outros.

Tudo isso era do conhecimento de Morais Cid, quando foi convidado por Francisco Sérgio de Oliveira para auxiliá-lo no ataque a Morro Agudo (Maranhão), cujo domínio era também julgado indispensável, desde o combate de Baixão. O comandante das forças piauienses comunica que acordará no plano, se não perigar a segurança desta Província. Já havia tomado mesmo as providências preliminares para a ação em território maranhense. (Idem, idem. L. 195C. Doa. 15/2 e 16/2/1).

Mas os movimentos das tropas inimigas, principalmente em Curimatá e Egito protelaram a cooperação piauiense que só pode ser efetuada um pouco mais tarde.

Cid procura amparar, antes de tudo, Boa Vista, posição estratégica, próximo a Curimatá e Egito. Fica entre as matas e os campos de criatórios, e ainda na margem de uma das mais importantes estradas das redondezas, a que liga Estanhado a Barras. Ordenou a Francisco Irineu Gomes Correia, Comandante de S. Pedro, que enviasse para Cupins, nas cercanias daquele posto, do qual dista pouco menos de uma légua, uma escolta para proteção. Irineu escala o Alf. Queirós que, à frente dum troço de bisonhos soldados, parte imediatamente para encontrar-se com o Ten. Buttner, já enviado por Cid para o mesmo local.

Chegam a tempo de acudir a João Rabelo Cardoso, já atacado pelos inimigos que o espreitam desde a última escaramuça,

Digitalizado com CamScanner

aguardando apenas o momento oportuno para esmagá-lo. São os **balaios** surpreendidos, entretanto, por esses piquetes importunos que inesperadamente lhes causticam a retaguarda. Pressentem os rebeldes o perigo da resistência, pois tudo prenuncia que em breve passarão a ocupar a posição de sitiados. Acontece ainda que, no burburinho da refrega, cai morto um de seus capitães. Em tempo refluem para as matas, a fim de evitar maior desastre. (Idem, idem. L. 189. Dcc. 19/2/1840. L. 195C. 20/2, 21/2 e 22/2/1840).

Cid já pode fazer concentração de força em Estanhado a fim de auxiliar o ataque a Morro Agudo. Como vimos, Antônio Mendes, logo após a morte de Clementino, anunciara ao Barão que iria assaltar essa posição.

Agora foi nomeado Buttner para comandar a expedição que iria colaborar, além do Parnaíba, com Francisco Xavier Bastos, para destruir aquele reduto que tanto vinha incomodando os legalistas. Transpõe o rio e ocupa Bom Sucesso.

Já vinha Bastos castigando os adversários em contínuos recontros. Em Gameleira recebe ofício do comandante da tropa piauiense que já ocupava Boa Vista (Maranhão), a 4 léguas distante. Entram em entendimentos para a investida. Segue Buttner para S. Luís, donde regressa mais tarde a Boa Vista. Foi, então, informado de que novamente estavam os inimigos em Muriçoca, donde, um pouco antes, haviam sido expulsos pelo comandante maranhense. Vai buscá-los ali. Antes, porém, de acometer o povoado, é surpreendido, nas proximidades de Buriti, onde passa a estrada numa nesga estreita de terreno, apertada entre o rio e pequeno monte. Tem oito baixas, entre as quais um morto. Cousa alguma soube das perdas contrárias.

Em seguida, ocupa Passagem da Posse, donde prossegue para Gameleira. Aí aguardaria Bastos.

Suas forças, compostas de elementos de Poti, Estanhado e Livramento rebelam-se, porém, sob a alegação "de que seus estados de nudez faziam parte de sua repugnância". Perigou na sedição a vida de Buttner. Soube ele, entretanto, ser prudente, nessa emergência. Mentirosamente conduz as tropas a Estanhado onde os principais amotinadores são presos e, acorrentados, conduzidos

Digitalizado com CamScanner

a Livramento. (Idem, idem. L. 195E. Doc. 943/1840. L. 195C. Docs. 23/2, 27/2, 8/3 e 9/3/1840).

Em Curimatá, enquanto decorrem esses fatos no Maranhão, mais de 200 rebeldes acometem S. Pedro, defendido apenas por 70 legalistas. Repelem estes bravamente os adversários, os quais, fogem, deixando três mortos. Do. defensores, ficam cinco feridos. (Idem, idem. L. 195C. 4/3 e 5/3/1840).

Inicia-se uma trégua de quase dois meses. Pequenos incidentes denunciam, entretanto, preparativos para ação de mais amplitude. Queixa-se Rebelo dos escravos de Coutinho que levam a Curimatá e Egito o que se passa fora das matas. informa ainda que os **balaios** têm sido vistos nas proximidades de seu posto. (Idem, idem. L. 195C Doc. 17/3/1840).

Nessa época, negociantes vinham da Serra Grande vender armas, munições, a bom preço, a quem mais vantajoso lho oferecesse. Autoriza o Barão que sejam presas e enviadas a Oeiras aqueles que se entregassem a esse comércio. Julga, então, conveniente que seja feito logo o ataque às posições dos inimigo. Efetivamente era preciso ser desfechado o golpe contra João da Mata, pois suas forças dia a dia mais se avolumavam com a chegada contínua de reforços do Maranhão. Raimundo Gomes anuncia sua vinda com 1.800 combatentes, e a pressão exercida por Luís Alves de Lima, na Província limítrofe, forçava outros cabecilhas a transporem o Parnaíba e assentarem seus bivaques em território piauiense. (Idem, idem. L. 165. Docs. 21/3 e 24/3/1840. L. 182. Doc. 2/4/1840).

A longuidão das fronteiras impossibilltava que se impedisse essa transferência de tropas duma província para outra. Já nessa ocasião, havia sido criado o cordão de postos militares ao longo das margens do Parnaíba, com o objetivo de tolher esses movimentos. Adotava o Barão as mesmas medidas que tomara na guerra da Independência, com referência à província vizinha. Estavam guarnecidos, partindo de três léguas acima da foz do Uruçuí, até o litoral, os seguintes pontos: Veados, Manga, Bom Jardim, Conceição, S. Francisco, Queimadas, Castelhano, Bananal, S. António, Poti, Estanhado, Conceição, Estanhadinho, Marruás, Repartição, Sapucaia, Melancias, Barra do Longá e muitos outros.

Digitalizado com CamScanner

Esses eram apenas os principais. Havia os intermediários. Às vezes, em torno de um dos enunciadas, havia dois, três que eram dependentes daquele, com pequenas patrulhas ou simples espias. Mas as fronteiras a que nos referimos eram superiores a 800 quilômetros. Assim, era burlada a vigilância; por vezes era a violência que rompia esse cordão de presídios. A verdade é que já nesse momento os rebeldes estavam fincados em terras piauienses e era Curimatá seu mais respeitável núcleo.

Cid lamenta não poder acometê-lo, por causa dos reforços enviados ao Maranhão, especialmente para o setor de Brejo, já ocupado pelas tropas de Manuel Antônio, que continuava a aguardar a chegada de José Tomás, que vinha de S. Luís, à frente duma coluna. Assim se explica ao Barão: "[...] só me resta como último recurso esperar o socorro d'armas e munições em quantidade capaz de não pôr em dúvida o risco e a empresa do ataque das matas, há tanto tempo projetado e até agora embaraçado, quer pelos diferentes auxílios prestados à Província do Maranhão, quer pela ocupação de Brejo pelas tropas do Piauí, de que não pude dispor em tempo oportuno, por irem de encontro ao meus planos os planos doutros chefes (referia-se a Manuel Antônio que ocupava a vila maranhense), dando tudo isso motivo a começar o Piauí a ser vítima da rebeldia que tem ido expelir do seio da Província vizinha, o que exigia prontas medidas do governo para promover os meios de pôr em ação e em simultânea proteção as forças que se empregam contra os rebeldes, onde quer que eles se achem; do contrário posso assegurar a V. Exa. que todos os malvados daquela Província terão de passar a esta que, sem apoio, e entregue a seus próprios recursos não lhes pode opor mui difícil barreira, a não ser a da fidelidade e valor da maior parte de seus defensores que aliás têm direito a serem ajudados em seus mesmos esforços". (Idem, idem, L. 192. Doc. 11/4/1840).

Enquanto isso, Sérgio autorizava que a ação das tropas sob seu comando, não se estendesse além do município de Caxias. Envia Cid para Oeiras a documentação que comprova a atitude desse comandante. O Barão replica, então, com a portaria de 24 de abril, em que diz que não pode mais permitir que uma só baioneta do Piauí passe para a Província do Maranhão, "pois que já desassombrada da multidão que a inundava e com forças suficientes para operarem nos lugares ainda empestados, não tem prestado

Digitalizado com CamScanner

os auxílios pedidos para serem exploradas as matas de Curimatá [...]" (Idem, idem. L. 163. 24/4/1840).

Insiste com Morais Cid para que, logo que receba armamento da Parnaíba, ataque os rebeldes. Cid manda ocupar Alto (próximo às matas e que formava com S. Pedro e Boa Vista, segundo diz ele, a linha mais reta), a fim de embaraçar as correrias dos inimigos e impedir o ingresso de boiadas em seus arraiais. Continua a solicitar recurso a Sérgio, Manuel Antônio e, mais tarde, também a José Tomás quando este entrara em Brejo, juntando suas forças às forças piauienses que já ocupavam essa vila. (Idem, idem. L. 195A. Docs. 14/4 e 12/4/1840).

A portaria do Barão foi em represália à conduta de Sérgio, e atingiu as raias da insubordinação. As ordens ministeriais não deveriam estar arquivadas, nem tão pouco eram ainda esquecidas. A de 18 de dezembro de 1839, recebida a 12 de fevereiro de 1840, diz que resolvera o Governo Imperial que a tropa das diversas províncias que se achava empregada na pacificação do Maranhão, ficasse inteiramente sujeita ao Presidente e Comandante das Armas dessa Província, ao qual, segundo outra ordem recebida no mesmo dia, de 20 de dezembro de 1839, deveriam ser prestadas quaisquer requisições feitas.

O nervosismo da luta e talvez ainda o despeito a que já nos referimos, impeliram o Barão a essa atitude de desobediência ou mesmo autoritarismo, em face das decisões imperiais. Não podemos compreender essa atitude em verdadeiro contraste com seu passado inteiramente a serviço da ordem e disciplina.

Conduziram-no posteriormente ao bom entendimento as contingências da campanha, o terrível inimigo comum, recalcitrante, audacioso, insidiosamente a atacar por toda parte. Mesmo, era norma de sua vida o respeito à autoridade.

Ocupam os rebeldes Malhada da Areia, nas proximidades do Parnaíba, estabelecendo assim uma cabeça-de-ponte no Piauí, e quebrando a continuidade do grande cordão de postos militares legalistas que improficuamente tentava barrar deslocamento de forças duma província a outra. De Estanhado , vai escalado Lino Vieira de Sá para expulsar os intrusos. Este se desincumbe da missão, obrigando-os a refugiarem-se matas próximas, deixando morto um de seus capitães. Nas fileiras governistas, são feridos nove combatentes. Lino recebe elogios.

Digitalizado com CamScanner

A vigilância, de parte a parte, dia a dia mais constrange os movimentos das patrulhas. Há atentados nas redondezas. Infiltram-se os **balaios** em todos os recantos. Dolorosas expectativas enervam ambas as facções. Informa Cid ao Barão: *Já não se obtém farinha nem para os doentes*". Tempestade e Raimundo Gomes, se já não estão em Curimatá, estão prestes a chegar. (Idem, idem. L. 195C. Docs. 14/4 e 28/4/1840).

O Comandante piauiense, referindo-se a seus pedidos de cooperação feitos a Sérgio e José Tomás, resignadamente diz: "[...] sendo-me, porém, de todos negadas, quer desta (refere-se a Brejo), quer da comarca de Caxias, pode V. Exa. contar que de nenhum precisarei mais, logo que cheguem o armamento e munições, e terei sumo prazer de concluir minha tarefa, ajudando a todos e sem auxílio de alguém". Já era maio de 1840 (Idem, idem. L. 195C. Doc. 1/5/1840).

Estamos nas vésperas do grande assalto às posições dos **balaios**. Cid reforça, como pode, seus postos militares. Aumenta as forças de S. Pedro e Boa Vista. De Sapucaia, onde agora comanda Manuel Antônio, vem socorro e, não muito tardará, também do Maranhão, isto é, de Brejo.

Elabora o plano de ataque. Cinco colunas simultaneamente desfechariam golpes nas posições dos inimigos que defendiam vários povoados disseminados numa área superior a duzentos quilômetros quadrados, de difícil expugnação porque em toda a sua extensão, era coberta de matagal, e em muita parte, especialmente na região do Norte, era ainda o terreno acidentado.

De S. Pedro, Estanhado, S. Mamede, Boa Vista e Cupim partiriam as colunas legalistas em convergência para as matas, onde mais de dois mil combatentes rebeldes estavam dispostos a disputar cruamente seu domínio.

Essas colunas eram comandadas respectivamente pelos Majores Francisco Irineu Gomes, Antônio de Sousa Mendes, Ten. Conrado José Lorena de Figueiredo, Ten-Cel. João Rebelo Cardoso e finalmente por Morais Cid que, no dia anterior à pugna, partiria de seu acampamento de Livramento, para Alto, onde engrossaria suas forças com as desse presídio, que estava sob o comando do

Digitalizado com CamScanner

Cap. José Borges Leal. Daí seguiria para Cupins, a fim de pessoalmente dirigir a ação. (Idem, idem. L. 192. 3/5/1840).

Lorena, comandante da expedição maranhense, já ocupava S. Mamede, que alcançara depois duma trajetória pontilhada de vitórias obtidas sobre Raimundo Gomes, que fugiu a seus combates e que, por sua vez, como Tempestade, procurava trnspor o Parnaíba, trazendo reforços aos rebeldes. Estes sentiam-se fortes, sobretudo pela conivência e, às veses, forçada, da população das circunvizinhanças.

Muitos dos que aderiram ao movimento insurrecional trouxeram para as matas suas famílias, seus escravos, e uma organização social ia-se esboçando nesse novo ambiente de fronteiras tão estreitas quão insidiosas. Dali, sem perigo de vida, não se poderia sair para a região dos campos tão próximos. O gado já era obtido temerariamente, a golpes da audácia. Mal se aboletaram os camponeses insurgidos nesses bosques irrigados pelas nascentes dos riachos Tatu, Segredo, Taboca, Catinga-de-Porco e outros, os legalistas também acamparam ao redor e estabeteceram seus bivaques, por vezes, inoportunos. Olhavam os movimentos dos inimigos e, vigilantes, não lhes davam tréguas.

Como imperiosa exigência social de nossa gente, está o culto religioso. Declara um preso que entre os **balaios** de Curimatá havia um padre que casava, batizava e certamente também celebrava missa, confessava e dispensava a assistência espiritual que reclamavam os combatentes. A respeito desse assunto nada temos de positivo; apenas as declarações desse preso e a apreensão feita pelos legalistas dos paramentos indispensáveis ao ritual católico. (Idem, idem. Doc. solto. 25/5/184. L. 195. Doc. 25/5/1840).

Um pouco mais tarde, Francisco de Sousa Martins, Presidente do Ceará, com referência aos rebeldes de Frecheiras dizia em ofício ao Ministro da Justiça: "Consta nas Frecheiras que eles à noite rezavam o seu terço, o que me induz a supor que alguns missionários, inspirados do zelo religioso, mandados a pregar entre eles, poderiam sem custo conseguir que eles largassem as armas e se submetessem à autoridade. Lembro-me que noutro tempo assim se praticava com os indígenas, de quem os atuais inimigos pouco diferem; e em Pernambuco, na guerra dos **Cabanos**, a missão do Bispo consta que produziu efeito prodigioso".[1]

Digitalizado com CamScanner

Quase duzentos escravos prestavam serviços domésticos e provavelmente agrícolas, nas matas ocupadas, suavizando assim a vida das famílias dos principais cabcilhas. Não há documentos que provem que os rebeldes do Piauí se tenham utilizado desse elemento humano, como soldado. Por toda parte, aqui, em Frecheiras, Parnaguá, aparecia ele entre os sublevados, servindo ao senhor, na cozinha, na cavalariça, no campo, onde quer que fosse necessário como trabalhador; jamais como combatente. Era mínima sua condição social; não poderiam ocupar posição de guerreiro. Se caía em poder dos legalistas, não era classificado entre os presos ou apresentados ou apreendidos. Não tinha direito algum. Não poderia ser confundido com gente. Era "encontrado", como "encontrados" eram o cavalo, o boi, o cão.

Ainda vivíamos a primeira fase da escravidão instituída no Império Romano, em que o escravo era tratado como animal irracional. Caio Prado Júnior, com referência ao Brasil, nos diz também que "até o império continuavam equiparados às "bestas" das **Ordenações Manuelinas** que continham um título: **De como se podem enjeitar escravos ou bestas por doença ou manqueira**".[2]

Depoimento bem parecido nos dá também Wanderley Pinho.[3]

Constantemente se nos deparam relações dos que se rendem, e quase sempre é esta a classificação:

Presos
Apreendidos
Apresentados
Encontrados

É exclusividade dos escravos, ou dos irracionais, esse último grupo. Isso demonstra que o movimento no Piauí tinha orientação diversa da do Maranhão. Aqui o escravo era escravo; só era guerreiro o homem livre. Contudo, não era tão insensível o piauiense; ele sabia amar a gente escrava, e procurava suavizar sua vida.

Estavam alertas dois mil guerreiros, a enfrentar igual número de não menos bravos contendores.

Os acampamentos mais importantes dos rebeldes de Curimatá eram os de Salobro e Prata, separados por nove

Digitalizado com CamScanner

quilômetros. Estavam situados ao sul das matas e ao norte da estrada de Estanhado a Livramento. Egito ficava-lhes na face setentrional, atingindo a estrada que ligava então Estanhado a Barras. Vários arraiais militares dos **balaios** estavam nessa última zona: Muçum, Santiago, Egito propriamente.

Curimatá é investido pelas forças de S. Pedro e pelas de Estanhado. Aquelas penetram nas matas em direção de Salobro, enquanto estas entram pela altura do Pombas, declinando em direção de Egito que é também atacado pelo Ten.-Cel. João Rebelo Cardoso que, dispondo da artilharia de Buttner, de Boa Vista, ao norte, na estrada que ia então de Estanhado a Barras, explora Santiago, Muçum, Prata, para onde convergem ainda tropas legalistas de Estanhado e de S. Mamede. Cid, de Cupins, faz também a penetração, encravando uma cunha entre Egito e Curimatá, a duas léguas de distância desse acampamento central, e pouco mais de meia légua do primeiro. Aí, dentro em pouco, a Morais Cid junta-se Rebelo que faz então sua vanguarda, encafurnando o adversário em rumo do sul, em busca de Curimatá onde estavam Salobro e Prata, os mais poderosos redutos dos inimigos. Foram ainda distribuídas forças nas principais estradas, para que ficassem de atalaia e entrassem em ação, se preciso, a fim de obstarem a fuga dos rebeldes.

Generalizou-se, em pouco, a luta, porque todas as colunas, ao penetrar nas matas, foram repelidas energicamente. Descreve Lorena novo trajeto de vitórias até alcançar Morais Cid. Rebelo, sisudo, ia reprimindo os rebeldes onde o terreno era mais insidioso em acidentada configuração topográfica. Estes abatem as árvores, entupindo os caminhos para melhor defesa e para impedir a entrada da artilharia.

Mendes castiga eficazmente o inimigo e assim facilita as operações de Irineu que, contudo, só em Prata tem 21 baixas. É expugnada essa trincheira e aí, no dia 9, juntam-se os cinco chefes da coluna.

Estavam furadas as matas em todos os sentidos. Durante quase dois dias, o estrépito da fuzilaria quebrou a monotonia das selvas. Vinte e quatro mil cartuchos foram deflagrados pelos legalistas, afora os tiros de peça. Contudo, as escaramuças prosseguiriam. Choques parciais sucediam-se em todos os rumos.

Obedecendo aos impulsos de sua psicologia, essa gente teimosa recalcitrava inflexivelmente numa resistência que duraria

Digitalizado com CamScanner

vários dias. Era incontestável a superioridade dos governistas. Continuaram estes na sua ofensiva, transformando a luta numa caçada terrível em que eram imoladas mulheres e crianças.

Informa Morais Cid que "os rebeldes estão inteiramente desorientados e possuídos do maior terror, a ponto de não saberem de suas mulheres e de seus filhos e nem estes o lugar onde aqueles se acham: tudo é confusão". Antônio Mendes também informa que 50 sediciosos fogem de 10 legalistas. Os boatos eram os mais alarmantes: dizia-se ainda que as mães, em obediência às ordens dos chefes, matavam os filhos menores para que pudesse ser feita a evacuação das tropas dos **balaios**. Em verdade, morriam crianças e também mulheres, porém de inanição. Mas as escaramuças continuariam.

Depois que as forças imperiais se concentraram em Curimatá, posição que deixam ocupada, fazem nova convergência para Egito e ao norte dessas matas, em Santiago, após vários recontros juntam-se alguns comandantes governistas, entre os quais Antônio Mendes que, por quatro vezes, teve que enfrentar a teimosia guerreira do **caboclo** Antônio da Costa Campos; derrota-o repetidas vezes, toma-lhe a bagagem, quando sua tropa se farta de saquear; apreende cavalgaduras, escravos, mulheres, crianças e entre estas a filha mais nova de Manuel Alves Campos, outro cabecilha da insurreição, proprietário nessas matas, e para cuja idoneidade, oito anos depois, apela o Ten.-Cel. Jacó Manuel de Almendra, a solicitar atestado para sua defesa contra uma denúncia do bisbilhoteiro Lívio Lopes Castelo Branco.

Já estavam mesmo desorganizados os rebeldes. Já não havia o que comer. Tudo caíra em poder das forças de Morais Cid. Alimentam-se agora de palmitos, único recurso de que dispõem, numa dádiva generosa da terra pródiga, pois naquelas redondezas, aqui e ali, dos vales e dos **baixões** aflora o babaçual. (Casa Anísio Brito. Idem. L. 195A. 9/5, 10/5, 16/5, 17/5, 21/5 e 25/8/1840. L. 195E. Doc. 18/5/1840 e L.192. 21/5/1840).

Nos acampamentos dos sublevados, foram encontradas, exibidas como troféus, várias orelhas humanas. Já havia decorrido mais de meio século que, no arraial de S. Gonçalo de Amarante, para escarmentar o amor à liberdade que sempre ostentaram os **Acoroás**, foram também pregadas em postes orelhas das vítimas recrutadas em suas fileiras. O protesto de Bruenque, um de seus

Digitalizado com CamScanner

líderes, teve, então, como conseqüência, maiores humilhações, num requinte de selvageria. Tudo nos leva a crer que as exibições canibalescas de Curimatá foram inspirações de Ruivo, o tétrico **balaio** cuja bestialidade o tornava capaz de qualquer ação degradante nos limites da truculência.

O ofício que noticia a descoberta das amostras macabras diz que ele estivera no local um pouco antes. Mais tarde, foi preso e severamente castigado um tal Mameluco que "mimoseava os **caboclos**" com despojos semelhantes.

Morais Cid apela para José Tomás a fim de que explore Peixe e Boqueirão para onde afluíam os inimigos, e a Sérgio, num excesso de exaltação, para que o ajude "de todo aniquilar a cambada dos assassinos e ladrões desta república de Curimatá e Egito". (Idem, idem. L. 195A. Doc. 12/5/1840).

João da Mata, Ruivo e seus comparsas estavam longe. Àquelas horas, já haviam regressado ao Maranhão, à frente do grosso das tropas, e iam bater-se agora com o soldado que se tornaria mais tarde o mais temível cabo de guerra do Brasil: Luís Alves de Lima.

Este agradece a comunicação da vitória alcançada por Morais Cid, e diz que os rebeldes, rechaçados em Curimatá e Egito, em número de mil, atravessaram o Parnaíba e foram ameaçar Miritiba a que acorreu pessoalmente e fez atacá-los em Ribeiro e Matões Grandes. Informa ainda que Raimundo Gomes despende esforços para invadir as comarcas até então preservadas da rebelião.

Nessa ocasião, só no Maranhão, elevavam-se os sublevados a mais de quatro mil, e concomitantemente se lutava no Piauí, em Curimatá, Frecheiras e ao longo dos vales do Gurguéia e do Uruçuí. (Idem, idem. L. 195A. Docs. 24/5, 25/5 e 11/6/1840. L. 195C. Doc. 18/5/1840. L. 192. Doc. 29/5/1840).

É abalada Marvão por um aventureiro que de improviso aparece, entregando-se aos saques. Antes, porém, de crescer-lhe o prestígio, é acometido, graças à iniciativa dos fazendeiros da região em que agia o celerado. A princípio uma enérgica mulher, a viúva dum Vicente Rosa, enfrenta-lhe a audácia. O Ten. Benedito de Areia Leão, acaudilhando 60 vaqueiros recrutados à pressa, segue-o pela pista. Ataca-o também o Ten. Francisco Cardoso

Digitalizado com CamScanner

Sampaio. José Bernardo, o intitulado capitão que começara, como bandido, a operar no Alto Poti, cai enfim prisioneiro.

Chegara também do Ceará o Ten.-Cel. João Batista Vieira, trazendo auxílios para jugular a rebelião. Sem energia, cometeram seus soldados os maiores desatinos por onde passaram. Depois, Batista Vieira tornou-se cúmplice nas depredações. O Barão mandou impô-lo nas fronteiras a fim de evitar maiores males. (Idem, idem. L. 165. Docs. 21/6, 23/7 e 10/9/1840. L. 163. Docs. 22/7 e 23/7/1840). (L. 195A. Docs. 5/6/1840 e 15/6/1840).

Os habitantes de Curimatá e Egito, solidários com os **balaios** que já não podiam resistir aos legalistas, foram desprezados pelos aliados e perseguidos impiedosamente pelas patrulhas de Morais Cid. Fugiam em todos os sentidos. Acossados pelas forças governistas, e quando reduzidos pela fome, iam-se entregando, sem nenhuma reação. Os que escaparam, pela fuga, às partidas perseguidoras, iam, entretanto, cair em poder das autoridades militares, em Barras, Retiro da Boa Esperança, Peixe, Piracuruca e já mesmo nas fronteiras do Ceará.

Francisco de Oliveira Rocha, juiz de Paz de Barras, diz a Morais Cid, com referência aos meninos apreendidos, nas circunvizinhanças daquele distrito: "[...] destes têm morrido depois de chegados nesta povoação e estão quase todos em termo de morrer de fome e eu vendo que todos vinham a morrer dei muitas crianças a algumas pessoas que melhor as pudessem subsistir e criá-las com melhor educação". (Idem, idem. L. 195A. Doc. 4/6/1840. L. 192. Docs. 3/6 e 4/6/1840).

Roberto Vieira Passos também visita um campo de prisioneiros e, com pérfido zelo, oficia ao Comandante em Chefe: "Fiquei admiradíssimo de ver tantas crianças e mulheres que se fosse possível seria bom terem destino fora dos lares que lhes deu um tão venenoso leite, posto que os liberais de proveito logo gritassem: **despotismo**". Bajula um pouco Cid e acrescenta, informando-o da precária situação militar: "Acredite V. Sa. que eu aqui me defendo mais com a impostura do que com a força". E, em seguida, tanto a seu sabor, porque encerrava uma bajulação e uma intriga ao mesmo tempo: "já ninguém grita em Campo Maior o que faz o Comandante em Chefe que tem deixado perder-se tanto cabedal e tanta gente". (Idem, idem. L. 195A. Doc. 7/6/1840).

Digitalizado com CamScanner

Ainda não havia decorrido um mês e já se consignavam em lista mais de mil presos: combatentes, pouco mais de 200; crianças, cerca de 500; o resto, escravos e mulheres. (Idem, idem. L. 195A. Dcc. 8/6/1840).

Em face do grande número de apreendidos, toma Cid deliberações tendentes a solucionar o problema de alimentação. Autoriza os comandantes dos pontos ocupados pela 1ª Brigada, sob o comando do Maj. Antônio Mendes, a conceder guias àqueles que tenham para onde ir e contra os quais não haja suspeitas; que os presos de guerra, mesmo os do Piauí, sejam enviados ao Maranhão. Os menores, sem pais, devem ser entregues ao Juiz de Órfãos, de Campo Maior. Essas resoluções tinham origem numa portaria do Presidente da Província. (Idem, idem, idem. L.192. Docs. 18/6 e 26/6/1840. L. 163. Doc. 2/6/1840).

Enquanto isso, a Câmara Municipal de Campo Maior nada facilita ao Juiz a fim de solucionar o problema criado com a subsistência dos menores abandonados, sob alegação de que não havia instruções referentes às despesas. Em face de tantos obstáculos, essa autoridade pede exoneração, e as criancinhas ficam desprotegidas.

Às mãos de Morais Cid chegam pasquins em que se vêem tópicos como estes: "Tudo nesta terra é tardonho e custoso; por isso tarde será nomeado quem dê destino aos órfãos". E logo adiante: "dificilmente acharão eles quem os queira assoldadar ou criar e muito custoso será ao juiz de Órfãos provê-los do necessário enquanto não lhes der destino". (Idem, idem. L.195A. Doc. 20/6/1840).

Continuavam as explorações e também continuavam a morrer crianças de inanição e outras, exânimes, eram apreendidas. Nesses dias calamitosos de junho, já haviam sido cadastradas, nas listas dos batedores de matas, 686 menores de ambos os sexos. Os de mais de 12 anos já eram guerreiros e não pertenciam àquela classe e eram inscritos, como presos, nas relações de combatentes. (Idem, idem. L. 193. Doc. 1/7/1840).

Sofriam fome os acoitados de Curimatá e Egito e, embora exauridas suas forças, já sem poder de reação, não poucos preferiam resistir à truculência da luta a entregar-se aos governistas. A população domiciliada naquelas redondezas, em face de tanta miséria, apiedava-se dos perseguidos. Muitos, frustrando a vigilância, passaram a alimentar os foragidos, "monstros dos mais

Digitalizado com CamScanner

enormes delitos", conforme insinuava uma peça oficial da época. Nas Pubas, dizia outro documento, "pouco há em quem confiar, por terem uns medo de descobrir os rebeldes, outros esposarem os seus sentimentos". Mesmo assim, diz o informante que ousavam enfrentar suas tropas. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 23/6/1840. L. 193. Docs. 1/7 e 4/7/1840).

Essa resistência, pouco a pouco, iria amortecer. Estava Cid senhor de toda a região onde se desenrolava a luta. Havia, entretanto, aqui e ali, de vez em quando, vestígios do inimigo.

O Cap. Domingos Gomes da Silva, mais conhecido pela antonomásia de Pau-Ferro, continuava embrenhado e teimava em manter-se naquelas redondezas. Cai finalmente em poder de Antônio Mendes, que o castiga rigorosamente. Morreu, pouco depois, como conseqüência do castigo, quando deveria ser enviado para Caxias. Mendes estende suas explorações até o Maranhão, na zona fronteira às matas, e inflige derrotas aos adversários. É quando anunciam a chegada sorrateira de Ruivo.

Morais Cid despreocupa-se, convicto da impotência dos sediciosos em Curimatá, tanto assim que vai inspecionar Campo Maior, quando traslada seu acampamento para Barras a fim de melhor atacar Frecheiras. Na Feitoria de S. Pedro, há um choque entre um piquete de Estanhado e os rebeldes. (Idem, idem. L. 193. Docs. 6/7, 10/7 e 5/8/1840. L. 192. Doc. 21/6/1840. L. 195A. Doc. 21/6/1840. L. 195B. Doc. 21/7/1840).

Ruivo regressa a Curimatá e Egito, talvez com o propósito de reanimar o entusiasmo de seus prosélitos, já era tarde. Morais Cid pisava firme no triângulo compreendido entre Livramento, Estanhado e Barras.

Comandava, então, o posto de Salobro o Ten. Antônio da Costa Araújo, quando se lhe apresentam três desertores do lado adverso e denunciam que o mais sanguinário guerrilheiro das hostes insurretas estava nas matas, a três léguas distante.

Costa Araújo, à frente de oito praças, segue para o local com o fim de capturá-lo. Surpreendido, procura Ruivo escapar à ação da patrulha. O comandante legalista persegue-o e ordena que os soldados não atirem no inimigo, que cai, em seguida, em foder de sua força.

Quase um século depois, um seu homônimo e descendente, o Maj. Antônio da Costa Araújo Filho, defendendo a ordem legal,

Digitalizado com CamScanner

nas mesmas matas, pouco mais ao sul, em circunstâncias bem parecidas, aprisiona o Ten. Juarez Távora que, junto a Prestes, João Alberto, Siqueira Campos e tantos outros animado de fervor cívico, batia-se por uma causa revolucionária.

É conduzido Ruivo a Livramento, onde Morais Cid lhe aplica terribilíssima surra, cujas conseqüências protelam seu embarque para Caxias. (Idem, idem. L. 195B. Doc. 12/8/1840. L. 195D. Doc. 12/8/1840. L. 193. Doc. 10/7/1840).

Continuava a desmoralização militar dos rebeldes, nessa região. Intentam eles um golpe sobre Conceição e Estanhadinho, postos ribeirinhos do Parnaíba e dependentes do Comandante de Boa Vista, Ten.-Cel. João Rebelo Cardoso. Iniciam o ataque por Conceição, onde são energicamente repelidos. Investem, então, contra Estanhadinho que recebe socorro de muita parte, de Livramento, Remanso, Folha-Larga, Boa Vista e de Estanhado, donde vieram várias canoas, a conduzir gente, armas, munição. Recuam os **balaios** deixando mortos e levando feridos. Têm os legalistas nove baixas. (Idem, idem. L. 193. 13/9 e 23/10/1840. L. 195D. Doc. 12/9/1840. L. 195B. 15/9/1840).

Grande avalancha de sublevados, vinda de Pastos Bons, desce o vale do Parnaíba, pela margem esquerda desse rio, em rumo de Poti e Estanhado. Em Queimadas, chegam os refugiados maranhenses. Cid, de Barras, toma as medidas necessárias para impedir a entrada do inimigo em território piauiense. Este desvia o curso de sua trajetória.

É nesses dias que cai em poder dos guerrilheiros do Cap. Gonçalo Pereira de Almeida, o Cap. Manuel de Filgueiras Mascarenhas Feitosa, mais conhecido pela antonomásia de Brasa Viva, o mais teimoso dos cabecilhas rebeldes dessas matas e que havia seis meses sustentava-se em Egito, especialmente em Vermelha, na Fazenda S. Felipe, onde experimenta sua última derrota. Conduzido a Morais Cid, recebe trezentas cipoadas, às quais não pode resistir. Falece após dolorosos sofrimentos. Poucos dias depois, vingam os **balaios** Brasa Viva. Em Vermelha, tomba morto o Cap. Gonçalo Pereira de Almeida, que recebera, como

Digitalizado com CamScanner

conseqüência das instruções dadas a Morais Cid, prêmio do Governo pela prisão do valente escaramuçador.

Em Ordem do Dia, de 28 de outubro de 1840, o Comandante em Chefe dá por terminada a luta em Curimatá e Egito.

A última relação dos que foram mortos e aprisionados pelos legalistas consignava 2151 indivíduos, assim distribuídos:

Homens presos	162
" apreendidos	494
" mortos	63
Mulheres e crianças apreendidas	1312
Escravos encontrados	120
TOTAL	2151

Os governistas, nos dois primeiros dias do assalto, tiveram quarenta e tantas baixas, quase tudo ferimentos leves. Desde então, a sorte foi-lhes menos adversa, e eles continuaram, quase sem perdas, ou melhor, impunemente, a espingardear os míseros camponeses que eram tratados como vis alimárias. (Idem, idem. L. 195D. 12/10/1840. L. 193. Docs. 19/10, 20/10, 28/10, 29/10 e 28/11/1840).

✓

Notas

[1] SOUSA, Euzébio de. **História do Ceará**. p. 279.

[2] JÚNIOR, Caio Prado. **Evolução Política do Brasil**. 1947, p. 43, em nota.

[3] PINHO, Wanderley. **Cotegipe e seu tempo**. 1937, p. 363 e 224, em nota.

Digitalizado com CamScanner

5

A luta em Frecheiras e no Ceará

No norte do Piauí, onde teve início a luta nesta Província, bem como na região fronteira, no Maranhão, os escaramuçadores, de armas em punho. continuavam em sua "guerra sem sistema", mais como negaceadores de que como guerreiros autênticos.

Os contendores, recrutados entre os camponeses, sem chefes e disciplina militares, soldados improvisados, sem armas e munições, teriam que adaptar-se à nova ordem de vida. Daí, modalidade própria dessa insurreição de bisonhos **capurreiros**. Se suas atividades não eram privativas da pecuária e agricultura, quando muito ingressavam no âmbito da arte venatória. Pouco pendor para manobras militares. Sua belicosidade limitara-se às rixas dos vaqueiros e latifundiários ou às remotas razias para o esmagamento do indígena.

Província mediterrânea, sem franteiras com povos estrangeiros, nem litoral exposto à ambição dos flibusteiros dos tempos coloniais, o Piauí, em seu passado, só eventualmente foi arrastado a choques armados. Tinha, entretanto, sua gente, características peculiares, nascidas da **capanagem** em que sempre vivera e mui especialmente das vicissitudes duma natureza por vezes ingrata e, sob determinados aspectos, quase sempre, senão constantemente hostil. Dessas características sobressai a capacidade de resistência ao sofrimento.

Se desse fator de formação do caráter advém qualidades negativas, incontestavelmente provêm também, e em maior soma,

Digitalizado com CamScanner

qualidades positivas. Entre essas, a mais importante é a que predispõe o homem a valorosamente enfrentar a luta sob aspérrimos ângulos da vida.

Convenhamos em aceitar que é dessa forma que surgem os heróis. Oliveira Martins chamou a guerra da restauração de Pernambuco de Ilíada Brasileira. Oliveira Lima denominou de Odisséia a façanha dos bandeirantes. Não só a guerra holandesa e a epopéia dos bandeirantes se nos apresentam como feitos sublimáveis. Tão imponente foi também a avançada dos currais contra os indígenas do Oeste e, em nossos dias, não menos épica, a gloriosa conquista da Amazônia. Segundo escritor coevo, a história dessas proezas reclama seu Homero.

Não teve a Balaiada os valorosos lances de coragem e patriotismo registrados alhures em nossa História; mas vem patentear os atributos superiores de nossa gente; rebeldes e legalistas. Se não teve a dramaticidade para heroificar seus guerreiros, demonstra, entretanto, destes, o denodo, a teimosia de combatividade, a capacidade de sacrifícios quando se deixam empolgar por uma causa. Daí a atitude de Clementino, quando em Baixão, "na espessa e feraz mata" de Conceição, dá sua última ordem de comando.

Essa renitência em lutar até a exaustão ou aniquilamento é a grande capacidade dessa gente.

Retomaram enfim os rebeldes, como vimos, S. Bernardo, Brejo e Tutóia que haviam sido efemeramente restaurados por Valério, Barata e Pedro Paulo. Esses fatos quase coincidem com o sítio de Estanhado e a rebelião das tropas cearenses em Parnaíba; ecoam dolorosamente no seio das hostes legalistas, já tão fracas, em virtude da precariedade de seus recursos materiais.

Vem, entretanto, estimulá-las, nesse momento de prostração, a chegada de Morais Cid e de Manuel Antônio da Silva. Do primeiro, já vimos sua atuação em Curimatá onde, desde que chegou, foi a figura mais preeminente. Sua entrada no teatro das operações militares coincide também com as primeiras atividades de Manuel Antônio, em Parnaíba, donde parte este para Sapucaia, acampamento em território piauiense, fronteiro aos municípios de Brejo e S. Bernardo, a fim de comandar as forças que enfrentavam os rebeldes naquela região.

Digitalizado com CamScanner

Como Cid, era Manuel Antônio oficial de primeira linha. Ambos eram baianos e, um pouco mais tarde, ainda ao lado de Luís Alves de Lima, já então Barão de Caxias, distinguir-se-iam reprimindo a Revolução Liberal, em 1842. Ambos foram comandantes de colunas na campanha do Sul. A intrepidez e o cavalheirismo de Morais Cid foram realçados em uma das memoráveis páginas de Paulo Pinheiro Chagas, em seu **Teófilo Otoni**.

Em Minas, também exibiu magistralmente sua bravura o mesmo Pedro Paulo de Morais Rego que vinha da Guerra do Fidié e que Manuel Antônio encontraria a combater Ruivo e Pedregulho, nas cercanias de Brejo e S. Bernardo.

O militar baiano, vindo de Fortaleza (Ceará), viu frustrada sua tentativa de penetrar no delta do Parnaíba, pela barra do Igaraçu. Foi, então, arribar em S. Luís do Maranhão, donde busca novamente a vila piauiense, onde desembarca a 25 de dezembro, trazendo munições de guerra e de boca. Mas não encontrou as forças cearenses que se amotinaram um pouco antes e, batidas, foram enviadas para o Maranhão. Como conseqüência da quartelada, ficou sem soldados, e pretendia regressar ao Ceará, o que não fez para atender aos apelos de Miranda Osório.

Fora nomeado, segundo diz ele mesmo ao Barão em ofício de 2 de janeiro, pelo Governo Imperial, para Comandante-em-Chefe das forças do Ceará e, em virtude da autorização do Governo do Maranhão, assumiria também o comando das de Brejo, para onde seguiria em breve. Ao alcançar Parnaíba esse oficial, tomava Miranda Osório providências para socorrer Estanhado, onde se achava sitiada a Coluna do Norte. Determina Miranda Osório que Pedro Paulo e Moreira Carvalho acorram ao chamamento. Daí, a expedição que chegara a tempo de cooperar na libertação de Roberto Vieira Passos, cercado com seus soldados em Boa Vista, quando viera em ajuda de Mendes, episódio a que já nos referimos em capítulo anterior.

Enquanto se tomam as providências para o auxílio a que aludimos acima, Manuel Antônio e Miranda Osório vão organizando o Batalhão Provisório de Imperiais Voluntários de Tutóia, que deveria seguir para libertar aquela vila maranhense. Seu comando foi condiado ao chefe parnaibano.

Com os primeiros dias de 1840, vai para Carnaubeiras, do termo daquele minicípio do Maranhão, a canhoneira "Parnaíba"

Digitalizado com CamScanner

que conduz o comandante do iate "28 de Julho", alguns marinheiros, vinte homens do destacamento de Parnaíba, e pessoas de distinção daquelas vizinhanças, contempladas como oficiais do batalhão que se organizava para defender outra vez a vila maranhense. Começariam a agir por Carnaubeiras.

Desde que foram batidos os rebeldes em Tapera, Mariquita, S. Pedro, Araiós, não mais tinham estes aparecido nessas redondezas. Agora surgem em S. Pedro e também em Barra do Longá, onde cometem distúrbios, roubos, assassinatos. (Idem, idem. L. 163. Doc. 16/1/1840. L. 195E. Doc. 3/1840 Docs. soltos. 12/1/1840 e 5/1/1840).

Depois da partida da Canhoneira "Parnaíba" para Carnaubeiras, segue Manuel Antônio pera Sapucaia (atualmente, fronteira à cidade de S. Quitéria, do Maranhão), onde chega na manhã de 12 de janeiro e assume, em seguida, o comando de todas as forças que operavam naquele setor.

Aí encontrou Severino Alves de Carvalho, Prefeito de Brejo, que se refugiara no Piauí, desde os primeiros dias da luta, após o desastre de Angico, em que tombou ingloriamente o desventurado Pedro Alexandrino. Pouca gente achou em Sapucaia. Apenas alguns homens e isto mesmo mal armados, pois Pedro Paulo, desde o dia 7, atravessara o rio, à frente de 540 combatentes, em busca do inimigo que, segundo diziam, estava na Feitoria do Martinho, pertencente ao Ten.-Cef. Caldas.

Havia dois dias que troava o tirotear além do Parnaíba. Corriam alarmantes boatos com referência ao destino das forças de Sapucaia. Rumorejavam que o destacamento que defendia Repartição já se achava sitiado.

Meia légua antes da Feitoria do Marinho, já os **balaios** esperavam os legalistas. Na manhã de 9, há o primeiro choque, rígido, impetuoso, e Pedro Paulo reprime os adversários, desbaratando-os. Recuam para ocupar novas posições, donde continuaram a resistir denodadamerite. Prossegue a luta nos dias imediatos. São tiroteios intermitentes que não decidem a sorte dos guerreiros. Enquanto os governistas esgotam munições e abastecimentos, sem receber auxílio de espécie alguma, os inimigos iam crescendo com os socorros vindos de Brejo, S. Bernardo, e, dentro em pouco, já eram mil e quinhentos combatentes.

Digitalizado com CamScanner

No dia 11, de tudo precisava Pedro Paulo. É obrigado a retirar-se em busca do "Parnaíba", onde melhor poderia defender-se e ser socorrido. Dirige-se pera Morcego, a quatro léguas apenas, em vez de Repartição para onde pretendera seguir a princípio, porque ficava esse povoado a seis léguas e o caminho era coberto de matas. O adversário fustiga-lhe os passos na retirada afanosa e vai deixá-lo nas proximidades do rio, onde um Igarapé lhe serve de anteparo.

Tiveram os legalistas 28 baixas entre mortos e feridos, mas infligiram aos **balaios** a perda de 39 mortos e maior número de feridos. Foram ainda tomados 30 arrobas de salitre, um pouco de enxofre, pois os rebeldes fabricavam pólvora. (Idem, idem, L. 195E. Docs. 14/1, 24/1/1840. L. 191. Doc. 6/1/1840. L. 205. Doc. 12/1/1840).

Pouco depois, o destacamento de Repartição, além do Parnaíba, é investido pelos insurretos. São os assaltantes rechaçados a fogo de artilharia. Apesar das perdas sofridas neste recontro, fazem ainda dois ataques em dias consecutivos, em princípios de fevereiro.

Prepara-se Manuel Antônio para a ofensiva que em pouco desencadearia contra Brejo. Renée, que ficara em Curimatá com seus soldados desde a investida de Boa Vista, é chamado a Sapucaia. Ainda toma o oficial baiano as medidas necessárias para restabelecer o correio e assegurar o transporte de mantimentos e munições que trouxera do Ceará e Maranhão, pois suas forças estão prestes a debandar, em virtude da fome e nudez de que são vítima. (Idem, idem. L. 195C. Doc. 27/1/1840. L. 191. Doc. 5/2/1840. L .189. Doc. 8/2/1840).

Énquanto isso, aparelha-se Miranda Osório para as soluções dos transportes marítimo e fluvial, indispensáveis à vitória.

De Carnaubeiras, que já havia sido ocupada pela expedição de Parnaíba, saem agora partidas que procuram apoderar-se de Tutóia, ainda em poder dos rebeldes. Daquele povoado, que fica defendido por Francisco da Silva, partem tropas sob o comando do Cap. Barata, em busca daquela vila. À sua aproximação, os inimigos retiram-se. Os legalistas chegam às vizinhanças de Tutóia, onde são surpreendidos na madrugada do dia 14 de janeiro, e desse combate de cerca duma hora de tiroteio, saem feridos o Cap. Barata, o Alf. João Dinis de Almeida e 4 soldados. Nada se sabe das perdas

Digitalizado com CamScanner

do adversário. O Comandante Braga solicita, então a Miranda Osório a remessa de mais armas e munições. (Idem. idem. L. 182. Doc. 17/1/1840. 195E. Doc. 5/1/1840).

Em face dessa surpresa, as manobras militares, nessa região, desenvolvem-se com meticulosidade. Há um ligeiro recontro em S. Raimundo, no qual os guerrilheiros de Parnaíba infligem uma derrota aos antagonistas. (Idem, idem. L. 195C. Doc. 5/2/1840).

Finalmente, a 24 de fevereiro, entram os legaistas em Tutóia, donde saíram, nas vésperas, os **balaios**. Senhores da vila, daí mandam uma expedição contra Estivas e Anajás.

Manuel Antônio, já mais bem aparelhado e conhecendo melhor o terreno, autoriza Jacarandá a fazer o assalto a Brejo. No percurso, há ligeira escaramuça com pequenas perdas, de lado a lado. Apesar da resistêncla, Brejo é ocupada no dia 23 de março, dois meses após a queda de Caxias. (Idem, idem. L. 195C. 5/3/, 22/3 e 24/3/1840).

Toda a região do norte do Piauí ficara sob o domínio dos insurretos, que fizeram de Frecheiras seu principal quartel, desde a incursão do Maj. Joaquim Ribeiro, após o sacrifício do Cap. Inácio Ferreira de Araújo. Escapara apenas a margem do Parnaíba, em virtude daquele cordão de postos militares estendido ao longo de seu curso.

Manuel Antônio promete que viria auxiliar a conquista daquele povoado, logo que fossem feitas as ligações com as colunas maranhenses, que vinham de S. Luís, sob o comando de Favila e José Tomás, e que não haviam ainda alcançado as vilas libertadas. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 30/3/1840).

Vimos que o movimento ali teve curso em virtude da atuação de Antônio de Almeida Portugal, José de Veras e Luís Barroso de Veras, oficiais das forças armadas de Parnaíba, proprietários naquele distrito, parentes entre si e vinculados a importantes famílias do Maranhão e Ceará. Cedo, a conselho dos Mourão, abandonaram os rebeldes.

Outros chefes surgiram do seio dos camponeses, rebelados. Expulsos de Frecheiras, para aí regressam depois da saída dos legalistas. E desde então ficaram senhores da região. Já não

Digitalizado com CamScanner

contavam, entretanto, com os primitivos chefes da rebelião naquele povoado. (Idem, idem. L. 195E. Docs. 8/1 e 10/1/1840. L. 195C. Doc. L. 195C. Doc. 27/2/1840. L. 164. Doc. 23/1/1840).

Domingos Ferreira de Veras não quis, porém, discussões e manteve-se fiel à atitude que assumira anteriormente. Se perdera os companheiros dos primeiros dias de luta, outros vieram em seu auxílio, e entre estes estavam Sousa Ramos, João Batista e finalmente Antônio de Sousa Cabral que se tomaria o mais renitente cabecilha daquelas redondezas.

Registram-se ainda novos movimentos de perturbação da ordem pública nas circunvizinhanças daquele distrito, como conseqüência da vinda de **balaios** do Maranhão que acudiram ao chamamento de Ferreira Veras. Encontraram assim uma evasiva, pois estavam premidos pelas forças que agiam sob a direção de Manuel Antônio e de Miranda Osório, nos termos de Brejo e Tutóia, e ainda também pelas que se achavam sob a orientação direta de Luís Alves de Lima, que assumira suas funções com os primeiros dias de fevereiro de 1840. (Idem, idem. L. 191. Doc. 28/1/1840. L. 189. Doc. 8/2/1840. L. 195C. Doc. 4/3, 22/3/1840. L. 195E. Doc. 8/3/1840. L. 195A. Doc.24/3/1840).

Já havia, nessa época, assumido a presidência do Ceará, o ilustre piauiense Dr. Francisco de Sousa Martins, sobrinho do Barão da Parnaíba. Era irmão de Clementino, e de José Martins, comandante da Coluna do Oeste, cuja história estudaremos um pouco. Ao assumir, em Fortaleza, suas funções, organizou imediatamente expedições de socorro, que muito auxiliaram o Piauí a jugular a rebelião. Nomeou Joaquim da Rocha Moreira comandante de uma dessas expedições, com o posto de major.

Segue imediatamente Moreira para as fronteiras e, em seguida, entra no teatro das operações, com pouco menos de 300 homens. Começa pelo município de Parnaíba. De Algodões, expede piquetes por estradas diferentes e marcha pela de Boíba, em busca de Frecheiras. Distante uma légua de Algodões, conduzido por guia traidor, ao lusco-fusco da manhã de 19 de março, sua vanguarda é surpreendida por assalto à queima-roupa. Generaliza-se o ataque e Rocha Moreira, derrotado, regressa a Algodões, para curar os feridos e reorganizar suas tropas reduzidas a 150 praças.

Chama as partidas que havia expedido e concentra sua gente no povoado Brejo. Tivera, como conseqüência da aleivosia, afora

Digitalizado com CamScanner

as deserções, 11 baixas, inclusive 3 mortos. Os rebetdes tiveram muitos fora de combate, entre os quais 9 mortos.

Veras, que já comanda 600 escaramuçadores, procura atrair a seu partido os índios de Ibiapaba. Rocha Moreira entra em entendimento com Vieira Passos para nova investida contra os inimigos. De Ubatuba pede auxílio a Miranda Osório e narra o ocorrido dizendo que tem arrasado tudo, pois não se deve ter comiseração dos adversários. (Idem, Idem. L. 195E. Docs. 9/2/1840 e 24/3/1842. L. 191. Docs. 15/3 e 21/3/1840. L. 192. Doc. 31/3/1840. L. 195C. Doc. 21/3/1840. L. 195A. Doc. 27/3/1840).

De Frecheiras, saem partidas de **balaios** que levam o terror àquelas redondezas. Marcham até Buriti dos Lopes que atacam e donde são repelidos. Regressam uns pela estrada do Espírito Santo, outros vão para Boi Morto. Vêm em seguida até perto de Piracuruca e em Jacareí fazem depredações.

Miranda Osório, que havia atendido ao chamamento de Rocha Moreira, despachou uma expedição de 100 praças que vai em rumo dos frecheirenses que voltam ao seu reduto. Os piauienses não têm notícias daqueles que deveriam ser colaboradores seus. Estes, em face da insegurança em sua retaguarda, tiveram ordem de regressar ao Ceará.

Emquanto isso, as forças parnaibanas se aproximam de Espírito Santo, donde foge o inimigo. Ocupam o povoado que fica a 4 léguas de Frecheiras. Mal anoitece, são sitiados e começa logo forte fuzilaria que continua pela noite adentro, recrudescendo ao amanhecer, quando recebem os rebeldes novo reforço. Estes já se elevam a 500.

As 7 da manhã, tomam os legalistas a resolução de romper o sítio, pois está quase esgotada a munição. Fazem pressão na estrada que sai para Buriti. Conseguem quebrar a resistência e retiram-se, em busca deste povoado, onde chegam às duas horas da tarde, perseguidos de perto pelo adversário. Vieram os **balaios** até as vizinhanças. Tiveram pesadas perdas; mas os imperiais experimentaram dura derrota, que lhes custou 18 baixas, entre mortos e feridos. E tomaram-lhes os rebeldes toda a bagagem, inclusive cavalgaduras. (Idem, Idem. L. 192. Doc. 1/4/1840. L. 191. Doc. 12/4/1840. L. 195E. Docs. 4/4 e 19/4/1840. L. 195A. Docs. 16/4, 19/4, 20/4, 28/4 e 12/5/1840).

Digitalizado com CamScanner

Se eram difíceis as comunicações entre Parnaíba e o resto do Piauí, agora ainda piores ficaram. O Cap. Roberto Raimundo de Aguiar buscava oportunidade para conduzir daquela vila a Piracuruca, em companhia do Ten. Faustino da Costa Veloso, armas e munições vindas da Bahia. Só mui posteriormente, quando Frecheiras foi ocupada pelos governistas, é que lhe é possível transportar valiosos recursos para os legalistas que operavam no interior. (Idem, Idem. L. 195A. Docs. 15/4 e 6/6/1840. L. 195B. Docs. 5/7 e 15/7/840. L. 191. Doc. 2/5/1840).

A vila de Brejo, já sob o domínio das forças de Manuel Antônio, agora se acha ameaçada pelos rebeldes que assaltavam por todos os lados. Contudo, desde então, jamais impediram suas comunicações com o Piauí. O Barão solicita, para aquela região, o concurso de Sérgio que ocupava a cidade de Caxias, desde 24 de janeiro.

José Tomás, que vinha procurando abrir uma brecha para alcançar aquela vila, trazendo forças de S. Luís, consegue atingir, na primeira quinzena de abril, vinte e um dias após sua queda, as fileiras dos **balaios** que a sitiavam, destroçá-los, forçá-los a levantar o cerco, e faz então junção de seus soldados aos de Manuel Antônio.

Pouco oferece a esta Província. Anuncia que tem ordens do Presidente do Maranhão, de só transpor o Parnaíba, perseguindo um troço de inimigos, quando estes abandonassem todo o território do Maranhão. Já vimos que eram essas as mesmas ordens transmitidas a Sérgio e por este passadas a seus comandados, e vimos também o comportamento do Barão em face dessa atitude dos comandantes subordinados diretamente a Luís Alves de Lima.

Enquanto isso, Sérgio e José Tomás solicitavam ao Piauí gado para o abastecimento de sua gente, cavalos para montaria de suas forças e até mesmo recursos militares. (Idem, idem. L. 192. Doc. 14/4/1840. L. 195A. 15/4 e 22/4/1840. L. 163. Doc. 14/4/1840.

Nesta época (abril de 1840), era melindrosa a situação do Piauí. Estamos vendo as dificuldades em torno de Frecheiras, onde os governistas experimentam reveses. Em Curimatá, como vimos,

Digitalizado com CamScanner

cerca de dois mil **balaios** ainda desafiavam a vigilância de Morais Cid. José Martins, como veremos em pouco, fora obrigado a abandonar o Maranhão, deixando Pastos Bons em poder dos adversários, para acudir ao Alto Gurguéia onde estoura a rebelião.

Manuel Antônio entrega Brejo a José Tomás e prepara-se para auxiliar a libertação de Frecheiras, conforme prometera. (Idem, idem. L. 195A. Docs. 22/4 e 30/4/1840).

Recebe Miranda Osório pedido de socorro, de Tutóia, ameaçada de sítio pelos insurretos, agora unidos aos escravos. Envia tropas numa canhoneira e, em seguida, no brigue de guerra "Guararapes". Defenderiam ainda Carnaubeiras e ilhas vizinhas. (Idem, idem. L. 191. Doc. 2/5/1840. L. 192. Doc. 5/5/1840).

Mal os legalistas ocupam Tutóia, já os rebeldes se concentravam, aliados aos negros fugidos, para retomar a vila. (Idem, idem. 195E. Doc. 7/3/1840).

Começariam por Carnaubeiras, onde era comandante dos imperiais o Cap. Inácio Portugal de Almeida. Trezentos **balaios** de mãos dadas a seus novos partidários, às três horas da madrugada de 8 de maio, apossaram-se facilmente das trincheiras, que serviam de anteparo ao povoado. (Nesse mesmo dia, em Curimatá, rebeldes e legalistas disputavam a vitória na maior batalha dessa campanha). São pouco mais de cem os comandados de Inácio de Portugal de Almeida. Não se deixam, entretanto, entibiar. Se perdem as trincheiras, das casas residenciais, dos quintais, dos sobrados, sustentam mortífero fogo, até o alvorecer, quando são secundados pela canhoneira que estava fundeada no porto e que entrou imediatamente em ação. Os rebeldes são enfim rechaçados e deixam em campo 46 mortos. Os legalistas têm 26 baixas, afora 4 mortos.

Entre os feridos estavam os Tens. Francisco de Almeida Portugal, Alexandre de Almeida Portugal e Alf. Antônio José Neves.

Miranda Osório envia ainda alguns auxílios a Carnaubeiras. (Idem, idem. L. 192. Docs. 11/5, 12/5, 14/5 e 25/5/1840).

As cousas, porém, no Piauí não iam bem. E o chefe parnaibano volta-se para Frecheiras, onde, mais de perto, falavam interesses imediatos e para onde também convergiam as atenções

Digitalizado com CamScanner

dos cearenses, pois a manutenção desse ponto pelos partidários de Raimundo Gomes, seria ameaça contínua ao Ceará.

Manuel Antônio vai a Parnaíba, donde deveria seguir para o assalto ao reduto inimigo. O próprio Presidente, Dr. Francisco de Sousa Martins, pretende vir para Viçosa, ausentando-se de Fortaleza, a fim de melhor dirigir a ação contra os insurgentes. (Idem, idem. L. 163. Doc. 5/5/1840.

Em fins de abril, o comandante das forças de Sapucaia, que tinham operado no setor de Brejo, baixa à frente de seus guerrilheiros, pelo vale do Parnaíba, fazendo a limpeza da margem direita até a vila que recebe o nome desse rio, enquanto José Tomás, já senhor daquela vila maranhense, mandaria que um troço de seus combatentes seguisse pela margem esquerda.

Quando José Tomás avançara, a fim de reforçar os legalistas de Manuel António que ocupavam Brejo, deixou inimigos em importantes posições na retaguarda. Por causa disso, depois de penetrar na vila ameaçada, fez regressar alguns destacamentos para expulsá-los daquelas posições. Além disso, os negros de Munin exerciam pressão na Terceira Coluna, do comando de Favila e, obedecendo às ordens de Luís Alves de Lima, teve ainda de expedir socorros para aquela região. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 1/5/1840).

No Morro Chapéu, Manuel Antônio destaca Jacarandá a fim de assaltar Lama. Sai este para Soledade, daí para Canto do Carnaubal (Campina), onde pernoita. Na madrugada do dia imediato, vai a Cocal, em busca de seu objetivo. Às 9 horas da manhã, procuram os rebeldes interceptar sua marcha, e entram em escaramuças, que se prolongam até às 12 horas, quando são abatidos. Os legalistas ateiam fogo em 17 cabanas que constituíam o povoado, e aprisionam 19 crianças e mulheres. Prosseguem em suas pesquisas. Às 3 horas da tarde, apesar da vigilância, são surpreendidos e atacados pela frente e retaguarda, de emboscadas, até às 6 horas da tarde, quando acampam em Lama, numa iminência próxima. São feridos 3 soldados e o Ten. João de Deus Pires Ferreira, cuja bravura o tornou digno de eleogios. (Idem, idem. L. 192. Docs. 9/5 e 12/5/1840 e Doc. solto 12/5/1840).

Os **balaios** ameaçam novamente Piracuruca, em cujas imediações cometem tropelias. A vila fica alerta e durante 2 dias, de armas em punho, aguarda a população o inimigo. Vive aquela gente momentos que nos fazem lembrar as vésperas de Bebedor,

Digitalizado com CamScanner

no ano anterior. (Idem, idem. L. 191. Docs. 16/5 e 18/5/1840. L. Doc. 17/5/1840)

Chega Manuel Antônio a Parnaíba onde toma conhecimento do plano de ataque a Frecheiras, elaborado sob as vistas do Presidente do Ceará, Dr. Francisco de Sousa Martins, que já se achava no teatro das operações, havendo sido precedido pelo Ten.-Cel. Francisco Xavier Torres, que comandava 200 soldados cearenses. Este ocupou Sobral e deixou em Acaraú outro contingente que, um pouco mais tarde, deveria vir em seu auxílio. Aguardou então o Presidente, e ambos, alguns dias depois, seguiram para Viçosa, onde esperariam, dentro em pouco, ter forças superiores a 800 combatentes. Em seguida, atingira Rocha Moreira as fronteiras com 260.

Lamenta Francisco de Sousa Martins não ter podido amparar José Martins, seu irmão, quando este invadiu o Maranhão, e tomou a vila de Pastos Bons que teve de abandonar, à falta de material bélico, conforme veremos no capítulo seguinte. Agora, pessoalmente traz armas, munições, tropas, dinheiro e, sobretudo, seu sincero empenho em colaborar na repressão do movimento sedicioso. (Idem, idem. L. 195A. Docs. 11/5 e 3/6/1840. L. 191. Doc. 10/5/1840. L. 192. Doc. 25/5/1840.

É quando chegam rumores de que 50 legalistas enviados imprudentemente a Ubatuba, pelo Ten.-Cel. Eugênio, sem ordem do governo, depois de dia e meio de lutas, caíram em poder dos rebeldes. (Idem, idem. L. 192. Doc. 6/6/1840).

José Tomás, além do Parnaíba, já clama por socorro.

Antônio de Sousa Cabral, de Frecheiras, em nome de seus camaradas, mantém correspondência com Roberto Vieira Passos, comandante de Piracuruca. Expõe os motivos por que se batem. Diz que pegam as armas contra a legislação que criou e regulamentou os cargos de prefeito, subprefeito e instituiu suas atribuições. Exculpa-se da acusação de que acolhe em seu acampamento escravos fugidos, e afirma que ele e seus companheiros são contrários a essa aliança aceita pelos correligionários maranhenses. (Idem, idem. L. 195A. Docs. 7/6/1840. L. 192. Docs. 6/6 e 10/6/1840.

Digitalizado com CamScanner

Os legalistas, obedecendo ao plano de ataque, convergem para Frecheiras, conforme os entendimentos mantidos de Viçosa, pelo presidente do Ceará, com Miranda Osório, Manuel Antônio e Roberto Vieira Passos.

As forças do Ceará seguiriam pelas estradas de Algodões, Tucuns e Porteiras. Ocupariam a fazenda Santana, as de Parnaíba, vindas pelas estradas de Amarração, pelos campos; de Santana continuariam uns diretamente para Frecheiras, e outros, pelo caminho que sai no Camurupim, pela Mata Fria, iriam a Porteiras, pare onde também marchariam os cearenses. As de Manuel Antônio, que ocupariam o Alto Bonito, deveriam alcançar Pacoti, dividir-se em duas colunas, das quais uma procuraria a direção da Fazenda Capiberibe, e outra diretamente rumaria para Frecheiras, ponto de convergência de todos. Apenas não tinha por objetivo a sede do distrito rebelado, o contingente de Piracuruca, que ficaria em Belém, a fim de evitar a fuga dos **balaios** por esse lado. (Idem, idem. 195A. Docs. 23/5 e 28/5/1840).

Esse projeto quase não foi modificado quando da execução. Deveria o assalto, conforme o primitivo plano, ser a 9 de junho. Posteriormente foi transferido para 15.

Os chefes legalistas aprestam-se para a luta. Manuel Antônio quase não acha obstáculo em sua marcha. Vinham os parnaibanos sob seu comando. Nos dias 13 e 14 permaneceu em Pacoti, onde tiroteava com os adversários, sem conseqüências notáveis. Daí, busca seu alvo e há parcimoniosos tiros trocados entre os insurretos e sua vanguarda. Às 8 horas da manhã de 15, estava dentro de Frecheiras, esse núcleo espantoso de rebeldes, esse covil de ladrões e assassinos", que agora se encontra deserto, "debaixo de nossos pés", dizia ele, em espalhafatosa ordem do dia após a ocupação. Apenas um soldado ferido, da coluna do Maj. Dâmaso Pinto da Veiga.

Ao guarnecer pontos estratégicos, há rápido choque com um grupo retardatário de balaios que deixam 7 mortos, entre estes 4 mulheres.

Louva Manuel Antônio os que se distinguiram: Maj. João Martins Ferreira, Caps. Tomás José Pereira, Raimundo Dias da Silva, Leonardo José de Lima, Tens. Custódio de Sousa Lima, Manuel Vicente Costa, Miguel Carvalho C. Branco, Alfs. Manuel Nunes Bezerra, Joaquim Inácio Pessoa, Antônio de Almeida Portugal,

Digitalizado com CamScanner

Cândido José Sampaio, Cândido José de Oliveira, José Pereira de Sousa, Antônio de Sousa, Jacarandá, Eleutério, Antônio Soares Braga e Ajud. José Francisco da Silva.

Em pouco, entram os cearenses que haviam sido subdivididos em quatro colunas: a do Ten.-Cel. Francisco Xavier Torres, que veio pela estrada de Algodões; a do Maj. Joaquim Ribeiro da Silva, pela da Mata Fria; a do Cap. Antônio José Lins de Oliveira, pela de Tucuns, e finalmente a do Cap. Simplício José da Silva que, partindo de Ubatuba, chegou pelo caminho de Porteiras. Tiveram mais de 20 feridos, e entre estes estavam os Caps. Francisco Edwiges de Sousa e José de Barros Mourão, Ten. Antônio da Silva Tarnporim, Furriel Bernardino Leite de Araújo. Sofreram os rebeldes muitas baixas, entre as quais 29 mortos. (Idem, idem L. 191. Doc. 15/6/1840. L. 195F. Doc. 25/6/1840. L. 195A. Docs. 15/6/ e 8/6/1840. Doc. solto. 23/6/, 20/6, 15/6/1840.

Expulsos de Frecheiras, procuraram escapar uns em rumo de Belém, onde vão cair m poder de José da Costa Portela, comandante das forças de Piracuruca; seguem outros pelo Longá, atravessam o Paraíba e, dentro em pouco, exercem pressão sobre José Tomás que pede ainda socorro a Morais Cid, a quem diz que os partidários de Raimundo Gomes, fugidos do Piauí, resistem furiosos a suas partidas.

O grosso, porém, procurou escapar à luta e fugir em rumo do Ceará; foram, porém, topar com as colunas cearemses, como vimos. Como conseqüência, maiores foram as perdas nesse setor. Galgam a Serra Grande, onde contavam com as simpatias dos remanescentes indígenas de Ibiapaba. Na manhã de 1° de julho, assaltam e tomam S. Pedro de Ibiapaba, perto de Vila Nova, no Ceará, havendo prejuízos pessoais de lado a lado.

Regressam os cearenses, então, para acudir sua Província, ficando apenas 100 em Cocal e Lama, sob o comando do Cap. Manuel Pereira da Silva. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 18/6/1840. L. 191. Doc. 20/6/1840. L. 190. Doc. 1/7/1840. L. 193. Docs. 1/7, 5/7/1840. L. 195B. Doc. 1/7/1840. L. 195F. Doc. 14/7/1840).

Nesse momento, continua ainda Morais Cid na limpeza de Curimatá e pouco pôde fazer nesse setor. O incansável Miranda Osório, como veremos, encontra ainda oportunidade de prestar serviços ao Maranhão.

Digitalizado com CamScanner

O Presidente do Ceará, que viera para a região conflagrada a fim de pessoalmente prestar seu socorro na jugulação dos rebeldes, fora acometido de sarampo antes do assalto a Frecheiras. Em Granja, restabeleceu-se. Nessa ocasião, essa epidemia grassava em toda a zona do Norte, causando, nas fileiras, mais danos que as próprias armas.

A saúde de Manuel Antônio era precária, e estivera ele em constantes desinteligências com Morais Cid, Moreira Carvalho, Xavier Torres e autoridades de Piracuruca. Entrou enfim em gozo de licença e afastou-se de uma vez do teatro das operações.

Continua Miranda Osório a amparar no possível as forças que agiam no Maranhão. Envia socorros a Brejo, em duas barcas escoltadas por uma canhoneira; e por terra, expede duas colunas que marginam o Parnaíba, uma de 180 soldados, com Pedro Paulo, pelo território maranhense, e outra de cento e tantos, pelo Piauí sob o comando do Maj. João Martins. É quando saem de Parnaíba o Cap. Aguiar e Ten. Martinho da Costa Veloso que conduzem a Piracuruca, donde são distribuídos valiosos recursos bélicos. (Idem, idem. L. 195B. Docs. 16/6, e 15/7/1840. L. 192. Doc. 29/6/1840. L. 193 Doc. 13/7/1840.

Dirigem-se agora os legalistas cearenses para S. Pedro de Ibiapaba, ocupada pelos **balaios**. Não conjugam, entretanto, seus esforços para um ataque simultâneo. Descem os sediciosos e preparam-se para a defesa, em Buriti. É o Maj. Joaquim Ribeiro o primeiro a chegar, conduzindo forças de S. Benedito e Vila Nova. Acomete os rebeldes. Toma-lhes três trincheiras. Há perdas pessoais de lado a lado. Não continua, porém, na expugnação. Abandona a luta e segue para Sobral.

Mas Rocha Moreira já havia atingido as cercanias de Buriti, expedido por Torres, à frente de cerca de 250 combatentes. Esperavam o inimigo uns 400 insurretos, amparados em trincheiras defendidas por 250 **estrepes**. Há, então, o assalto, debaixo de viva fuzilaria. Rocha Moreira chama leões seus comandados que dentro em pouco são senhores do campo. Fogem os adversários pelas estradas de Pindoba e Japitaraca, onde são batidos logo depois. O Cap. José Barros Mourão já hvia ocupado S. Pedro. (Idem, idem. L. 193. Docs. 14/7, 19/7, 26/7/1840. L. 195F. Doc. 1/9/1840. L. 190. Docs. 20/7 e 25/7/1840).

Digitalizado com CamScanner

É Informado Torres de que os antagonistas bivacavam em Mombado. Autoriza o Maj. Inácio Pinto de Almeida Castro a seguir para aquela região a fim de batê-los. Já havia regressado Rocha Moreira e Viçosa e Torres anunciava que até 21 de julho, vinte dias após a penetração dos sediciosos em território cearense, haviam eles perdido aí 18 mortos, 18 presos, e foram apreendidas 44 mulheres e 67 crianças, afora bagagens e cavalgaduras.

O Maj. Inácio Pinto destaca o Cap. Isidoro de Oliveira , em rumo de Mombado. Sob o comando deste, vinha o Alf. José de Moura Lima que, sem autorização, cometeu a imprudência de atacar o inimigo, apenas com 50 soldados. É repelido e experimenta terrível derrota, havendo 17 baixas em suas fileiras. Encontrava-se entre os feridos. Às 12 horas do dia imediato, o Maj. Pinto investe os **balaios** que, às 4 horas da tarde, já estavam em franca debandada. Persegue os derrotados que, afora os prisioneiros deixam em campo 13 mortos.

Na fronteira do Piauí, numa caçada bárbara aos inimigos, achava-se o Cap. Portela, que ocupara Belém, quando no ataque a Frecheiras. Agora estava ele novamente, de tocaia, com seus soldados, espreitando as veredas e surpreendendo os fugitivos do Ceará, indistintamente, combatentes, mulheres, crianças. Aqueles já desciam, esfaimados, exaustos.

Ao lado dos legalistas, nessas escaramuças, bateu-se Luís José de Miranda, capitão índio no dizer de Studart. Porém, contra estes, no Piauí e Ceará bateram-se os índios de Ibiapaba, conduzidos por Francisco de Paula Barbosa e seu irmão Simão.

Este último faz-nos lembrar o desbragado D. Simão, chefe indígena da missão de S. Francisco Xavier, de Ibiapaba, de quem nos fala Betendorf. Sua indisciplina não encontrou freio na sabedoria de Vieira, nem na vigilância de Pedro Poderoso. O endiabrado cacique pôs em armas toda aquela missão, forçando a retirada dos jesuítas. Tudo nos leva crer que o fogoso sangue do famoso D. Simão corria nas veias de seu homônimo, o irmão de Francisco de Paula Barbosa, um dos prisioneiros do Maj. Inácio Pinto. (Idem, idem. L. 190. Docs. 20/7, 25/7, 28/7 e 29/7/1840. 10/8/1840. L. 195B. Doc. 31/7/1840. L. 195F. Doc. 2/8/1840).

Nessas escaramuças, têm os legalistas 25 fora de combate.

De Buriti a Mombado, sofreram os governistas maiores perdas, mas quase todas, ferimentos leves. Tiveram os rebeldes 39 mortos

Digitalizado com CamScanner

e 33 presos. Mas a lista geral de capturados eleva-e a 246, e nela figuravam 76 mulheres e 97 crianças. As forças de Piracuruca consignam, como resultado de suas operações, números que se elevam a 156 baixas do inimigo, das quais 6 mortos e, entre os prisioneiros, 43 mulheres, 56 crianças e 2 escravos. (Idem, idem. L. 195B. 11/8/1840).

Entre os presos do Ceará, como vimos, estava Francisco de Paula Barbosa que nas últimas eleições havia sido eleito Juiz de Paz e que agora, com muitos outros, será castigado naquela Província com 600 pranchadas. A cousa no Maranhão, sob esse aspecto, também corria com ferocidade. Dizia Manuel Antônio, de Brejo, após a queda dessa vila: "Têm sido presos alguns comandantes rebeldes e panham, segundo as ordens que por cá temos, suas 600 varadas". Wanderley Pinho que na rebelião dos negros da Bahia, ocorrida um pouco antes, aplicaram-se mil açoites em alguns insurretos. (Idem. idem. L. 195 A. Docs. 22/4 e 30/4/1840. L. 195B. Doc. 18/8/1840. Wanderley. Cotegipe. 187. em nota.)

Os **balaios**, batidos no Ceará por toda parte, regressam ao Piauí. Nas fronteiras, como vimos, a **atocaiá-los**, operava o Cap. Portela que chegava a colaborar na limpeza do Mombado. De regresso, foi surpreendido na madrugada de 12 de agosto, em Sanharó, por 200 guerrilheiros que sitiam suas forças. Defende-se desesperadamente até às 2 horas da tarde, quando, vendo seus soldados mortos de sede, a sustentar o fogo que vinha de todos os lados, escolheu 25 desses bravos e autorizou que marchassem sob o comando do Sarg. Clementino e tomassem a **cacimba**, recurso indispensável para que não fossem completamente aniquilados pelos renitentes antagonistas. Arrebatam aos inimigos o bebedouro, e dentro em pouco são estes que fogem, deixando 2 mortos e levando inúmeros feridos. Os legalistas tiveram baixas.

O Cap. Portela elogia o Sarg. Clementino e também o menino José, cuja bravura se tomou digna de menção. (Casa Anísio Brito. (Idem. L. 195B. Doc. 13/8/1840).

Não menos serviço prestaram as crianças às hostes rebeldes. Isso se justifica, pois quase sempre eram os **balaios** acompanbados de suas famílias. Entre esses meninos, alguns Já adolescentes, está

Digitalizado com CamScanner

Quintiliano que voluntariamente seguiu para Curimatá, a fim de bater-se contra a legalidade. Fora José também voluntário que se apresentou a Vieira Passos a favor da ordem legal. As relações de presos em combates, por vezes, consignam nomes de crianças de 12, 13, 14 anos. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 14/7/1840. L. 195B. Doc. 1/9/1840. Doc. solto. 24/7/1840).

Em face dos choques havidos em território piauiense, Torres autoriza Lins a auxiliar Portela, que continua em seu patrulhamento. De Sanharó, vai este a Jacareí, ruma em seguida para Baixa Comprida e depois para Palmeira, onde estão os inimigos. Convida Lins, que ficara em Sanharó, a lhe ajudar a batê-los. Lins, por sua vez, havia explorado Belém, Jenipapo, Contendas, S. Bárbara e não encontrou sequer vestígio das partidas de Veras e Cabral. Em vez de acorrer ao convite de Portela, comete distúrbios, faz incêndios, arrebanha gados e retira-se para o Ceará com essa presa.

Portela acampa meia légua distante de Palmeira, que pretendia assaltar com o auxílio dos cearenses que já haviam, entretanto, regressado a sua Província.

Os **balaios** acharam, então, oportuno tomar a iniciativa no ataque, em vez de esperar que o adversário resolvesse começar a ação. Enquanto uma patrulha de 60 governistas explora as matas vizinhas, caem aqueles de rijo sobre os legalistas e, dentro em pouco, lutam corpo a corpo, pela posse da **cacimba** e do curral, que serviriam de trincheiras a quem os tivesse. A refrega dura apenas meia hora. Abandonam o campo as forças de Ferreira Veras e Cabral, deixando 8 mortos e conduzindo inúmeros feridos. Têm os govemistas várias baixas, entre as quais a de seu comandante, com ferimentos a balas.

Portela é conduzido a Piracuruca em rede e desde então jamais pôde prestar serviço militar. Perdeu tudo quanto tinha e, valetudinário, apela para o Estado, solicitando proteção.

Portaram-se com bravura na escaramuça de Palmeira o Cap. Simplício Coelho Rodrigues, o Ten. José da Silva Ribeiro e o Alf. Custódio Lopes Duarte. (Idem, idem. L. 190 Docs. 17/8, 29/8, 31/8/1840. L. 195 D. Docs. 24/8, 29/8, 30/8 e 31/8/1840. L. 195D. Doc. 10/9/1840. L. 193 Docs. 27/8, 27/8, 29/8, 31/8/1840).

Portela queixou-se a Morais Cid da atuação de Lins. Informa Cid ao Barão que já fez sentir a Torres "a nenhuma cooperação que prestou seu comissionado no auxílio que teve intenção de dar

Digitalizado com CamScanner

a esta Província", enquanto o Barão, por sua vez, com referência às forças cearenses, diz que levará ao conhecimento do Governo do Ceará "quão inúteis senão perniciosos têm sido os auxílios por elas prestados". (Idem, Idem. Doc. 5/9/1840. 165. Doc. 12/9/1840).

Desde a queda de Frecheiras, desinfestararam-se de inimigos as estradas que ligam a vila de Parnaíba ao interior da Província. Apesar disso, eram tomadas precauções, especialmente quando se fazia o transporte de mantimentos e material bélico. Contudo conseguem praticar os **balaios** algumas surpresas e assaltos. Em Morro do Espírito Santo há ligeira escaramuça.

Uns iam-se apresentando a autoridades civis ou militares, e outros mantinham entendimentos para isso. De Piracuruca, informava Vieira Passos: "Um rebelde dos de maior fama de Frecheiras, consta-me anda perto desta vila procurando padrinho para ser apresentado; eu diligencio ver se antes ele tem o prêmio de sua malvadeza. Por ali já nada aparece dos embrenhados".

Quando na expedição fluvial de socorro a Brejo, os sublevados ousam atacar os expedicionários no Igarapé de S. Agostinho, donde são repelidos energicamente. (Idem, idem. Docs. soltos, 21/7, 6/8 e 6/9/1840).

Soube o Maj. Dâmaso Pinto da Veiga que remanescentes dos guerreiros de Ferreira Veras e Cabral, que se bateram nas escaramuças de Palmeira, iam-se bivacando em Mocambo do Olho-d'Água dos Macacos. Autorizou o Alf. José Benedito Ferreira de Veras a expulsá-los daquela posição. O Alf. Vras, à frente de um pequeno troço de combatentes, busca o adversário e, após 2 horas de intenso tiroteio, desaloja-o. Resolve retirar-se para Pacoti, pois viu a superioridade dos antagonistas e tivera mesmo dois mortos na refrega. É quando chega um reforço de 40 praças, sob o comando do Cap. Leonardo, que não encontrou os inimigos. (Idem, idem L. 195B. Doc. 4/9/1840).

O Cap. Tomás José Pereira, que ocupava Alto Bonito, recebeu comunicação de que os **balaios** maranhenses atravessaram o Parnaíba, entre Murici e Ladeira, e buscavam unir-se às dispersas forças de Frecheiras. Mandou em seu encalço um piquete, sob as

Digitalizado com CamScanner

ordens do Ten. Miguel Carvalho Castelo Branco. Miguel encontrou-os em Russo, no Longá, donde se retirou depois de ter duas baixas. Daí seguem os rebeldes para S. Francisco, donde regressa o Ten. Antônio Pires Ferreira que também os perseguia. Em seguida, marcham livremente para Lagoinha e daí para Sanharó, onde vão engrossar as tropas de Cabral que posteriormente ainda mais reforços recebeu. (Idem, idem. L. 195B. Doc. 6/9/1840. L. 193. Doc. L. 190. Docs. 10/9/ e 16/9/1840).

Estimulados por esses auxílios, deliberam retomar Frecheiras. Procura Veras surpreender Dâmaso e, à uma hora da manhã de 12 de setembro, empreende o nsalto. Dâmaso não se deixa enganar. Sustenta galhardamente sua posição e, durante duas horas, retribui a fuzilaria de Veras que é forçado a desistir de seu intento. Entre as perdas legalistasm, estava a do bravo Sarg. Manuel da Costa Araújo, que morreu em combate. (Idem, idem. L. 195B. Doc. 12/9/1840. L. 193. Docs. 3/10 e 4/10/1840).

Em face da anistia concedida pelo Governo Imperial, os governistas concitam Veras e Cabral a que se apresentem. Rejeitam estes. Mas depois de ouvirem João Porfírio da Mota, chefe oposicionista am Granja, reatam os entendimentos com Vieira Passos que reúne em Piracuruca um conselho das principais pessoas para tratar do assunto. Delibera ainda enviar comissões a Buriti, próximo a Mocambo, onde assentariam as bases para a apresentação.

Para poder comparecer sem ferir a decência, solicita Cabral uma peça de pano a fim de cobrir sua nudez. Em correspondência, sugere, para o restabelecimento da paz a conveniência "de um governo de fora" a fim de "reger a Província". Parece que Cabral e Veras não têm nenhuma confiança nas autoridades piauienses, especialmente nos chefes militares. (Idem, idem. L. 195B. Docs. 26/9 e 5/10/1840. L. 195D. Doc. 26/9/1840. L. 193. Doc. 5/10/1840.

Enquanto entram nesses entendimentos, Jacarandá, que do outro lado da Serra Grande vinha participando das negociações, transpõe a serra e procura avizinhar-se de Gameleira, onde estavam os rebeldes que fogem à sua aproximação, para Sanharó. Persegue-os e quando descansavam à beira de um olho d'água, nas matas das Contendas, acomete-os. Depois de quase uma hora de resistência, são desbaratados, deixando em campo 14 mortos, 58

Digitalizado com CamScanner

cavalgaduras, afora escravos, e crianças. Ainda em Cajueiro, aquém de S. Bárbara légua e meia, onde tentaram concentrar-se, experimentam mais uma derrota.

Cabral e Veras dispersam sua gente e afastam-se em rumo do Pamaíba. Regressa Jacarandá ao Ceará, perseguindo os índios de S. Pedro, que estão agora sob o comando de Simão Alves Barbosa. Recebe elogios de Torres, bem como são elogiados seus camaradas, "os senhores Cap. Fontenele, Tens. Weyne, Jataí, Alf. Ávila", dos quais dizia "seus serviços não seriam esquecidos." (Não muito tardaria, quase todos , inclusive Torres, seriam tratados como rebeldes). (Idem, idem. L. 195B. Doc. 15/10/1840. L. 190. Doc. 10/10/1840. L. 193. Doc. 10/10/1840. L. 195D. Doc. 13/10/1640).

Já tendo concluído a limpeza de Curimatá, viera Morais Cid para Barras com o propósito de cooperar na destruição completa dos remanescentes de Frecheiras. (Idem, idem. L. 193. Doc. 10/10/1840. L. 195 F. Doc. 17/10/1640)

Veras e Cabral buscam o Maranhão. Em Passagem das Boiadas, no Longá, às sete horas da noite do dia 12 de outubro, um piquete volante das forças do Ten. Benício Ferreira Sampaio, expedido das tropas de Moreira Carvalho, bate-os e eles se retiram de campo. Benício, de Alto Bonito, ouvindo o tiroteio, segue em socorro de sua patrulha, a qual alcança, quando os rebeldes, já pela madrugada, faziam nova tentativa para forçar a passagem e atingir o Parnaíba.

Fracassaram seus propósitos. Espalhados pela bacia do Longá, em completa desordem, experimentam sucessivas derrotas, em contínuas escaramuças. Benício ainda os reprime nas proximidades de S. Caetanio; o Ten. Ribeiro da Silva, em Poções; são rechaçados ainda na Fazenda Palmeira, em rumo de Frecheiras.

Continua a caçada tal qual a Curimatá. Ao longo das estradas, os legalistas iam arrebanhando toda espécie de gente. Diz um documento oficial que "as mulheres e crianças vão aparecendo quase morrendo de fome". Caem nas mãos de um sarjento a esposa de Domingos Ferreira de Veras e dois filhos. (Idem, idem. L. 193. Docs. 23/10 e 16/10/1840. L. 195B. Docs. 15/10, 27/10, 30/10/1840 e 2/11/1840. L. 195D. Doc. 15/10/1840. L. 195F. Doc. 27/10/1840).

Cabral, com a sua teimosia, misteriosamente aparece à testa

Digitalizado com CamScanner

de um grupo de cearenses. Mas já não consegue pisar firme em terras piauienses. Mal emerge das derrotas repetidas, tem pela frente os inimigos que o perseguem ao longo da estrada de Boíba e vão enfim desbaratar mais uma vez suas exaustas forças em S. Domingos, a três léguas de Frecheiras.

Ele, Veras e outros companheiros compreendem a inutilidade do prosseguimento da luta. Procuram então as províncias limítrofes. Cabral e Antônio Machado Freire apresentam-se às autoridades de Granja, no Ceará. (Idem, idem. L. 193 Docs. 10/11, 23/11 e 28/11/1840 e 2/12/1840. L. 190. Doc. 11/1840).

✓

Nota

[1] DINO. Nicolau. **Forças Militares Cearenses nos Campos do Maranhão**. Em Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Nº 3. 1951, p. 31 a 45.

Digitalizado com CamScanner

6

Nos vales do Gurguéia e do Uruçuí

Vimos, nos capítulos anteriores, que o clima político e social resultante do exclusivismo, inerente a toda oligarquia, foi fator propício à eclosão e propagação do movimento insurrecional que ora estudamos.

O prestígio do Barão não poderia ter raízes profundas em toda parte, nem tampouco deixar de ressentir-se do descontentamento que vinha provocando naqueles que, desejando participar das posições de mando, viam preteridas suas aspirações.

Os Castelos Branco, especialmente os de Campo Maior, formaram o principal núcleo de resistência, no norte. Ruivo, Lívio, João da Mata, membros dessa família, tornaram-se cabecilhas que tiveram decidida projeção no movimento. Assim também Coutinho e no sul, Mascarenhas, vinculado, ambos pelo matrimônio aos Castelo Branco.

No sul do Piauí, região que sempre viveu segregada do norte, a oposição era ainda maior. Os vales do Gurguéia e Uruçuí, que **sulcam** as **caatingas** e **agrestes** daquele rincão, foram caminhos abertos dos **sertões** da Bahia às ricas terras do Alto Itapecuru. Foram eles percorridos, nos tempos da conquista, pelo vaqueiros de Mafrense e doutros pioneiros, cujos remanescentes fincaram as **caiçaras** de seus currais nas pastagens nativas que verdejam em Pastos Bons. Desde então, os parnaguaenses acharam-se associados mais à Bahia que ao Piauí, ou melhor que à longínqua e central

Digitalizado com CamScanner

Oeiras. Jamais se identificaram com a oligarquia de pastores que por tantos anos governava a Província.

Quando tem início a Balaiada em 1839, era José Pereira da Silva Mascarenhas a figura de maior ascendência no Baixo Uruçuí. Suas atividades provocaram suspeitas nas hostes legalistas.

Era ele rico fazendeiro, natural da Bahia, onde tinha família e estava domiciliado em Buritizal, próximo às **barrancas** do Uruçuí e a duas léguas de sua foz. Era inteligente, tinha um pouco de instrução, conhecia alguma cousa de Medicina e, como conseqüência, a chamado, empreendia contínuas viagens que mais ampliavam o âmbito de suas influências. Residira em Oeiras, onde foi influência política. Corriam boato de que era indicado, pelos rebeldes, para assumir a Presidência do Piauí. Já se dizia mesmo que recebera ordens a fim de seguir para a Capital onde deveria ocupar tão elevado cargo.

A audácia não tinha limites: João Alves de Carvalho, seu concunhado, teve a veleidade de escrever ao Barão da Parnaíba, de Pastos Bons, comunicando que empunhou armas contra as arbitrariedades dos representantes da lei no Maranhão, e convidando-o a cooperar nessa emergência.

Em face dessas ocorrências o Cap. Martinho Alves da Rocha fora incumbido, como vimos, de ir a Buritizal onde poderia ver o que de anormal havia e informar, de modo positivo, quais as atividades do indigitado conspirador. A chegada de Rocha, às margens do Uruçuí, coincidiu também com a chegada de Mascarenhas de uma de suas viagens ao Maranhão. Este, em carta dirigida, então, às autoridades de Jerumenha, se exculpa das acusações que lhe são feitas e diz que já vinha trabalhando a favor da causa legal. (Casa Anísio Brito. Arquivo. Província. livro 188. Documentos de 5/8. 31/8, 2/9 e 4/9/1839).

Enquanto isso, procura atrair a sua órbita o emissário do Governo a quem dá, "por confiança" um trabalho escrito, de seu próprio punho, e em que são expostos, em ordem estaturária, os princípios que orientam os rebeldes.

Recebe em seguida o Prefeito de Jerumenha esse documento e logo o envia ao Presidente da Província. O Mascarenhas deu a

Digitalizado com CamScanner

seu trabalho o bombástico título de **Pacto Social** que, no dizer do Barão, quando mais tarde pediu ao Presidente da Bahia a prisão do autor, era uma espécie "estatuto para uma sociedade ilegal com o ilusório título **Símbolo da Paz**". Seria esse talvez o mais curioso documento escrito da insurreição no Piauí, se tivéssemos a ventura de encontrá-lo. Provavelmente não teria mérito filosófico, mas certamente conteria um pouco dos ideais democráticos que na época borboleteavam sobre as agitações revolucionárias e eram inspirados na maçonaria que teve decidida influência nesses movimentos, propagando princípios igualitários e defendendo a liberdade de pensamento.

Revelam-se essas tendências na proclamação de João da Mata, em Curimatá. O que há de interessante é Mascarenhas, João da Mata e Coutinho conspirarem contra a ordem política, conforme os ideais maçônicos de então, e declararem que se batem contra estes, valendo-se desse recurso certamente para atrair a plebe que repele os maçons, porque os julga homens que não temem a Deus e contrários à religião. (Idem, idem. L. 188. Doc. 7/8, 13/9 e 30/10/1839. L. 163. Doc. 30/10/1840. Doc. solto. 31/3/1840).

Não havia imprensa no Piauí. Os escritos anônimos e manuscritos tiveram, entretanto, influência nessas convulsões sociais.

Não era apenas Mascarenhas que concitava os camponeses à indisciplina. Houve até mesmo agitadores que se utilizavam da oratória como recurso para alcançar seus propósitos, que eram perturbar a tranqüilidade pública. Em Piracuruca, ao lado de outros, aparece um Manuel Viriato Pereira que prega idéias subversivas e lança ostensivamente pasquins pela vila. Em Príncipe Imperial, procura José Palpério da Costa, pela palavra, persuadir o povo a não atender ao Governo.

Em face das denúncias recebidas, o Barão, condicionando sua ordem, determina que seja feita a prisão de ambos, contanto que haja provas **concludentes e inequívocas**, diz ele em portaria, **a fim de que não seja castigado injustamente um cidadão**. (Idem, idem. L. 190. 27/7/1840. L. 191. Doc. 1/3/1840. L. 165. Docs. 27/7 e 7/8/1840).

Nenhum desse propagandistas teve, entretanto, influência de relevo. O próprio Mascarenhas, tanto acenou aos rebeldes do Maranhão e ainda mais insuflou os rancores dos descontentes de

Digitalizado com CamScanner

Parnaguá, nenhuma projeção teve em nossa história a não ser a de conspirador cujas qualidades de agitador faliram, no momento da ação. Foi incontestavelmente um elo da insurreição, entre o Maranhão e o Piauí. Desse modo agia em Buritizal e estava sendo observado em suas atividades.

Chega a Jerumenha José Martins de Sousa, Prefeito de Parnaguá, e o homem que desde então iria ser, nos vales do Gurguéia e Uruçuí, a figura principal desse movimento.

Na vila piauiense, onde se encontrava, deveria demorar-se pouco, pois tinha instruções para seguir em rumo de Queimadas, onde se juntaria a Piauilino e daí prosseguiria para onde indicasse o Comandante-em-Chefe que, entretanto, naquele momento, se já não havia tombado em Baixão, estava prestes a encerrar bravamente sua vida de intimorato defensor da ordem pública.

Acontece, porém, que Jerumenha estava ameaçada pelas avalanchas dos **balaios** que vinham, no Maranhão, recuperando as posições perdidas e já espiavam, com espírito de ganância, as terras da Província vizinha.

Com José Martins, ali também chegavam os primeiros refugiados maranhenses, entre os quais estava o comandante do destacamento que Clementino deixara, para policiamento, em Pastos Bons, agora, outra vez em poder dos rebeldes.

A imensa mole da anarquia deslocava-se de Pastos Bons para Manga, Veados, Parnaibinha e estendia-se até o vale do Uruçuí, onde tinha em Mascarenhas um sustentáculo poderoso. Daí, haver José Martins permanecido nessa região, em vez de marchar para engrossar as tropas de Clementino, como primitivamente fora assentado.

De Jerumenha, seguiu Martins para Manga, onde já não encontrou os facciosos. Atravessou o rio e continuou em sua incursão, em território maranhense, indo até Bandeira, buscando os insurretos que fugiam à sua aproximação. Avançou até as vizinhanças de Pastos Bons, donde regressou em face da insuficiência de recursos materiais. Foi ocupar, então, Veados, onde esperaria Piauilino que certamente lhe traria auxílios para a luta. (Idem, idem. L. 188. Doc. 14/9/1839. L. 184. Doc. 19/9/1839).

Recebe, então, notícias alarmantes: morreu, em combate, Clementino, os **balaios** já haviam atravessado o rio Parnaíba em mais de um lugar; estavam uns no Parnaibinha e outros, a apenas

Digitalizado com CamScanner

cinco léguas acima. Ainda: Jerumenha deixou-se tomar de pânico e o povo e autoridades abandonaram a vila.

Nessa emergência, concentrou o Barão em Oeiras o maior número possível de combatentes para socorrer a vila ameaçada e mesmo a Capital.

Não eram simples boatos; era mesma angustiosa a situação. Os soldados legalistas, mal armados, estão propensos a desertar.

Chega, enfim, Piauilino, de sua incursão rio abaixo, quando seguiu para engrossar as forças de Clementino. Reprimiu então os adversários, de Manga a Queimadas. Agora vai escalado para patrulhar até o Parnaibinha, pela margem do Parnaíba ao mesmo tempo que os Caps. Antônio Ribeiro Soares e Raimundo Pereira da Silva recebem incubência para seguir até o Uruçuí, em face das apreensões que despertava Mascarenhas.

Entrementes, em frente a Veados, em território maranhense, se avizinham cerca de 400 rebeldes, sob o comando do Cap. Pedro José Polidoro e Alf. Luís Inácio de Amorim. Esse fato inesperado protela a saída das expedições projetadas.

Piauilino procura entrar em negociações com os **balaios**, aventurando-se mesmo a sugerir um entendimento para pacificação geral. Recusam estes a proposta e condenam os métodos adotados pelos govemistas do Piauí, tais como incêndios em casas e povoados (referiam-se a Clementino), processos a que ainda não recorreram, acrescentavam. Convidam-no, então, a aderir ao movimento, prometendo não atacar suas posições.

Ainda era bem recente a aleivosia de que fora vítima Freitas, nesse mesmo povoado. Piauilino pede socorro e, veterano de três campanhas, toma todas as precauções que se fizeram necessárias. Lamenta que ainda permaneçam em Jerumenha os materiais bélicos enviados de Oeiras, por intermédio dessa vila.

Ora, Jerumenha estava deserta. Se não fosse Freitas, os auxílios não teriam entrado em Veados. Encontrou este oportunidade para demonstrar seu valor, desempenhando espontaneamente incumbência que eram obrigações daqueles que, outrora, sem procurar atenuar as condições de sua rendição a Alves de Carvalho, propalaram-na como desairosa e, agora, desertam de seus postos de comando. Logo que chega Freitas a Veados, os rebeldes que estavam no povoado fronteiro, seguiram, em grande parte, para Manga. (Idem, idem. 184. Docs. 20/9, 26/9 e 28/9/1839. L. 195. Doc. 23/9/1839. Docs. soltos. 24/9 e 25/9/1839).

Digitalizado com CamScanner

José Martins tinha ido a Oeiras. Ao voltar, deixou Teotônio de Sousa Mendes e Raimundo Luís Marreiros de Sá e Albuquerque encarregados da condução de matetial bélico para a beira do rio.

Em seu regresso ao teatro das operações, estabeleceu postos de correio para a ligação com a Capital, inspecionou os destacamento militares, desde Conceição a Veados, donde voltou a Manga e aguardou a entrada dos reforços vindos de Oeiras.

Farejam em torno os **balaios.** Durante oito dias, com intermitências, sustentam tiroteios em Manga e Veados. Foram mínimas as perdas, pois se batiam os contendores, de campos fronteiros, que tinham de permeio o caudaloso Parnaíba.

O Barão, embora tardiamente, expede ordem para a prisão de Mascarenhas, repetidas vezes por Mendes, de Estanhado. Expõe José Martins os motivos por que não pôde cumpri-la: sua força ainda é pequena e tem inimigo à frente. Informa ainda que Mascarenhas, segundo notícias recebidas, já tem muita gente, e para alcançá-lo, teria a expedição que perlustrar "matas horrorosas e **grotas** escabrosas".

la diminuindo pouco a pouca a pressão dos rebeldes, nas margens do Parnaíba. Mas o Alto-Gurguéia era preocupação máxima. E havia motivos para isso. José Martins sempre foi julgado ali como adventício. Votavam-lhe os parnaguaenses violento ódio a que correspondia com igual vigor. Vejamos como noticia a perda de um de seus adversários daquela região: "Felizmente foi preso o famigerado Lustosa, mas ao passar do rio Gurguéia mergulhou e parece-me nunca mais aparecerá". Forma humorística de anunciar tragédias e que bem traduz a psicologia do chefe militar. A violência, como sempre, provocaria reação. Em vez de aplainar o terreno para a administração pública, criava empecilhos.

Aquele Gurguéia era seu pesadelo. Para as **caatingas** do sul fora enviado, como ponta de lança da oligarquia, cravada no seio da família parnaguaense. Sabia quanto era odiado no município de que era prefeito. E, daquela forma, retribuía o rancor.

A Parnaguá, onde vinham os Aguiar dando sinais de descontentamento, fez regressar Marreiros, o homem que também atraía a aversão daquela população e que, com Ribeiro Soares, no

Digitalizado com CamScanner

Uruçuí, para onde também já seguira, ficaria de atalaia a espreitar o inimigo ainda às ocultas. Eram essas as ordens do Barão. Com o afastamento dos rebeldes das margens maranhenses do Parnaíba, pensou José Martins em invadir a Província vizinha. (idem, idem. L. 164. Doc. 3/10/1839. Docs. soltos. 9/10, 12/10, 14/10, 15/10, 18/10/1839).

Foi, porém, passageira sua pretensão, pois notícias vindas de Parnaguá fizeram-no pensar em seguir para o Alto Gurguéia, onde deveria encontrar-se com Ribeiro Soares. Eram excelentes as condições dos postos militares que lhe eram confiados na zona ribeirinha do Parnaíba. Deixaram os sediciosos de martelar esses postos e agora ele conseguira distribuir suas forças de forma a ter 150 combatentes em Veados, sob o comando de Piauilino, 140 em Manga, com Teotônio, 40 em Bom Jardim, com o Alf. Leonardo Teles da Cruz, o mesmo número em Conceição, e maior destacamento em S. Francisco.

O Baixo Uruçuí, onde agia Ribeiro Soares, parece estava desinfestado de inimigos. Pelo menos, isso se presumia em face da correspondência chegada havia pouco. A este valente oficial se juntara o Alf. Aleixo dos Santos Amaral que veio de Parnaguá, onde era Juiz de Paz, com 60 praças para auxiliar a causa legal. Sentia-se acautelado Ribeiro Soares, tanto assim que autoriza o regresso de Amaral para explorar o Uruçuí, rio acima, em rumo donde viera.

Sempre as mesmas apreensões em torno de Parnaguá. Em verdade, essa região, pelo menos por enquanto, também não inspirava cuidados imediatos. Mais atenção exigiam, apesar do aspecto promissor, o Baixo Gurguéia e o Parnaíba, tanto assim que, mal se abala José Martins para o município de que é prefeito, certifica-se da inutilidade dessa viagem e regressa para topar com o adversário pela frente.

Ao chegar a Veados, José Martins Já encontrou os rebeldes no porto fronteiro. Aproveita a noite, atravessa o rio e ataca-os às 7 horas da manhã do dia imediato. Toma suas trincheiras e inflige-lhes uma derrota que lhes custa inúmeras baixas, afora 14 mortos. As forças imperiais tiverem 8 fora de combate.

Agora é a vez de Manga, onde os **balaios** também ocupam o povoado da margem oposta, em território maranhense. Investe suas posições e, após seis horas de tiroteio, desaloja-os de seus

Digitalizado com CamScanner

acampamentos. Debandam, deixando em campo 24 de seus guerrilheiros. Os governistas têm 5 baixas.

Ribeiro Soares, em sua incursão pelo Uruçuí, ia levando tudo a contento. Ocupou Retiro e, sabendo que Antônio Pereira Dávila vinha auxiliando os inurgentes, resolveu prendê-lo. Dávila resiste e, como conseqüência perdem a vida ele e quatro companheiros. Soares ocupa, então, Buritizal e destroça ainda um grupo de adversários que se aboletam na foz do Uruçuí. Fogem estes aos primeiros tiros, abandonando aos legalistas parte de sua bagagem e dois escaramuçadores. Mascarenhas, se já não fugira, aproveitara e oportuniadade para evadir-se em rumo da Bahia, ao longo do Uruçuí. (Idem, idem. Docs. soltos. 12, 12/11, 19/11, 26/11 e 27/11/1839).

Vem agora um período de calma. Pôde José Martins dar início à organização da Coluna do Oeste que comandaria até esmagamento completo da rebelião no setor que lhe foi confiado.

Piauilino encontrou oportunidade de abandonar o posto de Veados e seguir em perseguição dos rebeldes até Queimadas. Nesta segunda incursão Parnaíba abaixo, junta a seus guerrilheiros os de Costa Alvarenga, e alcança sobre o inimigo, em território maranhense, um pouco ao Sul de São Francisco, em Porco, duas vitórias a que já nos referimos. É quando Mendes fora sitiado em Estanhado.

Apesar das ordens para que seguisse em seu socorro, Piauilino protelou então a marcha para o acampamento da Coluna Norte, apresentou desculpas compatíveis com o caso e regressou, enfim, a Veados, onde as cousas, nesses últimos dias, ainda corriam normalmente.

O Barão julga inconveniente que se abandonem os pontos conquistados além do Parnaíba, por José Martins. Mas seria difícil sua manutenção, como veremos, à falta de material bélico, e da cooperação das forças maranhenses. (Idem, idem. L. 194. Doc. 1/12/1839. L. 164. Doc. 9/1/1840. L. 195 C. 194.14/1/1840. L. 189. Doc. 16/1/1840. Doc. soltos. 19/12, 21/12 e 22/12/1839).

José Martins, desde muito, desejava incursionar pelo Maranhão. Aproveita o momento para fazer nova penetração na

Digitalizado com CamScanner

Província vizinha. Seguira em direitura a Patos e, daí, iria a Pastos Bons. Pondo-se em marcha, antes de alcançar o objetivo, vai encontrar em Tabuleiro Alto, procurando obstar-lhe os passos, um piquete de **balaios** que investiram logo contra sua vanguarda. Foram desbaratados e cederam a estrada aos legalistas. Prosseguem estes pelo caminho e, em 30 de janeiro de 1840, nas proximidades de Patos, acometem os inimigos comandados por Polidoro e Luís Inácio que, após uma hora de renhido combate, põe-se em fuga, em rumo de Grajaú e deixam o povoado a José Martins e ainda em campo 9 mortos, afora os feridos. São mínimas as perdas governistas.

Continuava Ribeiro Soares a limpeza do Uruçuí. De Val Verde mandou o Alferes Mendes bater um grupo de rebeldes que ocupavam Regalo. Esses são dali expulsos, depois de ligeiro tiroteio em que há baixas de lado a lado. Desinfestada a região, buscou as forças de José Martins, que já havia para Suçuapara, a meia légua das margens do Parnaíba e a três léguas de Pastos Bons.

No porto próximo a Suçuapara, inicia Ribeiro Soares a travessia do rio. Seus soldados, quando já subdivididos nas duas margens, são atacados violentamente, em território maranhense. José Martins, ouvindo o tiroteio, acode e chega ainda a tempo de evitar uma completa derrota. Após duas horas de acérrima luta, de 4 às 6 da tarde, em que não se define a sorte, afastam-se os adversários, deixando em campo 4 mortos. Os legalistas perdem armas e têm alguns feridos.

Dentro em pouco, porém, voltam os inimigos, mais audaciosos, e sitiam Soares e José Martins. Ao amanhecer, começam o assalto. Repelidos com energia, ainda uma vez recuam e abandonam na refrega 9 mortos. Têm os governistas 16 baixas.

Em seguida, são estes engrossados por 600 combatentes do Maranhão, sob o comando dos Capitães Francisco de Sousa Carvalho e Bento José Moreira. Seguem, então, para Pastos Bons, onde os **balaios** procuram impedir sua entrada, porém, são estes completamente desbaratados pelo chefe piauiense.

Como Clementino, pretendia José Martins guarnecer a vila, fazer a limpeza em torno e regressar ao Piauí. "Em abono da verdade, escreve Cid, devo dizer a V. S. que a força desta Província que aqui se acha, é geralmente composta de homens bem intencionados, mas todavia sem a menor disciplina, salvo poucas

Digitalizado com CamScanner

exceções". Dá informações sobre os caudilhos rebeldes: Vicente Bezerra e Romão retiraram-se para a "Ilha do Balsas"; Tomás e Delfino seguiram Parnaíba acima; Dantas, Aroeiras e Milhomem, para Mirador. Próximos estão Luís Inácio, Vitório e Polidoro. Contra estes investiria em pouco.

A 13 de fevereiro, confia aos Capitães Piauilino e Ribeiro Soares 400 combatentes, para em Sobradinho, a 4 léguas de Pastos Bons, desalojar esses cabecilhas que procuravam oportunidade para cair, de surpresa, sobre as tropas governistas. Às 11 horas da manhã, inicia-se o ataque que prossegue pela tarde adentro. Decorridas horas de intensa fuzilaria, consegum os legalistas apoderar-se das trincheiras inimigas, perdendo a vida junto a uma, o bravo Capitão Domingos Antônio Piauilino, como Clementino, herói de três campanhas e que, como o companheiro das refregas anteriores, em terras maranhenses, tombava em defesa das instituições.

Era ele generoso. Duas vezes, em dias anteriores, acenou aos rebeldes, para que houvesse pacificação. Seus esforços foram improfícuos e, como conseqüência, experimentou apenas dissabores.

Vê Ribeiro Soares a iminência do desastre. Pede reforços que lhe chegam na manhã imediata, quando os teimosos adversários reiniciam as escaramuças e preparam-se para o assalto às posições perdidas no dia anterior. Acometem por todos os lados. Os governistas já estão quase sem munições. Foram gastos cerca de seis mil cartuchos. Seriam aniquilados, se não rompessem cerco.

Com duro sacrifício, desvencilham-se dos **balaios** e ganham a estrada que os conduz a Pastos Bons. Tiveram quase 50 baixas, e entre os feridos estavam o Cap. Bento José Moreira e os Alfs. José Egídio da Costa Alvarenga, Leonardo Félix da Cruz e Leocádio da Costa Nunes.

Diz José Martins ao Barão, noticiando este infausto acontecimento, que a felicidade não lhe foi propicia. Informa, todavia, que os rebeldes experimentaram "grande destroço".

Transfere, então, seu acampamento para Suçuapara. Seria impossível continuar no Maranhão, onde tudo estava a prenunciar que a ocupação se tornaria árdua porque já não havia mesmo o indispensável material bélico. E das forças de S. Luís, já não esperava concurso. Acresce ainda que chegavam a suas mãos correspondências apreendidas e trocadas entre os **balaios** e os descontentes

Digitalizado com CamScanner

de Parnaguá e ainda a portaria presidencial que o autorizava a abandonar o Maranhão. (Idem, idem. L. 195E. Docs. 13/2 e 17/2/1840. L. 195C. Docs. 31/1, 12/2, 13/2 e 19/2/1840. Docs. soltos 19/1 e 14/2/1840).

O Barão, desde muito, havia determinado medidas repressivas para Parnaguá, contra os simpatizantes do movimento.

Havia chegado a Arábia, termo de Parnaguá, Vicente José de Almeida, um dos companheiros de Mascarenhas, que escreveu imediatamente a Sebastião de Aguiar, informando-o do que ocorria no Maranhão, onde o povo gemia, contra ele, na maior desgraça. Narra também, a seu sabor, os vexames por que passaram ele e Mascarenhas, de cujos bens "fizeram o que quiseram". Viera juntar-se a Sebastião e aos irmãos deste, e acrescentava: "para fazermos partido e fazermos a guerra aos tiranos... nós devemos com todos os esforços unirmo-nos e mantermos boa ordem sem precisar lançar mão do alheio o que nos desacredita o nosso partido". (Idem, ídem. L. 164. Docs. 4/1 e 5/1/1840. Doc. solto. 11/1/1840).

Por essa ocasião, já subira também o próprio Mascarenhas o Uruçuí, ateando o incêndio da rebelião e prometendo enviar da Bahia, para onde em verdade fugia, armas, munições e recursos necessários à vitória. Alcançando a Bahia, cousa alguma fez pelos rebeldes, ou porque não pudesse, ou porque não encontrara oportunidade. É verdade que difícil lhe seria fazer a remessa de material bélico, porque mal estoura o movimento, ocupam as fronteiras do Piauí as forças baianas e mesmo, poucos meses depois, era feito prisioneiro, em Feira de Santaria, onde residia sua mãe.

Os parnaguaenses têm profundo rancor a José Martins. Mantêm assíduos entendimentos com Pastos Bons e pedem auxílios para a luta a Vicente Bezerra, a Tomás Fernandes de Araújo Ferro, a todos os que eles presumem possam ajudá-los nessa angustiosa emergência. Ameaçam que pegarão em armas, na hora em que o odiado prefeito marchar para a ocupação militar da vila.

Digitalizado com CamScanner

Com a passagem de Mascarenhas para a Bahia, quase ao mesmo tempo em que chegava à Arábia, Vicente José de Almeida, ainda mais se exaltam os ânimos. Foi Mascarenhas portador da correspondência de Pastos Bons e talvez da proclamação que de Caxias dirigiam os rebeldes aos piauienses e tão protusamente espalhada no norte do Piauí, nos meses de setembro e outubro de 1939, pelos partidários da insurreição. Só com os últimos dias do ano, chegou a Parnaguá esse apelo dos balaios, que continha enxertos de novos vocábulos com o intuito de dar-lhe mais expressão e já também acompanhado dum apenso em guisa de glossário, com os principais termos empregados, o que bem elucida a quem preferencialmente era dirigido: aos destituídos de instrução, àqueles que efetivamente constituem a base do movimento.

Dentro em pouco o conheciam todos os que tinham pendores para a rebelião. Calaram-lhes no espírito, já incitado, as palavras do trecho que esclarecia que "as repetidas infrações da Constituição, já no recrutamento, já no Tribunal do Júri, nas Eleições, em deportação, fizeram-nos pegar em armas". E a passagem seguinte vinha mesmo a propósito: "Empregai, pois, piauienses, essa coragem virtuosa (o adjetivo foi um dos enxertos, e hoje, na acepção, de sentido antiquado), de que tantas vezes fomos testemunhas, em benefído de nossos irmãos e amigos do Maranhão, contra os tiranos de nossa Província, e de outros que nos quiserem escravizar: espedaçai com denodado valor esse gênio do mal que quer criar a discórdia entre um povo irmão."

A parte final do parágrafo anterior foi também inserida, e incontestavelmente para Parnaguá, no clímax de sua exaltação. Embora não dispondo de armas, nem de munições, espalham seus chefes piquetes pelas margens do Gurguéia e Uruçuí, pelas estradas que conduzem a Jerumenha e à beira do Parnaíba. Recebem, enfim, notícias de que já se dispunha José Mastins a regressar à sede de seu município.

No ápice do delírio conclamam que todos compareçam à vila. São cabeças do movimento membros de famílias tradicionais, chefes que ocupam posições de destaque social, como oficiais da extinta milícia, da guarda-nacional, fazendeiros, proprietários, entre os quais os Tavares de Lira, já vinculados, por parentesco, aos Aguiar, e, como estes, radicados à terra há mais de século, desde o período colonial, quando ainda na época da conquista. Poucos

Digitalizado com CamScanner

deixam de atender ao chamamento. A palavra do vigário não tem força nem persuasão, para obstar que o espírito revolucionário venha controlar todas as energias daquele rico pedaço do Piauí que vive, nesses dias, momentos de sublimação cívica.

O Juiz de Paz Francisco José Dias é o primeiro a reunir gente. O Cap. Joaquim Lino de Sousa proclama por toda parte que, se preciso for, a favor da insurreição, venderá as próprias jóias da esposa.

Entre todos, distingue-se pela bravura de suas atitudes Micaela Maria de Freitas que estimula a ambição política do filho, pondo à sua disposição seus haveres, a fim de que auxilie os rebeldes, ao lado dos quais deve colocar-se. Manuel José de Sousa, rebento dessa nobre parnaguaense, em pouco peleja como Capitão, nas hostes acaudilhadas pelos Aguiar. (Idem, idem. L. 193. Doc. 1/9/1840. L. 195E. Doc .5/2/1840).

Façamos justiça aos rebeldes de Parnaguá. Não foram oportunistas; não digamos que ocuparam posição para ser nivelados a grande parte de chefes **balaios**, aos Ruivo e a tantos outros energúmenos que macularam os motivos superiores por que também se batia o povo analfabeto, espoliado dos mais rudimentares direitos, até mesmo de ordem moral. Houve elevação de vistas em suas atitudes. Não houve, entretanto, tempo e clima para se fazerem líderes nessa gente. Fugaz a ação revolucionária. Esses camponeses se insurgiam, entretanto, propugnando pelo sacrossanto princípio de liberdade, conspurcado pelo Prefeito Maj. José Martins, que, no dizer de Félix Pacheco, "levantou contra si, pelas suas violências e desmandos de tiranete de aldeia, o ódio de seus Jurisdicionados, ódio esse que também ia ferir a pessoa de seu poderoso protetor e defensor dessas arbitrariedades", o Barão da Parnaíba.[1]

Dentro em pouco, a vila se anima com a chegada de seus principais representantes que atendiam ao apelo feito. Já decorriam dias de fevereiro de 1840. Reuniram-se todos no prédio em que funciona a Câmara Municipal e tomam, então, as deliberações que julgaram oportunas. Foram expedidas várias proclamações. Merecem ser meditadas. Bem traduzem a excitação de ânimos que

Digitalizado com CamScanner

todos exalta, mas traduzem também o sentimento cívico e a independência moral dessa gente.

Em uma delas, dizia Manuel Lucas de Aguiar, chefe militar da rebelião: "As armas sob que estais não são imperadas por uma sedição; mas pelo direito de nossa natural defesa", pois "tendes sofrido um Presidente vitalício e a sobrepujança dum Prefeito insultador, que vos avaliou sempre ou de escravos vis, ou mesmo de homens, que com ele nada participam, nem em gênero, nem em espécie e que portanto a estas injúrias acumula as ameaças de serdes mortos e açoitados ou como miseráveis ovelhas, ou como cães inábeis". E termina agora magistralmente: "Vós não sabeis que a Constituição vos mostra que toda ordem superior que não é ajustada com o que a lei determina, é uma ordem a que se não deve obediência alguma? Porventura não sabeis que o Governo só é justo quando se propõe a bem do povo, e injusto e tirânico, quando tem por mira o seu bem particular? Que vos resta, pois, Piauienses? Opor força à força que vos quer oprimir: mostrai às demais Províncias vossas federadas (?) que também conheceis vossos direitos, que amais a honra, e que não sois ineptos e preguiçosos quando se trata da defesa de vossas liberdades. Piauienses, é a vossa liberdade que hoje vos proclama – Armas, coragem, constância, sacrifício e esta voz unânime: Viva a Religião de nossos pais. Viva a Constituição. Viva o imperador e vivam os Piauienses livres". (Casa Anísio Brito. Arq. Proc. Livro 195D. Doc. 28/2/1840).

Esses tabaréus ignoravam que o Congresso de Filadélfia, em 1776, firmara "o princípio que declara ser lícito ao povo abolir o governo que cerceia os direitos à vida, à liberdde ao trabalho." Antecediam também a Teófilo Otôni, ao pregar o direito de resistência à opressão e, portanto, o direito de revolução. No ano imediato, o fogoso tribuno, na Câmara dos Deputados, defendendo essa doutrina, esgrimia sua palavra inflamada de patriotismo em torneios de eloqüência. Tinha a contrariá-lo o futuro Marquês de Paraná, parlamentar indomável em seu orgulho desmesurado. Estávamos nas vésperas da Revolução Liberal de Minas, quando Otôni poria em prática seus princípios.[2]

Em seguida, se dirigem os parnaguaenses à Sua Majestade Imperial e às Câmaras Gerais, representando contra o Prefeito, em documento, cuja cópia existente se acha parcialmente destruída. Relatam as condições políticas do Piauí, os privilégios dos que

Digitalizado com CamScanner

constituíam a oligarquia, enumeram os crimes imputados ao Presidente da Província, descem mesmo a pormenores e terminam assim: "Contudo, Senhor, podemos assegurar a V. M. I. e C. a que entendemos ser oposta a conservação como a existência dum tal Presidente, e Prefeito; ainda não teve aqui lugar da parte das nossas tropas um menor malefício ou em a pessoa, ou em a propriedade dum só cidadão, não obstante as inculcas da existência de aduladores, e Partidários desse criminoso Presidente. Mas sendo certo que por pouco tempo poderemos persistir nesse estado de armas, sem tropeçarmos, rogamos instantemente a V.M.I. e C., queira, opondo sua alta sabedoria, sanar, em pronto, aos nossos males". (Idem, idem. Doc. solto. 2/3/1840).

Tudo nos faz crer que jamais essa representação haja chegado às mãos do destinatário.

Comunicam logo ao Barão as deliberações tomadas pela Câmara Municipal e "pelo povo", no seguinte ofício que, em virtude de sua importância, fazemos figurar neste capítulo:

> *Exmo. Snr. Presidente.*
>
> *Tendo esta Câmara e Povo levado ao conhecimento do Poder Geral Executivo e Legislativo sob esta mesma data, os motivos, que nos obrigaram a não prestarmos a V. Exa. nossos braços para o massacre de nossos irmãos, Maranhenses, que defendem seus direitos, como cumpre a todo e qualquer povo livre, somos a rogar a V. Exa. muito da parte daqueles Altos e Supremos Poderes, que suspenda para com esta parte desta Província todas e quaisquer Ordens tendentes à Repartição de Guerra, até que de S.M.I. e C., como também das ditas Câmaras Gerais legislativas, não venha resolvida a nossa sorte.*
> *Deus guarde a V. Exa.*

Sessão extraordinária, em a Vila de Parnaguá, 2 de março de 1840." (Idem, idem. L. 195D. Doc. 2/3/1840).

Há quem opine pelo desmembramento de Parnaguá, do Piauí, e feita sua junção a Barra (Bahia), que se forme nova província; ou então que se faça sua anexação à Bahia. O documento que trata desse assunto sugere ainda um manifesto dirigido à imprensa.

Digitalizado com CamScanner

tomando claros ao Império os justos motivos que tiveram "essa vila e seus povos para tomarem e fazerem a resistência em que se acham contra o Governo."

Essa opinião é de Pedro de Alcântara Saraiva de Goiás, um dos que cooperaram com os rebeldes, como secretário de Manuel Lucas de Aguiar, principal chefe militar.

A Goiás atribuiu-se a proclamação inserida no trabalho de Pereira de Alencastre, como curiosa peça oficial e de estilo.

Assim também procura glorificar em versos o clamor dorido da terra torturada:

"De mãos postas a Pátria ajoelhada
Ante vós, Parnaguaenses, socorro implora,
Porque atendais o pranto com que chora,
Estando a ser vilmente retalhada.

Meus filhos (ela vos diz amargurada),
Por momentos está chegando a hora,
Em que o Monstro, que a todos nos devora
As fauces me rompa, sendo açoutada!

Se ante vós pode ser merecimento
O ter-vos a meus peitos alimentado,
Livrai-me, filhos, dum tal abatimento!

De gênio e de valor vos hei dotado,
E como pode tanto atrevimento
Dizer que ....."
(Idem, idem. Doc. solto. 30/4/1840).

Acudiram os parnaguaenses aos reclamos da "Pátria ajoelhada". Mas que importavam "gênio" e "valor" de que eram dotados, se foram surpreendidos sem armas e munições, e por que não dizer também, sem líderes?

Entrementes, já se aprestava José Martins para ter contato com seus audaciosos jurisdicionados. De Veados, seguiu para Jerumenha, donde continuaria pelo vale do Gurguéia até Parnaguá, para onde também se dirigia Ribeiro Soares pelo vale do Uruçuí.

Rumaram os dois em direitura à vila rebelada.

Digitalizado com CamScanner

O Barão, em Oeiras, não cochilava. Já vinha pressentindo a iminência da borrasca. Mais do que ligeiro, faz apelo ao Presidente da Bahia, e diretamente oficia aos representantes da lei em Boa Vista e Sento Sé (Bahia), pedindo a ocupação das estradas que de Santa Rita e cabeceiras do Rio Preto, seguem para Parnaguá e território ameaçado pela insurreição. Até então vinha solicitando armas, munições, dinheiro. Agora precisava de gente, soldados para esmagar os inimigos petulantes que tiveram a veleidade de levantar-se contra a ordem legal, bem nas fronteiras da província vizinha, donde aguardavam recursos para a luta. E as autoridades baianas não se fizeram rogadas. Em pouco montavam guarda naquela região.

Cid, apesar de suas aperturas, manda Vítor Barros com reforços. De Valença, veio um contingente, sob o comando do Cap. Francisco Nunes de Sousa. E começou uma chusma de oficiais a percorrer os postos militares da margem do Parnaíba, a conduzir soldados para o Gurguéia. Arrastando toda a força disponível daquela beirada de rio, de S. Antônio a Bom Jardim, passaram José Raimundo de Carvalho, Henrique Lopes dos Reis, Belisário da Costa Veloso e tantos outros, convergindo todos para Jerumenha. O Presidente do Ceará, Dr. Francisco de Sousa Martins, olhava apreensivo para o sul do Piauí, onde José Martins, seu irmão, tinha em jogo a sorte. (Idem, idem. L. 195E. Doc. 23/2/1840. L. 192. Doc. 27/2/1840. L. 164. Dcc. 28/2/1840. L. 163. Doc. 2/3/1840. Docs. soltos. 25/2 e 2/3/1840).

Ribeiro Soares já havia abandonado o Maranhão e seguia o curso do Uruçuí em direitura a Parnaguá. Contudo, ao chegar em Uruçuí apresentou-se-lhe um desertor das fileiras de Aroeira e Delfino que já ocupavam, então, Olho-d'Água. Recebe notícias de que em Tabocas, na altura de Val Verde, já estavam os **balaios** aboletados à sua espera e que, em seu encalço vinham Vitório e suas indisciplinadas tropas. E ainda mais, para atrapalhar o plano que lhe fora traçado, constava que os rebeldes de Parnaguá já assentavam seus bivaques

Digitalizado com CamScanner

em Mato Grosso, próximo a Tranqueira, e mantinham entendimentos com seus comparsas que agora vinham entrando pelo vale do Uruçuí e projetavam uma junção de forças para ação em comum.

Sentiu o comandante Ribeiro Soares o péssimo moral de seus soldados que começavam a desertar em face do risco em que presumiam estar. Dirige-se para Sangue e aí sabe, com certeza, que os inimigos, com que se batera no Maranhão, pisavam em Buritizal, já na entrada do vale do Uruçuí, donde mandavam reforçar Olho-d'Água e preparavam-se com diligência para surpreendê-lo. Ribeiro Soares vai a Estivas e após ligeira escaramuça, em que os adversários têm 5 baixas, desloca-se para Malícia e daí se retira para Serra Vermelha, fugindo ao encontro das armas. Busca Varges, e pelo vale do Gurguéia seguiria perlustrando a margem esquerda desse rio até topar com José Martins, (Idem, idem. Docs. soltos. 26/21, 4/3 e 5/3/1840).

Em face dos obstáculos surgidos no Uruçuí, aprovou o Barão a resolução tomada por José Martins, de nos limites de Parnaguá o momento propício ao ataque. Dessa forma o Comandante da Coluna do Oeste penetra até Santa Rosa, onde vai encontrá-lo Ribeiro Soares.

Aos sublevados do Alto Gurguéia não chegam os auxílios de Mascarenhas. Agora apelam para a junção com seus confrades maranhenses, dos quais esperam receber recursos necessários à luta. Mas é que esses, pela mesma forma, já não têm munição bastante para sustentar a luta. Estavam esgotados seus apetrechos e, acossados por toda parte, já não tinham também para onde recorrer. Aguardam o contato com Parnaguá que também para eles era ainda uma esperança.

E quando recebeu José Martins uma informação que lhe vem muito a propósito, como precioso concurso. É uma carta de pessoa conhecida que diz os parnaguaenses não têm material bélico para a mais ligeira escaramuça: 18 clavinotes e granadeiras velhas quase imprestáveis e o mais, armas finas e isso mesmo, pouco. Nenhuma munição.

Resolve, então, aproximar-se do inerme inimigo, se possível destruí-lo antes que se avizinhassem os Vitório, os Aroeira, os Delfino e tantos outros que constituíam essa ronda macabra que lhe acompanhava os passos, vinda pelo Uruçuí. (Idem, idem. L. 164. Doc. 4/3/1840. L. 195E. Dcc. 12/3/1840. Docs. soltos 2/1840).

Digitalizado com CamScanner

Continua, então, rio acima, com meticulosas preocupações, animado, entretanto, pelo desejo de frustar os planos do adversário, aniquilando-o para sempre. Alcança Mato Grosso e, a uma légua, Alagoa Comprida, região em que os rebeldes já tinham piquetes e que patrulhavam também esperançados de destroçar por uma vez, esse odiado José Martins... logo que recebessem armas da Bahia ou a ajuda dos que vinham de Pastos Bons.

Mas desta vez não é possível. Cousa alguma lhes chega como estímulo. Com a aproximação de José Martins, abandonam as posições atropeladamente e em debandada desertam. Seus chefes retiram-se para Mato Frio, buscam as cabeceiras do Uruçuí, donde continuam a aguardar fortalecimentos.

Diz o Comandante da Coluna do Oeste que tomou as trincheiras do inimigo. Em verdade, tomou-as, porém isso não lhe custou nenhum sacrifício. Poderia ter desbaratado completamente esses inexperientes camponeses desarmados e tímidos, prendido seus chefes também irresolutos e sem teto em cousas de guerra, se tivesse as qualidades de Clementino. Agora são tardios seus movimentos, assustadiços, timoratos como os de seus inermes contendores. E galhardamente batera os rebeldes do Maranhão, no começo da campanha. É que esse Gurguéia sempre lhe fora um pesadelo. (Idem, idem. L. 195E. Docs. 22/3 e 29/4/1840. L. 163. Docs. 4/4, 7/4 e 4/5/1840).

Sebastião de Aguiar exaspera-se com a covardia de seus concidadãos.

Mas que poderia esperar desses matutos sem munições, sem armas diante de forças aguerridas? Já nos informava Plutarco em seu **Pelópidas** que "em Homero, os mais valentes heróis só vão para o combate bem armados".[3]

Aceita Pereira da Costa a versão de Alencastre, segundo a qual os rebeldes, após a debandada de Alagoa Comprida, procuraram entendimentos para pacificação, estipulando condições que foram fixadas nos **Artigos de uma Capitulação proposta pelo chefe da revolta de Parnaguá Manuel Lucas de Aguiar ao Comandante da Coluna do Oeste, José Martins de Sousa**, a 12 de março de 1840, dia imediato ao da referida fuga dos parnaguaenses.

Digitalizado com CamScanner

Encontramos a proposição em apreço e outros papéis, apensos ao ofício de José Martins, de 12 de outubro de 1840, em que diz ao Barão, referindo-se aos mesmos documentos, que, nas diversas explorações efetuadas depois do desbarato completo dos inimigos foram presos alguns **balaios**, em cujo poder se acharam as peças que remetia, nas quais era "exaltada a maldade de seus fautores e abatida a "reputação" do Presidente da Província.

Aí se vê também uma carta, com a mesma data de 12 de março, assinada em Rio Grande por "Um Bem-te-vi Disperso", autor dos **Artigos** que foram escritos na presunção de que o Chefe da Coluna do Oeste solicitaria paz. Esses **Artigos** foram remetidos, então, a Manuel Lucas de Aguiar, para que servissem de base nas negociações, conforme a referida carta.

Diz a mesma que José Martins foi batido em Pastos Bons e que procuraria Parnaguá a fim de fazer a solicitação referida. Esse bem humorado Bem-te-vi diz ainda a Manuel Lucas que o não julga destituído de conhecimentos, mas que, certamente, preocupado com as operações de guerra, não teria tempo de elaborar o plano para a paz, motivo por que envia aquele trabalho. A peça manuscrita (aqueles **Capítulos para pacificação**) que conhecemos é tal qual a já publicada por alguns historiadores. (Casa Anísio Brito Arq. Pro. Livro 195D. Docs. 10/3, 12/3 e 13/3/1840).

Assim, a proposição de paz foi escrita como conseqüência da derrota de José Martins, em Pastos Bons, e não como conseqüência da ocupação do povoado, a que nos referimos, pois "Um Bem-te-vi Disperso" não faz alusão a esse fato ocorrido no dia anterior ao de sua missiva, quando remete as propostas. Antes se refere à derrota e desmoralização do inimigo. E nesse espírito, ela foi elaborada.

Aceitamos, entretanto, o ofício que figura na íntegra, no texto deste capítulo, o qual provavelmente foi acompanhado das representações dirigidas às Câmaras e à Sua Majestade Imperial, a que também ainda nos referimos neste mesmo capítulo, como os elementos que serviram de base para o entendimento do mês de março.

Que esse entendimento tenha havido não há dúvida. A portaria presidencial, de 7 de abril, dirigida a José Martins, confirma-o, e também recusa as requisições dos rebeldes, expostas nos ofícios do Comandante da Coluna do Oeste, em datas de 28,

Digitalizado com CamScanner

29 de março e 1° de abril. Não encontramos os ofícios a que alude a portaria e, portanto, também as condições apresentadas. Houve tempo, entretanto, para as demarches que certamente tiveram por motivo os documentos a que nos referimos acima, Isto é, as representações dirígidas às Câmaras e à Sua Majestade Imperial, bem como o ofício que a Câmara de Parnaguá dirigiu ao Presidente da Província, em 2 de março.

De qualquer hipótese, a proposição **Artigos de uma capitulação**, quer apresentada como ultimato, em março de 1840, quer apreendida, sete meses mais tarde, após a derrota dos **balaios**, em outubro, é de alta significação.

Seu valor histórico e moral jamais será desmerecido. Os parnaguaenses "propunham condições em que eram impostos os princípios por que se batiam. Foram verdadeiras imposições de um exército vitorioso".[4]

Evocavam ainda os favores concedidos a Parnaguá, por D. José quando na época de sua fundação, no período colonial. Foram direitos cuja gênese remonta a D. João II, antes do descobrimento do Brasil. Na Carta Régia de 19 de junho de 1761, de D. José, entre os privilégios concedidos a Parnaguá e a outras vilas então instaladas no Piauí, estava o de que os ofícios de justiça das mesmas vilas não seriam dados de propriedade, nem de serventia a quem não fosse morador nelas.

Imprimiram extensão ampla a essa regalia e nela se inspiravam quando começam, em suas estipulações para a paz, impondo a renúncia de José Martins. Em seguida dizem: "Que igualmente outro qualquer homem, que não for aqui nascido, e que se ache constituído em emprego, civil ou militar, o deponha e renuncie, e só o possa reassumir para o tempo adiante por unânime vontade dos povos". Aqui vemos pegadas do espírito isolacionista que caracteriza as cidades antigas e que orientou por longo período o municipalismo.

Vêm ainda condições que tornam bem claros os sentimentos cívicos dessa gente, seu amor à liberdade. Que o povo designe quem deva ocupar os cargos públicos (art. 3°); as eleições sejam fiscalizadas por pessoas escolhidas pela própria vila (art. 6°); haja prestação de conta das despesas e receitas municipais (art. 7°), e "que de ora em diante toda e qualquer ordem do governo deve conter em si o convencimento de razões que devam constituir o

Digitalizado com CamScanner

nosso dever, de onde deve nascer a nossa obediência, porque sendo este povo livre e bem amante das leis, protesta não faltar ao que convier para sua solução, única causa dos estabelecimentos das sociedades humanas". (art. 11º)

Idéias profundamente revolucionárias. Aí está de novo a gênese do direito de resistência à opressão, a par do amor à liberdade. Sempre, em todas as idades, e por toda parte a revolta contra a tirania, como decorrência do amor à liberdade, foi uma confirmação desse direito, expendido com argumentos filosóficos por John Salisbury e também, logo depois, por John Lock. É um dom imanente da personalidade humana. Defendido na Câmara dos Deputados, no ano imediato, por Teófilo Otôni, e também no Senado, um pouco mais tarde, tão dramaticamente por Feijó, provoca ainda em discussões acaloradas em 1861, na Baixa Câmara, quando o ilustre piauiense, Conselheiro Furtado, explana o assunto não somente com meticulosidade, mas sobretudo com sensatez.[5]

Seguem-se outras cláusulas que visam agora especialmente à defesa dos que se levantaram contra o governo provincial.

De nenhuma forma haveria capitulação. O Barão já se pronunciou contrário, desde 7 de abril, pois contava com a vitória. Seria rendição, rendição incondicional.

Mas José Martins não atacou de rijo o inimigo. Permaneceu em Alagoa Comprida, esperando novos reforços. (Casa Anísio Brito. Arq. Proc. Liv. 165. Doc. 7/4/1840. L. 195D. Doc. 12/3/1840).

As cousas estavam mais feias no Baixo Gurguéia e na beira do Parnaíba. Fervilhavam os rebeldes, como formigas assanhadas, pelos vales do Esfolado, Prata, Uruçuí, por tudo quanto eram **bibocas** ou veredas, negaceando sempre, para sempre assaltar quando oportuno. Há pouco surpreenderam o Cap. Antônio André, o Sarg. Vitorino, e eram contínuos seus insultos.

O Cap. José Raimundo, Prefeito de S. Gonçalo, passara com reforço, por Jerumenha, e já estava em Conceição, 12 léguas acima, no Gurguéia. Tinha pela frente, vindo pelo Esfolado, a chusma obstinada de Tomás e Polidoro. Sentiu a fraqueza de suas forças em face da superioridade dos antagonistas, e também o perigo

Digitalizado com CamScanner

que corria ao Alf. Antônio Martins da Rocha que, como ele, com um pequeno contingente, patrulhava aquelas circunvizinhanças. Mal vai alertado pelo risco que a ambos compromete, já era ele, José Raimundo, que estava sitiado.

Às cinco horas da manhã do dia 7 de maio, os **balaios** dão os primeiros tiros. E desde então, o tirotear não tem mais fim. Luta desigual. São 74 recrutas, legalistas, estranhos ainda aos misteres da guerra, que enfrentam mais de 600 adversários que têm um ano de campanha, em que combateram uns na queda de Caxias, outros na de Pastos Bons.

Dirigem-se apressadamente em auxílio de José Raimundo os Alfs. Martins e Araújo. Deste, apenas dez destemidos guerrilheiros chegam a penetrar nas trincheiras amigas. Martins, antes de alcançar as linhas dos contendores, já nas vizinhanças de Conceição, vê seus soldados repelidos e inútil sua arremetida, do qual sai ferido gravemente. A meia légua de distância, consegue pôr em ordem seus comandados. Cai a noite, e o chefe sitiado, às dez horas, aproveitando as trevas, pode burlar a vigilância dos que o enfrentam. Escapa ao cerco, perdendo bagagem e metade de seus subordinados, quase todos desaparecidos.

Tomás e Polidoro ficam senhores da zona e espalham sua gente desenfreada por todos os vales do Esfolado, Prata, Sangue e Uruçuí, na época, o mais populoso **baixão** da Pindaíba. (Idem, idem, L. 195E. Docs. 4/5 e 21/5/1840. L. 195. Doc. 10/5/ 1840. L. 195A. Doc. 24/5/1840. Docs. soltos 7/5 e 8/5/840).

Nesse mesmo dia, feria-se em Curimatá e Egito a série de escaramuças que daria início à maior caçada de gente naqueles calamitosos tempos, enquanto os guerrilheiros de Miranda Osório, nas praias maranhenses, defendiam Carnaubeiras, em mortífero combate em que entraram forças de terra e mar.

Tropas legalistas, expedidas de Caxias, pera ocupar Pastos Bons, exerceram sobre os inimigos forte pressão. Destes, como vemos, buscavam uns as terras fronteiras do Piauí, outros, numa terrível avalancha, descem o rio, levando o desassossego a todos os presídios ribeirinhos do Parnaíba.

Era, entretanto, Jerumenha o ponto nevrálgico. Daí, Vítor Barros diz que se acha em perigo por todos os lados, pois ocupam os adversários todas as ribeiras e dia a dia mais avolumam com sucessivas levas vindas do Maranhão. (Idem, idem. L. 195E. Doc.

Digitalizado com CamScanner

16/5/1840. L. 192. Doc. 19/5/1840. L. 195A. Docs. 25/5, 8/6, 9/6 e 10/6/1840).

Chama à sede municipal os destacamentos postos em torno da vila e até mesmo os contingentes das margens do Parnaíba, que assim ficaram desamparadas. Dali, em pouco, vêm aziagas notícias: consta que os rebeldes de Pastos Bons, em compacto grupo, se aproximam da beira do rio. Envia a Veados uma patrulha para observação. Essa regressa, em alvoroço, informando que atrás estão os bandos insubmissos.

Apresta Vítor Barros seus soldados e imediatamente se põe em movimento para salvar a vila, cuja defesa hoje lhe foi confiada. O Maj. José Felipe, comandante militar de Jerumenha, junta-se às forças, que atravessam o Gurguéia em Santa Teresa e seguem, tendo, como vanguarda, um troço de cavalarianos. Os **balaios** tinham também como vanguarda um piquete de camponeses montados. Às sete horas do dia 10 de junho, encontram-se as duas escoltas. O choque foi rápido, violento, O recuo dos insurretos foi em rumo do grosso de suas tropas. Perseguidos, fere-se o combate nas vizinhanças da Fazenda Gonçalo Alves. Ocupavam uma eminência que abandonaram, confiados em sua superioridade e para melhor ferir o adversário, pois o local, acidentado, oferecia "formidável grotão de pedras" que lhes servia de trincheiras naturais.

Dispõe Vítor seus comandados para o embate que em pouco se inicia, com rígido fogo, de parte a parte. Desloca-se para ocupar posições vantajosas e determina que o Cap. Manuel de Araújo Bacelar envolva os rebeldes pela retaguarda, procurando, com essa diversão, desalojá-los do anteparo com que os favoreceu a escabrosidade do terreno. Às três e meia da tarde, ocupa o "formidável **grotão** de pedras", onde deixam os antagonistas cinco mortos, vinte e tantos cavalgaduras e até mesmos armas. Mas tinham os legalistas onze feridos, entre os quais o intrépido Cap. Bacelar. Não tinham recursos para pensar os que necessitavam curativos. E a noite aproximava-se, enquanto estavam os inimigos a poucos passos, já entrincheirados e prontos para reiniciar a luta, protegidos das trevas.

Vítor e Miranda acordam em regressar a Jerumenha. Se não foi isso uma derrota que experimentaram, uma vitória não alcançaram.

Portaram-se com bravura o Cap. Bacelar, os Alfs. Egídio da Costa Alvarenga e Belisário da Costa Veloso, diz o ofício de Vítor

Digitalizado com CamScanner

Barros ao Barão, a quem pede gente, oficiais, armas. Oficia também o Maj. Filipe, talvez o mais timorato entre os que agiam naquele município. Há algumas peças oficiais que nos capacitam para essa informação. Além de poltrão, era insidioso em suas informações. Era elemento prestigioso da oligarquia. Distribuía seus elogios de acordo com a conveniência de seus interesses. (Idem, idem. L. 192. Doc. 12/6/1840. L. 193. Doc. 10/6/1840. L. 1950. Doc. 12/6/1840).

Os rebeldes, bivacados não muito além de Gonçalo Alves, têm seu acampamento principal em Veados, donde enviam aos legalistas de Jerumenha a nota em que dão os motivos por que empunham armas. Dizem que a lei dos Prefeitos não foi sancionada pelo Governo Geral, mas pelo Governo Provincial, e que, assim, não são obrigados a aceitá-la, e que foi essa a origem da luta em que se acham envolvidos. Recriminam a ação de Clementino no Maranhão, onde fez "movimentos tais que nem se pareciam com o seu caráter".

Encerra essa censura algo de elogio. Ë um testemunho de probidade do herói que baqueia, agindo cruamente ao defender a ordem pública. E terminam, fazendo apelo para a paz, sem estabelecer, entretanto, as condições: " [...] queiram compadecer-se de tantas famílias e tanto sangue que têm feito derramar desnecessariamente e quando não queiram abrandar esses corações, então nesse caso por obséquio nos dite o lugar onde nós havemos de encontrarmos para medirmos as armas [...]" Firmam esse ofício o Maj. Tomás Fernandes de Araújo Ferro, Caps. João Correia Fernandes, Eugênio Nunes, Clemente Máximo Cantuária e Fernandes de Araújo. (Idem, idem. L. 192. Doc. 11/6/1840).

Responde Jerumenha. Enumera as vitórias obtidas em Curimatá, Parnaguá (donde já se sabia doutra debandada), os socorros vindos de toda parte, as apresentações contínuas de rebeldes, e termina, exortando-os a depor as armas, que seriam bem recebidos e tratados sem castigos. (Idem, idem. Ls. 192 e 195D. Docs. 11/6 e 12/6/1840).

Efetivamente corriam às mil maravilhas as coisas de Parnaguá. O Ten.-Cel. Antônio Joaquim Magalhães de Castro partiu de S.

Digitalizado com CamScanner

Salvador com 300 praças baianas para as cabeceiras do Rio Preto, onde devia assumir ainda o comando de Guarda Nacional de Barras e Sento Sé. Desde fins de maio que ocupava posições nas fronteiras. Trouxera ainda outros auxílios ao Piauí. (Idem, idem. L. 192 Doc. 30/3/1840. Docs. soltos 19/5 e 7/7/1840).

José Martins e os caraibanos (designação dada aos Aguiar, visto seu principal núcleo ser a Fazenda Caraíbas que lhes pertencia), defrontaram-se, por vários dias, sem que deliberassem reiniciar as hostitidades. Vendo os rebeldes e probabilidade de outro ataque, e não lhes chegando os auxílios que esperavam, regressam a seus postos, na retaguarda, onde ficam reorganizando novas forças. Recebe José Martins outros socorros e resolve, enfim, com a chegada de Magalhães, entrar no vale do Paraim. Vai parar na Fazenda Saco, próxinio a Parnaguá, onde tinha Sebastião pouco mais de 200 homens que fogem, ainda uma vez, com a aproximação dos legalistas. Perseguidos, dois dias após, são completamente desbaratados. (Idem. Docs. soltos. 19/5 e 10/6/1840).

Diz Sebastião que "se traçou o fogo uns dentro de outros". E termina: "saindo-nos todos felizes, mas perdendo tudo que era nosso". José Martins informa que foram destroçados, perdendo bagagem e um morto. Gonçalo Freitas, que era um dos expedicionários, já escrevera da Fazenda Saco, narrando que chegaram a Parnaguá, sem dar um tiro e que já se estavam reunindo os povos que não queriam a rebelião. (Idem, idem. L. 195E. Docs. 20/5, 25/5 e 31/5/1840. Doc. solto. 26/6/1840).

Prepara José Martins dois piquetes que seguem em perseguição dos insurretos, ou melhor, que ficam patrulhando as redondezas. Em pouco caem, como prisioneiros seus, o Maj. Conrado José da Costa e nove companheiros. Manda ainda o Alf. Serpa receber dinheiro, armas e munições vindas por Magalhães, a quem solicita maior vigilância. (Idem, idem. Docs. soltos. 19/5, 26/6 e 7/7/1840).

Estava, pois, pacificado o Alto Gurguéia. Não era pequena a força legalista da Bahia que estacionava na fronteira. Assim José Martins se dispunha a regressar a Jerumenha pelo Uruçuí, quando recebe portaria do Barão, que o autorizava a permanecer em Parnaguá até a prisão ou o "extermínio" completo dos rebeldes. (Idem, idem. L. 165. Doc. 11/6/1840. Doc. solto. 26/6/1840).

Digitalizado com CamScanner

Já nessa ocasião, Frecheira havia sido ocupada pelos governistas e Cid ainda fazia a limpeza de Curimatá e Egito.

Os **balaios**, acossados em Pastos Bons, como vimos, refugiam-se nos vales do Gurguéia e Uruçuí onde, nos **boqueirões** e **vãos** de serras inóspitas, reiniciavam suas correrias, levando o desassossego a todo o termo de Jerumenha. (Idem, idem. L. 195D. Docs. 27/6, 28/6 e 3/7/1840. L. 192. Doc. 28/6/1840).

O Cap. José de Sousa Rebelo viera impor nos gerais do Piauí, numa corrida desabalada, um troco desses recalcitrantes camponeses que operavam na "ilha do Balsas". (Idem, idem. Doc. solto 10/6/1840).

Outros, ainda em território maranhense, perlustravam a margem do Parnaíba, a espalhar o pânico pela região do Piauí. Todos os comandantes dos postos militares daquelas ribeiras, assustados com o tropel dessa chusma de insolentes matutos, clamavam socorro para S. Gonçalo, Oeiras, e ao mesmo para Jerumenha, que recebia e continuava a pedir auxílios. Tomé Mendes, de Conceição, com seu estilo peculiar, assustado, anunciava a passagem dessas "quadrilhas de danados lobos." (Idem, idem. Ls. 192 e 193. Doc. 20/6/1840. L. 165 Docs. 18/6 e 19/6/1840).

Todas as vistas se voltaram, entretanto, para Jerumenha, onde o governo concentrava forças e para onde convergiam os caudilhos rebelados. (Idem, idem. L. 195D. Doc. 3/7/1840. L. 193. Doc. 5/7/1840. L. 195B. Doc. 9/7/1840).

Vítor Barros, que operava nas proximidades daquela vila, autoriza o Alf. Francisco Martins a seguir em perseguição do Cap. João Correia Facundo e Ten. Martinho que subiam o Gurguéia, acompanhados de poucos, para unir-se a seus comparsas. Foram todos massacrados, a exceção de um satélite que conseguiu salvar-se. Vítor dirige-se, então, para a beira do Parnaíba, em busca dos inimigos. Logo ao sair, vai surpreendido pela notícia de que estes chegaram a iludir-lhe a atenção e haviam penetrado em Jerumenha.

Efetivamente conseguiram insinuar-se pelas trilhas e atalhos que conduziam à vila, furtar-se aos olhos dos espias, e, temerariamente alcançaram seus objetivos, saquearam os armazéns, conduziram víveres, destruíram o que puderam. Em seguida, fogem e vão levar aos seus a convicção de que, se o quisessem, facilmente

Digitalizado com CamScanner

tomariam aquele ponto. Regressa Vítor a toda pressa ao local ameaçado. (Idem, idem. L. 165. Docs. 12/7/1840. Docs. soltos 8/7 e 2/7/1840).

Alguns dias depois, na madrugada de 16 de julho, à uma hora ou um pouco antes, estacam mais de 700 rebeldes nos subúrbios de Jerumenha, em frente das primeiras sentinelas que estavam alerta. Não houve tempo para auscultar. Dentro em pouco, do quartel, das ruas, de todos os quintais, atroava o tirotear incessante, de quando em quando abafado pelo ribombar rouquenho dum canhonaço que os defensores, em pânico, disparavam mais para intimidar os assaltantes do que para dizimá-los. Estes pararam em face de resistência tão tenaz. Em pouco, os primeiros albores tingiam o horizonte. Já haviam desaparecido os **balaios** na orla das matas que frondejam na margem do Gurguéia. Falharam os vaticínios de seus camaradas. (Idem, idem. L. 195D. Doc. 16/7/1840. Doc. solto. 16/7/1840).

Antônio Barbosa Júlio, que acompanha Vítor em seu regresso ao norte da Província, dez dias após, censura, em ofício dirigido a Cid, a falta de iniciativa dos chefes militares que, dispondo de mais de 70 cavalarianos, nenhuma exploração fizeram "até o momento". "Aqui o que há é muito medo ou ruim determinação" diz ele. Deixaram os rebeldes três mortos e os legalistas tiveram quatro baixas. (Idem, idem. Doc. solto. 26/7/1840).

O Barão não se contém. Não era essa a primeira vez que repreendia Vítor e José Filipe de Miranda. Baixa portaria em que "louva o denodo com que os bravos se houveram na ação supracitada, bravos que de multiplicados louros se teriam cingido, se a mais decididos chefes fossem confiados seus destinos, o que ainda pode ser remediado". Efetivamente. Autoriza a execução de várias medidas de ordem militar e logo em seguida promove a major o Cap. Francisco Raimundo dos Santos e o nomeia comandante de Jerumenha. (Idem, idem. L. 164. Doc. 4/10/1840. L. 165 Docs. 18/7 e 1/8/1840).

A não ser Parnaguá, os **balaios** não conseguiram ocupar nenhuma vila do Piauí. A tentativa para tomar Parnaíba teve como conseqüência o desbarato de Barra do Longá. A investida contra Piracuruca redundou no desastre de Bebedor. Agora, se não experimentaram o malogro de uma derrota, receberam, entretanto, áspera advertência que lhes aconselhou buscassem outros rumos.

Digitalizado com CamScanner

Abandonaram o Gurguéia e, pelo vale do Uruçuí, arriscaram-se a nova aventura.

José Martins já havia saído de Parnaguá, onde tudo estava tranqüilo. Deixou nessa vila o Alf. Aleixo dos Santos Amaral, Juiz de Paz, com um destacamento. Despediu, em direção de Gilbués, para Alagoa Comprida, o Ten. Marreiros que deveria patrulhar de Pedra Furada, no Paraim, às cabeceiras do Gurguéia, estendendo ainda sua vigilância até o Parnaíba. Chegando a Alagoa Comprida, soube que os inimigos, em quatro grupos, operavam no vale do Uruçuí, cuja defesa fora confiada ao Cap. Ribeiro Soares.

Por precaução, mandou um piquete ocupar a ladeira do Brejo Novo, por onde poderiam tentar escapar. Estava tudo disposto para os últimos embates no Sul do Piauí. Desceu até Tranqueira, sua predileta fazenda, certo de que os adversários, que julgava imundas alimárias, se penetrassem naquela bacia, estariam encurralados numa grande solta, donde não encontrariam escapula. (Idem, idem. L .195. Docs. 29/7 e 16/8/1840. Docs. soltos. 28/7/ e 29/7/ 1840).

Não poderiam regressar a Pastos Bons, donde já haviam sido expulsos. Não se sustentariam em Jerumenha, onde cada dia mais se enrobusteciam os legalistas. Era Parnaguá ainda uma esperança para eles, pois se dizia que os Aguiar exercitavam gente em Brejo das Canas. Valério, Tomás, Polidoro, Vitório, se não agiam diretamente, enviavam forças para destruir os empecilhos que embaraçavam a junção com os aliados do Alto Gurguéia.

Ribeiro Soares, que presumimos ser descendente do perseguidor de índios, atento, está disposto a não ceder um passo a essa avalancha de tabaréus que, entretanto, disciplinadamente se arremessam para onde os conduzem seus chefes, quando estes, animados do mesmo espírito que o deles. Admiramos o paradoxo de conduta.

Já havia exaustão. Parece-nos que muitos já não queriam senão um refúgio por onde escapar aos tormentos dessa luta inglória. Já apresentava a maioria sintomas que bem traduzem o prenúncio do esgotamento. Havia, entretanto, os obstinados, os inflexíveis, justamente os que se fizeram líderes, afeitos às correrias do banditismo. Estes continuavam empedernidos em seu desiderato que já não era alcançar a vitória, mas protrair o quanto possível o desenlace desse drama que estava em harmonia com a sua

Digitalizado com CamScanner

ematividade. É admirável a teimosia que bem caracteriza nossa gente.

Dessa forma, investem os **balaios** para o sul do Piauí, pelo vale do Uruçuí e têm logo, pela frente, o intimorato Ribeiro Soares. Ferem-se combates indecisos e, dentro em pouco, compreendem que não conseguirão romper as estradas defendidas por esse valente Capitão. Procuram furtar-se a sua vigilância. Infiltram-se por atalhos desconhecidos, através dos **chapadões** que separam as **baixadas**, outrora contornam montes, evitando os **boqueirões** de serras, procurando as trilhas que conduzem à retaguarda do inimigo, onde presumiam que teriam livres os passos em busca de seus propósitos. Para realizar esse ousado plano tiveram que atrair a atenção do adversário provocando-o com movimentos estratégicos. Enquanto escaramuçavam em frente das forças antagonistas, o grosso de sua gente ardilosamente se esgueirou pelos flancos. Apesar de todas as precauções, perderam mis de 60 entre mortos e feridos. Tiveram os legalistas vinte e tantas baixas. Quando pressentem estes que os contendores estão na retaguarda, voltam-se, mas já encontram franqueada a passagem em rumo das cabeceiras do Uruçuí. Os rebeldes fugiram à luta e buscam seu objetivo. Seguem os governistas no encalço dos fugitivos.

José Martins, que havia descido até Tranqueira, regressou a toda a pressa e já estava de atalaia naquelas alturas, a espreitar as estradas por onde deveriam chegar os inimigos. (Idem, idem. L. 195D. Doc. 22/8/1840. L. 165. Doc. 27/8/1840. Doc. Solto 20/8/1840).

Alguns dias depois, às 8 horas da manhã de 28 de agosto, não muito longe de S. Maria, os **balaios** topam com a sua força. Inicia-se o combate. Em pouco, estão sendo envolvidos, pois sua retaguarda já está sendo também castigada pelo expedito Ribeiro Soares. Depois de cinco horas de vigoroso fogo, cedem o campo e debandam desmoralizados, em diferentes quadrilhas, deixando 20 mortos, e nenhum ferido. Ficaram os legalistas senhores das posições e, como tais, não faziam prisioneiros, de feridos. Reciprocamente assim seriam tratados: não se dá quartel ao inimigo. Tiveram 16 baixas, entre as quais, apenas um morto.

Manda José Martins o Alf. Joaquim Damasceno Nogueira conduzir os feridos a Riacho dos Cavalos, onde tinha Marreiros seu acampamento, e prossegue em perseguição do grupo mais

Digitalizado com CamScanner

numeroso. Depois de perlustrar oito a dez léguas, através de caminhos escabrosos, galgando e descendo serras (pormenorizam assim os documentos oficiais), vai enfim, às 5 horas da tarde do dia imediato, na Fazenda S. Domingos, castigar os adversários, no momento em que atravessavam um brejo. Inflige-lhes nova derrota, em que deixam, afora a bagagem, quatro mortos e, como prisioneiros, vinte e oito mulheres, dezessete crianças e três escravos.

No dia imediato, continua em rumo de Deserto, e três léguas após encontra uma vereda, que conduz a S. Teresa, palmilhada por numerosos fugitivos. Não os alcança. Desaparecem como por encanto. Determina, então, que o Cap. Ribeiro Soares, com 200, vá ao longo do Taquaraçu, a fim de patrulhar aquelas redondezas. O Sarg. Brasil, com 100, faria pesquisas nas cabeceiras do Gurguéia. Ele, com maior contingente, iria na retaguarda de Brasil. Dveriam reunir-se todos em Conceição ou na barra do S. Maria.

Após as explorações feitas pelo Cap. Martinho, em S. Gonçalo, Buritizal Grande, Mamoneira, foram encontradas as trilhas dos insurretos que se retiravam, uns para os **gerais** do Parnaíba, outros em rumo das nascentes do Rio Preto (Bahia). José Martins marcha no encalço destes, enquanto escala 200 homens para perseguir aqueles. Chega nas fronteras da Bahia, penetra no território da província vizinha e vai aquartelar-se em Livramento.

Os inimigos alcançaram a bacia do S. Francisco, onde sumiam-se misteriosamente. Consta que estão uns em Brejo das Canas, outros nas vertentes do Rio Preto, em Montevidéu, em Brejão e até em Pilão Arcado, para onde se prontificou a seguir, com a sua coluna, o chefe piauiense. (Idem, idem. L. 193. Docs. 29/8, 3/9 e 4/9/1840. L. 195D. Doc. 6/9/1840. Ls. 195B e 195D. Docs. 18/9/1840).

O Ten.-Cel. Magalhães, comandante das forças baianas, determinou que o Cap. Marinho, com 150 homens, ocupasse Formosa, enquanto continuaria ele a fazer o patrulhamento em Barra e outros setores.

Regressa José Martins ao Piauí, pelo Brejo das Canas, onde surpreende seis fugitivos, dos quais morreram dois, e um caiu prisioneiro. Na Fazenda Pedras fixou, como sentinela, com um destacamento, o Cap. José Lustosa Brasil. Já havia dito a Magalhães que, voltando ao Piauí, deixava-lhe "a gloriosa tarefa de aniquilar a esses vândalos que tantos males têm causado a milhares de

Digitalizado com CamScanner

famílias honestas". (Idem, idem. L. 195D. Docs. 6/7 e 9/9/1840. Doc. salto 10/9/1840).

A expedção que perseguia os balaios que se aprofundaram nos gerais do Piauí, alcançou dois grupos, destroçando-os e capturando 22 mulheres, 26 crianças e trinta e tantos cavalos. Abateu 4 combatentes, e 2 foram feitos prisioneiros. Reproduzia-se a lúgubre caçada de animais da raça humana, semelhante à que se desenvolvia ainda em Frecheiras, Curimatá e Egito.

Os remanescentes desses troços desbaratados no Gurguéia reagrupam-se e retrocedem uns em rumo da Bahia e de Goiás, outros se aproximam das margens do Parnaíba, fronteiras à "Ilha do Balsas", já ocupada pelos legalistas maranhenses. Vêem que é temeridade nessa altura transpor o rio e, dessa forma, resolvem descer pela margem oriental e, com manobras rápidas, fogem ao encontro do Maj. Francisco Raimundo que os aguardava nas circunvizinhanças da foz do Uruçuí.

Em seguida, ora penetram no Maranhão, ora regressam ao Piauí, e com esses movimentos peculiares a guerrilhas, em que eram adestrados como afamados negaceadores, burlam a vigilância dos legalistas e vão ajudar a surpreender e retomar Pastos Bons, onde fazem depredações.

Os que ficaram nos **gerais** do sul do Piauí, sempre acossados pela Coluna do Oeste, atravessam a Serra do Tiririca e penetram uns em Goiás, outros na Bahia. Havia José Martins disposto piquetes em todas as estradas, ocupado os pontos mais importantes. Agora procedia à limpeza. Entrava em todos os **vãos** de serra, percorria todas as veredas, a prender os fugitivos, a abater os que tinham a veleidade de resistir. Não foram poucos os que tombaram apenas para gáudio dos vencedores. (Idem, idem. L. 193. Doc. 29/8/1840. L. 195D. Docs. 6/10, 18/9, 24/9 e 30/9/1840).

Lembremo-nos da torpe notícia com que José Martins participou ao Barão o sacrifício de Lustosa por meio de asfixia. Estimulados por esse espírito de esmerada selvageria, seus soldados fustigavam desapiedadamente os míseros rebeldes. Manuel Lucas, nas cabeceiras do Gurguéia, teve a desventura de cair nas mãos de um carniceiro. Foi morto, e o pérfido sargento que conduziu a patrulha que aprisionou o frustrado caudilho, decepou-lhe uma orelha, e "como penhor de sua diligência", foi exibi-la aos olhos da desgraçada viúva que chorava a perda do esposo.

Digitalizado com CamScanner

José Martins, castigando o asqueroso comandante, não se redime de seus erros.

Em seguida, registra o resultado das últimas operações de sua coluna, no curto espaço compreendido no período de 18 de agosto a 29 de outubro, consignando 595 baixas dos adversários, assim distribuídas:

Preso	47	homens
Apresentados	291	homens
Mortos	126	homens
Apreendidos	50	mulheres
Apreendidos	67	crianças
Encontrados	14	escravos
TOTAL	595	

Apenas 126 mortos. Diz a tradição oral que subiram eles a algumas centenas. Nenhum ferido.

Restringimo-nos apenas aos 126 mortos que anunciou, pois em nosso trabalho não fizemos afirmações que não tenham sua origem em documento por nós compulsados com meticulosidade. (Idem, idem. L. 195D. Docs. 13/10 e 23/10/1840. Doc. solto 15/10/1840).

✓

Notas

[1] PACHECO, Felix. **O Marquês de Parnaguá**. 1907, p. 8 e 9.

[2] CHAGAS, Paulo Pinheiro. **Teófilo Orôni**. 1943, p. 99.

[3] PLUTARCO. **Pelópidas**. p. 9.

[4] NUNES, Odilon. **O Piauí na História**. 3. ed. p. 86.

[5] POMBO, Rocha. **História do Brasil.** V. III p. 603. ALMEIDA, Tito Franco de. **O Conselheiro Francisco José Furtado**. 1944. 133 e seguintes. Jean – Jacques Chevaliel. **As Grandes Obras Políticas**. 1957. p. 49. 66. 94. 100 a 101. HUGHES, Emmet John. **Ascensão e Decadência da Burguesia**. 1945, p. 27. 124 a 125. 235.

Digitalizado com CamScanner

7

A exaustão. O Barão da Parnaíba e o fastígio de seu poder

Em outubro de 1840, percorrem os rebeldes os vales dos rios e ribeirões, fugindo desordenadamente ao encontro das forças legalistas, que os caçam, na faina da limpeza da terra piauiense, como se fossem eles imundas alimárias.

Acossados cruelmente no Sul do Piauí, espalham-se espavoridos pelas ribeiras do Uruçuí, Santa Maria, Taquaraçu e Alto Parnaíba.

Redundam em fracassos suas tentativas no norte, para recuperar o comando das operações. São repelidos e recuam desmoralizados nos assaltos que fizeram a Frecheiras, Conceição e Estanhadinho. Experimentam, então, uma série de desastres. Vêm os recontros de S. Domingos, Poções, Palmeiras e S. Caetano e, em seguida, a surpresa da Passagem das Boiadas em que são desbaratadas as exaustas forças de Cabral que têm exânime sua capacidade de resistência.

Nem por isso sentiam-se os governistas, em segurança.

Se os rebeldes já não podiam lutar, não era à falta de combatividade: era a resultância da precariedade de recursos materiais. Foi um milagre a manutenção da luta por tão dilatado tempo com as possibilidades exclusivas da própria terra, já esgotada em suas fontes econômicas. Já não havia para onde apelar. Todas as fronteiras da região conflagrada estavam em poder dos legalistas.

Digitalizado com CamScanner

Já não dominavam as fraldas da Serra Grande e outros sítios donde se extraía o salitre para a fabricação da pólvora.

Para avaliar-se a deficência do material béico da facção sublevada, lembremo-nos das condições dos imperiais que tinham a seu favor comunicação livre com as províncias limítrofes, das quais, bem como do Governo Central, recebiam auxílios. Apesar disso, a par da insuficência de armas e munições, enfraqueciam-nos também as deficiências de víveres e fardas, ou melhor, calças e camisas, pois essa indumentária era seu fardamento.

Desde o começo de 1840, registram-se deserções em suas fileiras, por motivo de nudez e fome. O comandante de Bom Jardim, onde era também proprietário, nessa época, lamenta que de roça nada tem e que, de gado, já só lhe restam as vacas. (Casa Anísio Brito. Arquivo. Província. Livro. 189. Documento de 23/2/1840).

Roberto Vieira Passos, tão passível a censuras sob determinados aspectos, redime-se pelo seu profundo amor à ordem legal. É um abnegado, desses que hoje se vão tornando raros na coisa pública.

Quando na Guerra da Independência, preferiu guardar fidelidade à Coroa Portuguesa e ficar ao lado de Fidié até a capitulação de Caxias. Assim, não seria rebelde. Cumpriria seu dever. Em Piracuruca, à sua custa, socorre por vezes as forças esfaimadas e maltrapilhas que se batiam contra os **balaios**. Numa ocasião, a Cid informa: "A tropa chegou indecente pela nudez com que se apresentou em forma, razão por que sem ordem e sem poder, hoje dei camisa e ceroula cada um".

Mais tarde diz ainda que em seu acampamento, há mais de ano, vem dando 300 rações diárias; e queixa-se: " [...] além de que nunca tive sem ser pela mesma administração para suprimento de guerra, senão cartuchames, armas, que mesmo pólvora, pederneiras, armas e algumas fazendas, tenho comprado". (Idem, idem. L. 195D. Doc. 14/8/1840. L. 190. Doc. 31 /8/1840).

Vinham os queixumes de toda parte. Informa Miranda Osório que há praças que faz mais de seis meses não recebem soldo e agora já nem mesmo pão. E termina: "Meus próprios recursos estão esgotados e os do governo não chegam". Informa também que sua firma comercial se acha ameaçada em face dos compromissos que assumira em defesa da ordem legal. (Idem, idem. L. 195B. Doc. 6/12/1840).

Digitalizado com CamScanner

Matias Duarte, comandante de Castelhano, diz ao Barão que é preciso dissolver as tropas que passavam privações. Já falta até carne. Garrote de ano para cima, não há. Agora, apenas vacas paridas. Gonçalo José Nunes, da Lagoa de S. João, apresenta relação dos que foram "apenados" e que já nada podem dar. E termina dizendo que ali "não há mais uma pessoa que tenha um só animal". (Idem, idem. L. 195D. Docs. 4/7 e 7/12/1840).

Pede Tomé Mendes a extinção de seu posto, porque os soldados miseráveis "têm necessidade de plantar e cuidar de suas famílias". Conta o Cap. José Antônio da Cunha que seus comandados já não comparecem em forma em virtude da nudez. Não recebem soldo desde que assumiu o comando. Sustentam-se de pequis e bacuris. E finalmente: "Eu já não tenho gado com que possa suprir, porque em ocasiões de falta é sempre que supro, tenho já por muitas vezes apartado vacas dos bezerros para fornecer à tropa, isso em decurso de dezoito meses, já pouco ou nada me resta para suprimento de uma pesada família". Fala em nome de seu posto, bem como no de todos que estão sob seu comando: Cruz, Bananal, Castelhano. (Idem, idem. L. 195D. Doc. 11/12 e 25/12/1840.

Como já vimos em capítulo anterior, tão pateticamente narrara o Barão, a ministros e a presidentes de Província, a penúria em que viviam os combatentes piauienses. Duma vez, exibe têmpera de aço, quando, assediado com solicitações de mantimentos, roupas e apetrechos bélicos, instrui a José Felipe, comandante em Jerumenha, com referência a manifestações de indisciplina dos soldados à falta de víveres: "[...] soldados devem contentar-se com a paga que se lhes der, conforme os artigos de guerra a que estão atualmente sujeitos; e aquele que por qualquer maneira se mostre descontente será punido como cabeça de motim". Essa atitude faz lembrar a austera rigidez de Galba, quando diz em situação idêntica: "Escolho os meus soldados; não os compro". (Idem, idem. L. 165. Doc. 24/6/1840.[1]

Contudo, manifestam-se pruridos de sedição por toda parte. Parnaíba, como vmos, experimentou horas tormentosas.

Após o amortecimento da refrega em Curimatá e das correrias nos vales do Gurguéia e do Longá, e em torno de Frecheiras, mais contínuas se tornariam as manifestações de exaustão.

Se assim era entre os legalistas, que diremos dos rebeldes; piores eram suas condições.

Digitalizado com CamScanner

Corriam rumores de que o Governo Imperial havia concedido anistia aos sublevados. Já também se vinha dizendo que Poderoso mantinha entendimentos para apresentar-se a Luís Alves de Lima e que, no Ceará, muitos cabecilhas de Frecheiras procuravam as autoridades governamentais. Tudo isso concorria para o amortecimento da combatividade de todos os contendores que ainda estavam em armas, de ambas as facções. Acresce ainda que eram péssimos os prenúncios de inverno.

Contudo, sob a pressão dos aziagos vaticínios da seca, explode em Sobral, com todo o terror das catástrofes imprevistas, a rebelião das forças legalistas do Ceará, sob o comando do Ten.-Cel. Francisco Xavier Torres.

O Gabinete de 24 de julho, organizado após a Maioridade, prepara-se para montar sua máquina eleitoral. Enquanto Martin Francisco ia demitindo na Fazenda ou Limpo de Abreu ia arregimentando a magistratura, fazia Antônio Carlos a limpeza nas províncias, dispensando catorze presidentes e nomeando gente de confiança do partido Liberal. No Ceará, Francisco de Sousa Martins foi substituído pelo Senador José Martiniano de Alencar, uma das figuras mais preeminentes do movimento maiorista. Foi também o que procurara a aliança do Barão para abater a arrogância dos Mourão.

Alencar pôs-se logo em atividade para alcançar o objetivo de seu partido. Tinha a obstar-lhe a ação os conservadores aprestados por toda parte, desde a renúncia de Feijó e a instauração do Gabinete de 19 de setembro, mais conhecido por Gabinete das Capacidades.

Na comarca de Sobral, onde se achavam estacionadas as forças que estiveram no Piauí a serviço da legalidade, o Ten-Cel. Francisco Xavier Torres, comandante de quase toda a tropa de 1ª linha, agora, amortecida a fúria dos **balaios**, se movia sob o aceno do Dr. Miguel Fernandes Vieira, Presidente da Assembléia Provincial e um dos próceres do partido Conservador. Ficara tudo preparado com a conivência de Francisco de Sousa Martins, por isso mais tarde atacado na Câmara, por Limpo de Abreu e Peixoto de Alencar.

Aproximavam-se as eleições e seria Torres o instrumento da vitória dos que passaram para o ostracismo: agiria sob o sinal do

Digitalizado com CamScanner

parlamentar oposicionista. Se preciso, apelariam até mesmo para a rebelião.

De Fortaleza, expedem comunicações (pelo menos há uma na Casa Anísio Brito) para o interior da Província, dizendo que seguiria para o Rio uma deputação de membros da Assembléia e do comércio, a fim de junto ao trono defender os interesses do partido. Anunciam que está contra Alencar todo o comércio do Ceará: Baturité, Aracati, Icó, Inhamuns resistem **chimangados**; o Governo do Rio há de atender as reclamações ou ter o desgosto de ver outra província em armas. (Casa Anísio Brito, Arq. Pro. L. 195D. Doc. 29/9/1840).

Facundo, Vice-presidente em exercício, antes da posse de Alencar, tudo fizera para anular a ação de Torres. Mas protela este a execução das ordens recebidas do Vice-presidente.

É quando chega o presidente nomeado. Assume suas funções. Prossegue nas tentativas iniciadas por Facundo. Foram inúteis seus esforços, pois o comandante das forças destacadas na comarca de Sobral obedecia, antes de tudo, às instruções do Presidente da Assembléia.

Alencar assume atitude imprevista. Vai surpreender o recalcitrante militar, em Sobral, onde entra inesperadamente. Toma as providências necessárias para fazê-lo regressar à Capital e substituir os comandantes dos diferentes destacamentos por oficiais de confiança.

Os conspiradores dirigem-lhe, então, uma representação em estilo desatencioso, sendo mesmo hostil, e pedem a conservação de Torres no comando geral, bem como o restabelecimento de certas leis que tinham sido revogadas.

Certifica-se Alencar de que Torres conspirava contra a legalidade, quando, exibindo a representação, este lhe diz que já a conhecia.

É, então, demitido, e explode a rebelião. Na noite de 14 de dezembro, a casa em que estava o Presidente é atacada pelos amotinados. Repele este o assalto com as forças que lhe guardavam fidelidade. São desbaratados os rebeldes que fogem para o Piauí.

Nos Anais da Câmara dos Deputados, há informações em torno desses fatos, nos debates havidos entre os deputados Francisco de Sousa Martins e Peixoto de Alencar, em maio de 1841.[2]

Digitalizado com CamScanner

A notícia da sublevação e da marcha dos sublevados em rumo de Piracuruca cai como se fora um petardo na vila ameaçada O pânico alarma toda aquela vizinhança.

Às dez horas da noite de 21, as autoridades foram cientificadas, por ofício do Cap. Miguel Luís Gonzaga, que patrulhava em Lagoa de Santiago, de que em Currais, 6 a 8 léguas de Piracuruca, pernoitava o Ten.-Cel. Torres com uma tropa que se insurgira contra o Presidente do Ceará.

O Subprefeito em exercício chama às armas todas as pessoas capazes, põe piquetes nas principais estradas que conduzem ao Ceará e convoca o Cap. Gonzaga a fim de que venha prestar cooperação nesta emergência.

Às 11 horas da manhã imediata, recebeu informação de que o Cap. Luís Xavier Torres, irmão do chefe rebelde, se apresentara a uma das patrulhas e pedia permissão para ter entendimentos com as autoridades locais. Conduzido ao quartel, na sede municipal, a seu sabor narra os fatos relatados anteriormente.

Chegam novas comunicações, trazidas por outro emissário, de que estava também às portas da vila o Ten.-Cel. Torres, acompanhado de oficiais e praças.

Permitem sua entrada e estabelecem como condição, para que sejam recebidas suas forças, que fossem estas desarmadas.

Compreende Torres o verdadeiro significado dessa imposição e diz que prefere regressar ao Ceará, onde mais tarde cai em poder dos legalistas. (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 195B. Docs. 22/12 e 24/12/1840. Docs. 16/12, 22/12 e 24/12/1840).

Em seguida, as autoridades piauienses recebem ofício de José Martiniano de Alencar, remetendo sua proclamação referente ao fato e que pormenoriza a ocorrência. Envolveram-se nessa aventura os principais oficiais que haviam contribuído para a repressão dos **balaios** no Piauí: o Ten.-Cel. Torres, seu irmão Luís, seu cunhado Lins, Joaquim Ribeiro, Jacarandá, Jataí e muitos outros. (Idem, idem. L. 195B. Docs. 15/12 e 17/12/840. L. 1956. Doc. 16/12/1840).

Foi um alívio para a população de Piracuruca o regresso de Torres ao Ceará. Pouco a pouco se desanuviavam as cousas. Já se anunciava o terceiro ano de lutas. Apesar de não ser promissor o

Digitalizado com CamScanner

inverno, alegravam-se os legalistas, entretanto, pois as correrias dos **balaios** já se distanciavam entre si e também já não mantinham eles a renitência nos assaltos como no tempo em que tinham ascendência no comando da campanha. Incontestavelmente fugiam ao encontro dos governistas.

Espalhavam-se mesmo notícias lisonjeiras por toda parte, especialmente as referentes a apresentações de rebeldes às autoridades. Diziam que, se Poderoso já se não houvesse apresentado a Luís Alves de Lima, provavelmente dentro em pouco estaria lutando ombro a ombro com as forças deste. Já não se podia brigar. A terra estava exausta, e ainda mais os homens.

O Ten.-Cel. Rebelo pede demissão e informa que espera assim poder tratar da saúde e pagar o que deve. Diz Antônio Mendes a Cid que não é conveniente alistar como soldado "os convertidos" e explica-se: "[...] porque é afugentá-los totalmente, visto que me têm feito conhecer que temem mais a praça do que qualquer outro castigo". Também acrescenta Tomé Mendes que os moradores da beira do rio Parnaíba que se haviam refugiado em Passagem Franca, regressavam ao Piauí com o projeto de não mais reunir-se a partido algum, e vivem amoitados pelos matos, fazendo roubos, morte, estando danada tal gente". (Idem, idem. L. 192. Doc. 22/6/1840).

Muitos procuram homiziar-se em casa dos fazendeiros. As autoridades de S. Gonçalo, quando no aceso da luta, receberam ordem de prender todos os acoitados que estavam com Francisco das Chagas Pereira de Brito, inclusive o acoitador. Seria esse cidadão o vereador que, a 7 de agosto de 1823, na Igreja Matriz de Caxias, jurara obediência a D. Pedro!? Ou seria seu homônimo?

Mais tarde, Cândido Lopes de Sousa denuncia que Pedro José Nunes, também em S. Gonçalo, amparava os fugitivos. As matas do Cuité e Espírito Santo, nesse município, eram viveiros de desertores e **balaios**. (Idem, idem. L. 165. Doc. 13/6/1840. 195B. Docs. 20/10 e 2/11/1840).

Com o enfraquecimento destes, autoriza a Presidência que seja dada baixa nos soldados, que são agricultores. Espalha-se logo a notícia e o alvoroço é geral. Quem, naquele tempo, não seria lavrador nesta terra? Não havia ainda comércio, vendas. Plantaria, pelo menos, para comer, porque só havia lavoura de subsistência. Ainda em 1884, Vitório da Costa, em mensagem à Câmara Legislativa Provincial, não hesita em afirmar que se dirige

Digitalizado com CamScanner

a agricultores. A Câmara acolhe, então, em seu seio, e constituindo maioria, embora já sem a força de outrora, à falta de unidade, os remanescentes da oligarquia que tivera como centro o Barão da Parnaíba: proprietários, fazendeiros, latifundiários. Os doutores saídos de Pernambuco e S. Paulo ainda disputavam o domínio da Província, embora já retendo, em parte, a liderança política.

Como não podem as autoridades dispensar todos do serviço militar, desertam muitos, ainda tocados pela fome. E os comandantes não têm coragem de mandar piquetes perseguir os desertores, porque temem que esses façam o mesmo: não voltem mais a seus quartéis. (Idem, idem. L. 194. Docs. 21/1 e 31/1/1840).

Já ninguém queria viver de armas em mão. A população, pouco a pouco, sedentarizara-se e muitos desejavam antes que tudo retornar à tranqüilidade dos quintalejos. Ou, quando muito, ao rebuliço das vaquejadas.

Estavam todos exaustos. A continuação da luta vinha despertando um descontentamento que atingia todas as classes.

Os fazendeiros de Campo Maior fazem ao Barão uma representação em que dizem que "carregam" "o insuportável ônus da sustentação de avultado número de tropas". "Enquanto se acham expostos a depredações dos rebeldes, lamentam eles, as forças governistas têm a seu turno acabar de destruir a riqueza do município".

"Desta desastrosa oportunidade se têm além disso aproveitado não poucos aventureiros para, sob a máscara de legalistas, se locupletarem com bens alheios: para estes tais não há presentemente meu, nem teu, ou para melhor dizer, tudo lhes pertence porque lançam mão do que querem como bem lhes parece".

"A durar mais algum tempo esta lutuosa crise, ajudada ainda pela horrorosa seca e calamitosa peste que ceifa com rápido progresso as vidas de quanto respira, ficará esta Comarca inteiramente despovoada de gados e seus habitantes sobreviverão apenas para sentirem os efeitos da miséria". Pedem enfim a retirada das forças. (Idem, idem. Doc. solto. 24/12/1840).

Assim, a dilapidação dos rebanhos era feita indistintamente por **balaios** e legalistas. Gilbués denuncia Oeiras ao Barão; Oeiras

Digitalizado com CamScanner

denuncia os homens do Norte; Campo Maior denuncia rebeldes e imperiais.

Essas criminações fazem lembrar os versos do Salmista:

Todos se desviaram, juntamente se fizeram imundos;
Não há quem faça o bem, não há nem sequer um.[3]

Exaspera-se Tomé Mendes com tamanha roubalheira. Ciumento de seu mérito, desde muito vinha em atritos com outros oficiais. Sua correspondência dirigida ao Barão, em torno desses incidentes, tem algo de irreverência a seus companheiros de campanha.

Chega, entretanto, a ser repreendido, porque foi também julgado faltoso, por indiscrição. Retruca ao Presidente da Província, dizendo que aceita a repreensão como fiel e obediente súdito; todavia lhe seja lícito dizer que quando o tempo permitir será pronto em provar tudo quanto dissera. (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. 195D. Docs. 3/7 e 3/11/1840).

Censura José Martins, Clementino, em face da prisão dum filho e das advertências que lhe são feitas com referência a dever funcional. É impiedoso para com certos comandantes inescrupulosos que malbaratam a economia do povo já tão espoliado pelas avalanches dos rebeldes.

A Morais Cid informa: "Sem dúvida alguma, Ilmo. Sr., têm os proprietários desta ribeira e de outras mais carretado com todas as arbitrariedades que praticam os Srs. Comandantes de Tropas e Pontos, que matam gados e pegam pelo campo a seu bel-prazer, embora sejam socorridos pelos mesmos proprietários, e têm imitado neste praticar com os rebeldes; e por fim se um pobre proprietário fala e se queixa, é reputado **balaio** e como tal perseguido e muito mais os seus bens". E, com ironia, diz que "se evaporam os animais.

"Estou (continua ele), sem dois cavalos de sela" "que um senhor oficial probo que por aqui passou em dias de dezembro do ano passado os pegara no campo e os carregara para sua fazenda com outros mais, para aumentar seus bens". E a indiscrição dos arquivos faz conhecer quem é o "probo oficial" a quem ironicamente se refere esse velho **ranzinza**. (Idem, idem. L. 195D. Docs. 13/7, 28/7 e 8/9/1840).

Do Alto Gurguéia, representa o Cap. José Lustosa Brasil contra as arbitrariedades de José Martins, sua falta de respeito à

Digitalizado com CamScanner

propriedade particular: refere-se às requisições para manutenção da luta. O Comandante da Coluna do Oeste deixou como comandante das forças que ficaram em Parnaguá o Ten. Marreiros, estando ele, dessa forma, com patente superior, subordinado a um tenente.

Pede correção para esses desmandos, "dizendo como Cícero (é dele a expressão), os generais fazem muitas cousas armados, que togados impediriam se fizessem". Inspirado no primeiro hemistíquio de judicioso verso do orador romano, dirige esse apelo ao senso de justiça do austero Barão.

José Martins defende-se como pode. (Idem, idem. L. 193. Doc. 9/12/1840).

Vinham-se dando essas tricas desde os primeiros dias da luta. Piracuruca sempre foi um ninho de discórdias. Manuel Antônio polemicou sempre com todos, em espalhafatosos ofícios.

O Barão, como vimos, também verberou Manuel Felizardo, denunciando sua inépcia. Agora agia o velho político, como naquela época. Denuncia a todos a inércia de todos. Com essa atitude melhor define sua personalidade. Ao Presidente da Bahia reitera o pedido de prisão de rebeldes ali homiziados e diz que as forças daquela Província, "até o momento", não prenderam nenhum **balaio**. E logo em seguida se dirige ao Ministro da Justiça a quem informa que fez voltar as tropas legalistas de Parnaguá, à falta de víveres, e queixa-se das autoridades baianas que deixam escapar aqueles que, no Piauí, empunharam armas contra o Governo. Prossegue, não escapando dessa vez o próprio Luís Alves de Lima: "Os desordeiros, acossados nesta Província onde quer que apareçam, desacoroçoaram a ponto de a terem quase inteiramente trocado pela do Maranhão, onde, apesar da quantidade de forças, ainda continuam nas useiras hostilidades".

E adianta ainda: "Parecerá bem estranho aos vindouros que com tão poucos recursos tivesse eu desalojado do território desta Província milhares de rebeldes e os continue a perseguir além das raias dela, mas é uma realidade que está ao alcance de todos, que conhecem os meios à minha disposição no começo da luta e os que me hão sido fornecidos. Não pretendo atribuir somente aos

Digitalizado com CamScanner

meus constantes desvelos pela ordem pública a tal e qual tranqüilidade de que goza a Província confiada a meus cuidados, pois que rebaixaria o constante denodo com que têm os valentes piauienses vingado a honra do Pavilhão Nacional.. ." (Idem, idem. L. 163. 12/12/1840. L. 153. Doc. 18/12/1840).

Efetivamente, decorridos quase dois anos, viera da Corte apenas a importância de setenta contos de réis e a luta no Piauí estava extinta, graças à energia desse domador de homens que, apoiado quase exclusivamente nos recursos da terra, enfrentou e esmagou as contínuas hordas de **balaios** que emergiam de todas as veredas, e ainda pôde levar o concurso das armas de seus guerrilheiros além das fronteiras da Província.

Se nos primeiros embates com os sediciosos, denotou sintomas de angústia, talvez tivessem sua origem no profundo amor à ordem legal, primordial característica de sua vigorosa personalidade. Contudo, já naquela época ostentara sua capacidade. Vejamos o que dissera ao Presidente da Bahia, quando denunciava a desídia de Felizardo: "Já não conto com as tropas do Maranhão, porquanto sendo esperadas desde junho, nem a repetição das malvadezas dos rebeldes, lhes tem desafiado o desejo de avançar e se os auxílios que àquela Capital (referia-se a S. Luís) vão das outras províncias, viessem aqui, já nos não ocupávamos senão com o julgamento dos réus". (Idem, idem. L. 163. Doc. 31/10/1839).

Com os últimos dias de 1840, furtivamente seguia o Cap. Miguel Luís Gonzaga, na pista de Torres, até as fronteiras do Ceará. Miranda Osório, atendendo a uma solicitação de Braga que, em Tutóia, estava ameaçado por Raimundo Gomes, enviou em seu socorro o Cap. Tomás José Pereira à frente de oitenta combatentes. (Idem, idem. L. 195B. Doc. 21/12/1840. L. 195D. Doc. 31/12/840).

As ordens da Corte, que noticiavam a ascensão de D. Pedro II ao poder e tornavam conhecidos certos decretos de anistia, só foram oficialmente registradas em Oeiras, no começo de janeiro

Digitalizado com CamScanner

de 1841. Contudo, desde muito, baseados em informações de jornais que chegaram ao Piauí, os representantes do Governo haviam comemorado tão auspiciosos acontecimentos.

As apresentações de rebeldes às autoridades eram um fato, menos no Piauí. No Ceará, Bahia e Maranhão, iam-se apresentando os principais caudilhos. Em Granja, no Ceará, onde João Porfírio da Mota tinha prestígio e sempre revelara simpatia pelos sediciosos, como já vimos, encostaram-se os principais cabecilhas de Frecheiros. (Idem, idem. L. 193. Doc. 2/12/1840).

Em Caxias, Pastos Bons, Brejo, S. Bernardo, todos os dias depunham eles suas armas. Em Icatu, Poderoso, à frente de 900 guerrilheiros, passa a receber ordens de Luís Alves de Lima. Rende-se Raimundo Gomes em Miritiba, levando consigo 700 escaramuçadores. (Idem, idem. L. 193. Doc. 30/4/1841. L. 194. Docs. 23/1, 27/1, 30/1/1841 e 26/2/1841).

O Barão então, informa, no dia 10 de março, ao Presidente da Bahia, que o Piauí e o Maranhão estão pacificados, havendo apenas "a excetuar-se os que em todas as quadras estão dispostos a viverem de crimes e depredações", com os quais, diz ele, se entende e pretende "levá-los à vida pacífica ou ao extermínio". Ao Ministro da Guerra, no mesmo dia, comunica que tem havido assassinatos e depredações de propriedades. Ao Ministro da Justiça participa também que ainda conserva mil praças em armas, pois têm aparecido quadrilhas de perturbadores da ordem pública. (Idem, idem. L. 165. Doc. 10/3/1841, L. 170. Doc. 10/3/1841. L. 153. Doc. 10/3/1841).

Nessa ocasião, Cid já havia dado escusas a 1.094 de seus comandados. A Coluna do Oeste já havia sido dissolvida poucos meses antes e de suas fileiras sairam 1.271 combatentes, ficando, na região do sul, apenas os destacamentos indispensáveis. Daí se deduz que tínhamos em armas, em fins de 1840, mais de 4.000 soldados legalistas em operações militares no Piauí, incluindo as forças cearenses e baianas que, por vezes, elevaram-se a mais de 1.000 e estacionaram em nossas fronteiras, sendo que as do Ceará chegaram mesmo a penetrar em nosso território. Luís Alves de Lima dispunha no Maranhão de mais elementos que o Barão. Computemos também as forças de mar. (Idem, idem. L. 194. Docs. 11/3 e 29/3/1841).

Digitalizado com CamScanner

A 13 de abril, proclama o Presidente do Piauí a seus **súditos** que o Presidente do Maranhão anunciara a José Feliciano de Morais Cid o fim da guerra naquela Província. Desde 31 de janeiro que havia também anunciado ao Ministro da Justiça que estava pacificado o Piauí. Agora reitera novamente a comunicação e acrescenta que Cid, a 22 de abril, dissolveu o Comando Geral, ficando no norte apenas 427 praças distribuídas em Piracuruca, Campo Maior, Poti e Pamaíba. Termina, lamentando, entretanto, que esteja esgotada a Província. (Idem, idem. L. 153. Doc. 30/4/1841).

Efetivamente. Embora esgotado, está tranqüilizado o Piauí. Resta apenas trazer ao trabalho esses camponeses que lutaram, de armas em punho, por princípios que não sabiam definir. Lutaram, todavia, contra a opressão dum regime político e social cujas conseqüências sentiam e as quais ainda perdurariam por longos anos, umas, como incompreensão partidária, outras, como contingência duma civilização que cresceu atabalhoada e confusa, injusta e tirânica, sob aspectos vários, à falta de autênticos líderes.

Morais Cid, um pouco antes da dissolução do Comando, imprensara os foragidos nos coutos de Manuel dos Ventos, Sítio do Meio e Palmeira. No Gurguéia, há vários pontos que servem de refúgio aos que se esquivam à ação da justiça. José Pereira de Carvalho, de Jerumenha, participa, um pouco mais tarde, que foram destroçados pequenos grupos que viviam escondidos no Uruçuí. Agora, não mais remanesciam, em parte alguma, camponeses rebelados contra o poder. (Idem, idem. L. 195F. Doc. 17/5/1840. L. 194. Doc. 14/2/1841).

Já ninguém, no Piauí, levanta a cabeça contra o Estado. Já não há a quem combater entre aqueles que tiveram veleidade de insurgir-se contra o Governo. Os que não foram aniquilados, renderam-se ou foram desterrados sob a pressão das armas legalistas.

Contudo, o Barão não sentia a tranqüilidade de seus comprovincianos em segurança, apesar de todas as aparências de que os insurgentes estavam esmagados e já não tinham possibilidade material para continuação da campanha.

Digitalizado com CamScanner

Não estava isolado nessa presunção. Tinham alguns chefes militares as mesmas inquietações. Diz José Tomás a Morais Cid que ainda sente apreensões apesar de Poderoso haver-se apresentado, porque a estrada de Munim continua como "propriedade" sua. "Enquanto as cousas se conservarem neste pé (prossegue ele), assento que não é possível considerar a ordem inteiramente restabelecida". Informa Francisco Sérgio, no mesmo dia, que ainda existem grupos de **balaios** que não se apresentaram. Prevê, como José Tomás, que novas lutas poderão surgir. (Idem, idem. L. 194. Doc. 26/2/1841).

E o Barão, que conhecia melhor que todos a situação real do momento, não se deixou ficar em quietude em face do sossego incerto.

Vimos que solicitava ele para o Ceará, Bahia, Pernambuco, vigilância em tomo dos suspeitos. Reitera para toda parte pedidos de prisão. Não eram ouvidas suas requisições. Todos comodamente se acumpliciavam com os rebeldes. Ao Ministro da justiça diz agora que no Ceará as autoridades protegem os que horrivelmente se dístinguiram na rebelião do Piauí e que isso causa receios aos legalistas de sua Província. Certamente se referia ao aproveitamento de Cabral contra Torres, ocorrência denunciada no Parlamento. Em seguida, informa ainda que os sediciosos se acumulam no Ceará, nas vilas fronteiras ao Piauí, onde vivem em harmonia com os representantes do poder. (Idem, idem. L. 153. Docs. 10/3 e 23/6/1841).

Na Câmara dos Deputados, Francisco de Sousa Martins atacava o Senador Alencar, seu sucessor na presidência daquela Província, dizendo que Cabral, o renitente cabecilha que escaramuçara ao lado de Veras em Frecheiras, empunhava agora armas governistas, a serviço de Alencar, na perseguição feita a Torres. E isto era verdade. (Anais da Câmara. 1842. Tomo I. 195. 197).

E não somente no Ceará. Em sessão de 22 de setembro de 1843, Mendes de Almeida profliga o Governo do Maranhão que concedera honrarias aos que foram outrora caudilhos dos rebeldes. "E não é só isto, acrescenta, ela está (referia-se à Província do Maranhão), entregue hoje a homans que concorreram para a

Digitalizado com CamScanner

funesta anarquia que assolou aquela desditosa terra, que foram a Caxias saquear: homens desta qualidade estão hoje na guarda-nacional e delegados no Maranhão". E logo adiante: "No Brejo nomeou-se, além de mortos, a estrangeiros, só para excluírem a legalistas numerosíssimos naquela Comarca". Efetivamente. Chapada também já estava entregue a Militão, o que apoiou a Balaiada no sul da Província. Bem razão tinham os **balaios** ao proclamar por toda parte que seu partido tinha subido ao poder com a Maioridade. (Idem, idem. 1843. Sessão de 22/9/1843).

O domínio aos liberais naquela época foi assaz efêmero. Contudo, guindara ao poder muitos caudilhos rebeldes que conseguiram resguardar as posições conquistadas, apesar da ofensiva que lhes moviam os contendores regionais, com reflexos no Parlamento, através de seus líderes. Já naquela época não havia princípios, como base orientadora dos partidos. Os **prateiros** que se batiam contra os conservadores de Pernambuco, nem sempre se enfileiraram com os liberais, nas campanhas de projeção nacional, e foram desprezados por estes na aventura em que ingloriamente foi sacrificado Nunes Machado.

Chegam ao Piauí notícias de que Lívio estava detido no Ceará. Aproveita o Barão o momento para escrever ao Presidente Alencar, mostrando a conveniência de prender os que ali estavam foragidos, para o recrutamento solicitado pela Corte. E com referência a Lívio, diz: "Este homem deve ser olhado como um monstro dilacerador das entranhas de sua Pátria". (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 163. Doc. 24/7/1841).

Lívio foi aleivosamente preso em Fortaleza.

Dois anos antes, quando desertara das fileiras dos **balaios**, iludira a vigilância dos que o procuravam e atravessara todo o território do Piauí e Ceará, alcançando o Rio Grande do Norte. Aí foi surpreendido por um piquete de 16 soldados. Consegue, entretanto, no mesmo dia, escapar à prisão e, através dos sertões potiguares, atinge a Paraíba e daí Pernambuco. Vinda a anistia, apresenta-se às autoridades pernambucanas, permanecendo em Recife até começo de 1841. É quando veio ao Ceará, onde foi vítima da felonia a que nos referimos. Reembarcado para

Digitalizado com CamScanner

Pernambuco, ao chegar em Recife, obtém liberdade. (COSTA. **Cronologia Histórica**. p. 247 a 257).

Como vimos, pertencia Lívio a uma família importante. Era ainda abastado, inteligente e, sobretudo, patriota. Não foi um aventureiro que ingressa na luta armada por motivos subalternos. Aderiu ao movimento, em obediência a seus impulsos altruísticos. Daí, talvez, a inquietude com que aparece no cenário político daquela época. Era um idealista.

Em Pernambuco, seu espírito exaltado encontra ambiente para expandir-se. Junto a José Lourenço de Castro e Silva, promoveu o levantamento de Exu.

Com a notícia desse fato, multiplicam-se as atividades do Barão. Toma ele as providências precisas para o policiamento das fronteiras. Oficia às autoridades das províncias vizinhas solicitando recurso para a defesa do Piauí.

Nos anais da Câmara dos Deputados, encontramos na sessão de 22 de fevereiro de 1843 o discurso de Bastos de Oliveira em que narra os acontecimentos ocorridos nos sertões de Pernambuco. Antes, foi explorado esse assunto por Maciel Monteiro, ainda na Baixa Câmara. Nenhuma projeção notável teve a ação dos dois amotinadores. Em pouco, os legalistas põem termo àquela veleidade.

Atribuiu-se, então, que essa rebelião tivesse vínculos com a Revolução Liberal de Minas e S. Paulo. Esperavam ainda os liberais mineiros que Sabino Vieira levantasse Goiás, após a insurreiçao de Barbacena, chefiada por José Feliciano.

Depois da dissolução da Câmara, uma das causas do protesto armado de paulistas e mineiros, considerava-se provável um movimento revolucionário no Ceará, Bahia e Pernambuco.[4]

Dessa forma, não é duvidoso que houvesse entendimentos entre Exu e os revolucionários de Minas e S. Paulo.

Quando mais tarde regressa Lívio à terra natal, funda e redige vários jornais, em Oeiras, quando Capital, e, posteriormente, em Teresina. Firma-se seu prestígio político e, por mais duma vez, é eleito deputado da Assembléia da Província.

Em fins de 1841, pela última vez, oficia o Barão ao Presidente do Ceará, dizendo que, apesar de reiterados pedidos, até aquele momento, as autoridades aquela Província não efetuaram nenhuma prisão de refugiados. Culpa os delegados do Governo, em Crato,

Digitalizado com CamScanner

Inhamuns, S. Mateus. Pede que sejam expedidas terminantes e enérgicas ordens a respeito desse assunto. (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 163. Doc. 16/10/1841).

Depois oficia ainda, nesse mesmo sentido, ao Presidente de Pernambuco. Ninguém lhe dá ouvido. A cousa ficou como estava.

Como vimos, desde os primeiros dias, o Barão mostrara, fielmente, a ministros e presidentes de províncias a conjuntura de perigos que ameaçava os poderes governamentais, bem como as deficiências das tropas legalistas.

É ainda oportuno apresentar outros aspectos de sua correspondência com essas autoridades. Ingressamos nesse assunto, porque ele se relaciona com o capítulo que ora estudamos. Apresentamos, contudo, em grande parte, nesse retrospecto, elementos ainda não conhecidos, e se conhecidos, mostramo-los com outro objetivo.

Antes mesmo de sitiarem os rebeldes, pela primeira vez, Caxias, ele autorizara a suspensão da remessa de 54:520$616 dos cofres gerais, com o fim de enfrentar a luta que se prenunciava.

A 23 de agosto de 1839, quatro meses depois, ele anunciava ainda ao Ministro de Fazenda que, sendo de seu dever "procurar todos os meios de conseguir a tranqüilidade da Província, empregando enérgicas e eficazes medidas para esse fim, e estando muito ao fato da impossibilidade das arrecadações fiscais", não duvidara "tomar a resolução de determinar ao Inspetor Interino da Tesouraria" "que emitisse cinqüenta contos de réis das Cédulas Gerais que sobraram dos resgates das Províncias e os fizesse levar à Receita da Caixa das Rendas Gerais; medida essa que apesar de extraordinária se torna indispensável nas apertadas circunstâncias em que se vê esta Presidência", que "ou há de abandonar as armas ou então lançar mão dessa medida", "porque não é possível sustentar-se uma guerra sem haver os fundos". (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 159, Doc. 23/8/1839).

Dois dias depois, dizia ao Ministro da Justiça: "Afora armamento e munição que devem vir já e já, faz-se também de toda necessidade o possível socorro de dinheiro com que V. Exa. igualmente nos deve acudir, porque acabando-se o que há pouco

Digitalizado com CamScanner

mandei emitir, como participei ao Exo. Ministro da Fazenda, não resta mais recursos". (Idem. L. 153. Doc. 25/8/1839).

A 25 de outubro, novamente ao Ministro da Justiça: "[...] eu desesperaria de salvar esta Província e ajudar a sufocar a revolta naquela, se os piauienses (já fatigadíssimos por tão estranhos trabalhos a suas profissões, e ceifados pelas terríveis moléstias, que os atacam em alheios climas), se não se resignassem às contínuas provações, e não fossem tão amantes de nossas instituições".

E logo em seguida, depois de pintar os embaraços militares, continua: "Nestes apuros, pois, se novas forças não marcharem das províncias, teremos de ver o Maranhão, já tão devastado, de todo reduzido a cinzas; e praza aos céus não caiba ao Piauí parte do incêndio". (Idem, idem. L. 153. Doc. 25/10/1839).

A 11 de dezembro, informa ainda ao Ministro da Justiça: "Posso asseverar a V. Exa. que quase todo o interior da Província do Maranhão é ocupado pelos desordeiros, e que se prestantes auxílios não aparecerem, esta Província não poderá por muito tempo mais sustentar a luta". (Idem, idem. L. 153. Doc. 11/12/1839)

E socorros da Metrópole não vinham. Nem armas. Nem munições. Nem combatentes. Nem dinheiro vinha. As ligações com o litoral norte estão cortadas com o levante do distrito de Frecheiros. A vila de Parnaguá apela para a resistência armada. Se vitoriosos os rebeldes dessa vila, também estariam cortadas as comunicações com a Bahia. O Piauí ficaria isolado e perderia dois prósperos municípios, notadamente as comunicações pelo mar.

"Nestes apuros [...] (oficia o Barão a Francisco de Sousa Martins, Presidente do Ceará) exaustos os cofres, instado por todos os lados para socorrer a infinitos pontos com munições de boca e de guerra, quando as não posso dar por também carecer, qual seria o homem que não desesperaria da salvação de uma Província cuja defesa confia-se somente de sua inteligência". (Idem, idem. L. 163. Doc. 27/2/1840).

No dia 2 de março de 1840, volta ainda ao Ministro da Justiça: "Desde o começo da luta fiz sentir a V. Exa. que esta Província, inteiramente balda de petrechos bélicos, e com mui pouco numerário, não poderia por muitos meses manter-se ilesa; e que aparecendo em alguns de seus pontos pequenas explosões produzidas por faíscas saídas das piras em que o Maranhão arde,

Digitalizado com CamScanner

muito receava eu que o incêndio continuasse a devorar outros lugares cuja defesa me era absolutamente impossível fazer com a pequena força de que podia dispor, atenta a exiguidade de munições e armamento de que me era dado servir". (Idem, idem. L. 153. Doc. 2/3/1840).

E com referência à luta com os rebeldes: "[...] e somente a coragem de nossos soldados tem podido rechaçá-los, e de alguma sorte contê-los, em seus esconderijos".

"Esta exposição, que é exatíssima, convencerá a V. Exa. da absoluta necessidade que tenho de tropas estranhas para continuar a defesa da Província, auxílio que me deve ser enviado com toda a possível brevidade, porque muito temo que qualquer demora seja-nos de grande prejuízo, e talvez já fora de tempo o socorro que nos apareça". (Idem, idem. L. 153. Doc. 2/3/1840).

Neste mesmo dia, dirige-se ao Ministro da Guerra: "Desde o começo da luta fiz sentir ao Governo Imperial o que tinha de aprestos bélicos e de numerário para poder manter a guerra: alguns socorros de primeira qualidade me têm sido enviados, mas a vista do que precisamos, têm sido eles nimiamente insuficientes.

"Por todas estas considerações, empenhado na salvação do Piauí e em auxiliar o Maranhão, creia V. Exa. que nem o necessário repouso tomo, a fim de conseguir o gozo de tão nobre glória, e já com os recursos de minha inteligência, e já com os da própria fazenda, pude fazer que se mantivesse até o presente o exército que possível foi armar-se".

"Agora [...] tenho atadas as mãos, porque tudo me falece".

"[...] deve convencer-se V. Exa. de que se não formos já socorridos com tropas, armamentos, bastante munição e numerário, o Piauí esgotará o cálice que os maranhenses libaram; mas que só Deus, e as enérgicas providências do Governo que tão dignamente dirige os destinos do Brasil podem de nós arredar". (Idem, idem. L. 139. Doc. 2/3/1840).

A rebelião estava implantada em terras piauienses.

A Francisco César de Oliveira dizia o Barão, em 4 de abril, quando Luís Alves de Lima já havia assumido o Governo e o Comando das Armas do Maranhão: "Pode-se afirmar que o edifício da revolução está plantado no Piauí e que no Maranhão restam apenas fragmentos dela [...]". (Idem, idem. L. 153. Doc. 4/4/1840).

Digitalizado com CamScanner

E era verdade. Brejo, Tutóia, Caxias já estavam em poder dos legalistas. E tudo isso com a cooperação piauiense. Os rebeldes de Pastos Bons lançavam suas vistas para Parnaguá, donde esperavam receber recursos da Bahia. Em pouco transporiam o Parnaíba, invadindo sua margem oriental.

Frecheiras, Curimatá, Egito eram poderosos redutos inexpugnados dos **balaios**, que estavam ainda senhores dos vales do Gurguéia e Uruçuí. Oeiras e Jerumenha periclitavam em face de 3.000 escaramuçadores inimigos. A vila de Parnaíba não conseguia comunicações com a Capital. Enquanto isso, a Província vizinha estava desassombrada. E da Corte, quase cousa alguma vinha para o Piauí.

Já não podia, entretanto, dizer o Barão, como dissera um pouco antes: "São essas as nossas circunstâncias bem tristes na verdade para um povo que se levantou para apagar a chama na casa daquele que parece dormir ao som das armas".

Governando o Maranhão, está agora o mais previdente soldado brasileiro.

Luís Alves de Lima trouxera do Sul valiosos recursos bélicos. Socorrera imediatamente o Piauí, com armamentos, munições, medicamentos e (o mais eficaz de tudo) numerário; trinta e dois contos de réis. E já vinham chegando a Oeiras os auxílios enviados através da Bahia.

O Barão de Parnaíba era também soldado previdente. Inspirado pelo "**tino militar** de que era dotado em alto grau", como ajuizara Antonino Freire, dentro em pouco poderia expedir para a Corte ofícios menos angustiantes.[5]

Seus guerrilheiros já arrebanhavam os escorraçados de Frecheiras, Curimatá e Egito: crianças, mulheres, escravos e combatentes.

Mobilizara toda a Província. Mas a Província não tinha dinheiro.

Em ofício de 24 de julho de 1840, dizia ao Ministro da Guerra: "[...] e bastantes embaraços encontro em dar destino à imensidade de mulheres e crianças que desamparadas de seus maridos e pais teriam de sucumbir à fome se o Governo não lhes mandasse suprir como tenho feito."

Digitalizado com CamScanner

"Enquanto com os meios ao meu alcance procuro bater a hidra onde mais audaz se mostra, espero que V. Exa., levando o que tenho dito ao conhecimento do Regente, em nome do Imperador serão dadas as providências que ainda reclama esta Província para completa pacificação". (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 170. Doc. 24/7/1840).

E alguns dias depois, ao Ministro da Justiça: "Com o armamento e munição que tenho recebido e me oferece o Presidente do Maranhão, acho-me habilitado para sustentar a luta, se as forças rebeldes não aumentarem: mas, Exo. Senhor, outro tanto não posso dizer quanto aos meios de ocorrer às necessidades das tropas; a maior parte das quais tem muitos meses, e algumas, um ano de atraso em seus vencimentos, além da nudez proveniente da falta de fazendas próprias nesta Capital, quando houvesse numerário com que as comprasse".

"A 70:000$000 monta todo o numerário que tenho recebido; e fácil é de saber-se que esta soma é absolutamente insuficiente para satisfazer as precisões de um exército maior de 3. 000 praças, no espaço de mais de um ano, e acudir as necessidades não menos urgentes, como a compra de armamenlos, munições etc., que a princípio fiz". (Idem, idem. L. 153. Doc. 15/8/840).

A 21 de agosto, fala ao Ministro da Fazenda: "Grande é o atraso em que se acham os pagamentos das tropas desta Província, e se V. Exa. não der enérgicas providências, reclamadas pela mais urgente precisão do exército piauiense, muito seceio que a lealdade de uma força, que tantas privações tem arrostado para ver triunfar a integridade do Império, seja maculada com algum ato semelhante ao da que guarnecia a vila de Itapecuru-Mirim; porque grande parte dela não recebe soldo há um ano e mantém-se por muito tempo em simples carne, pela falta de numerário para comprar farinha que se não adquire sem ser paga à vista, além da falta de fardamento". (Idem, idem, L. 159. Doc. 21/8/1840).

A 23 de outubro, volta ao Ministério da Justiça: "Os socorros que o Governo Imperial mandou ultimamente dar-me pelas Províncias da Bahia, Pernambuco e Ceará, para serem inteiramente profícuos, devem constar especialmente de numerário para acudir às necessidades de um exército tão fiel e valoroso quanto mal pago por falta de dinheiro, pois que suponho não precisarei de tropa para poder apresentar ao Senhor D. Pedro II desinfestada a Província que me foi confiada". (Idem, idem. L. 153. Doc. 23/10/1840).

Digitalizado com CamScanner

Já era, então, senhor da situação. Já tinha convicção de que os troços rebeldes não mais poderiam resistir, por muito tempo, aos embates da luta. Os de Uruçuí e Gurguéia já tinham sido encafurnados nos **boqueirões** de serras, donde não puderam escapulir, sem grandes perdas.

Contudo, ainda era dolorosa a situação dos legalistas, à falta de recursos econômicos. O desolador quadro de penúria já nos é conhecido. Os soldados alimentam-se de pequis e bacuris ou de outros frutos silvestres. Velhos oficiais, que há bem pouco tempo eram fazendeiros abastados, já pediam dispensa do serviço militar, para que pudessem tratar das famílias e pagar o que deviam, onerados da própria campanha. Outros pediam o que vestir.

Os fornecedores de mantimentos já se esquivavam a atender as requisições, porque o Governo não pagava suas contas. Os vínculos parentais e mesmo o grande pretígio de que gozava o Barão é que lhe deram força para jugular a rebelião.

Desde muito, a terra não era cultivada e os rebanhos eram dizimados, ora por legalistas, ora por **balaios**. Já haviam decorridos 17 anos, após o término da Guerra de Fidié, e muitos não haviam ainda recebido o que lhes devia a Nação, com as requisições militares daquele tempo. Foi essa uma das causas da proposta de vários criadores para o fornecimento de gados e seu ressarcimento com o gado das Fazendas Fiscais, como eram então conhecidas as atuais Fazendas Estaduais. Assim seria mais fácil o pagamento.

Soldados maltrapilhos e esfaimados seriam a toda hora ameaça à disciplina. Pruridos de sedição eram sentidos em muita parte. Parnaíba, Itapecuru-Mirim eram advertências a esse regime de misérias.

Tinha razão o Barão da Parnaíba em tão insistentemente solicitar a remessa de numerário. Luís Alves de Lima chegara a S. Luís em fevereiro de 1840 e trouxera, afora outros recursos, cento e oitenta contos de réis. Em seguida, pedira a remessa mensal de sessenta contos. A Presidência do Piauí só havia recebido setenta contos de réis até agosto de 1840. E os soldados piauienses deram seu primeiro combate a 31 de janeiro de 1839.

Seria impossível a manutenção da campanha, se o Barão da Parnaíba não apelasse para as medidas extraordinárias a que se referia em sua correspondência.

Digitalizado com CamScanner

Em que consistiam elas? Se da Corte não lhe mandavam recursos para jugular a rebelião, "a salvação do Estado" que "é lei suprema", como lembrava ele, inspirado na máxima do direito público de Roma, não ficaria à mercê das circunstâncias. A Farroupilha, as revoluções anteriores, a crise econômica e financeira haviam deixado a Nação esgotada, e, se aqueles homens extraordinários de civismo, que dirigiam os destinos do Brasil, pouco podiam fazer pelas conturbadas províncias do Norte, nesta região do País, também havia homens que eram prodígios de valor devotados à causa pública.

Isso é o que nos revela a história.

O Barão da Parnaíba autorizou, em contradição com as ordens da Corte, a suspensão da remessa para o Rio de Janeiro do saldo existente no Piauí dos Cofres Gerais; em seguida determinou a emissão de 50:000$000 das cédulas gerais que havia em depósito; mais tarde sacaria ordens contra a Tesouraria do Maranhão. Mas não ficaria somente nisso.

As ordens do Ministério da Fazenda, como vimos, autorizavam a não se reterem, sob pretexto algum, quaisquer quantias dos Cofres Gerais, e recomendavam parcimônia em todas as despesas. Enquanto isso, haviam consignado para o Piauí apenas a insignificante verba de 800$000 (oitocentos mil réis) para o ano financeiro de 1839, destinada à instrução da guarda-nacional, que constituíra o mais poderoso corpo de operações militares para enfrentar as hordas de rebeldes.

Vêm, em seguida, o Decreto de 20 de fevereiro de 1840 e as Instruções de 11 de junho do mesmo ano, que predispunham não fossem pagas as dívidas da Nação, senão dentro do mesmo exercício financeiro, e as dívidas que ficassem atrasadas só seriam pagas mediante a abertura de novo crédito. (Idem, idem. L. 154. Docs. 20/2 e11/6/1840).

Luís Alves de Lima foi talvez o primeiro presidente das províncias conflagradas a fazer sentir quão prejudiciais eram as medidas tomadas.

Em ofício de 21 de julho, com referência ao Maranhão, diz ele a Salvador José Maciel: "[...] a guerra nesta Província é toda de

Digitalizado com CamScanner

emboscadas e de explorações" e "estas se fazem no meio de matas, onde se fortificam os rebeldes"; "muitos soldados não compareciam na forma pela nudez em que estavam"; "nem me é possível manter rigorosa disciplina, quando os soldados mal cobertos estão há cinco ou seis meses sem receber cousa alguma, expostos às chuvas e ao sol no meio das matas, atravessando rios e charcos, de que resultou o número de quase mil doentes"; "é necessário que V. Exa. me atenda e me preste algum auxílio".

Refere-se também ao fardamento e ao dinheiro que trouxera do Rio e à exigüidade de recursos em que se via. Já sem dinheiro tinha que comprar a prazo. E não havia decorrido um semestre após sua chegada. Já havia precariedade de recursos materiais.

Informa então: "Além disso, os fornecedores, temendo a mesma falta de nossos meios, recusam vender seus gêneros, e agora muito mais receosos estão com a determinação do ex-ministro da fazenda de não se pagar as dívidas atrasadas nesta província sem que se decrete soma para isso, e só querem negociar a dinheiro, à vista e por preço exorbitante".[6]

Dois dias após a assinatura desse ofício, já não era Ministro da Guerra o General Salvador José Maciel. Constituíra-se a 24 de julho o Ministério da Maioridade. Contudo, Martim Francisco de Andrade, Ministro da Fazenda desse último Ministério, baixou a Ordem do Tesouro de 6 de outubro, certamente extensiva ao Maranhão, em que dizia que "considerando conveniente não deixar em atraso o pagamento das despesas do ano financeiro passado, e anteriores, ordena ao Sr. Inspetor da Tesouraria da Província do Piauí, que na falta de rendas dos exercícios findos, empregue no pagamento das ditas despesas as do corrente, fazendo passagem por suprimento para a respectiva conta para ser depois indenizada com os fundos do crédito concedido por Decreto de 18 de setembro". (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 176. Doc. 6/10/1840).

Se Luís Alves de Lima reclamara contra a suspensão de pagamentos constante do Decreto de 20 de fevereiro e das Instruções de 11 de junho de 1840, estas baixadas pelo Ministério de 18 de Maio a que pertencera Salvador, do Barão cousa alguma encontramos, senão mui posteriormente.

Vimos, entretanto, seu comportamento em face das ordens vindas da Corte e da situação que se instaurara na Província. Agiria discricionariamente. Foi o que testemunhamos.

Digitalizado com CamScanner

A rebelião ainda se estendera pelas duas margens do Parnaíba, alastrara-se pelo litoral.

Tornara-se preciso, portanto, organizar forças apetrechadas no possível, para operarem nesse setor da campanha. A necessidade de transporte também impunha recursos de navegação.

Quando pediu ele para a Corte um barco a vapor, já havia, desde muito, armado canoas, barcaças e canhoneiras para a ação.

Já vimos a contribuição desse aparelhamento junto a Clementino e Miranda Osório.

A este autorizara o Barão que preparasse duas canhoneiras, a "Parnaíba" e a "Legalidade", que conduziram suas atividades até Tutóia. A primeira operou em quase todo o litoral maranhense conflagrado. Se não fossem elas, Miranda Osório não poderia com tanta presteza e assiduidade levar seu concurso àquelas regiões.

Boiteux, referindo-se a esses barcos, informa que Joaquim Marquês Lisboa (mais tarde Marquês de Tamandaré), comandante das forças navais que atuavam na Balaiada, depois de jugulada a rebelião, opinara que os mesmos fossem entregues a seus proprietários.[7]

Para adquirir, equipar e movimentar essas embarcações, o Presidente do Piauí, com espírito prático e compreensão clara dos perigos que ameaçavam a tranqüilidade pública, mais uma vez recorrera a medidas extraordinárias. A burocracia teria que ceder lugar à sua capacidade de improvisação e comando. Mesmo, os ministérios não lhe davam ouvido.

Tudo nos induz a crer que o Aviso da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, de 28 de novembro de 1840, a que se refere a Ordem do Tesouro de 12 de dezembro do mesmo ano, dirigida ao Inspetor da Tesouraria da Província do Piauí, se prende às atividades discricionárias do presidente desta Província.

A referida Ordem do Tesouro determina, em conformidade com aquele Aviso da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha "que se não façam despesas por conta daquela Repartição além das exigidas pelos inspetores dos respectivos arsenais, e comandantes dos navios da Armada, onde não houver tais estabelecimentos, que não sejam autorizadas pela sobredita Secretaria de Estado. Outrossim declara que quando alguma despesa for autorizada pelo Sr. Presidente da Província, o deverá ser sob sua responsabilidade, e estremada da massa da Assembléia

Digitalizado com CamScanner

Geral Legislativa" (Casa Anísio Brito. Arq. Pro. L. 154. Doc. 12/12/1840).

Essa medida tomada pelo Ministro da Fazenda, Martim Francisco de Andrada, parece que foi também recebida como propósito de cassar a Ordem do Tesouro de 6 de outubro, expedida um pouco antes, e assinada ainda pelo mesmo Martim Francisco, como vimos.

Assim, as contas atrasadas já não poderiam ser pagas, sem que corressem os trâmites de um longo processo burocrático que transitaria ainda pela Assembléia Geral.

O Inspetor da Fazenda da Província do Piauí em ofício de 4 de fevereiro de 1841, leva, então, ao conhecimento do Presidente a impossibilidade em que se encontra para obedecer suas determinações referentes a pagamentos das despesas realizadas com a rebelião.

Não encontramos esse ofício, bem como o Aviso Ministerial que lhe deu origem. Sem conhecimento da íntegra dessas peças oficiais, não podemos formar um juízo categórico a respeito desse tópico de nossa história. Só elas elucidarão o fato a que nos referimos. Outros pesquisadores poderão encontrá-las e até mesmo retificar, em parte, a interpretação a que chegamos. Contudo, relatamos a ocorrência, porque, sob algum aspecto, é ela incontestavelmente a preliminar de ocorrência mais notável que muito nos serve para perfilar o caráter de Manuel de Sousa Martins.

Tudo nos leva a pensar que, quando a respeito desse assunto, oficiou a Martim Francisco de Andrada, em 10 de fevereiro de 1841, já conhecia toda a correspondência anterior desse Ministro, referente à matéria em discussão. Nesse ofício diz que o Decreto e as Instruções, a que já se referia Luís Alves de Lima a Salvador, "não dão forma à contabilidade do Tesouro, Tesourarias e mais repartições de recebimento e despesa". Aponta os embargos encontrados e exalta as qualidades de soldados e fornecedores de mantimentos para a luta. Procura estabelecer uma situação de equilíbrio de interesse entre estes e o Estado. Lamenta a suspensão de pagamentos e continua: "É isto sem dúvida muito doloroso para mim que conheço a boa vontade com que foram prestados estes fornecimentos". Ocorre "também outra razão não menos ponderosa e é a de satisfazerem-se as praças ainda em operações soldos vencidos e de que não puderam ser pagas no exercício findo pela

Digitalizado com CamScanner

falta de numerários nos cofres públicos, o que é sobremaneira sensível pela privações por que passam os que empunham armas em prol da ordem pública". (Idem, idem. L. 166. Doc. 10/2/1841).

E agora, predisposto o ambiente, vejamos o que diz em ofício imediato, escrito cinco dias depois, a 6 do mesmo inês. Informa ao Ministro da Fazenda haver recebido a participação do Inspetor da Fazenda da Província, concernente a pagamento de contas atrasadas. Refere-se ainda a seu ofício anterior, de 1° de fevereiro. E continua então: "[...] não pensava que dentro em tão poucos dias me visse forçado a tomar a extraordinária medida de que dá parte o citado ofício do Inspetor, mas, sendo a Salvação do Estado a Lei Suprema, bem depressa, e mal grado meu, fui obrigado a não esperar solução de V. Exa., porquanto apresentando-se-me praças de pré vindas da campanha, e para onde deveriam algumas voltar", "julguei que o Governo Imperial não levaria a mal a transgressão momentânea de uma de suas disposições, quando outro fim não tivesse o transgressor senão o bom serviço do mesmo Governo, e tomando sobre mim a responsabilidade da medida, ordenei ao referido Inspetor o pagamento daquelas praças na esperança de que V. Exa., atendendo as causas que me moveram, dignar-se-á aprovar esta minha resolução, e dar quanto antes as necessárias providências, para que me não veja forçado a igual procedimento". (Idem, idem. L. 166. Doc. 6/2/1841).

A projeção de Luís Alves de Lima tornara-se notória em toda a Nação, desde a Balaiada. Chegou ele em S. Luís como desconhecido do Norte do País. Há um ofício dirigido a Cid e deste enviado ao Barão, que diz desembarcara no Maranhão um filho de Francisco de Lima e Silva, nomeado comandante das forças imperiais. Não fora ainda precedido pela notícia do prestígio de que já gozava na Metrópole, onde, no tempo do Ministro Feijó, se tornara o mantenedor da ordem. (Idem, idem. L. 195A. Doc. 3/3/1840).

Agora, foi notável sua atuação na Província conflagrada. Não se revelara apenas o soldado valoroso; foi também administrador insígne. A obra de Astolfo Serra, que apresenta o estadista sob esse aspecto, é uma bela contribuição para o estudo da personalidade do grande soldado do Brasil.

Digitalizado com CamScanner

Não, é, entretanto, desdouro para ele, escrever ao Barão, pedindo proteção para importante pessoa de sua família, isto é, para o bravo militar que expulsara da Bahia as forças de Madeira de Melo e que mais tarde seria o Visconde de Magé. Luís Alves de Lima reflete nesse documento uma atitude em paradoxo com sua vida posterior.

Ainda: sua carta não tem data; nem esclarece donde foi escrita. Escreveu-a, contudo, de Caxias, no começo de novembro de 1840. Assina como "colega muito obrigado". Exculpa-se da liberdade que toma de falar sobre a reeleição, para deputado, de seu tio José Joaquim de Lima e Silva, e agradece a confiança e amizade que o Barão consagra ao membro de sua família que "ainda mais esta vez receberá indelével prova de sua proteção". Lamenta a falta de dinheiro, informa que sua força está de 3 a 4 meses sem pagamento. Acrescenta que apenas Brejo inspira atenção e que, por meio de emissários, indispôs Poderoso com os negros de Cosme. E termina sua carta, juntando pêsames a tudo isso: "Bem desejava que V. Exa. não tivesse ocasião de sentir perdas irreparáveis de pessoas gratas ao seu coração, como seja uma esposa e um irmão, mas o Céu que isto determina sem excetuar merecimentos, dará também a V. Exa. a consolação que eu não posso dar". (Idem, idem. 195B. Doc. sem data).

Poucos meses depois abandonou o Maranhão. Vai reeleito seu tio e protegido do Barão.

A Balaiada é o marco inicial da carreira ascensional de Luís Alves de Lima, que regressa à Corte como soldado vitorioso, duma campanha longínqua. Rememoram todos seu prestígio dos primeiros dias das Regências. Recebe o título de Barão de Caxias. Pacifica, em seguida, S. Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. No exterior, ganha Monte Caseros, ocupa Assunção. Conferem-lhe todos os títulos nobiliárquicos. É, enfim, duque.

Marca a Balaiada o fim da carreira ascensional de Manuel de Sousa Martins. No início da luta, dissera Gardner que ele era o homem mais falado do Norte do Brasil. Montezuma, nessa mesma época, quando, na Câmara dos Deputados, atacava o Ministério de 19 de setembro, que não escolhera os demais presidentes de província pelo mesmo "quilate" por que escolhera o presidente do Piauí, dizia: "Quem sustenta o Presidente do Piauí, há tantos anos? Não é a sua honra, não é a sua probidade, não é o seu nome?

Digitalizado com CamScanner

Verdadeiro patriarca de sua Província, com razão devia ser ele presidente dela. Unindo o prestígio da autoridade com o prestígio da opinião pública, não é possível que uma administração com dois prestígios deixe de ter a maior força moral..." E esses "prestígios" e essa "força moral" a que se refere o deputado baiano cresceram com a jugulação dos rebeldes. Recebe o Barão o prêmio pelos grandes serviços mais uma vez prestados à Pátria. O Ministério de 23 de março faz-lhe Visconde da Parnaíba. E com as honras de grandeza. E Ministério, como o de 19 de setembro, a que se refere Montezuma, ainda conservador. Reconhecem ambos o mérito do político liberal, que desde as lutas da Independência foi o vulto pinacular do cenário piauiense. É o apogeu de sua vida. (Anais da Câmara. Tomo I. 1839, p. 410).

Aí também começa seu declínio.

✓

Notas

[1] TÁCITO. **As Histórias**. Vol. 1. 1937, p. 17.

[2] **Anais da Câmara**. 1841. Tomo I. (Leiam-se sessões de 18, 19, 22 e 26 de maio).

[3] **Salmos**. 53. 3.

[4] MAGALHÃES, Bruno de Almeida. **O Visconde de Abaeté**. 1939, p. 136, 157. SOUSA, José Antônio Soares de. **A Vida do Visconde de Uruguai**. 1944, p. 142.

[5] FREIRE, Antonio. **Limites entre os Estado do Piauí e do Maranhão**. 1907, p. 103.

[6] SERRA, Astolfo. **Caxias e o seu Governo Civil na Província do Maranhão**. 1947, p. 67 a 68, em nota.

[7] BOITEUX, Henrique. **O Marquês de Tamandaré**. 1943, p. 107.

Digitalizado com CamScanner

8

Reflexos no Parlamento. Ostracismo do Visconde da Parnaíba

Montezuma, na sessão de 14 de junho de 1839, na Câmara dos Deputados, diz que, segundo informações oficiais, os rebeldes do Maranhão pegaram em armas para que fosse revogada a lei dos prefeitos. (**Anais da Câmara**, 1839. Tomo I. p. 410).

Antes, outros já haviam dado a promulgação dessa lei como causa imediata da insurreição. Alguns responsabilizam ainda, pelos distúrbios havidos, a ação vexatória de Manuel Felizardo. Marinho pede a demissão deste, como medida necessária ao apaziguamento. Andrada Machado, no mesmo dia, secunda-o no ataque feito: "Igualmente continua o Presidente do Maranhão, homem este que para onde quer que vá, a desordem entra com ele; não duvido que ele tenha talentos, sei que é moço bem educado, que tem instrução, mas não sei que desgraça o acompanha. Esteve no Ceará, e estava a Província quase revoltada; sai dela, vai para o Maranhão e aparece a desordem do Maranhão". (Idem, idem. 1839. Tomo I. 330, 332).

Em seu manifesto de 1835, acusa-o Bento Gonçalves de haver provocado na política dos **pampas** exaltação dos **gaúchos** que terminaram empunhando arma. E Assis Brasil, comentando sua posição como deputado da Câmara Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul, chama-o de "terrível" e afirma que era ele "um dos principais objetos do ódio dos exaltados patriotas."[1]

Andrada Machado errava, entretanto, quando passava a ajuizar a respeito das possibilidades da resistência dos **balaios**

Digitalizado com CamScanner

"Quanto às hostes de Raimundo Gomes, as forças que existem nas províncias do Norte são sobejas para lhes resistir e vencê-las. É pois um terror pânico que se tem apoderado de todos [...]" E em seguida: "Creio que essa insurreição não pode durar longo tempo no Maranhão; bastam os socorros das províncias vizinhas; os Raimundos Gomes não me metem medo". E julga culpado o governo provincial que não revogou a lei dos prefeitos e punha em execução um recrutamento tirânico. (**Anais da Câmara**. 1839. Tomo II. p. 587).

Limpo de Abreu corrobora a mesma opinião e pede que sejam tomadas medidas de modo a serenar "a exaltação dos ânimos". Combate, em seguida, o projeto de lei de suspensão de garantias para o Maranhão. (Idem, idem, 1839. Tomo III. p. 209).

Não somente este projeto que transitava na Câmara, como também o do pedido da autorização de engajamento de estrangeiros para a detesa da ordem, absorviam os debates dos parlamentares. Eram muitos contra, sob a alegação de que não inspirava cuidados o movimento armado, outros, sob o argumento de que seria **dar cor política** a um movimento de **assassinos e ladrões** que não agiam senão para o furto.

O Ministro da Justiça aparece, então, em plenário, para defender a tese que apresentara: "É impolítica, ouvi eu dizer, a medida que solicitei. É impolítica, por que, senhores? Porque se diz que desse modo se vai dar cor política a um negócio que não tem. Que as desordens do Maranhão merecem o cunho de assassínios, de roubos e de crimes de igual atrocidade, não serei eu que o conteste; mas que elas não possam por outro lado merecer a classificação de desordens que interessam à política, não poderei nunca conceder. O que querem dizer estes artigos que uma deputação levou ao Presidente da Província? O que querem dizer a suspensão da lei dos prefeitos e outras exigências?". (Idem, idem, 1839. Tomo III. p. 514).

Como vemos, desde os primeiros dias, havia divergência quanto às causas e objetivos da revolução. Mais tarde, ainda na Câmara, enquanto dizia João Francisco Lisboa que "o único fim foi o assassinato e o roubo", impugnava-o Mendes de Almeida, acusando seu partido de instigador da rebelião. Lisboa defendia-se ainda dos ataques de Sotero dos Reis que afirmava que Raimundo Gomes empunhava armas "para sustentar as doutrinas do **Crônica**

Digitalizado com CamScanner

e o maligno **Bem-te-vi**, seu satélite". Noticiando pelo **Crônica Maranhense** as ocorrências de Manga, efetivamente dá João Francisco Lisboa, como causa, as "odiosas vexações sobre o homem de cor, por meio do recrutamento", bem como o "despotismo dos prefeitos". O **Bem-te-vi** denuncia ainda os prefeitos que chamam e corrompem os escravos para que delatem estes supostos crimes dos senhores. (Idem, idem. 1843, Tomo III. p. 208, 280. AMARAL. Op. cit. Vol. I. p. 3.)[2]

Se isso ocorria entre os contemporâneos dos **balalos**, maiores são as divergências em nossos dias quando se estudam as raízes desse movimento subversivo.

Persistem as duas correntes, a dos que dão cor política à rebelião, e a dos que vêem nos sediciosos grupos de salteadores: bandidos, ladrões e assassinos. Entre os da última corrente, estão Calógeras, Raimundo Lopes, Anísio Brito, Viriato Correia. Exporemos outras opiniões sem obedecer à ordem cronológica de sua emissão, mas em obediência à analogia que guardam entre si.

Capistrano de Abreu é de opinião que "a desordem só teve alguma cousa de política no Piauí, onde encarnou sérios esforços para sacudir o jugo de ferro do Barão da Parnaíba". Segue, pois, a corrente de Alencastre que em nossos dias tem em Astolfo Serra seu representante.

Adianta ainda Capistrano que "no Maranhão foi obra social ou, se a palavra parecer muito ambiciosa, etnográfica".

Também julga movimento etnográfico o articulista da **Gazeta de Notícias**, de 6 de dezembro de 1891, que se refere às agitações do Pará, Maranhão e Piauí, "onde as diferentes raças componentes da população tendem a afirmar-se" nas lutas da **Cabanada** e **Balaiada**, e cuja opinião foi consignada por Henri Raffard, em **Pessoas e Cousas do Brasil**.[3]

Já dissera notável historiador europeu: "As lutas seculares das raças têm principalmente por origem a incompatibilidade de seus caracteres. É impossível compreender-se qualquer cousa em história, se não se tiver sempre presente no espírito que raças diferentes não podem sentir, pensar nem proceder da mesma forma, e não podem, portanto, compreender-se".

Digitalizado com CamScanner

E que diremos, quando as raças não têm fronteiras naturais ou políticas e têm que amalgamar-se, como em nosso caso, apesar do profundo contraste de suas culturas, num **melting-pot** como o do Brasil, no Primeiro Reinado? Sem ambiente propício a seu ajustamento, difícil seria conter o choque provocado por tendências antagônicas, a incompreensão recíproca de que nos fala Le Bon.[4]

É ainda Capistrano que acrescenta: "Era um protesto contra o recrutamento bárbaro, começado desde a Guerra da Cisplatina em 25, contra as prisões arbitrárias, contra os ricos prepotentes, contra todas as violências que caíam sobre os pobres desamparados negros, índios, brancos miseráveis. (ABREU. Op. cit. p.17 e 18).

Opina Afonso de Carvalho: "Raimundo Gomes explora com habilidade os ressentimentos e as idéias de liberdade de escravos e camponeses. Faz crer nos lugarejos, nas fazendas e nos quilombos que se trata de uma guerra de libertação do negro contra o branco, do escravo contra o senhor [...] E começa em todos os sentidos a debandada das **senzalas**, dos engenhos, das fazendas". (CARVALHO. **Caxias**, p. 81).

Já Handelmann, que escreveu pouco depois do movimento, inspirado, em parte, em Domingos Magalhães, corrobora esse juízo: "A alegada causa desse levante foi uma lei local que modificava essencialmente as atribuições das autoridades primárias; pode bem ser que ela haja provocado algum descontentamento, porém, a verdade é que as agitações de uns demagogos inconscientes da pior espécie é que deram feição ao caso. O velho ódio e inveja contra os portugueses abastados foram novamente atiçados: para isso espalhou-se o boato de que os brancos tencionavam escravizar toda a população de cor, os índios livres, os negros e mestiços, sem exceção alguma; e assim rompeu no interior, quando menos se esperava, um pavoroso levante, uma guerra dos que não tinham posses, contra os abastados".[5]

Evaristo da Veiga, na **Aurora Fluminense**, segundo nos informa Otávio Tarquínio de Sousa, também já condenava a demagogia daqueles que "de tudo lançavam mão explorando ódio de raças e luta de classes, fazendo a **intriga das cores tão terrível no Brasil**" e procurando "**desacreditar os que pregavam doutrinas de ordem e não desejavam promover um choque violento entre os proprietários e os que nada tinham**".[6]

Digitalizado com CamScanner

Djacir Meneses, referindo-se a essas agitações do Norte, diz: "Movimentos de tipo social. Movimentos de **mamelucos**, índios, negros, o **bas fond** daquele tempo, assassinando, depredando, destruindo. Vingança cega, protesto inconsciente contra alguns homens que, personificando o governo, encarnavam aos olhos da massa a causa da miséria".[7]

Informa Pedro Calmon que ferviam "detestáveis prevenções históricas: do mestiço contra o forasteiro; do pobre contra o opulento; mesmo porque a propaganda dos ódios varava todas as camadas – dos escravos contra os senhores."[8]

Pelas ruas de Caxias, após a entrada dos rebeldes, o negro Mirigido (é Viriato Correia que nos fala agora) dançava e cantava esses versos que bem denotam o espírito da rebelião:

O Balaio chegou!
O Balaio entrou!
Cadê branco?
Não há mais branco!
Não há mais senhô!

Enquanto isso, Balaio, o representante da ralé vitoriosa, do **mulato**, do negro, do índio, do pobre, oprimidos através de três séculos, enchiqueirava um porco (relata a tradição oral), no ventre de um representante da aristocracia caxiense.

Abdias Neves se torna unilateralista, quando afirma, referindo-se aos movimentos subversivos do período das Regências, que "reage o Maranhão contra os prefeitos e há fortes razões para crer que outra não foi a origem da Balalada".[9]

Nos motins do Norte do Brasil, Oliveira Viana vê "simples reações populares" que "afetam o caráter oclocrático de arruaças e correrias" e "sobre nenhuma vê-se sobrepairar autoridade de chefes ostensivos que respresentem elementos de prestígio de escol. Os verdadeiros guias desses movimentos, os seus instigadores morais, não aparecem nunca, ficam na sombra e deixam a ralé desenfrear-se livremente na sua fúria subversiva contra a legalidade e o poder". (VIANA. **Populações**. p. 433).

O arbítrio de chefes ostensivos e de prestígios não teve efetivamente influência no curso desse movimento. Alguns cabecilhas

Digitalizado com CamScanner

abandonavam a revolta, mas seus comandados seguiam na onda revolucionária. Quando Lívio deixa seus combatentes, estes se aliam aos rebeldes de Conceição e Morro Agudo. O mesmo testemunhamos em Frecheiras: Quando os principais chefes, logo no início da campanha, refugiam-se no Ceará e Maranhão, aqueles que os vinham acompanhando continuam a enfrentar as forças legalistas, enquanto surgem outros capitães do seio da massa rebelada.

Cremos que a Balaiada foi a revolta típica duma revolução ainda não definida. Caio Prado Júnior a encadeia no grupo de revoltas da Revolução da independência. Astolfo Serra vê sua gênese a duzentos anos antes de sua eclosão, portanto nos pruridos nativistas. Não há exagero no conceito duma revolução brasileira que abranja tão amplo período. Justifica-o este anseio de ambiência que propicie a felicidade do maior número, quase sempre presente em toda a parte, em todos os tempos, nas insurreições populares. Ainda está em elaboração o movimento de valorização do homem, ou como dizem agora, de humanização política, aspiração constante da humanidade. (JÚNIOR. **Evolução**. p. 79 e 163).

Compulsemos os capítulos anteriores, e veremos então que apresentam bases as conclusões a que chegaram os eminentes escritores que estudaram esse período de nossa vida.

Tinha razão o Ministro da Justiça, quando se apresenta na Câmara dos Deputados para defender sua tese, interrogou ele, como vimos: "O que querem dizer estes artigos que uma deputação levou ao Presidente da Província? O que quer dizer a suspensão da lei dos prefeitos e outras exigências?"

Referia-se às propostas feitas pelos rebeldes senhores de Caxias, após a primeira queda dessa cidade, por intermédio duma deputação enviada a S. Luís para assentar os fundumentos da paz com o Governo Provincial, confiado então à tibieza de Felizardo.

Vamos seguir agora o depoimento de Ribeiro do Amaral, rico pela documentação.

Propunham a ab-rogação de duas leis: uma, a que instituiu o cargo de Prefeito, por nomeação, e transferia a esse as principais atribuições do juiz de paz, que era, então, eleito nos distritos

Digitalizado com CamScanner

municipais; outra, a que fazia a reforma da guarda-nacional. Exigiam também indenização de oitenta contos de réis, e que os prisioneiros de Estado que estivessem cumprindo sentenças, houvessem recurso dela na forma do **Código do Processo**, e ainda mais a expulsão, da Província, de todos os portugueses, ficando apenas os adotivos, os quais, entretanto, não poderiam exercer função pública nem comprar armas. A par dessas imposições, apareciam outras de menos importância.

Chegam a S. Luís os emissários dos rebeldes. Tinham instruções para assentar as bases dos entendimentos e, por seu intermédio, os **balaios**, senhores da mais opulenta cidade do sertão nortista, aliás dominando todo o interior do Maranhão, diziam-se amparados nos **bem-te-vis**, nos quais se inspiravam.

Sotero dos Reis e Franco Sá, chefes dos partidos políticos adversários, conferenciam no palácio do Governo. O Presidente, em silêncio, testemunha a discussão, cujos debates acalorados não conduzem a um acordo. Contudo, Felizardo chega a informar, após a reunião, a João Francisco Lisboa, que estava disposto a fazer concessões a fim de congraçar os partidos: seria revogada a lei dos prefeitos e haveria anistia. (AMARAL. Op. cit. Vol. II. p. 51 a 57).

Seria a vitória política da revolução. Que ocorreu, então? As negociações foram suspensas. A deputação não tinha unidade partidária e não eram poucos os **cabanos** que a integravam. E concomitantemente se desagregavam os chefes da rebelião em Caxias, também à falta de unidade de comando, enquanto se retira Lívio, desiludido, do cenário da luta.

Que rumo teria tomado a revolta, se os onze mil rebeldes que Alves de Lima encontrou, tivessem líderes capazes de estabelecer unidade de comando e, de modo positivo, impor ao movimento princípios políticos? Perguntamos ainda: como seriam hoje julgados os **balaios**, se as propostas dos rebeldes de Caxias e Pamaguá houvessem sido aceitas, com a sanção do Governo Imperial pelos governos provinciais do Piauí e Maranhão? Não seriam bandidos, ladrões, assassinos; já seriam como seus irmãos dos subúrbios de Paris, campeadores que se insurgiram contra a tirania. (ABREU. Op. cit. Volume II. p. 19).

Digitalizado com CamScanner

Logo no início das sessões parlamentares de 1840, quando os debates pela maioridade de D. Pedro absorviam a atenção do Parlamento, o Ministro da Justiça leva à Câmara dos Deputados lisonjeiras notícias referentes à campanha no Norte do Brasil. Já se fazia sentir a ação de Luís Alves de Lima, no Maranhão, e Moraes Cid já alcançara (e isso não era ainda do conhecimento do Ministro) a vitória de Curimatá. Esse sossego não seria duradouro. (**Anais da Câmara**. Tomo I. 1840, p. 312).

Em seguida, o Ministro da Guerra justifica o deslocamento da guarda-nacional, do Ceará, em socorro do Piauí que fora invadido. Limpo de Abreu, em nome dos que acusavam a política de Francisco de Sousa Martins, diz que o Barão da Parnaíba tem precedentes pelos quais se pode ajuizar de sua capacidade para administrar; mas reitera que os não tem o Presidente do Ceará que deslocou a guarda-nacional por cálculo eleitoral. (Idem, idem. 1840. Tomo I. p. 500 a 520).

Pouco depois, com a maioridade, quando Sousa Martins foi afastado da Presidência do Ceará e substituido por José Martiniano de Alencar, afirma o Dep. Peixoto de Alencar que as forças que obedeciam, então, a Torres, efetivamente estavam a serviço da oposição para exercer pressão no pleito eleitoral.

Já estudamos a ação de Torres em páginas anteriores.

Em julho, na Câmara dos Deputados, Ministros e deputados discutiam ainda quantas praças deveriam ter as províncias conflagradas: Rio Grande do Sul, Maranhão, Santa Catarina e até o Pará, já inteiramente pacificado. O Piauí não era mencionado. Enquanto isso, dolorosa era sua situação. Os **balaios**, desalojados de Pastos Bons, rompem, de Veados a S. Antônio, o extenso cordão de postos militares que defendiam a Província, ao longo do Parnaíba. Jerumenha tinha sido assaltada. Oeiras estava ameaçada. Os rebeldes fervilhavam, como formigas assanhadas, nos vales do Gurguéia e Uruçuí, penetrando em todos os **boqueirões**, furando todas as **chapadas** (Idem, idem. 1840. Tomo II. Primeiras sessões de julho).

Os contínuos e dramáticos apelos do Barão não têm repercussão na Corte. Não ecoam no Parlamento, nem tão pouco nos gabinetes dos Ministros.

Digitalizado com CamScanner

Nas sessões parlamentares de 1841, na Câmara dos Deputados, tribunos enraivecidos chamavam de tiranos e assassinos os presidentes de províncias. Alencar, que esmagara a sedição de Torres, "foi déspota, sanguinário, opressor". É apontado ainda como conivente no "assassinato jurídico" de Pinto Madeira. Fazem acusações ao presidente Chaves, da Paraíba. (Idem, idem. 184. Tomo I. p. 131).

Em parte, era a ofensiva que os conservadores empreendiam para derribar os presidentes liberais, ainda não demitidos pelo Ministério que sucedera ao da Maioridade.

O Visconde da Parnaíba foi poupado, até novembro. Antes, pelo prestígio e influência, granjeara mais um título honorífico, o de Visconde, com as honras de grandeza. Seu partido, no cenário nacional, estava na oposição. Contudo, governava ele sua Província. Seria incoerência dos conservadores atacarem-no na Câmara, quando tão distinguido pelo Ministério correligionário destes e que vinha dirigindo a política nacional.

O anonimato foi o instrumento, através da imprensa, com que se procurou atingir o Visconde, no pináculo de sua vida pública. Todos imputam ao sobrinho, que entrara na Câmara, sob sua proteção, a responsabilidade pelos arremessos atirados.

O Deputado Francisco de Sousa Martins, ex-presidente do Ceará, aparece em plenário para justificar-se.

Dotado de cultura vasta, brilhante talento, dentro em pouco foi parlamentar de primeira plana. Guardava, entretanto, ressentimentos da inimizade que após a Independência separara seu pai Joaquim de Sousa Martins, de seu tio, Manuel de Sousa Martins, ambos, os mais preeminentes líderes do movimento emancipacionista do Piauí.

Depois de dizer que é injusta a acusação que o indica como autor dos artigos que atacam a administração do Visconde da Parnaíba, acrescenta: "O Presidente do Piauí, atual Visconde da Parnaíba, creio que nem todos sabem, é meu tio, é irmão de meu pai; o mais velho de meus irmãos que morreu na última campanha contra os rebeldes do Maranhão, era casado com uma sua filha, e outro dos mais moços, com uma sua neta; a nossa família acha-se entreligada por laços de consangüinidade e afinidade; ele mesmo correspondia-se continuamente comigo em quase todos os correios etc". (Idem, idem. Tomo III. 1841, p. 921).

Digitalizado com CamScanner

Afirma que assim não deveria ser o acusador; vê-se, entretanto, na obrigação de pronunciar-se a respeito do assunto. E passa, então, a informar que o Piauí não é administrado como as outras províncias do Império: "Sempre entendi que as leis não são ali executadas como nas demais Províncias".

Limpo de Abreu aparteia: "Nas outras também sucede o mesmo".

Foram rígidos os ataques de Sousa Martins. Limpo de Abreu, o futuro Abaeté, no dia imediato faz a defesa. O parlamentar mineiro, um dos líderes do Partido Liberal, no momento na oposição, analisa minuciosamente o discurso do colega nortista. São oito páginas dos Anais da Câmara; refuta todas as invectivas. Diz ele: "Senhor Presidente, eu não entrarei numa defesa muito circunstanciada da administração da Província do Piauí, eu simplesmente recordarei à Câmara que os serviços do nobre Visconde da Parnaíba desde o tempo da Independência do Brasil têm sido reconhecidos por todas as administrações. Foi em conseqüência desses importantes serviços prestados pelo nobre Visconde da Parnaíba que o Governo da Independência lhe conferiu o título de Barão da Parnaíba; e foi em atenção a serviços posteriores por ele prestados na administração daquela Província que o Gabinete atual lhe deu o título de Visconde da Parnaíba. E o nobre deputado não pode ignorar os serviços recentes praticados pelo nobre Visconde da Parnaíba, durante a rebelião da Província do Maranhão". E em seguida: "[...] e foi, sem dúvida alguma, em atenção a esses importantes serviços e outros anteriores praticados pelo nobre Visconde da Parnaíba que o Governo atual entendeu, e entendeu muito bem, que lhe deveria conferir o título de Visconde". (Idem, idem. Tomo III. 1841, p . 927).

O Ministério ficou indiferente aos ataques; o Visconde continuou na govemança de sua Província.

Foi bonançoso o ano imediato para o Visconde da Parnaíba. Do remansoso feudo do Norte, olha o suserano piauiense, como o Brasil inteiro, para o Sul, que prende a atenção do mundo político brasileiro.

Digitalizado com CamScanner

À legislatura de 1842 levariam os liberais respeitável maioria e ainda mais respeitáveis líderes.

Já se previa que a Câmara não chegaria a funcionar; seria dissolvida. Prenunciam os liberais a revolução; fundam a Sociedade dos Patriarcas Invisíveis, com ramificações pelas províncias a fim de estimular a combatividade de seus correligionários. Preparam-se os conservadores para o embate: nomeiam Honório para a presidência do Rio de Janeiro; Monte Alegre, para S. Paulo e, para Minas Gerais, Jacinto Bernardo da Veiga. No momento, eram as três províncias os pontos cruciantes do Império.

Em sessões preparatórias, reúnem-se a 27 de abril os representantes da Nação. Mas a 1º de maio, antes de iniciarem os trabalhos normais, é dissolvida a Câmara. Vem a revolução liberal de 1842.

O Barão de Caxias é comandante das forças legais. Tem a seu lado os principais colaboradores da jugulação dos **balaios.** Antes de seu regresso ao Rio, quando ainda Presidente do Maranhão, expedira para o Sul, conforme diz em relatório que apresentou a seu sucessor, cerca de 1500 combatentes embarcados em S. Luís. Segue para o teatro da luta à frente duma expedição de nortistas. Quem sabe quantos balaios o acompanharam? No dizer dos rebeldes, os nortistas sentiam-se constrangidos e certamente não resistiriam ao frio do Sul. Cada recontro é uma fuga dos rebeldes. Vem, enfim, Santa Luzia. E outro malogro que evocaria para sempre uma decepção dos liberais.

O Visconde ficou indiferente ao desastre dos correligionários que, como vimos atrás, talvez esperassem adesões no Norte e em Goiás. Cremos que jamais seria ele solidário com o movimento insurrecional de S. Paulo e Minas Gerais. Nem mesmo sob o aspecto moral: jamais manifestaria smpatia pela rebelião do Sul. Seria negar sua índole; não fugiria à sua vocação. Parece mesmo que marca esse ano o divórcio entre ele e seus turbulentos confrades. Quando mais tarde, atacado na Câmara, os líderes luzias já não aparecem em plenário para defendê-lo. Ficou exposto às invectivas dos inimigos, sem uma palavra a seu favor.

Reúne-se nova Câmara nos últimos dias de dezembro de 1842 e, com ela, novo ministério, o Ministério de 20 de janeiro.

Digitalizado com CamScanner

ainda conservador, organizado pela primeira vez por um político, o voluntarioso Honório.

Nessa legislatura de 43, ingressaram Nabuco, Vanderlei, Sinimbu, Rebouças, Paulino, Ferraz, muita gente nova que sofregamente desejava brilhar. Entre todos, destacou-se Ferraz com "exagerada inquietude", como diz Vanderlei Pinho. Ganhou fama de briguento e seus primeiros dias de parlamentar prendem-se à vida pública do Visconde da Parnaíba. Em busca de notoriedade, atirou-se o futuro Barão de Uruguaiana contra o Frância do Piauí, majestoso alvo para sua vaidade de tribuno jovem e agressivo.

Logo nas primeiras sessões de 43, a 25 de janeiro, Nunes Machado, inveterado acusador dos Cavalcante, inicia novas denúncias contra o Barão da Boa Vista, presidente de Pernambuco.

Outros deputados secundam as recriminações do político pernambucano. Falam na cumplicidade de Boa Vista em crimes de morte e também na falta de probidade administrativa. Carneiro da Cunha envolve a responsabilidade do senhor Francisco de Paula (mais tarde, Barão de Suçuarana), em assassinatos cometidos, quando também presidente de Pernambuco. (Idem, idem. Tomo I. 1843. Sessões de 25 e 26 de janeiro. p. 372 a 420).

Ferraz achou propício o ambiente para o ataque ao Visconde da Parnaíba. No dia imediato atrai a atenção da Câmara e começa suas diatribes: "Eu peço a atenção da Câmara sobre o mísero estado da Província do Piauí.

"Parece, meus senhores, que a Província goza de uma administração paternal, ao considerarmos o tempo de sua duração. É o Presidente dessa Província o decano dos presidentes, e creio que esse cargo lhe foi conferido **ad secula seculorum**; informe-se, porém, a Câmara e conhecerá o mísero e mesquinho estado dessa infeliz Província. Com a segurança tudo falta, e nada progride além da barbaridade onde faz progressos admiráveis."

Evoca a Balaiada e diz que as forças legais se limitaram a defender as fazendas do Visconde. Denuncia roubos e assassinatos perpetrados no interior e insinua que o Visconde assassinou alguém do qual seria herdeiro. (Idem, idem. Tomo I. 1843, p. 417).

No dia 31, novos ataques são feitos a Boa Vista. Responsabilizam-no pelo levante de Exu. Apontam-no como protetor de Lívio. Poucos dias depois, volta à carga Nunes Machado: "Quer-se que sejamos silenciosos, que não digamos nada, que deixemos a

Digitalizado com CamScanner

Provincia conflagrar-se, contanto que se não toque no Barão de Boa Vista! não, saibam os nobres deputados que a Província de Pernambuco não é o Piauí que, privado das vantagens do sistema constitucional, tem até hoje suportado o peso da vara de ferro do Visconde da Parnaíba; não, Pernambuco felizmente está civilizado [...]" (Idem, idem. Tomo I. 1843, p. 480 e 550).

Tudo nós faz crer que se acumpliciaram vários parlamentares, sob a inspiração do deputado Sousa Martins, a fim de formar uma equipe para abalar o prestígio do Visconde da Parnaíba.

Volta novamente Ferraz. Vejamos esses tópicos de seu discurso: "Creio que tudo quanto se pode imaginar de desperdício, de dissipação no serviço, houve no seu maior auge na guerra havida no Piauí [...]" E logo adiante, com ironia: "Uma administração que existe há mais de 20 anos deve necessariamente ser um modelo; ela tem atravessado todas as crises, tem sido respeitada por todos os ministérios, quaisquer que sejam seus princípios políticos. Por conseqüência deve ser um modelo em tudo". (Idem, idem. Tomo II. 1843. Primeira Sessão. p. 313).

No dia seguinte, 18 de março, coube a Sousa Martins fazer as acusações. Informa que o Visconde, quando na revolução, mandava fornecer gado de suas fazendas em Campo Maior, para alimentação das forças legais, e recebia, em troca, nas fazendas fiscais, gado muito mais valorizado. Diz ainda que a arrematação das reses desses últimos criatórios era feita pelo Presidente, por intermédio de dois filhos, e ninguém se atrevia a entrar em competição. Ainda mais: os filhos do Visconde, quando na Balaiada, recebiam soldo e vantagens de comando e não estavam em campanha. Um era coronel e nunca saiu da Capital. "São esses fatos secretos, denuncia Sousa Martins, que lá mesmo nem todos sabem, exceto alguns oficiais da tesouraria que os revelam a medo". (Idem, idem. Tomo II. 1843, p. 339, 341).

O deputado paulista Joaquim Pacheco, no dia 10 de abril, apresenta uma emenda na lei orçamentária, que viria provocar, em torno da presidência do Piauí, acalorada discussão: "Lembra-me agora oferecer mais uma emenda que não sei se será aceita pelo nobre Ministro, suprimindo o ordenado do atual Presidente da

Digitalizado com CamScanner

Província do Piauí. Não se pode mais duvidar que a Província do Piauí está à disposição de um paxá que ali manda com império aboluto. A Constituição não é ainda conhecida naquela desgraçada Província, e não sei por que fatalidade todos os ministérios têm andado como que atados ao carro do Visconde que ali domina barbaramerite. É mais que tempo de mostrar a Constituição àqueles povos, para que eles também saboreiem os seus frutos". (Idem, idem. Tomo II. 1843, p. 732).

Dois dias após, Maia, Ministro do Império, na tribuna da Câmara, afirma que a emenda apresentada é inconstitucional e que não é atribuição da Assembléia suprimir ordenados de funcionários. Pacheco replica imediatamente, defende a constitucionalidade da emenda e pede votação para a mesma. Acrescenta ainda que Torres, Ministro da Marinha, achara razoável o juízo do Ministro do Império e chegara a aconselhar a dissolução da Câmara. Torres, então, esclarece que afirmara se praticasse a Câmara um ato indigno dela, aconselharia sua dissolução. (Idem, idem. Tomo II. 1843, p. 869, 870. Primeira Sessão).

A emenda não passaria. Não tinham elementos para fazê-la ser aprovada. Seria apenas móvel para novos ataques ao Visconde.

Poucos dias depois, Ferraz, com referência ao Presidente do Piauí, diria "que sobre muitas acusações, e acusações provadas, tem contra si a ignorância de tudo quanto é legislação e nem o seu estado e nem a sua educação podem autorizar a alguém para dizer que tem esses conhecimentos. E em seguida: "Estão aqui dois deputados, duas criaturas desse Presidente, feitas por ele, e não há um só que levante a voz em defesa desse Presidente; mas não digo só estes senhores deputados, todos os membros dessa casa, e os próprios ministros não o defenderam; isto prova que a opinião do Governo, dos Deputados do Piauí e dos membros desta casa, é que esse administrador é mau, e que a Província está em mau estado; senão eu convido o senhor Ministro para que apresente um só bem que ele tenha feito na Província". E termina: "Senhores, a imprensa não se tem declarado abertamente contra ele? já apareceu na imprensa um eco a seu favor? Os ecos que podem aparecer são só os da pólvora e bacamarte, são estas as armas com que ele podia se defender". (Idem, idem. Tomo II. Primeira Sessão. 1843, p. 830).

Digitalizado com CamScanner

Em verdade, não se levantava nenhuma voz para defendê-lo, nem mesmo a do deputado Lima e Silva que ele repetidas vezes levara ao Parlamento.

Em 21 de abril, Carneiro da Cunha ataca também o Visconde e pede sua demissão. Na sessão imediata, Urbano profliga o Ministério porque conservava os presidentes do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Piauí. E acrescenta: "O nobre Ministro da Marinha faz da questão do Presidente do Piauí uma questão de gabinete, uma questão de dissolução da Câmara dos Deputados". (Idem, idem. Tomo II. 1843, p. 854 e 859)

Era uma provocação que Torres repetiria com energia. Informa, então, que não dissera que seria caso para dissolução se fosse aprovada a emenda que manda suprimir o ordenado do Presidente do Piauí. Dissera "que quando a Câmara praticasse atos dessa natureza, quando a Câmara exercesse as atribuições que pertencem a outro poder, quando a Câmara, em lugar de dar o exemplo de respeito à lei fundamental do Estado, fosse a primeira a violá-lo não teria dúvida de aconselhar à Coroa a sua dissolução".

Combate ainda a emenda o Ministro do Império. (Idem, idem. Tomo II. 1843, p. 869).

No dia 9 de maio, volta Ferraz a falar sobre a demissão do Visconde da Parnaíba, sem a veemência das outras vezes (Idem, idem. Tomo I. Da segunda sessão. 1843, p. 81).

Carneiro Leão, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Justiça, então, procura atenuar os ânimos exaltados: "Quanto ao Piauí, declaro que a intenção do Governo é mudar o Presidente daquela Província".

O senhor Ferraz, em aparte: – "Deus lhe dê muita saúde".

O senhor Ministro: – "Eu julgo que a sua administração já não pode ser útil; a sua idade avançada e algumas outras circunstâncias me fazem ter essa crença. Desde muito tempo que minha opinião particular seria a favor desta mudança; além disso, um novo estímulo há para ela, e é a petição do Presidente para a sua demissão". (Idem, idem. Tomo I. 1843, p. 81, 83).

Contudo, decorreram meses e a nomeação do novo presidente não aparecia. O Deputado Sousa Martins (parece-nos que em agosto), falando na Câmara, fazia uma lacônica referência à promessa de Carneiro Leão.

Digitalizado com CamScanner

Apesar da campanha que moviam contra Manuel de Sousa Martins e de seu pedido de demissão anunciado pelo próprio Carneiro Leão em maio, só em 30 de dezembro, quandp este estava prestes a abandonar o poder, assume as funções o novo Presidente da Província.

Seria impossível, ao Frâncio do Piauí, reter indefinidamente o posto que vinha ocupando por dilatado tempo. Sua missão política era finda. E sua obra a favor da paz e da unidade nacional também era esquecida. Seus próprios protegidos, se não se rebelaram contra ele, negaram-no na hora em que, no Parlamento, eram-lhe feitas as mais graves acusações. Nenhuma voz, então, se levantou para defendê-lo.

Francisco de Sousa Martins ingressara na política conduzido pelo Visconde. Em 1834 fora eleito deputado da Assembléia Geral pelo Piauí. Espírito fulgurante, desde então revelara seus atributos de estadista.

O Visconde era um afetivo. Os inimigos acusavam-no de nepotismo. Não poderia deixar de acompanhar com simpatia as tendências do sobrinho. Ao escolhê-lo para candidato, em 1834, reconcilia-se dramaticamente com o irmão, após dez anos de inimizade.

Quando Francisco de Sousa Martins foi nomeado para a Presidência do Ceará, antes mesmo de receber a comunicação oficial da posse, já escrevia ao sobrinho, narrando os tormentos por que passava o piauiense, felicitando-o pela nomeação, externando a esperança que depositava nele, no momento em que assume "a administração de uma Província a que o Piauí tem ajudado a salvar do furor dos revolucionários". "Chamo todo o amor que V. Exa. tem à Província que se ufana de o contar entre os seus filhos." E também para a Corte, ao Ministro da Justiça, dizia: "De Pernambuco não tenho recebido diretamente auxílio algum e só a energia do atual Presidente do Ceará teria superado os entraves que encontram-se na desobediência do povo." (Casa Anísio Brito. Arq. Prov. L. 163. Doc. 27/2/1840. L. 153. Doc. 30/7/1840).

Digitalizado com CamScanner

O Visconde não era pródigo de elogios. Sempre parcimoniosamente os distribuía.

Com Francisco de Sousa Martins mantinha assídua correspondência, até nas vésperas do rompimento. Agora era o Deputado o principal promotor dessa campanha que se tornou difamatória. Em vez de mostrar a deficiência de cultura daquele que pretendia derribar, sua idade avançada, os prejuízos advindos das oligarquias, as inconveniências dos longos governos que conduzem ao torpor a administração pública, enveredou pela trilha da ignomínia.

Seus primeiros ataques foram anulados por Limpo de Abreu, que não fez omissão dos vícios ou crimes imputados ao Visconde. Quando na Legislatura de 1843, procurou ainda ferir mais profundamente. Já vimos em que consistiu o libelo: Os filhos do Visconde não foram à campanha; as fazendas fiscais estavam sendo dilapidadas.

Já na Câmara não se levantava a voz dos Limpo de Abreu, dos Montezuma, para defender a administração de Manuel de Sousa Martins.

Eram chefes militares da Capital, durante a Balaiada, o Cel. Raimundo de Sousa Martins e o Ten.-Cel. José de Sousa Martins. Ambos eram filhos do Barão. O segundo era o comandante da guarnição de Oeiras, enquanto o primeiro encarregava-se de receber, organizar e distribuir as tropas em movimento, conforme a contingência da luta. Junto ao Barão, constituíam uma espécie de estado maior, órgão indispensável nas campanhas militares. A segurança da Capital periclitava. Cid anuncia a Francisco de Sousa Martins suas apreensões. O próprio Presidente que havia prometido ir ao "teatro da guerra" logo que recebesse o armamento de Parnaíba, chegou a temer a guerra viesse ao terreiro de seu paço. Só no município de Jerumenha elevavam-se a dois mil os **balaios**. Diogo Lopes calculara-os em três mil, incluindo os de Uruçuí (Idem, idem. Liv. 195A. Doc. 9/6/1840. L. 164. Doc. 23/1/1840).

A sede de governo tinha, portanto, necessidade de patente superior e de inteira confiança da Presidência. Os filhos do Presidente deveriam permanecer na Capital, pois aí estavam em campanha.

Digitalizado com CamScanner

Para o abastecimento das tropas, recorria o Governo às Fazendas Fiscais, comprava gado a particulares e, por toda parte, os comandantes dos postos militares "apenavam" os fazendeiros. É o que vemos nos documentos da época.

Em face das dificuldades para aquisição de comestíveis, e dos contínuos pedidos do Maranhão, o Presidente da Província consulta ao Inspetor da Tesouraria se convém aceitar as propostas feitas ao Governo no sentido de que o suprimento das tropas fosse mantido pelos criadores, cujos rebanhos estavam próximos das fronteiras ocupadas pelas forças da rebelião. Os proprietários receberiam indenização de seus gados nas fazendas fiscais.

Acordada a transação, não houve preferência por esse ou aquele porque, como vimos, os combatentes passavam fome e os rebanhos da zona conflagrada, como por toda parte, ficaram mui dizimados, por vezes, quase aniquilados. Havia necessidade de alimento, viesse donde viesse. Só Ernesto José Batista era representante de vários fazendeiros que fizeram essa permuta, o que se verifica em Portaria de 10 de maio de 1840. (Idem, idem. L. 164. Doc. 14/2/1840. L. 165. Doc. 10/5/1840).

Vimos atrás o que diziam os fazendeiros e comandantes de postos militares: "Não há mais uma pessoa que tenha um só cavalo", "já só me restam as vacas paridas", "garrote de ano para cima não há", "os soldados sustentam-se de pequis e bacuris".

A operação tornaria também mais prático um aspecto de administração. Facilitaria a pega e condução do gado, no momento em que havia dificuldade na obtenção de gente e cavalgaduras.

Merece também estudo o terceiro aspecto do libelo de Francisco de Sousa Martins.

Nos ofícios de fevereiro e março de 1840, do Barão a Sérgio, verificamos a remessa de gado, posto em Poti, à razão de 14$000, e em Caxias, a 16$000. E esses preços são conservados até começo de 1841. (Idem, idem. L. 165. Doc. 2/5/1840. L. 163. Docs. 18/2 e 10/3/1841).

Digitalizado com CamScanner

Em Portaria de 2 de maio de 1840, vemos que efetivamente um Mateus José, associado a um filho do Barão, fazia arrematação de gado das Fazendas Fiscais, à razão de 14$040. (Idem, idem. L. 163. Docs. 6/3 e 26/8/1840).

Raciocinemos agora. O Piauí, apesar de dizimados os seus rebanhos, em relação ao Maranhão, era centro produtor. Exportava boi. A Província vizinha não tinha ainda pecuária desenvolvida. Se em Caxias, em tempo de guerra, compravam a 16$000, que preço teria noutra parte, ou melhor, em Oeiras, a rês que deveria ser transportada para ser vendida naquela cidade? Aqueles $040, adicionados aos 14$000, na proposta de Mateus José indicam que o arrematante temia a concorrência de outros. O raciocínio nos conduz à honestidade da operação comercial. A margem de lucros era mínima. O transporte, difícil e perigoso.

Um pouco antes o gado era vendido em Caxias, até à razão de 14$000, o que se verifica em vários documentos.

Vê-se pelas portarias que também eram arrematantes Tibério César Burlamaque, Raimundo Pereira da Silva, Manuel Luís Ferreira, P. Francisco de Paulo Ferreira, Tomé Joaquim Gomes Teixeira, José Lourenço de Brito, Justino José da Silva Moura, José Inácio de Jesus Madeira, e também em verdade os Sousa Martins. Mas vê-se também que Manuel de Sousa Martins apunha nas portarias que "atendendo ao maior interesse da Fazenda Pública deve o inspetor realizar a arrematação pelos preços maiores oferecidos em cédulas, aprovada por este Governo."

Essa operação comercial só poderia ser feita por bem poucos, os que tinham dinheiro. Não se poderia, portanto, excluir os Sousa Martins, sem prejuízo público. (Idem, idem. L.157. P. 136 a 136v. L. 155. P. 164 a 165v. Vide também livro não catalogado para **Receita dos Dízimos**, transformado em livro para **Resposta às Ordens Expedidas pela Tesouraria ao Inspetor das Fazendas do Departamento de Nazaré**. 1841, p. 71 a 72).

Dois dias, após a denúncia de Sousa Martins, o Deputado Manuel José de Albuquerque, falando também sobre a questão orçamentária, lamenta não ter ouvido o discurso de seu colega e passa, então, a estudar as verdadeiras causas da decadência da pecuária, provindas em grande parte de incúria do criador, quase sempre um absentista que confia a outrem a defesa de seus rebanhos. Analisa pormenorizadamente como procedem esses

Digitalizado com CamScanner

administradores e termina, perguntando: "Se isto sucede com os particulares, que não sucederá no Piauí, com as Fazendas da Nação? Seja quem quer que for Presidente da Província, seja o Visconde da Parnaíba ou seja qulquer outro, há de sempre suceder isto, o rendimento destas fazendas será sempre nulo." (**Anais da Câmara**. Tomo II. Primeira sessão. 1843, p. 361 e 362).

Mas, no Piauí não era nulo. É o Deputado Sousa Martins que nos vai fornecer os melhores argumentos.

No mesmo discurso de ataque ao Visconde, dissera ele que as Fazendas Fiscais no Piauí rendiam, anualmente, de 24 a 25 contos e eram povoadas por mil escravos e setenta mil cabeças de gado. Acrescenta, entretanto, que "desconfia" que já não rendem a importância acima indicada.

Contudo, é ele ainda que nos vai proporcionar elementos para esclarecer argüição. Um pouco mais tarde, em sessão de 19 de julho desse mesmo ano, ele, na qualidade dei membro da comissão que elaborava a lei orçamentária, teve que dar parecer em plenário para defender o projeto da crítica que se fazia, então, à parte referenie às Fazendas Fiscais do Piauí. Diz ele: "Mas objetou-se que fazem uma despesa imensa; vê-se, porém, também dos balanços que não é tamanha, não anda para mais de 3 a 4 contos. Se compararmos estes próprios com os do Pará e Mato Grosso, ver-se-á que estes últimos fazem proporcionalmente o dobro das despesas, e muito menor renda; parece-me que os de Mato Grosso não rendem mais de 1:500$000, e que a despesa é de 3:600$000; ora nisto há uma grande diferença comparativamente aos próprios nacionais do Piauí".

Já informava nesse momento que estes rendiam sempre para mais de 20:000$000. (Idem, idem. Tomo II. Segunda sessão. 1843, p. 310).

Se assim era, estava a prosperidade dessas Fazendas em seu apogeu. E isso após a rebelião que fez a ruína de nossos rebanhos.

Logo após sua demissão da Presidência da Província, o Visconde da Parnaíba "foi procurador do Conde d'Áquila para administrar as Fazendas Nacionais do Departamento do Canindé que passou a fazer parte, em 1844, do dote da Condessa d'Áquila

Digitalizado com CamScanner

(princesa Januária)". Era o atestado de sua probidade, como resposta a seus desafetos. (ESMARAGDO DE FREITAS. **O Visconde da Parnaíba**.). (Vide Traços biográficos, pelo P. Valamira, em cofre da Casa Anísio Brito).

Todo o poder do político nortista emanava de seu caráter em que preponderavam os atributos de autêntico pastor. Consagrou-se religiosamente à ordem como norma de conduta.

Começou como vaqueiro. Em seguida foi boiadeiro. Mas tarde, se tornou fazendeiro. E terminou, na preconização de Handelmann, como "príncipe de pastores".

O Ministério de 23 de março, apesar de conservador, a sentir ainda com seus correligionários, que pediam vingança, o golpe vibrado pelo Primeiro Gabinete da Maioridade, manteve o Barão da Parnaíba, chefe do Partido Liberal no Piauí, na Presidência dessa Província, como o Ministério de 19 Setembro, também conservador, o mantivera, em virtude do prestígio da autoridade" e do "prestígio da opinião pública", às dois "prestígios" de que nos falou Montezuma como causa dessa deferência. E ainda mais: os adversários, na Corte, fazem-no Visconde da Parnaíba e com as honras de grandeza, o que não fora concedido a Francisco de Lima e Silva, ex-regente, quando foi feito barão, na mesma época.

Antes recebera "prêmios honoríficos de grandes considerações, nomeadamente o hábito e depois a comenda da Ordem de Cristo, o oficialato e depois a dignitária do cruzeiro, o foro de fidalgo cavaleiro da casa imperial, o título de barão da Parnaíba [...]" (PEREIRA DA COSTA. Op. cit. p. 299 a 300).

Quando na Confederação do Equador, dissera ele em proclamação dirigida aos "caros patrícios", "habitantes da Província do Piauí": "Eis-me a campo suportando o grande peso da governança, quando esperava por momentos o sossego, fruto de tantos trabalhos que hei tido pela pública felicidade".

Contudo, ainda vinha governando o Piauí no ano de 1843, através do proceloso período das Regências e dos primeiros anos da Maioridade. Era ainda coerente com as suas convicções; guardava fidelidade à sua filósofia política: "A paz é filha da boa

Digitalizado com CamScanner

ordem que não pode existir sem autoridades constituídas e sem a obediência, que lhe é devida".

Para manter esse princípio jamais regateou sacrifícios. Tornou-se no Piauí, o "missionário da ordem" de que nos falou Carlyle. Seu feudo converteu-se numa ilha bonançosa no revoltoso oceano em que se debatiam as demais províncias no conturbado governo das Regências.

A barulhenta marcha da revolução teria, contudo, que projetar-se no cenário piauiense. Desdobra-se em atividades o ancião varonil, projeta ir ao "teatro da guerra", toma todas as medidas necessárias para enfrentar a situação: jugulou a revolta no Piauí, enquanto continuou a levar seus guerrilheiros além das fronteiras da Província.

Ninguém o excedeu em vigilância, quando na defesa da ordem. Daí seu grande mérito.

Deveria estar tranqüilo. Alcançara o objetivo máximo de sua vida: a paz por que tanto propugnara, foi restiuída ao seio da família piauiense.

Mal termina a luta, todos se esqueceram de sua obra. Foi rudemente ferido. Nenhuma voz se levantou a seu favor. Negaram-no todos.

Ficara-lhe, todavia, um consolo: o juízo da posteridade. Já prelibava, de envolta com os ataques e a ironia, tópicos do porvindouro panegírico. Lembremo-nos do que disse Ferraz: "uma administração que existe há mais de vinte anos", que "tem atravessado todas as crises", que "tem sido respeitada por todos os ministérios, quaisquer que sejam seus princípios políticos". Enquanto Pacheco acrescentava: "[...] e não sei por que fatalidade todos os ministérios têm andado como que atados ao carro do Visconde."

✓

Digitalizado com CamScanner

Notas

BRASIL, Assis. **A Guerra dos Farrapos**. p. 91. 93. 255.

[2] VIANA, Oliveira . **Populações meridionais**. 1933. 3000.

[3] ABREU, Capistrano de. **Ensaios e estudos**. 1932, 2ª Série. p. 17. 18
RAFFARD, Henri. **Pessoas e cousas do Brasil**. Em Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. LXI. Parte II. p. 439.

[4] BON, G. Le. **Leis psicológicas da evolução dos povos**. 1910. p. 35.

[5] HANDELMANN, Henrique. **História do Brasil**. Em Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1931, p. 329.

[6] SOUSA, Otávio Tarquínio de. **Evaristo da Veiga**. 1939, p. 183. 184.

[7] MENESES, Djacir. **O outro Nordeste**. 1937, p. 122. 123.

[8] CALMON, Pedro. **História social do Brasil**. Tomo II. 1937, p. 66, 65.

[9] NEVES, Abdias. **O cerco de Oeiras em 1845**. Em Revista do Instituto Geográfico e Histórico Piauiense. Tomo I. 1922, p. 142.

Digitalizado com CamScanner

minha atividade não se limite exclusivamente ao ministério cotidiano, dentro da escola". Setenta e seis anos depois, o livro de Odilon continua oportuno, quer pela metodologia usada - narrativa pontilhada de diálogos, quer pela linguagem adequada ao público a que se destinava.

Embora tenha iniciado suas pesquisas históricas nos anos 30, só na década de 50, com a criação do Centro de Estudos Piauienses e da Revista Econômica Piauiense por R. N. Monteiro de Santana, Odilon Nunes passaria a publicar regularmente as primeiras versões de suas pesquisas, alicerces de sua obra mais importante, Pesquisas para a História do Piauí. Na década de 60, o governo do Estado publicou os três primeiros volumes das Pesquisas. Em 75, editou-se, finalmente, a obra completa, constituída de 4 volumes.

Como bem observou Teresinha Queiroz, "As pesquisas de Odilon Nunes dificilmente serão superadas por um historiador individual, até porque se tornou impossível uma obra feita nos moldes em que ele produziu a sua - buscando simultaneamente a totalidade do social e a exaustão documental. Compulsando milhares de documentos, durante décadas, num esforço individual notável, até porque praticamente autofinanciado, resultado de uma promessa de vida, de uma missão auto-imposta, de uma vontade cidadã tão intensa que se transformou quase que no único motivo de vida e trabalho".

Ao entregarem ao público a 3º edição das Pesquisas para a história do Piauí, a FUNDAPI e a Prefeitura de Teresina, além de prestarem inestimável serviço à História do Piauí, reverenciam a memória de um cidadão que, sob todos os aspectos, honra e dignifica a cultura piauiense.

Digitalizado com CamScanner

PROJETO CULTURAL
A. TITO FILHO

Prefeitura de
Teresina

FMC
FUNDAÇÃO CULTURAL
MONSENHOR CHAVES

Digitalizado com CamScanner